



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Artes Aplicadas

Conservatório Regional de Angra do Heroísmo - uma história cultural e pedagógica

Filipa Ramos Pimentel

Orientador

Professor Doutor José Filomeno Martins Raimundo

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Música – variante Formação Musical e Música de Conjunto, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor José Filomeno Martins Raimundo, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Junho de 2021

Composição do júri

Presidente do júri

Professora Doutora Maria Luísa Faria de Sousa Cerqueira Correia Castilho

Vogais

Professora Doutora Maria do Amparo Carvas Monteiro

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra

Professor Doutor José Filomeno Martins Raimundo

Professor Coordenador da Escola Superior de Artes Aplicadas – Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer o apoio, o encorajamento e a disponibilidade sempre pronta dados pelo meu professor Orientador, José Raimundo. Sem ele não teria sido possível a elaboração deste trabalho.

Agradeço também a preciosa orientação e acompanhamento das minhas queridas professoras cooperantes, Anabela Albuquerque e Ana Paula Pereira, pelo trabalho e desafio constantes ao longo do meu estágio.

Da mesma forma, agradeço à Escola Básica e Secundária Tomás de Borba pela possibilidade dada em realizar a prática de ensino supervisionada – estágio. Foi muito bom regressar à escola onde fui aluna outrora.

Por fim, agradeço e muito à minha família, pois, sem o seu incondicional e grande apoio ao longo da minha vida, não seria possível alcançar os meus objetivos profissionais.

O meu percurso não seria certamente tão feliz sem vós. Muito obrigada!

Resumo

Este trabalho surge no âmbito do Mestrado em Ensino de Música – Variante de Formação Musical e Música de Conjunto, e está dividido em duas partes.

A primeira parte descreve o trabalho desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada – Estágio, realizada ao longo do ano letivo 2020-2021, na Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, em Angra do Heroísmo, onde acompanhei uma turma do 3º grau de Formação Musical e outra de Coro.

A segunda parte diz respeito ao Projeto de Investigação denominado por “Conservatório Regional de Angra do Heroísmo – uma história cultural e pedagógica” que consiste numa investigação histórica. Como dar a conhecer o percurso histórico e singular do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

Palavras-chave

Conservatório Regional de Angra do Heroísmo; Academia de Música da Ilha Terceira (AMIT); Escola Básica e Secundária Tomás de Borba.

Abstract

This work appears within the scope of Master's degree in Music Teaching – Variant of Musical Training and Music Ensemble, and is divided into two parts.

The first part describes the work developed in the context of the Supervised Teaching Practice – Internship, carried out throughout the school year 2020-2021, at Tomás de Borba Elementary and Secondary School, in Angra do Heroísmo, where I accompanied a class of 3rd degree of Musical Training and another of Choir.

The second part concerns the Research Project called the “Regional Conservatory of Angra do Heroísmo – a cultural and pedagogical history” that consists of a historical investigation. How to make known the historical and unique course of the Regional Conservatory of Angra do Heroísmo?

Keywords

Regional Conservatory of Angra do Heroísmo; Terceira Island Music Academy (AMIT); Tomás de Borba Elementary and Secondary School.

Índice geral

Parte I – Prática de Ensino Supervisionada

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO MEIO ENVOLVENTE.....	4
2.1. Contextualização Geográfica e Sociocultural de Angra do Heroísmo	4
2.2. Conservatório Regional de Angra do Heroísmo – caracterização da escola onde está inserido	6
2.2.1. O Patrono	8
2.2.2. Oferta Curricular e regimes de frequência do Conservatório.....	9
2.2.3. Planos de estudos do Conservatório	11
2.2.4. Os Órgãos de Administração e Gestão	18
3. DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	20
3.1. Formação Musical: identificação e caracterização da turma – 3º grau	20
3.1.1. Síntese da Prática Pedagógica.....	20
3.1.2. Relatórios de aula e planificações	22
3.1.2.1. Aula de 23 de Novembro de 2020	22
3.1.2.2. Aula de 1 de Março de 2021	26
3.1.2.3. Aula de 8 de Março de 2021	29
3.2. Classe de Conjunto: identificação e caracterização da turma de Coro.....	32
3.2.1. Síntese da Prática Pedagógica.....	34
3.2.1.1. Aula de 6 de Janeiro de 2021	35
3.2.1.2. Aula de 27 de Janeiro de 2021	37
3.2.1.3. Aula de 3 de Fevereiro de 2021	42
3.2.1.4. Aula de 10 de Fevereiro de 2021	46
3.2.1.5. Aula de 3 de Março de 2021	50
3.2.1.6. Aula de 15 de Março de 2021	53
4. Reflexão sobre o trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada	55

**Parte II – Projeto de Investigação: Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
- uma história cultural e pedagógica**

Introdução..... 59

Descrição do projeto: objetivos e questões de investigação 61

PRIMEIRA FASE (1955-1978)

**I – DE ACADEMIA DE MÚSICA DA ILHA TERCEIRA A SECÇÃO DO
CONSERVATÓRIO REGIONAL DOS AÇORES**

1. Academia Musical da Ilha Terceira (AMIT) - contextualização 67

2. O Ballet na ilha Terceira 68

3. Da Academia ao Conservatório: Comissão Instaladora 68

SEGUNDA FASE (1980-2008)

**II - AUTONOMIZAÇÃO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO
HEROÍSMO**

1. O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo: Criação oficial 73

1.1. Consequência do sismo de 1980 no início da criação oficial 74

1.2. Primeira diretora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo: seus
contributos e dificuldades que enfrentou 75

1.3. Exoneração do cargo da diretora do Conservatório: polémica, adversidades e
repercussões 78

1.4. O nascimento do Coro do Conservatório 81

1.5. “Conservatório sobe de tom” 82

2. Mudança da direção do Conservatório 84

2.1. Conservatório presidido pela primeira vez por uma professora de História.... 84

3. Extensão do Conservatório na Praia da Vitória 90

TERCEIRA FASE (2008-2021)

III - CONSERVATÓRIO DE ANGRA DO HEROÍSMO INTEGRADO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA TOMÁS DE BORBA

1. Criação da área escolar de São Carlos – antes da mudança oficial para a nova escola	93
2. A criação de novos cursos no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo e a Viola Regional.....	95
3. Vicissitudes da integração do CRAH na EBSTB.....	96
3.1. Questionário aos professores de música e do ensino regular da EBSTB.....	97
4. Considerações finais – à procura da identidade do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo	103
Referências Bibliográficas	107
ANEXOS – INVESTIGAÇÃO	111
ANEXOS - ENTREVISTAS	177
♪ Entrevista à professora Luísa Alcobia Leal	179
♪ Entrevista ao professor Antero Ávila	186
♪ Entrevista à professora Anabela Albuquerque.....	192
♪ Entrevista à professora Ana Paula Rodrigues.....	202
♪ Entrevista à professora Teresa Bettencourt.....	210
♪ Entrevista ao professor Dionísio Silveira	217
♪ Entrevista ao professor Anthony Barcelos.....	219
♪ Entrevista ao professor Gustaaf van Manen	222
♪ Entrevista ao professor Mikhayl Roussal	224
♪ Entrevista ao professor Orest Grytsuk.....	231
♪ Entrevista à professora Ana Maria Rosa	234
♪ Entrevista à auxiliar Ação Educativa Manuela Jardim	237
♪ Entrevista ao professor José João Silva.....	239

♪ Entrevista ao professor José Sousa	244
♪ Entrevista ao professor Lázaro Silva.....	251

Índice de figuras

Figura 1 - Mapa da cidade e freguesias de Angra do Heroísmo

Figura 2 - Praça central da EB 1, 2 e 3/JI/S/EA Tomás de Borba

Figura 3 - Vista aérea da Escola Básica e Secundária Tomás de Borba

Figura 4 - Compositor e Pedagogo português, Tomás Vaz de Borba

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Curso de Iniciação de Educação Artística

Tabela 2 - Curso Básico de Música – 2º ciclo

Tabela 3 - Curso Básico de Música – 3º ciclo

Tabela 4 - Curso Básico de Dança – 2º ciclo

Tabela 5 - Curso Básico de Dança – 3º ciclo

Tabela 6 - Curso Secundário de Música

Tabela 7 - Curso Secundário de Canto

Tabela 8 - Caracterização da turma 3ºPN quanto ao instrumento musical

Tabela 9 - Cronograma das aulas de Formação Musical ao longo do ano letivo escolar de 2020-2021

Tabela 10 – Caracterização dos alunos da turma quanto à sua idade, voz, instrumento musical, curso/grau e experiência em cantar num coro

Tabela 11 - Cronograma das aulas de Coro ao longo do ano letivo escolar de 2020-2021

Lista de gráficos

Gráfico 1 – Primeira questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 2 – Segunda questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 3 – Terceira questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 4 – Quarta questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 5 – Quinta questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 6 – Sexta questão formulada aos professores de música do CRAH

Gráfico 7 – Primeira questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Gráfico 8 – Segunda questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Gráfico 9 – Terceira questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Gráfico 10 – Quarta questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Gráfico 11 – Quinta questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

CF – Confirmar

CRAH – Conservatório Regional de Angra do Heroísmo

DRAC – Direção Regional da Cultura

D.R.A.E. – Direção Regional da Administração Escolar

DRE – Direção Regional da Educação

DROP – Direção Regional da Orientação Pedagógica

DRR – Decreto Regulamentar Regional

EA – Ensino Artístico

EBS – Escola Básica e Secundária

S.A. – Sem autor

SREA - Serviço Regional de Estatísticas dos Açores

SREC – Secretaria Regional da Educação e da Cultura

PARTE I - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

1. Introdução

Este relatório surge no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada inserida no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Ensino da Música – vertente Formação Musical e Música de Conjunto, da Escola Superior de Artes Aplicadas (ESART) do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB).

Ao longo do ano letivo 2020-2021, acompanhei uma turma de 3º grau de Formação Musical da Professora Cooperante Anabela Albuquerque e uma turma de Classe de Conjunto – Coro da Professora Cooperante Ana Paula Pereira, na Escola Básica e Secundária (EBS) Tomás de Borba, tendo observado e intervindo pedagogicamente. Por conseguinte, este relatório reúne todos os documentos agregados ao meu estágio: relatórios das aulas, planificações das mesmas, reflexões críticas acerca do percurso formativo, desafios ultrapassados e estratégias do quotidiano que vivenciei ao longo deste ano.

Este relatório está organizado em quatro grandes partes. A primeira parte faz referência à caracterização de todo o contexto escolar da Escola Básica Secundária Tomás de Borba, fazendo a caracterização da Instituição e do meio que a envolve. A segunda parte diz respeito a uma das vertentes do Mestrado em Ensino da Música: Formação Musical. É feita uma identificação e caracterização da turma que acompanhei ao longo deste ano, seguindo-se uma síntese da Prática Pedagógica onde está presente a calendarização das aulas. São ainda discriminados os Relatórios de Aula e Planificações (secção que inclui os relatos das aulas que assisti e lecionei). A terceira parte deste relatório insere a segunda vertente deste Mestrado: a Classe de Conjunto, que neste caso específico é Coro. Nesta parte incluo a identificação e caracterização da turma que acompanhei, uma síntese da Prática Pedagógica onde está presente a calendarização das aulas, os Relatórios de Aula, Planificações e o Repertório trabalhado. Por fim, a quarta e última parte deste relatório inclui ainda uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada, abordando os constrangimentos e sucessos vividos ao longo da prática educativa.

2. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DO MEIO ENVOLVENTE

2.1. Contextualização Geográfica e Sociocultural de Angra do Heroísmo

Angra do Heroísmo, cidade localizada na parte sul da ilha Terceira no arquipélago dos Açores, é uma crista de colinas que se abre em anfiteatro sobre duas baías, separadas pelo vulcão extinto do Monte Brasil. Segundo os dados da SREA (Serviço Regional de Estatísticas dos Açores), Angra do Heroísmo tem uma população residente de 35.402 (2011) habitantes espalhados por 19 freguesias. Atualmente, desde 1983, o Centro Histórico de Angra do Heroísmo encontra-se classificado como Património Mundial pela UNESCO.

O concelho de Angra do Heroísmo é constituído por 19 freguesias: Altares, Angra (Nossa Senhora da Conceição), Angra (Santa Luzia), Angra (São Pedro), Angra (Sé), Cinco Ribeiras, Doze Ribeiras, Feteira, Porto Judeu, Posto Santo, Raminho, Ribeirinha, Santa Bárbara, Serreta, São Bartolomeu de Regatos, São Bento, São Mateus da Calheta, Terra Chã e Vila de São Sebastião.



Figura 1 - Mapa da cidade e freguesias de Angra do Heroísmo¹

Os primeiros povoadores instalaram-se nesta crista de colinas, sendo que uma das baías, denominada “angra”, tinha profundidade para a ancoragem de embarcações de maior tonelagem, as naus, e tinha como vantagem a proteção de todos os ventos, exceto os de Sudeste. As primeiras habitações foram erguidas na encosta sobre essa angra, em ruas íngremes de traçado tortuoso.

¹ Fonte: <https://dholmes.com/master-list/azores/angra.html>

A capitania de Angra foi doada a Álvaro Martins Homem que, ao tomar posse, deu início aos trabalhos da chamada Ribeira dos Moinhos, aproveitando a força de suas águas e impulsionando o futuro desenvolvimento económico da povoação.

Durante o Renascimento e, de acordo com os princípios do urbanismo da época, liberou-se a área do vale para que se pudesse abrir ruas que obedecessem a um plano ortogonal, organizadas por funções, de acordo com as necessidades do porto que crescia com rapidez. Com esse plano foram abertas as ruas da Sé e Direita.

Em 1534, ainda no contexto dos Descobrimentos, a povoação foi a primeira do arquipélago a ser elevada à condição de cidade, e a escolhida, pelo Papa Paulo III, para sede da Diocese de Angra, com jurisdição sobre todas as ilhas do arquipélago dos Açores. Esse progresso deveu-se à importância do porto como escala da chamada Carreira da Índia. Por conseguinte, desde as primeiras décadas do século XVI, foi instalada a Provedoria das Armadas, com essa função e de apoiar a chamada Armada das ilhas.

No contexto da Dinastia Filipina, a estes vieram juntar-se os galeões espanhóis carregados de ouro e prata, oriundos das Índias Ocidentais. Para apoiar essas fainas, foram implantados os primeiros estaleiros navais, na Prainha e no Porto das Pipas, e as fortificações que fecham a baía: o chamado Castelo de São Sebastião e o de São João Baptista.

Por Decreto de 30 de Agosto de 1766, Angra constituiu-se na capital da Província dos Açores, sede do Governo-geral e em residência dos Capitães-gerais, funções que desempenhou até 1832.

No século XIX, Angra constituiu-se centro do movimento liberal em Portugal. Por Decreto de 15 de Março de 1830, Angra foi nomeada capital do reino e, no contexto da Guerra Civil Portuguesa (1828-1834), Pedro IV de Portugal organizou a expedição que levou ao desembarque do Mindelo e aqui promulgou alguns dos mais importantes decretos do novo regime, como o que criou novas atribuições às Câmaras Municipais, o que reorganizou o Exército Português, o que aboliu as Sisas e outros impostos, o que extinguiu os morgados e capelas, e o que promulgou a liberdade de ensino no país.

O Decreto de 12 de Janeiro de 1837 conferiu à cidade o título de “mui nobre, leal e sempre constante cidade de Angra do Heroísmo”, e a Rainha D. Maria II de Portugal condecorou-a com a Grã-Cruz da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. A sua Câmara Municipal foi a primeira do país a ser eleita, já em 1831, após a reforma administrativa do Constitucionalismo.

Durante a Guerra Peninsular, Almeida Garrett encontrou refúgio em Angra, assim como a rainha Maria II de Portugal entre 1830 e 1833, durante a Guerra Civil Portuguesa. A bordo do “HMS Beagle”, passou Charles Darwin por Angra, tendo aportado a 20 de Setembro de 1836.

“Entreposto de gentes, gostos e culturas das carreiras dos Descobrimentos, Angra do Heroísmo conserva um legado artístico inigualável de arquitetura, escultura, talha,

porcelana, azulejaria e mobiliário, em que o exotismo e preciosidade dos materiais sublinha a nobreza das formas. Embora fustigada pelo terramoto de 1980, Angra do Heroísmo conserva um património arquitetónico e paisagístico único.”²

2.2. Conservatório Regional de Angra do Heroísmo - caracterização da escola onde está inserido

O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo (CRAH) é uma escola pública de ensino artístico integrada na Escola Básica e Secundária Tomás de Borba (EBSTB).

A EBSTB foi inaugurada a 7 de Maio de 2008³ pelo presidente do Governo dos Açores, Carlos César. Naquela altura, foi considerada a primeira escola de grande dimensão desenhada e idealizada por açorianos, bem como a primeira escola do país vocacionada para o ensino artístico com alunos do pré-escolar até ao secundário, tendo tido como primeiro Presidente da Escola Tomás de Borba Augusto Oliveira.⁴

A respetiva escola é uma unidade organizacional (criada pelo Decreto Regulamentar Regional nº 16/2005/A de 7 de julho de 2005) de educação e ensino público, não confessional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por nove estabelecimentos de educação pré-escolar e do 1º ciclo e por um estabelecimento de educação e ensino com educação pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos do ensino básico, ensino secundário e artístico – a EB1,2,3/JI/S/EA, sita na Avenida António Dacosta, lugar de São Carlos, freguesia de São Pedro – o qual constitui a escola sede da unidade orgânica. Ora, nesta escola-sede, está integrado o ensino artístico da música, dança e artes plásticas (Escola Básica e Secundária Tomás de Borba – Projeto Educativo de Escola, 2018-2021, p. 4-5).

A escola sede – EB1,2,3/JI/S/EA Tomás de Borba – possui uma dimensão arquitetónica e física única na Ilha Terceira, potenciada pelas suas valências artísticas, desportivas e tecnológicas. Ao nível dos espaços do ensino artístico destacam-se as suas trinta e uma salas, o Auditório António Dacosta e o Estúdio de Gravação que servem de apoio a este ensino. Os espaços desportivos são múltiplos e amplos, destacando-se o pavilhão gimnodesportivo coberto, com capacidade para competições oficiais, a piscina coberta, a sala de judo, a sala de ginástica, um polidesportivo exterior coberto, um campo de futebol e pista de atletismo em piso sintético (Escola Básica e Secundária Tomás de Borba – Projeto Educativo de Escola, 2018-2021, p. 6). Estes espaços desportivos constituem um moderno complexo desportivo ou parque

² Informações retiradas dos endereços web: <https://angradoheroismo.pt/demografia/>
<https://angradoheroismo.pt/historia-de-angra-do-heroismo/>
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/centro-historico-de-angra-do-heroismo-nos-aco-res/>

³ Ver inauguração nos endereços web: <http://videos.sapo.pt/jAMYRM2aNNYCcOpiMgUi>
<http://videos.sapo.pt/ZoyhzdWKrrEDqrOjF3uN>

⁴ Informação retirada do endereço web: <http://videos.sapo.pt/ZoyhzdWKrrEDqrOjF3uN>

desportivo que serve igualmente os atletas da Ilha Terceira, e a escola pode usufruir desses mesmos espaços até às 16 horas.

A EB 1,2 e 3/JI/S/EA Tomás de Borba está dividida em quatro polos, com uma traça moderna, mas enquadrada na zona de São Carlos. Araucária que domina sobre a praça central.



Figura 2 - Praça central da EB 1, 2 e 3/JI/S/EA Tomás de Borba

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1s_Vaz_de_Borba#/media/Ficheiro:Ebs_tdb_arauc_2.jpg



Figura 3 - Vista aérea da Escola Básica e Secundária Tomás de Borba

Fonte: <https://www.google.com/maps/place/EBS+Tom%C3%A1s+de+Borba/@38.6611894,-27.2438647,291m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0xb467ec0c85d31cd:0x228d796fba25dad8!8m2!3d38.662157!4d-27.242486>

2.2.1. O Patrono



Figura 4 - Compositor e Pedagogo português, Tomás Vaz de Borba⁵

A escolha de Tomás de Borba, para patrono desta Escola, significou o reconhecimento da sua obra enquanto músico e compositor e pretendia valorizar e dar relevo à sua vertente de apreciado e inovador pedagogo das escolas portuguesas na área do ensino musical. Tomás de Borba nasceu em Angra do Heroísmo em 1867 e realizou os seus primeiros estudos no Seminário de Angra do Heroísmo onde, em 1890, é ordenado sacerdote. Mais tarde, a sua vocação musical impulsiona-o a frequentar o Conservatório de Música em Lisboa, onde terminou o curso de piano e composição.

A extensa obra de Tomás de Borba reparte-se pela música sacra, salientando-se o *Te Deum* composto para comemoração do 4º centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, canções infantis e juvenis, música de câmara e peças para piano.

Enquanto pedagogo, foi nomeado professor da classe de harmonia do Conservatório de Música de Lisboa e destacou-se como o primeiro professor de história da música naquela instituição. Ainda acumulou funções como professor de solfejo e canto coral na antiga Escola Normal Primária de Lisboa, onde realizou elevada obra pedagógica, considerada revolucionária para o seu tempo, tendo introduzido a moderna pedagogia musical no país, sobretudo a nível do solfejo entoado e do canto coral nas escolas. Lecionou ainda no Liceu D. Maria Pia e ao mesmo tempo era regente do Orfeão do Liceu da Lapa.

Com a implantação da República Portuguesa, em 1910, foi nomeado como vogal do Conselho Superior de Instrução Pública. Foi ainda professor e diretor artístico da Academia de Amadores de Música de Lisboa.

No dia 12 de Fevereiro de 1950, Tomás de Borba faleceu na paróquia do Sacramento em Lisboa, tendo o seu corpo sido trasladado para o Cemitério do Livramento, em

⁵ Fonte: <https://philangra.blogspot.com/2017/11/tomas-vaz-de-borba-1867-1950.html>

Angra do Heroísmo (Escola Básica e Secundária Tomás de Borba – Projeto Educativo de Escola, 2018-2021, p. 8).

Foi professor de Luís e Pedro de Freitas Branco, Fernando Lopes Graça, Ruy Coelho, Manuel Ivo Cruz e Artur Fonseca, entre outros. O seu espólio, com cerca de 4000 partituras de sua autoria, foi doado à Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro por seu sobrinho-neto, Prof. Doutor José Henrique Ferreira Marques, em 1991, 2006 e 2007⁶.

2.2.2. Oferta Curricular e regimes de frequência do Conservatório

A informação que se segue está presente na portaria nº 75/2014 de 18 de Novembro de 2014.

O CRAH oferece os cursos de iniciação que se destinam aos alunos matriculados no 1º ciclo do ensino básico e terminam com a conclusão do 1º ciclo do ensino básico, transitando os alunos, independentemente do número de anos frequentado, mediante a realização de uma prova de seleção. Os cursos de iniciação integram as disciplinas de Iniciação Musical, Iniciação ao Instrumento Musical e Iniciação à Dança. A frequência da segunda disciplina de opção pode ter lugar através do regime de curso livre (capítulo XIII, artigo 105º, nº 2 e artigo 106º, nº 1).

Na disciplina de Iniciação ao Instrumento Musical o aluno pode optar por um dos seguintes instrumentos, ou seja, instrumentos que podem ser ministrados: (capítulo XIII, artigo 106º, nº 6):

Acordeão	Cravo	Oboé	Trompete
Alaúde	Fagote	Órgão	Tuba
Bandolim	Flauta	Percussão	Viola da gamba
Canto	Flauta de bisel	Piano	Viola da terra
Clarinete	Guitarra clássica	Saxofone	Violeta
Clavicórdio	Guitarra portuguesa	Trombone	Violino
Contrabaixo	Harpa	Trompa	Violoncelo

No entanto, a EBSTB, no decorrente ano letivo 2020-2021, oferece os seguintes instrumentos musicais:

Acordeão	Flauta Transversal	Percussão	Trompete
Canto	Flauta de bisel	Piano	Viola da terra
Clarinete	Guitarra clássica	Saxofone	Violino

⁶ Fonte: https://bparlsr.azores.gov.pt/arquivo_regional/tvb-tomas-borba/

Viola dedilhada (Iniciação)	Guitarra portuguesa	Trombone	Violoncelo
Trompa			

Os cursos básicos do ensino artístico especializado podem ser frequentados em regime integrado, articulado ou supletivo (capítulo XIII, artigo 111º).

- **Regime integrado** – entende-se a frequência de todas as componentes do currículo do ensino artístico especializado e do ensino regular, no mesmo estabelecimento de ensino.
- **Regime articulado** - entende-se a frequência de todas as disciplinas da componente do ensino artístico especializado, na escola do ensino artístico especializado e as restantes componentes em outra escola de ensino regular.
- **Regime supletivo** - entende-se a frequência das disciplinas do ensino artístico vocacional numa escola do ensino artístico especializado pelos alunos que, simultaneamente, se encontram a frequentar, no mesmo ou noutra estabelecimento de ensino, o ensino básico ou secundário regular e optem por não frequentar qualquer um dos regimes referidos anteriormente.

Havendo ainda os:

- **Cursos livres por modalidade ou especialidade:** que podem ser frequentados por alunos com 18 ou mais anos. Em contrapartida, os alunos com idade igual ou inferior a 19 anos, que pretendam frequentar o ensino artístico especializado e optem pelo regime de curso livre, apenas o podem fazer por especialidade. Portanto, os alunos que pretendam frequentar o ensino artístico especializado em regime de curso livre, deverão matricular-se numa das seguintes modalidades ou especialidades:
 - Modalidades: Curso Básico de Música ou de Dança; Curso Secundário de Música ou de Canto.
 - Especialidades: Iniciação Musical, Dança (clássica, criativa, tradicional, sapateado), Canto, Instrumentos, Expressão Dramática (capítulo XIII, artigo 114º).

Coordenação do ensino artístico especializado

- Nos cursos do ensino artístico especializado nos regimes articulado e supletivo, o percurso anual do aluno é gerido por um diretor de classe, obrigatoriamente, um dos professores da classe. No regime integrado, o percurso anual do aluno é gerido pelo diretor de turma (capítulo XIII, artigo 117º).

2.2.3. Planos de estudos do Conservatório

A informação que se segue está presente na portaria nº 75/2014 de 18 de Novembro de 2014 e na portaria nº 229-A/2018 de 14 de Agosto.

Os planos de estudo dos regimes integrado e articulado dos cursos básicos de Música e de Dança são os seguintes:

Tabela 1 - Curso de Iniciação de Educação Artística

Disciplinas	Carga horária semanal
Iniciação Musical (a)	45'
Iniciação ao Instrumento Musical (b)	2 X 45' c)
Iniciação à Dança (c)	2 X 45' ou 1 X 90'

- a) Obrigatória para todos os alunos;
- b) Os alunos optam por uma das disciplinas;
- c) Uma das sessões semanais é ministrada em regime de ensino individual, e a outra, obrigatoriamente, em grupos de 2 ou mais alunos.

Tabela 2 - Curso Básico de Música - 2º ciclo

Componentes do currículo e carga horária semanal em blocos de 90'		Ano/carga horária semanal (= 90') (a)			
		5.º ano	6.º ano	Total do ciclo	
Línguas e Estudos Sociais	Português	2,5	2,5	5	11
	Língua Estrangeira I	1,5	1,5	3	
	História e Geografia de Portugal	1,5	1,5	3	
Matemática e Ciências	Matemática	2,5	2,5	5	8
	Ciências da Natureza	1,5	1,5	3	
Componente de Formação Vocacional	Formação Musical (b)	1 (1,5)	1 (1,5)	2 (3)	8 (8)
	Instrumento	1	1	2	
	Classe de Conjunto (b) (c)	1 (1,5)	1 (1,5)	2 (3)	
Educação Física	Educação Física	1,5	1,5		3
Formação Pessoal e Social	Cidadania	1	1		2
	Educação Moral e Religiosa (d)				1
	Disciplina ou área curricular não disciplinar a definir pela U.O. (e)	0,5	0,5		
Total de ano e ciclo		15,5 (16,5)	15,5 (16,5)		31 (33)

- a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90';
- b) A gestão da carga horária das disciplinas é da responsabilidade do órgão de gestão devendo ser assegurada a carga horária mínima de cada ano/ ciclo;
- c) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra;
- d) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea e);
- e) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea d).

Tabela 3 - Curso Básico de Música - 3º ciclo

Componentes do currículo e carga horária semanal em blocos de 90'		Ano/carga horária semanal (x 90') (a)			Total obrigatório do ciclo			
		7.º ano	8.º ano	9.º ano	Mínimo		Máximo	
Português	Português	2,5	2,5	2,5	7,5			
Língua Estrangeira	Língua Estrangeira I	1,5	1,5	1,5	4	8	4,5	9
	Língua Estrangeira II	1,5	1,5	1,5	4		4,5	
Ciências sociais e Humanas	História	1,5	1	1,5	4	7	4	8
	Geografia	1	1,5	1,5	3		4	
Matemática	Matemática	2,5	2,5	2,5	7,5			
Ciências Físicas e Naturais	Ciências Naturais	1,5	1	1	3	6,5	3,5	7,5
	Físico-Química	1	1,5	1,5	3,5		4	
Componente de Formação Vocacional	Formação Musical (b)	1 (1,5)	1 (1,5)	1 (1,5)	3 (4,5)			
	Instrumento	1	1	1	3			
	Classe de Conjunto (b) (c)	1 (1,5)	1 (1,5)	1 (1,5)	3 (4,5)			
Educação Física	Educação Física	1,5	1,5	1,5	4,5			
Formação Pessoal e Social	Cidadania	1	1	1	3			
	Educação Moral e Religiosa (d)	0,5	0,5	0,5	1,5			
	Disciplina ou área curricular não disciplinar a definir pela U.D. (e)							
Total de ano e ciclo		19 (20)	19 (20)	19,5 (20,5)	57,5		60,5	

- a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90';
- b) A gestão da carga horária das disciplinas é da responsabilidade do órgão de gestão devendo ser assegurada a carga horária mínima de cada ano/ ciclo;
- c) Sob a designação de Classes de Conjunto, incluem -se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra;
- d) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea e);
- e) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea d).

Tabela 4 - Curso Básico de Dança - 2º ciclo

Componentes do currículo e carga horária semanal em blocos de 90'		Ano/carga horária semanal (× 90') (a)			Total do ciclo
		5.º ano	6.º ano		
Línguas e Estudos Sociais	Português	2,5	2,5	5	11
	Língua Estrangeira I	1,5	1,5	3	
	História e Geografia de Portugal	1,5	1,5	3	
Matemática e Ciências	Matemática	2,5	2,5	5	8
	Ciências da Natureza	1,5	1,5	3	
Componente de Formação Vocacional	Técnicas de Dança (b)	3	3	6	10
	Música	1	1	2	
	Expressão Criativa	1	1	2	
Formação Pessoal e Social	Cidadania	1	1	2	1
	Educação Moral e Religiosa (c)	0,5	0,5	1	
	Disciplina ou área curricular não disciplinar a definir pela U.O. (d)				
Total de ano e ciclo		16	16	32	

- a) A carga horária semanal refere -se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90';
- b) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem -se as seguintes técnicas: técnica de dança clássica, técnica de dança contemporânea e técnica de dança moderna, podendo os estabelecimentos de ensino artístico especializado, de acordo com o seu projeto pedagógico, desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, assegurando, contudo, o desenvolvimento das competências de base específicas das várias técnicas. Atendendo à natureza da disciplina, poderá ser lecionada por mais de um professor desde que tal não implique, no somatório dos horários dos professores da disciplina, mais do que as horas previstas para a lecionação da mesma;
- c) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea d);
- d) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea c).

Tabela 5 - Curso Básico de Dança - 3º ciclo

Componentes do currículo e carga horária semanal em blocos de 60'		Ano/carga horária semanal (x 90') (a)			Total obrigatório do ciclo			
		7.º ano	8.º ano	9.º ano	Mínimo		Máximo	
Português	Português	2,5	2,5	2,5	7,5			
Língua Estrangeira	Língua Estrangeira I	1,5	1,5	1,5	4	8	4,5	9
	Língua Estrangeira II	1,5	1,5	1,5	4		4,5	
Ciências Sociais e Humanas	História	1,5	1	1,5	4	7	4	8
	Geografia	1	1,5	1,5	3		4	
Matemática	Matemática	2,5	2,5	2,5	7,5			
Ciências Físicas e Naturais	Ciências Naturais	1,5	1	1	3	5	3,5	7,5
	Físico-Química	1	1,5	1,5	3,5		4	
Componente de Formação Vocacional	Técnicas de Dança (b)	3	3	5	11			
	Música	1	1	1	3			
	Práticas Complementares de Dança (c)	1	1	-	2			
Formação Pessoal e Social	Cidadania	1	1	1	3			
	Educação Moral e Religiosa (d)							
	Disciplina ou área curricular não disciplinar a definir pela U.O. (e)	0,5	0,5	0,5	1,5			
Total de ano e ciclo		19,5	19,5	21	57		60	

- a) A carga horária semanal refere-se a tempo útil de aula e está organizada em períodos de 90';
- b) Sob a designação de Técnicas de Dança incluem-se as seguintes técnicas: técnica de dança clássica, técnica de dança contemporânea e técnica de dança moderna, podendo os estabelecimentos de ensino artístico vocacional, de acordo com o seu projeto pedagógico, desenvolver mais aprofundadamente uma das técnicas de dança, assegurando, contudo, o desenvolvimento das competências de base específicas das várias técnicas;
- c) A carga horária semanal da disciplina de Práticas Complementares de Dança pode ser reduzida para 0,5 unidade letiva, sendo o tempo letivo remanescente gerido de forma flexível pela escola, dentro do mesmo período letivo. Esta alteração deve constar do horário dos alunos e ser dada a conhecer aos pais ou encarregados de educação;
- d) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea e);
- e) Disciplina de frequência facultativa e alternativa à da alínea d).

A EBSTB oferece o Curso Básico de Dança, porém, devido à exigente carga horária, há pouca procura de alunos, o que torna este curso praticamente inexistente.

Tabela 6 - Curso Secundário de Música

Componentes de formação		Carga horária semanal (a)		
		10.º ano	11.º ano	12.º ano
Geral:				
	Português	180	180	200
	Língua Estrangeira I, II ou III (b).....	150	150	-
	Filosofia	150	150	-
	Educação Física.....	150	150	150
Científica:				
	História da Cultura e das Artes	135	135	135
	Formação Musical	90	90	90
	Análise e Técnicas de Composição	135	135	135
	Oferta Complementar (c)	(90)	(90)	(90)
Subtotal		360 (450)	360 (450)	360 (450)
Técnica Artística:				
	Instrumento/Educação Vocal/Composição (d)	90	90	90
	Classes de Conjunto (e)	135	135	135
	Disciplina de opção (f):	-	45 (90)	45 (90)
	Baixo Contínuo Acompanhamento e Improvisação Instrumento de Tecla			
	Oferta Complementar (c)	(90)	(90)	(90)
Subtotal		225 (315)	270 (360)	270 (360)
Educação Moral e Religiosa (g).....		(g)	(g)	(g)
(b)		(90) (b)	(90) (b)	(90) (b)
Total (i)		1305 a 1485	1350 a 1530	1035 a 1215

- (a) A carga horária semanal indicada na componente de formação geral constitui uma referência para as disciplinas dessa componente, nos termos do artigo 7.º.
- (b) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. No caso de o aluno iniciar uma segunda língua, tomando em conta as disponibilidades da escola, poderá cumulativamente dar continuidade à Língua Estrangeira I como disciplina facultativa, com a aceitação expressa do acréscimo da carga horária. Aos alunos oriundos de sistemas educativos estrangeiros aplica-se o disposto no artigo 12.º.
- (c) Disciplina a ser criada de acordo com os recursos das escolas e de oferta facultativa, na componente de formação científica ou na componente de formação técnica artística, com uma carga horária até 90 minutos, ou com a carga máxima indicada a ser aplicada na lecionação de duas disciplinas, não podendo ser ultrapassado o número máximo de disciplinas permitido na matriz dos cursos artísticos especializados. Caso as escolas não pretendam lecionar nenhuma disciplina de Oferta Complementar, poderão lecionar duas disciplinas de opção nos termos em que as mesmas ocorrem, ou reforçar uma ou mais disciplinas das componentes de formação científica ou técnica artística.
- (d) Consoante a variante do curso: Instrumento, Formação Musical ou Composição, o aluno frequentará a disciplina de Instrumento, Educação Vocal ou Composição. Em Educação Vocal a carga horária semanal pode, por questões pedagógicas ou de gestão de horários, ser repartida igualmente entre os alunos. Caso o não seja, metade da carga horária desta disciplina poderá ser transferida para a lecionação da disciplina de Instrumento de Tecla.
- (e) Sob esta designação incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara, Orquestra.
- (f) Nos termos dos n.ºs 3 e 4 do artigo 6.º. Excetua-se a ressalva constante na alínea (c).
- (g) Disciplina de oferta obrigatória e de frequência facultativa, com um tempo letivo a organizar na unidade definida pela escola, nunca inferior a 45 minutos e que acresce ao total da matriz.
- (h) Contempla até 90 minutos de aplicação facultativa, consoante o projeto educativo. Podem ser utilizados em atividades de conjunto ou aplicados em uma ou mais de uma disciplina coletiva das componentes de formação científica e ou técnica artística, podendo a sua carga horária global ser gerida por período escolar.
- (i) Do somatório das cargas horárias alocadas a cada disciplina resulta um tempo total inferior ao total constante na matriz, ficando ao critério da escola a gestão do tempo sobranante, a utilizar no reforço da componente de formação geral.
- (j) Componente desenvolvida nos termos do artigo 10.º.

Tabela 7 - Curso Secundário de Canto

Componentes de formação	Carga horária semanal (a)		
	10.º ano	11.º ano	12.º ano
Geral:			
Português	180	180	200
Língua Estrangeira I, II ou III (b).....	150	150	-
Filosofia	150	150	-
Educação Física.....	150	150	150
Científica:			
História da Cultura e das Artes	135	135	135
Formação Musical (c).....	90 (180)	90 (180)	90 (180)
Análise e Técnicas de Composição	135	135	135
Oferta Complementar (d)	(90)	(90)	(90)
Subtotal	360 (540)	360 (540)	360 (540)
Técnica Artística:			
Canto.....	90	90	90
Classes de Conjunto (e)	135	135	135
Línguas de Repertório (f).....	180	180	180
Alemão			
Italiano			
Disciplina de opção (g):	-	45	45
Prática de Canto Gregoriano			
Arte de Representar			
Instrumento de Tecla			
Correpetição			
Subtotal	405 (495)	450 (540)	450 (540)
Educação Moral e Religiosa (h).....	(h)	(h)	(h)
(i)	(90) (i)	(90) (i)	(90) (i)
Total (j)	1485 a 1755	1530 a 1800	1215 a 1485

- (a) A carga horária semanal indicada na componente de formação geral constitui uma referência para as disciplinas dessa componente, nos termos do artigo 7.º.
- (b) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário. No caso de o aluno iniciar uma segunda língua, tomando em conta as disponibilidades da escola, poderá cumulativamente dar continuidade à Língua Estrangeira I como disciplina facultativa, com a aceitação expressa do acréscimo da carga horária. Aos alunos oriundos de sistemas educativos estrangeiros aplica-se o disposto no artigo 12.º.
- (c) A carga horária máxima é aplicável, em função da aferição resultante da prova de acesso e enquanto se justificar, aos alunos que não são detentores do 5º grau da disciplina de Formação Musical.
- (d) Disciplina a ser criada de acordo com os recursos das escolas e de oferta facultativa, com uma carga horária até 90 minutos. Caso as escolas não pretendam lecionar a disciplina de Oferta Complementar, poderão reforçar uma ou mais disciplinas coletivas das componentes de formação científica ou técnica artística.
- (e) Sob esta designação incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara, Estúdio de Ópera.
- (f) A distribuição da carga horária semanal entre as duas disciplinas de línguas de repertório é da responsabilidade de cada escola.
- (g) Nos termos dos nºs 3 e 4 do artigo 6.º.
- (h) Disciplina de oferta obrigatória e de frequência facultativa, com um tempo letivo a organizar na unidade definida pela escola, nunca inferior a 45 minutos e que acresce ao total da matriz.
- (i) Contempla até 90 minutos de aplicação facultativa, consoante o projeto educativo. Podem ser utilizados em atividades de conjunto ou aplicados em uma ou mais de uma disciplina coletiva das componentes de formação científica e ou técnica artística, podendo a sua carga horária global ser gerida por período escolar.
- (j) Do somatório das cargas horárias alocadas a cada disciplina resulta um tempo total inferior ao total constante na matriz, ficando ao critério da escola a gestão do tempo sobranante, a utilizar no reforço da componente de formação geral.
- (k) Componente desenvolvida nos termos do artigo 10.º.

No ano letivo 2020-2021, a comunidade escolar da EBSTB conta com cerca de 1000 e tal alunos, tendo havido 420 matrículas no Conservatório, contabilizando cerca de 390 alunos. Há 28 diretores de classe (instrumento) e um total de 32 professores no Conservatório⁷.

2.2.4. Os Órgãos de Administração e Gestão

A informação que se segue está presente no decreto legislativo regional nº 13/2013/A.

Os órgãos de administração e gestão são:

- O Conselho Pedagógico que é o órgão de coordenação, supervisão pedagógica e orientação educativa da unidade orgânica, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente. Devendo integrar o presidente do conselho

⁷ Informação facultada pelo professor Sérgio Peixoto, Assessor do Conselho Executivo para o Ensino Artístico, em Novembro de 2020.

executivo; pelo menos um representante dos coordenadores de núcleo; um docente da educação pré-escolar ou do 1º ciclo; o coordenador de núcleo de educação especial; os coordenadores de departamento curricular; um docente do ensino artístico; um representante dos pais e encarregados de educação e quando a unidade orgânica inclui ensino secundário, deverá haver pelo menos um representante dos estudantes e um representante da associação de estudantes.

- O Conselho Executivo que é o órgão de administração e gestão da unidade orgânica nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, patrimonial e financeira. O conselho executivo é constituído por um presidente e dois vice-presidentes.

- O Conselho Administrativo que é o órgão deliberativo em matéria administrativa, patrimonial e financeira da unidade orgânica. Este conselho é composto pelo presidente do conselho executivo, que preside, pelo coordenador técnico ou chefe dos serviços de administração escolar e por um dos vice-presidentes do conselho executivo, para o efeito designado pelo seu presidente.

- A Assembleia de Escola é o órgão de participação e representação da comunidade educativa, devendo estar salvaguardada, na sua composição, a participação de representantes dos docentes, dos pais e encarregados de educação, dos alunos, do pessoal não docente, da autarquia local e de representantes das atividades de caráter cultural, desportivo, artístico, científico, ambiental e económico da respetiva área, com relevo para o projeto educativo⁸.

Ainda, como estrutura de gestão intermédia, há os departamentos curriculares (havendo o departamento do ensino artístico) que promovem a articulação, gestão curricular e cooperação entre os docentes da unidade orgânica, procurando adequar o currículo às necessidades específicas dos alunos. Nos departamentos curriculares encontram-se representados os agrupamentos de disciplinas e áreas disciplinares, de acordo com os cursos lecionados, o número de docentes por nível, ciclo ou disciplina, cabendo a estes a promoção das dinâmicas a desenvolver pela unidade orgânica. Para além disso, são coordenados por docentes profissionalizados, preferencialmente do quadro de vínculo definitivo da unidade orgânica, e que exerçam funções na mesma, eleitos de entre aqueles que os integram, sendo os respetivos mandatos de três anos.

⁸ Fonte: <https://ebsg.edu.azores.gov.pt/escola/orgaos/assembleia-de-escola/>

3. DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

3.1. Formação Musical: identificação e caracterização da turma - 3º grau

No início do ano letivo 2020-2021, a turma 3º P teve de ser dividida, tendo sido criada uma nova turma, 3º PN (N, de nova). A turma é constituída por 4 alunos e dois deles frequentam a banda filarmónica. Um desses alunos, como já praticava um instrumento musical na banda filarmónica, quis ingressar no Conservatório mas no curso articulado e não em curso livre. Tendo isso em conta, os professores do Conservatório na época deram-lhe a oportunidade de realizar uma prova de posicionamento, ou seja, uma prova global do 1º grau, acabando por ingressar no 2º grau nas disciplinas de Instrumento, Formação Musical e Orquestra de Sopros. Por essa razão o aluno foi demonstrando algumas lacunas e dificuldades em conseguir acompanhar a disciplina de Formação Musical, adicionando o facto de faltar muito.

Tabela 8 - Caracterização da turma 3º PN quanto ao instrumento musical

TABELA DE APOIO: Caracterização da turma 3ºPN	
Disciplina: Formação Musical	
Aluno	Instrumento
Aluna 1	Piano
Aluno 2	Trompete
Aluno 3	Trombone
Aluno 4	Guitarra

3.1.1. Síntese da Prática Pedagógica

A Prática Pedagógica foi sempre organizada em parceria com a Professora Cooperante, tendo, inicialmente, tido a oportunidade de assistir a uma aula de cada turma (1º, 2º, 3º, 4º e 7º grau). Esta oportunidade foi bastante enriquecedora, pois deu para ter contacto com diferentes alunos de diferentes idades, com diferentes dificuldades e, acima de tudo, com diferentes graus, desde iniciados a avançados.

Após observação destas turmas, optou-se por observar e trabalhar com a turma de 4º grau, da qual assisti apenas duas aulas, porque, pouco mais tarde por impossibilidade de horários, foi necessário mudar para a turma do 3º grau acima mencionada. Consequentemente, a primeira aula lecionada por mim ocorreu sem ainda ter tido um contacto prévio com os alunos em questão e sem ter assistido a uma aula desta turma lecionada pela Professora Cooperante.

Acompanhei de forma sistemática as aulas da turma em questão, ministradas à segunda-feira das 17h45 às 19h15 (num período de 90 minutos). A maior parte das sessões foram lecionadas pela professora da turma, sendo que em alguns casos as aulas também foram lecionadas por mim na íntegra.

O cronograma abaixo apresenta as aulas ministradas ao longo do ano letivo, sendo as assinaladas a verde aquelas em que tive intervenção ativa. Não foi possível assistir a mais aulas porque coincidiram alguns feriados e tolerâncias de ponto sempre às segundas-feiras.

Tabela 9 - Cronograma das aulas de Formação Musical ao longo do ano letivo escolar de 2020-2021

Mês	Dia		Total
Outubro	12	26	2
Novembro	23	/	1
Dezembro	7	/	1
Janeiro	11	18	2
Fevereiro	1	/	1
Março	1	8	2
Total de aulas			9

3.1.2. Relatórios de aula e planificações

3.1.2.1. Aula de 23 de Novembro de 2020

FORMAÇÃO MUSICAL	
Aula 3 (1) Data: 23.11.2020	Sumário - Entoação da escala de ré menor. - Entoação de vários motivos na tonalidade de ré menor. - Leitura melódica e percussão de um ostinato. - Audição interior de duas melodias: dissociação.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel Professor Orientador (ESART): José Raimundo Professor Cooperante: Anabela Albuquerque Formação Musical – 3º grau Data: 23/11/2020	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba Número de alunos: 4 Duração da aula: 45 minutos
---	---

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Entoar melodia com nome de notas com precisão rítmica, expressão vocal e afinação, e ao mesmo tempo percutir ostinato nas pernas com rigor rítmico.	- Entoar a escala de ré menor com acompanhamento do piano (escala menor harmónica) e com mudança de divisão: binária e ternária. - Cantar motivos entoados pela professora por imitação com números e com nome de notas dentro da tonalidade de ré menor: 1 2 3 4 5, 5 4 3 2 1 1 #7 1 #7 2 1 1 #7 6 5 6 #7 1 1 6 5 4 5 6 1 1 5, 5 4 3 2 1 8 5, 5 4 3 2 4 4, 4 3 2 1 1 - Cantar em tempo real as notas dentro da tonalidade de ré menor que vão ao encontro do que surge na leitura pretendida, a partir da visualização dos números solicitados pela professora (indicados com a mão).

	<p>- Ler a melodia da peça com nome de notas e com acompanhamento harmónico.</p> <p>- Entoar melodia com nome de notas e com acompanhamento harmónico em versão performance.</p> <p>- Percutir ostinato com mão direita e mão esquerda.</p> <p>- Dividir a turma em dois grupos: um canta a melodia e o outro percute o ostinato e vice-versa.</p> <p>- Cantar melodia com nome de notas e percutir ostinato com as duas mãos em versão performance. 25 minutos</p>
<p>Percutir o ritmo das melodias com e sem acompanhamento do piano, com precisão rítmica</p>	<p>- Ouvir um excerto de uma redução para duas vozes do divertimento de W. A. Mozart, tocado ao piano pela professora estagiária.</p> <p>- Memorizar as duas melodias por partes, uma de cada vez:</p> <p style="padding-left: 40px;">a) Percutir com palmas o ritmo da melodia superior com e sem acompanhamento do piano</p> <p style="padding-left: 40px;">b) Marcar com os pés o ritmo da melodia inferior com e sem acompanhamento do piano</p> <p>- Percutir o ritmo da melodia superior e o da inferior (turma dividida em dois grupos); cada grupo percute o ritmo de uma das melodias e, de seguida, trocam.</p> <p>- Reproduzir as duas melodias ao mesmo tempo: com palmas o ritmo da melodia superior; com os pés percutir caminhando o ritmo da melodia inferior com e sem acompanhamento do piano.</p> <p style="text-align: right;">20 minutos</p>

Recursos: Piano

Repertório e material de apoio (em anexo): Dissociação rítmica e melódica, nº 1, retirada da Sebenta de Formação Musical de João Perdigão. Excerto musical do Divertimento de W. A. Mozart retirado do livro Nemeth – Nógrádi Puster: Szolfézs Antológia.

Observações: Desenvolver a audição interior e a coordenação motora (dois níveis – dissociação).

Reflexão

Esta sessão foi lecionada por mim e teve como orientação a planificação por mim elaborada conforme as diretrizes dadas pela Professora Cooperante.

Antes de partir para a reflexão, é de salientar que inicialmente tinha ficado estipulado assistir às aulas de uma turma de 4º grau, mas, subitamente por

impossibilidade de horários, foi necessário mudar de turma, neste caso para uma turma do 3º grau. Por conseguinte, esta aula foi dada por mim sem ainda ter tido um contacto prévio com os alunos em questão e sem ter assistido a uma aula lecionada pela professora cooperante.

A turma é constituída por quatro alunos, mas nesta aula só estiveram presentes três. De acordo com o plano de aula, entoaram a escala de ré menor harmónica com volume baixo. Numa primeira impressão, foi notável que os alunos não estão habituados a cantar e que demonstram alguma relutância em fazê-lo. Aquando da entoação de motivos por imitação com números, os alunos manifestaram também estranheza em fazê-lo. Contudo, quando começaram a perceber a lógica começou a fluir de melhor forma, ou seja, entoaram por imitação com números e depois com nome de notas em ré menor. Esta atividade requer o exercício de transposição. Alonguei-me mais nesta atividade porque os alunos não estavam familiarizados com o processo, principalmente com a *fonomímica* de números.

Após uma preparação, a leitura melódica foi projetada no quadro branco. Foram colocadas questões a fim de analisar a leitura antes de entoarem, como tonalidade, graus da escala, padrões, etc., e verificou-se que também não estão tão familiarizados com os termos, nomeadamente com dominante e graus conjuntos. Foi dado o contexto harmónico e entoaram a tónica como solicitado, contudo, ainda têm muitas dificuldades em perceberem a tónica.

Ao longo da leitura houve muitas paragens e hesitações, não tendo havido fluidez na mesma. O normal era pararem de cantar quando não ouviam o piano ou a estagiária a cantar. De forma a contornar essa situação, foi feito uso novamente da *fonomímica* para os ajudar a encontrar determinadas notas, estrategicamente por graus conjuntos e saltos que fossem ao encontro da leitura. Só quando entoavam bem a nota é que lhes confirmava através de um acorde ou mesmo da própria nota. Evitou-se dar resposta e insistir mais na procura da sonoridade de cada grau, pois, o que transpareceu, é que os alunos não estão tão habituados a este tipo de procura e de insistência. Rapidamente percebeu-se que não seria praticável ver a leitura toda com a turma e foi estipulado ver apenas até ao final do primeiro sistema. Ademais, a descodificação das notas não estava segura e por isso foi feito um trabalho isolado de solfejar as notas, bem como de reprodução do ritmo com vogal neutra.

Acrescentando essas dificuldades, manifestaram também dificuldades em entoar o salto de oitava. No momento não me ocorreu, mas de modo a contornar essa dificuldade de registo vocal, a leitura poderia ter sido transposta para dó menor ou si menor. Devido a essa dificuldade o salto de oitava não ficou bem consolidado, resultando na não entoação desse ré agudo. Foi necessário muito tempo para a leitura, chegando ao ponto de os alunos começarem a acusar o cansaço. No entanto, curiosamente, um dos alunos, apesar de sentir dificuldade, demonstrou sempre entusiasmo e motivação para ultrapassar as dificuldades.

Apesar de ainda não satisfeita com a entoação da melodia, acabou por se avançar para a reprodução do ostinato a fim de direcionar a atenção para outra atividade. O que se veio a verificar é que os alunos ainda demonstram ter dificuldade em sentir a pulsação, não só ao longo da leitura melódica, mas sobretudo da leitura rítmica. No geral, verifica-se que há muitas bases musicais que ainda não estão consolidadas, daí a grande dificuldade na leitura melódica e rítmica, mas os alunos foram capazes de reproduzir o ostinato dissociando com as duas mãos. Quando se retornou à entoação melódica, reproduziu-se apenas os dois primeiros compassos, com o objetivo de melhor consolidar, e, só depois, se tentou juntar o ostinato. Repetidas algumas vezes, conseguiram juntar, e deu-se seguimento à leitura até ao final do sistema. A atividade ficou aquém das expectativas.

Concluiu-se que esta leitura melódica/dissociação não estava de todo adequada ao nível da turma.

Na segunda atividade, como já estava quase a terminar a aula, foi pedido que memorizassem somente os primeiros quatro compassos e, de um modo geral, não se saíram nada mal nesta atividade. A segunda atividade estava adequada ao nível da turma.

O plano de aula acabou por se estender pela aula toda devido às dificuldades demonstradas pelos alunos e da necessidade de insistir em ultrapassá-las implementando diferentes estratégias.

Contudo, numa próxima aula, a planificação já será realizada sabendo de antemão das dificuldades demonstradas pelos alunos. Será necessário trabalhar essencialmente o sentido da pulsação, o rigor rítmico e a entoação de pequenos motivos (memorizações melódicas/leituras melódicas).

3.1.2.2. Aula de 1 de Março de 2021

FORMAÇÃO MUSICAL	
Aula 8 (6) Data: 1.03.2021	Sumário - Entrega dos testes escritos. - Análise harmónica – entoação de linhas melódicas. - Memorização/transposição. - Dissociação.

Observação

Esta sessão deu início com a Professora Cooperante a entregar os testes escritos aos seus alunos, mas antes pediu a um aluno que terminasse a parte teórica que não tinha finalizado. Foi abordado o tema das escalas por ser algo que se notou ainda terem dificuldade.

De seguida fizeram uma análise harmónica de um coral de Bach, nº 244, “Meinen Jesum lass’ich nicht”. Identificaram o compasso, a tonalidade e decifraram as notas do acorde verticalmente. Por conseguinte, em conjunto, organizaram o acorde por terceiras e a Professora Cooperante foi escrevendo no quadro, a fim de identificarem a função harmónica do mesmo. Os alunos continuam a demonstrar dificuldades em identificar tonalidades e se os acordes são maiores ou menores. É-lhes informado pela Professora Cooperante que, num coro, quem canta as linhas melódicas da clave de fá são os tenores e baixos, sendo os sopranos e contraltos a cantar na clave de sol. Para alguns pareceu ser novidade este tema dos naipes num coro, mas para outros não. Todos entoaram a melodia do soprano e depois do baixo, sempre num volume baixo e tímido, receoso de cantar, mas de um modo geral bem. Depois são divididos em dois grupos e cantam as duas melodias com alguma dificuldade. Fazem a leitura da melodia do tenor e divide novamente em grupos. A Professora Cooperante sabia que seria prematuro juntar as três vozes, mas quis tentar mesmo assim. Na próxima aula voltarão a cantar o mesmo.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Data: 1/03/2021
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Cooperante: Anabela Albuquerque	Número de alunos: 4
Formação Musical – 3º grau	Duração da aula: 45 minutos

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
<p>Memorizar melodia e entoar com nome de notas em diferentes tonalidades e modos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Ouvir e memorizar melodia entoada pela professora. - Entoar melodia em sílaba neutra com acompanhamento harmónico em diferentes tonalidades, tanto no modo maior como no menor. - Descodificar graus da escala da melodia e entoar em diferentes tonalidades com nome de notas – em modo maior e menor. <p style="text-align: right;">15 minutos</p>
<p>Entoar melodia com nome de notas da clave de fá e percutir ritmo dos acordes da clave de sol até ao compasso 18</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Entoar escala de lá menor, diferentes ordenações (12321; 131; 13243...) e motivos melódicos⁹. - Ler melodia da clave de fá com nome de notas e com acompanhamento harmónico. - Entoar melodia da clave de fá com nome de notas e ler/percutir ritmo da pauta da clave de sol com caneta a um andamento lento, aproximando do andamento <i>Allegretto</i> da peça. - Entoar melodia da clave de fá com nome de notas e percutir ritmo da pauta da clave de sol com caneta em versão performance com acompanhamento harmónico. <p style="text-align: right;">30 minutos</p>
<p>Recursos: Piano, partitura.</p> <p>Repertório e material de apoio (em anexo): Kinderstücke de Dimitri Kabalewski, Op. 27, nº 12.</p>	

Reflexão

Comecei por pedir aos alunos que se pusessem de pé para cantar e, tal como no plano, entoei um motivo melódico para que os alunos ouvissem e memorizassem. Senti de imediato uma grande dificuldade em ouvi-los por cantarem com um volume muito baixo. Durante esta atividade foi notório que, apesar do motivo ser rítmica e melodicamente simples¹⁰, se demonstrou ser uma tarefa com um grau de dificuldade grande para estes alunos. Não estão de todo habituados a fazer transposições. Por conseguinte, foi necessário repetir por diversas vezes as transposições e, mesmo com

⁹ Por imitação e por leitura apontada. Alguns motivos por imitação serão entoados e dissociados com palmas a fim de criar proximidade com a dissociação.

¹⁰ Quando dei a primeira aula e me deparei com as dificuldades destes alunos, entendi que, numa próxima, teria de realizar motivos melódicos mais simples. No entanto, este motivo melódico precisava de ser ainda mais simplificado dada a resposta pouco pronta por parte dos alunos na transposição.

a insistência, foram poucas as vezes que consegui que entoassem de forma fluída com nome das notas.

Dei seguimento à segunda atividade e entoei sempre tudo antes para que ouvissem primeiro e para que depois me imitassem, fi-lo por ser uma turma que necessita muito deste tipo de trabalho. Dada a resposta lenta por parte dos alunos, a preparação para a atividade acabou por se alongar e muito. Consequentemente, os alunos começaram a demonstrar sinais de cansaço e algum aborrecimento, pois mantiveram-se o tempo todo de pé e devia ter-lhes solicitado para se sentarem. Além disso, na entoação das escalas e das ordenações, que entoaram sempre num andamento lento por sentirem dificuldade em debitar o nome das notas, poderia ter acompanhado harmonicamente com diferentes padrões rítmicos, a fim de ajudar a mudar a dinâmica da atividade. Aquando da entoação de motivos e da dissociação com palmas, os alunos demonstraram ter muitas dificuldades em fazê-lo, mas fui insistindo e repartindo em pequenas partes e aos poucos foram conseguindo melhorar.

Depois da preparação distribuí as partituras pelos alunos. Começou por se decifrar as notas na clave de fá e depois reproduzir o ritmo. Rapidamente cheguei à conclusão de que teria feito mais sentido começar pela leitura rítmica e depois realizar a descodificação das notas para seguir com a entoação das mesmas. Foi o que senti que teria feito mais sentido e que terei em conta no futuro. Como o tema começa em anacruse, pedi que imaginassem uma pausa de colcheia onde se situava o compasso 4/4, uma vez que esta questão suscita sempre algumas dúvidas entre os alunos. Depois de já bem entoada a linha melódica da clave de fá, pedi-lhes que, ao mesmo tempo que entoavam, marcassem colcheias com palmas. Infelizmente não me lembrei de lhes pedir para marcarem com a caneta como planeado. Os alunos realizaram com alguma dificuldade, mas da segunda vez já o fizeram com outra confiança e bem, não tendo sido necessário realizar outra abordagem. Depois pedi que marcassem as colcheias que apareciam e que cumprissem as pausas de colcheia. Acabaram por o conseguir fazer relativamente rápido, uma vez que já tinham feito motivos dissociados iguais durante a preparação.

O tema melódico era muito grave em termos de registo vocal para os alunos e poderia ter transposto para uma tonalidade mais confortável ou simplesmente pedir que cantassem o mi inicial uma oitava acima. No final conseguiram realizaram a dissociação num andamento mais rápido e comigo a duplicar no piano. Ainda ouviram o tema no *youtube* por sugestão da Professora Cooperante.

3.1.2.3. Aula de 8 de Março de 2021

FORMAÇÃO MUSICAL	
Aula 9 (7) Data: 8.03.2021	Sumário - Introdução à divisão irregular. - Leitura e entoação da canção “Vê o Girassol” do livro <i>Cantastórias</i> de Margaria Fonseca Santos.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Número de alunos: 4
Professor Cooperante: Anabela Albuquerque	Duração da aula: 45 minutos
Formação Musical - 3º grau	
Data: 8/03/2021	

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Entoar escala de dó maior e lá menor numa divisão irregular com nome de notas e com afinação	<ul style="list-style-type: none"> - Entoar escalas de dó maior e lá menor com nome de notas. - Reproduzir em sílaba neutra 7 colcheias e depois percutir com uma caneta as acentuações que serão a pulsação de uma divisão irregular - 2+2+3. - Marcar pulsação da divisão irregular e em audição interior reproduzir as colcheias. - Entoar escalas de dó maior e lá menor na divisão irregular 2+2+3 (dó dó, ré ré, mi mi mi, etc.). - Escrever possíveis compassos com 7 colcheias. <p style="text-align: right;">10 minutos</p>
Entoar/ler melodia da canção “Vê o girassol” com nome de notas e com números com sentido de pulsação e rigor rítmico e com	<ul style="list-style-type: none"> - Entoar diferentes motivos melódicos por imitação com números. - Entoar motivos melódicos em diferentes tonalidades e nome de notas. - Entoar graus da escala com números solicitados gestualmente pela professora.

acompanhamento harmónico	<ul style="list-style-type: none"> - Descodificar/ler nome de notas da canção “Vê o girassol”. - Ler/entoar pauta com números e com rigor rítmico. - Entoar melodia com números e com nome de notas com acompanhamento harmónico em versão performance¹¹. <p style="text-align: right;">35 minutos</p>
--------------------------	---

Recursos: Piano, partitura.

Repertório e material de apoio (em anexo): “Vê o girassol” do livro *Histórias de Cantar* de Margarida Fonseca Santos com arranjo de Francisco Cardoso.

Reflexão

Nesta sessão estiveram presentes três alunos, faltando um.

A aula deu-se início com a entoação das escalas de dó maior e de lá menor.

Os alunos reproduziram sem grandes dificuldades o ritmo em divisão irregular, mas quando tiveram de cantar a escala de dó maior e de lá menor com esse ritmo já sentiram mais dificuldade. Confesso que foi difícil corrigi-los nesta atividade, uma vez que cantavam com volume baixo e que se tornava difícil perceber o nome das notas entoados por eles. Ao longo da aula foi sempre um problema e pedi inúmeras vezes que cantassem com volume mais alto. Este fator suscitou que uma atividade curta, se tornasse numa atividade um pouco mais longa que o necessário.

Na preparação para a leitura, acabei por lhes solicitar a realização de pequenas transposições com apenas duas notas, uma vez que é algo que a turma necessita muito fazer (algo que referi que precisavam na reflexão anterior, daí ter insistido nesta matéria). A verdade é que teve um balanço bastante positivo, pois à medida que o foram fazendo foi-se tornando cada vez mais automático. No entanto, a preparação foi demasiado longa, não devia ter realizado tantos motivos para transpor, uma vez que o resultado final não consistia numa transposição, mas sim numa leitura melódica.

Após a preparação distribuí as partituras e perguntei em que tonalidade se encontrava a canção enquanto tocava o contexto harmónico. Um dos alunos respondeu que estava em fá maior e justificou dizendo que terminava na nota fá. A esta resposta referi que a canção terminava noutra sítio e não onde pensavam que terminava. Não antecipei esta situação pois deveria ter explicado previamente a organização da partitura. Depois de explicada a estrutura identificaram corretamente a tonalidade da canção.

Como o ritmo da canção é simples, pedi que me dissessem as notas, porém, tendo em conta que as notas são repetitivas, obrigatoriamente deveria ter-lhes pedido que

¹¹ Pelo menos até ao compasso 8, sendo a canção dividida por 3 secções: c.1-8; c. 9-16 e c. 17-24.

solfejassem as notas já com o ritmo. Depois foi solicitado que descodificassem os números (graus da escala) e que cantassem. Tiveram dificuldades em entoar com os graus da escala, mas fui ajudando-os gestualmente solicitando os números no momento e foram sendo capazes de os entoar. Insisti muito nos graus da escala porque é algo que não estão habituados e que ajuda e muito na leitura. Quando os graus da escala começam a ficar memorizados, cada sonoridade de cada função, mais automática fica a leitura.

Depois de já conseguirem cantar de início ao fim com números, quando lhes solicitei para cantar com nome de notas demonstraram um alívio e afirmaram que seria muito mais fácil. No final foram capazes de entoar a canção com acompanhamento harmónico de início ao fim.

3.2. Classe de Conjunto: identificação e caracterização da turma de Coro

De entre as várias classes de conjunto existentes no CRAH, apenas acompanhei a turma B, lecionada pela Professora Cooperante Ana Paula Pereira, à quarta-feira, no horário das 16h55-18h25.

O acompanhamento de classe de conjunto teve início no dia 23 de Setembro de 2020 e término com o concerto realizado a 15 de Março de 2021.

Na tabela abaixo temos a caracterização da turma de classe de conjunto: Coro.

Tabela 10 - Caracterização dos alunos da turma quanto à sua idade, voz, instrumento musical, curso/grau e experiência em cantar num coro

CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DE CLASSE DE CONJUNTO: CORO				
Aluno/idade	Naípe	Instrumento	Curso/grau	Primeira vez a cantar num coro?
Aluno 1 10 anos	Soprano	Clarinete	Supletivo/ 1º grau	Sim
Aluno 2 12 anos	Soprano	Saxofone alto	Supletivo/ 1º grau	Sim
Aluno 3 11 anos	Soprano	Piano	Supletivo/ 2º grau	Não
Aluno 4 11 anos	Soprano	Piano	Supletivo/ 3º grau	Não
Aluno 5 10 anos	Soprano	Acordeão	Supletivo/ 1º grau	Sim
Aluno 6 20 anos	Soprano	Canto	Livre por especialidade	Não
Aluno 7 13 anos	Baixo	Violino	Articulado/ 4º grau	Não
Aluno 8 43 anos	Baixo	Guitarra	Livre por modalidade/ 2º grau	Não
Aluno 9 12 anos	Baixo	Clarinete	Supletivo/ 1º grau	Sim
Aluno 10 47 anos	Contralto	Piano	Livre por modalidade/ 2º grau	Não
Aluno 11 14 anos	Contralto	Canto	Supletivo/ 5º grau	Não
Aluno 12 44 anos	Contralto	Guitarra	Livre por modalidade/ 2º grau	Sim
Aluno 13 34 anos	Contralto	Piano	Livre por modalidade/ 2º grau	Não
Aluno 14 30 anos	Baixo	Piano	Livre por modalidade/ 3º e 4º grau	Não
Aluno 15 46 anos	Baixo	Piano	Livre por modalidade/ 4º grau	Não

Aluno 16 64 anos	Baixo	Saxofone Tenor	Livre por modalidade/ 2º grau	Não
---------------------	-------	----------------	----------------------------------	-----

A turma em questão é constituída por 16 alunos: 6 sopranos, 4 contraltos e 6 baixos. Segundo a Professora Cooperante já há muitos anos que não têm naipe de tenores porque não têm aparecido vozes com esse registo vocal. Quanto à faixa etária, a turma é constituída, metade-metade, por adultos e por crianças. Portanto, entre os 20-64 anos de idade tínhamos cerca de 8 alunos e entre os 10-14 anos outros 8 alunos. A grande dificuldade desta turma era conseguir ter os elementos todos presentes e à hora certa de início da aula, nomeadamente eram os adultos a chegar atrasados devido aos seus horários de trabalho.

Em termos de aprendizagem de um instrumento musical tínhamos: 6 alunos em Piano, 2 em Clarinete, 2 em Guitarra, 2 em Canto, 1 em Saxofone Tenor, 1 em Saxofone Alto, 1 em Violino e 1 em Acordeão. A partir destes dados verificamos que só havia dois alunos a frequentar a disciplina de Canto. Segundo a Professora Cooperante, o usual é os alunos, quando passam a ter a opção de escolha entre Coro ou Orquestra, acabarem por optar pela Orquestra e abandonar o Coro. Esta situação não permite que haja um Coro mais sólido em termos de trabalho vocal.

Relativamente à frequência dos cursos temos: 7 em curso supletivo, 7 no curso livre por modalidade, 1 em curso livre por especialidade e 1 em curso articulado. Tendo em conta que o Conservatório está integrado numa escola de ensino regular, verifica-se que excepcionalmente, nesta turma de Coro, não há nenhum aluno a frequentar o curso integrado. Nos graus de ensino, tínhamos cerca de 4 alunos no 1º grau, 6 a frequentar o 2º grau, 1-2¹² a frequentar o 3º grau, 3-4 a frequentar o 4º grau e 1 a frequentar o 5º grau. Apenas 5 alunos estavam a cantar pela primeira vez num Coro.

¹² O segundo que frequenta o 3º grau está no curso livre por modalidade e está a frequentar disciplinas do 3º e 4º grau.

3.2.1. Síntese da Prática Pedagógica

Nesta secção apresenta-se a forma como a prática pedagógica foi organizada, bem como as rotinas e procedimentos levados a cabo na aula. Comecei por apenas fazer observação direta das aulas, tendo por vezes integrado o coro e fazendo assim uma observação participante.

Como a maioria (adultos), por norma, chegava mais tarde, a Prof. Ana Paula Pereira, a determinada altura, adotou a estratégia de iniciar a aula ensaiando os mais novos. Isto porque tinha mais turmas com alunos mais novos e que faziam outro tipo de repertório, normalmente repertório para uma só voz, e depois juntava as turmas todas nos concertos. Portanto, ocupava cerca de 20-25 minutos iniciais da aula, dando tempo aos restantes elementos de aparecer, e voltava a realizar o aquecimento vocal para o restante coro de forma a ensaiar outro repertório para duas ou três vozes.

Aquando da aprendizagem de novo repertório, a Prof. Ana Paula Pereira começava pela aprendizagem do texto, para perceber o seu significado e dizê-lo com a pronúncia correta. Quando se tratava de leitura à primeira vista, a Professora Cooperante cantava e tocava, sempre ao piano a linha melódica de cada naipe, enquanto os alunos cantavam logo com o texto. Depois juntava mais dois naves e, por fim, todos, vendo, na maior parte das vezes, de início ao fim. Durante os ensaios foi sempre notório alguma insegurança e timidez por parte do coro em cantar, particularmente os sopranos por serem constituídos maioritariamente por crianças.

Quando o repertório começava a ficar mais consolidado, a Professora Cooperante, na segunda parte da aula (cerca de 45 minutos depois do início da aula), pedia à pianista acompanhadora para aparecer e ajudar a ensaiar o coro. Nos concertos o coro foi sempre acompanhado pelo piano.

O cronograma abaixo apresenta as aulas ministradas ao longo do ano letivo 2020-2021, sendo as assinaladas a verde aquelas em que tive intervenção ativa.

Tabela 11 - Cronograma das aulas de Coro ao longo do ano letivo escolar de 2020-2021

Mês	Dia				Total
Setembro	23	30			2
Outubro	7	14	28		3
Novembro	4	11	18		3
Janeiro	6	13	20	27	4
Fevereiro	3	10	24		3
Março	3	10	15		3
Total de aulas					18

3.2.1.1. Aula de 6 de Janeiro de 2021

CORO	
<p>Aula 9 Data: 6.01.2021</p>	<p>Sumário</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aquecimento vocal. - Audição e aprendizagem da peça musical “Give us hope” de Jim Papoulis até à página 4. - Aprendizagem e audição das peças “O gato com tosse”, “Pia o mocho” e “A foca equilibrista”, do ciclo Cinco Cantigas de Bichos de Sérgio Azevedo.

Observação

Esta sessão começou com exercícios de ativação com consoantes como “f”, “s” e “x”. Fez-se inspirações e expirações e variados vocalizos.

Primeiro vocalizo



- Entoaram com vogal “mi”. Nas pausas de semínima expiravam e inspiravam. Forma de trabalhar o apoio respiratório.

Segundo vocalizo



- Entoaram com vogal “a”.

- Outro vocalizo foi realizado por graus conjuntos do 1º ao 5º grau em vogais “a”, “o” e “i”, realizando uma respiração entre cada, lembrando o bocejo para ajudar a abrir o espaço. Depois entoaram com “u-i”.

Terminado o aquecimento, a Professora Cooperante reproduziu a peça “Give us hope” de Jim Papoulis, para que os alunos ouvissem primeiro.

- “Give us hope”, Jim Papoulis:

- Foi feita recitação por imitação do texto.
- Começou por ver a melodia dos contraltos e de seguida a dos sopranos num andamento rápido e sem marcação da pulsação, o que levou a uma falta de rigor rítmico, tornando difícil para as alunas acompanhar. Foi vista a melodia até à página 3, sem paragens.
 - Resolve juntar os baixos, depois de ver apenas uma vez a linha dos sopranos.
 - No entanto, desiste rápido da ideia e volta aos sopranos e contraltos.

- Vê então a linha dos baixos e canta com eles.
- Junta as vozes todas até à página nº 3.

- Cinco Cantigas de Bichos de Sérgio Azevedo:

- Foram distribuídas as partituras das peças “O gato com tosse”, “Pia o mocho” e “A foca equilibrista” aos alunos mais novos - recitação do texto por imitação.
 - “O gato com tosse”: esta canção foi vista por três vezes, de início ao fim, com a professora a tocar a melodia no piano e a canta-la.
 - “Pia o mocho”: recitação do texto por imitação e foi vista várias vezes de início ao fim.
 - “A foca equilibrista”: recitação do texto por imitação, sem ritmo. Foi vista num andamento muito rápido.

No final reproduziu as cantigas no *youtube* para que os alunos pudessem ouvir.

3.2.1.2. Aula de 27 de Janeiro de 2021

CORO	
Aula 12 Data: 27.01.2021	Sumário - Aquecimento vocal. - Aprendizagem das canções “Ó amendoeira”, “Ó ladrão que te vais embora”, “Akanamandla” e “Pastime with good company”.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Número de alunos: 16
Professor Cooperante: Ana Paula Pereira	Duração da aula: 90 minutos
Coro Geral	
Data: 27/01/2021	

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Aquecimento – preparação vocal	
Preparar o corpo para o trabalho vocal adquirindo uma postura corporal correta	– Realizar alongamentos (bocejar, rodar pescoço, espreguiçar): <ul style="list-style-type: none"> • Deixar o tronco pender para a frente-baixo, expirando ao mesmo tempo. Subir e inspirar lentamente e a cabeça é a última a subir; • Rodar ombros (abrir peito): inspirar e encolher ombros para a frente – regressa ao normal expirando ao mesmo tempo – inspirar e abrir peito – regressa ao normal expirando ao mesmo tempo; • Expirar ao mesmo tempo que os joelhos cedem para baixo (género de mola) e ficar em mola para desbloquear os joelhos (tornar flexíveis). <p style="text-align: right;">3 minutos</p>
Ativar e controlar a pressão da expiração	- Expirar 8 vezes em “Ss”, depois 2 em 2 em 8 tempos, 4 em 4 em 8 tempos e expirar durante os 8 tempos (ar tem de ser contínuo). Fazer o mesmo em “Ch” e “Ff”.

	1 minuto
Adquirir ressonâncias faciais	1 - Vocalizar 53✓52✓51 em “Hmm” Nota: Olhos fechados e rodar ombro esquerdo, direito e os dois. Exercício de relaxamento. 1 minuto
Desenvolver fluxo expiratório contínuo	- Vocalizar 12321 em “v” e depois em “vi”. 1 minuto
Vocalizar conforme a especificidade do exercício	1 - Vocalizar 123454321 começando em “zi”, “ó” no 3 e “á” no 5 (exercício a subir) 2 - Vocalizar 5 3 1 em <i>staccato</i> em “Bing bing boing” (exercício a descer, em complemento do anterior) 3 - Vocalizar 54321 em “dume” 4 - Vocalizar 1353135313531 em “i”, “á” e “u” em <i>staccato</i> 7 minutos
Ensaio/Atividades de parte da aula	
Aprender a canção “Ó amendoeira”	1 - Leitura melódica da secção dos baixos, depois dos contraltos e, por fim, dos sopranos até ao compasso 9 (dividido em duas secções: c. 1-5; c. 5-9) com o texto da canção (“dum” e dumedum”). 2 - Trabalho de dicção e respirações. 3 - Trabalhar frase melódica: dinâmicas e acentuações. 4 - Juntar naipes. 24 minutos
Aprender a canção “Ó ladrão que te vais embora”	1 - Marcar pulsação e recitar texto ritmicamente (sem entoação melódica) com dinâmicas e acentuações. 2 - Ouvir melodia tocada ao piano. 3 - Leitura melódica da secção dos sopranos e contraltos. 4 - Adicionar texto + trabalho de dicção e respirações. 5 - Trabalhar frase melódica. 6 - Leitura melódica da secção dos baixos com texto: trabalho de dicção e respirações. 7 - Trabalhar frase melódica 8 - Juntar naipes. Nota: Será feita uma análise da partitura (estrutura, barras de repetições, acentuações, dinâmicas) 15 minutos
Aprender a canção “Akanamandla”	1 - Ouvir a linha melódica entoada e reproduzir por imitação e acumulação: a começar pelos baixos, depois tenores, contraltos e sopranos. 2 - Trabalhar frase melódica. 13 minutos

<p>Aprender a canção “Pastime with good company”</p>	<p>1 – Recitar texto por secções até ao compasso 8. 2 – Marcar pulsação e recitar texto ritmicamente (sem entoação melódica). 3 - Leitura melódica da secção dos contraltos-sopranos-baixos. 4 – Adicionar 2º texto + trabalho de dicção e respirações. 5 – Trabalhar frase melódica. 25 minutos</p>
--	---

ANEXO

Nota: Para cada canção será realizado um enquadramento histórico, geográfico, tradução, entre outros aspetos relevantes.

Na canção “Akanamandla” o naipe dos baixos será dividido em dois grupos para que haja o naipe dos tenores.

Na aprendizagem da canção “Pastime with good company” será feito um trabalho por secções até ao compasso 8, secções definidas pelas pausas, ou seja, o objetivo será juntar os naires sempre em cada secção.

Recursos: Piano, estante, partituras, diapasão, quadro branco.

Repertório e material de apoio:

- “Ó amendoeira”, Canção Popular de Montalegre, arranjo de Siegfried Strohbach (1972).
- “Ó ladrão que te vais embora”, tradicional portuguesa, arranjo de Pedro Limpo.
- “Akanamandla”, música tradicional africana.
- “Pastime with good company”, Henrique VIII, rei de Inglaterra (1491-1547).

Reflexão

Esta sessão foi inteiramente lecionada por mim e teve como orientação a planificação por mim elaborada, tendo ainda me sido dada liberdade pela Professora Cooperante de escolher o repertório a ensinar à turma.

Como não foi possível começar na hora, devido à distribuição de partituras e do atraso de alguns alunos, optei por não realizar todos os vocalizos programados. A Professora Cooperante alertou para o facto de ter começado os alongamentos sem que todos estivessem preparados, pois alguns ainda estavam a arrumar as partituras na capa. Para além disso, alertou que nem sempre me conseguia fazer ouvir e aconselhou a usar da palavra com projeção de voz, a isto se deveu também ao uso da máscara devido à pandemia.

Durante o aquecimento vocal senti uma grande dificuldade em ouvir o coro, o fator máscaras acaba por ser um impedimento auditivo e visual (não ver as bocas), para além de ser um coro que é muito inseguro e tímido. Um dos vocalizos que funcionou muito bem com o coro foi “Bing, bing, boing”, ajudou a libertar o som/voz, sendo uma aposta forte para se realizar na próxima sessão. O que a Professora Cooperante aconselhou a não utilizar foi o vocalizo em “Hmm” por haver vários alunos com excesso de nasalidade na voz - podendo potencializar ainda mais o seu nasalamento. Para além disso, a Professora Cooperante assinalou que na técnica vocal devo insistir mais em assegurar e intervir para que os contornos melódicos sejam precisos, como a afinação e articulação. Também devo certificar que todos os baixos entoam na oitava desejada e que executam com envolvimento físico através de demonstrações.

Nesta sessão só estiveram presentes três de seis baixos e dois de quatro contraltos.

Na aprendizagem da canção “Ó amendoeira” juntei muito cedo os três naipes. Como a linha dos baixos não é tão óbvia não os devia ter juntado tão prematuramente. Por isso, na próxima sessão, tendo em conta a forma das linhas vocais da peça, irei introduzir a harmonia gradualmente: juntar primeiro as vozes femininas que cantam em terceiras, e, quando seguras, juntar os baixos com o apoio do piano. Esta indicação também foi dada pela Professora Cooperante.

Na aprendizagem da canção “Ó ladrão que te vais embora” também juntei os naipes cedo demais, subestimei a aparente simplicidade da canção por ser repetitiva. Terei de insistir um pouco mais no trabalho individual e foi aconselhado pela Professora Cooperante corrigir a precisão dos baixos e assegurar que todos os naipes cantam com correção e somente depois juntar as vozes.

Para a aprendizagem da canção “Akanamandla” tinha planeado escrever o texto no quadro branco, o que não aconteceu por não o ter trazido para a sala. Esta foi a canção que menos bem ficou consolidada porque saltei passos. Deveria ter escrito o texto no quadro, como programado, para que tivessem o tal apoio visual idealizado. Outro passo importante, que não foi discriminado no plano, e que impreterivelmente deveria ter sido feito, era recitar o texto da canção com o ritmo e só depois entoar. Basicamente o coro acabou por se sentir exposto, desconfortável e desamparado porque não sentiram que estavam a ser bem encaminhados. Por notar este erro não insisti, para que na próxima sessão aborde de forma correta e assim retifique a aprendizagem da canção.

Por fim, a aprendizagem da canção “Pastime time with good company” foi a que melhor correu. Já não juntei os naipes porque fui percebendo que era um erro fazê-lo por ser muito prematuro. Nesta canção tenho de assegurar que os baixos entoam na oitava desejada, pois estavam a entoar uma oitava abaixo – a Professora Cooperante alertou para esta situação. Nas correções, tenho de evitar voltar ao início das frases e focar mais na repetição de intervalos a corrigir e ir juntando as notas periféricas.

No final da aula, alerta dado pela Professora Cooperante, não posso permitir que, enquanto ainda trabalho um naipe, os colegas (crianças) estejam a fazer ruídos de fundo ao guardar o material nas mochilas.

Durante o ensaio senti muita dificuldade em ouvir o coro, sendo esta uma característica do mesmo ao longo de todas as aulas que tenho vindo a observar, facto também de não estarem habituados a cantar à capela. Fui cantando para que os alunos me imitassem e mesmo assim mal os ouvia - com as máscaras fica ainda mais difícil. Na próxima sessão não será prudente ambicionar ensinar todas as canções, erro crasso desta sessão. Deverei focar-me apenas em duas e consolida-las.

3.2.1.3. Aula de 3 de Fevereiro de 2021

CORO	
Aula 13 Data: 3.02.2021	Sumário - Aquecimento vocal realizado com atividades dinâmicas. - Continuação da aprendizagem das canções “Ó ladrão que te vais embora”, “Akanamandla” e “Pastime with good company”.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Número de alunos: 16
Professor Cooperante: Ana Paula Pereira	Duração da aula: 70 minutos
Coro Geral	
Data: 03/02/2021	

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Aquecimento – preparação corporal e vocal	
Aprender canção “Sing!” - Desenvolver dinâmica de grupo, desenvoltura e coordenação	1 – Formar uma roda em meia-lua ¹³ , marcar pulsação nas pernas ¹⁴ e reproduzir ritmos verbalmente por imitação ¹⁵ 2 – Continuar a marcar pulsação com duração de 4 tempos e reproduzir por imitação motivos com “s”, “x” e “f” e sílabas neutras (vogais, lembrando vocalizos) e passando ainda por glissandos 3 – Aprender, frase a frase, ritmo com texto da canção “Sing!”, marcando sempre a pulsação nas pernas

¹³ Para que os alunos possam ter contacto visual uns com os outros e comigo, a fim de criar alguma dinâmica de grupo.

¹⁴ Como preparação, vão contar até 4 em voz alta, depois em audição interior e verbalizam apenas o 1 – exercício para trabalhar o sentido de pulsação coletivo, pois terão de dizer o 1 exatamente ao mesmo tempo.

¹⁵ Será dada a oportunidade de cada elemento improvisar um ritmo para o restante coro reproduzir por imitação.

	<p>4 - Aprender melodia com texto, frase a frase e com acompanhamento harmónico, depois de ouvirem uma primeira vez entoada e acompanhada harmonicamente</p> <p>5 - Reproduzir estalos no contratempo (2 e 4)</p> <p>6 - Dividir em dois grupos, uns cantam e os outros reproduzem estalos no contratempo (2 e 4) e vice-versa</p> <p>7 - Entoar canção e reproduzir estalos no contratempo (2 e 4)</p> <p style="text-align: right;">28 minutos</p>
Vocalizar conforme a especificidade do exercício	<p>- Vocalizar a introdução da canção “Ó ladrão que te vais embora” com “zu” e depois com o texto.</p> <p style="text-align: right;">2 minutos</p>
Ensaio/Atividades de parte da aula	
Aprender a canção “Ó ladrão que te vais embora”	<p>1 - Reproduzir melodia da voz 1 (sopranos + contraltos) da frase A com acompanhamento harmónico e dinâmicas¹⁶</p> <p>2 - Reproduzir melodia da voz 2 (baixos) da frase A com acompanhamento harmónico e dinâmicas</p> <p>3 - Juntar naipes</p> <p>4 - Reproduzir melodia da voz 1 (sopranos + contraltos) da frase B com acompanhamento harmónico e dinâmicas</p> <p>5 - Reproduzir melodia da voz 2 (baixos) da frase B com acompanhamento harmónico e dinâmicas</p> <p>6 - Juntar naipes.</p> <p style="text-align: right;">20 minutos</p>
Aprender a canção “Akanamandla”	<p>1 - Reproduzir texto com ritmo por imitação (baixos + contraltos / sopranos)</p> <p>2 - Juntar naipes</p> <p>3 - Reproduzir melodia por imitação: baixos - contraltos - sopranos</p> <p>4 - Juntar naipes</p> <p style="text-align: right;">20 minutos</p>

ANEXO

Nota: Na canção “Sing!” e “Akanamandla” será escrito no quadro o texto das mesmas para que o coro tenha um apoio visual e ajude melhor à aprendizagem das canções.

Na canção “Akanamandla” não será realizada a melodia dos tenores.

Recursos: Piano, estante, partituras, diapasão, quadro branco.

Repertório e material de apoio:

¹⁶ Se necessário reproduzir antes texto com ritmo, sem entoação.

- “Sing!”, anónimo.
- “Ó ladrão que te vais embora”, tradicional portuguesa, arranjo de Pedro Limpo.
- “Akanamandla”, música tradicional africana.

Reflexão

Esta sessão foi, mais uma vez, lecionada inteiramente por mim. Inicialmente optei por um aquecimento vocal com atividades dinâmicas, algumas até baseadas em aquecimentos de percussão corporal. Durante as observações e após a experiência da aula passada, esta ideia surgiu porque o coro é relativamente inerte e para cantar é necessário energia. Como o coro revela alguma inibição em cantar, surgiu a ideia de usar o excerto da melodia “Sing!” que é bastante simples de se aprender e repetitiva. Dessa forma foi possível trabalhar o som do coro com algo que lhes foi considerado um momento de descontração e prazeroso. Esta atividade suscitou o objetivo pretendido.

Comecei por trabalhar a voz 1 (sopranos e contraltos) da canção “Ó ladrão que te vais embora” até ao compasso 8, porém, os contraltos não ouviram a referir que faziam parte da voz 1. Devido ao uso das máscaras não notei de imediato que não estavam a cantar e, quando percebido, juntaram-se a cantar juntamente com os sopranos. De seguida vi com os baixos a voz 2 e pedi-lhes dinâmica em *piano* e acentuações. Na voz 1 descuidei um pouco o trabalho das dinâmicas, pois fui sentido uma maior preocupação em perceber se tinham conseguido memorizar a melodia e texto uma vez que solicitei ao coro que não olhasse para as partituras e que só olhasse para o texto que havia escrito no quadro branco. Quando juntei as duas vozes pedi gestualmente as dinâmicas, que foram realizadas, e expliquei-lhes que no *forte* seria uma espécie de grito e no *piano* o eco desse grito.

Continuei com a voz 1, cantei para que ouvissem e me imitassem até memorizarem. Depois trabalhei a voz 2 e fiz o mesmo processo, tendo sido necessário insistir mais por não ser tão intuitivo. Foram dadas várias indicações técnicas para melhorar o som, nomeadamente na afinação na palavra “mim”. Foi feita uma revisão dessa parte com a voz 1, novamente da voz 2 e depois juntou-se as duas vozes e foram trabalhadas essencialmente dinâmicas. Após este trabalho de insistência foi notório um som diferente e outra confiança por parte do coro a cantar a canção “Ó ladrão que te vais embora”, porém ainda há trabalho a consolidar.

Na canção “Akanamandla”, já com o texto da canção escrito no quadro, recitei para que o coro imitasse, depois recitei o mesmo mas com o ritmo do texto e com a marcação da pulsação. Este trabalho inicial tornou-se fundamental, pois na aula anterior a abordagem à canção, tal como foi referido, não foi a melhor devido à inexistência do apoio visual do texto e desta preparação de recitação.

Cantei a linha dos contraltos e estes cantaram por imitação até memorizarem, porém verificou-se e ouviu-se que ainda se lembravam do tema (quem esteve na aula

passada). Fiz o mesmo com os baixos e, automaticamente, ao ouvi-los pedi para não pesarem nas notas graves e pensarem em leveza. Efetivamente esta indicação suscitou efeito. De seguida fiz o mesmo com os sopranos, mas foi necessário o dobro do tempo para que começasse a soar qualquer coisa, pois é o naipe constituído maioritariamente por crianças que apresenta mais insegurança. Por vezes, e tenho plena consciência disso, não ajudei nas entradas em contratempo e admitia ao naipe quando acontecia, pedindo para repetir e fui sempre tentando cuidar e melhorar para que lhes fosse mais perceptível. Após várias repetições, o som do naipe melhorou em termos de confiança e foram capazes de repetir várias vezes sem que estivesse sempre a cantar para os ajudar. O som do naipe ainda precisa de melhorar e com o tempo julgo que isso sucederá.

Foram lembradas novamente as melodias dos contraltos (tendo, nesta etapa, aparecido um contralto atrasado para a aula) e baixos. Juntei as três vozes e desta vez foi possível ouvir-se um resultado final seguro. Na semana passada tal não aconteceu devido à má preparação e ao juntar prematuramente as três vozes.

Como a Professora Cooperante disse não precisar do restante tempo de aula, acabei por ver ainda com o coro a canção “Pastime with good company” (já não fazia parte do plano). Comecei por ver a linha dos baixos: recitação do texto por imitação e com ritmo e pulsação (tendo insistido muito nesta parte, mesmo em termos de dicção) e depois com melodia, tendo lembrado para não pesarem nos graves.

Depois trabalhei a linha melódica dos sopranos. Voltei a ver a recitação, da qual na verdade poderia ter visto já anteriormente com todos os naipes, mas como o ritmo difere dos baixos, essa parte já não poderia ver junto. Foi possível ver a linha dos sopranos e baixos da primeira parte toda, mas já não houve tempo para ver a dos contraltos. É de assinalar que foi possível ouvir os sopranos a cantar a primeira parte de início ao fim. Por exemplo, com os baixos não foi possível ver, sem paragens, de início ao fim, ora porque se enganavam no ritmo, ora porque não estavam a entoar bem a melodia.

A Professora Cooperante, no final da sessão, referiu que os baixos não tinham consolidado bem a passagem da 1ª para a 2ª parte, o que me fez inteiramente sentido e que verei da próxima vez.

3.2.1.4. Aula de 10 de Fevereiro de 2021

CORO	
Aula 14 Data: 10.02.2021	Sumário - Aquecimento vocal realizado com atividades dinâmicas. - Continuação da aprendizagem das canções “Ó amendoeira”, “Pastime with good company”, “Ó ladrão que te vais embora” e “Akanamandla”. - Revisão das Cantigas de Bichos de Sérgio Azevedo e de “Give us hope” de Jim Papoulis.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Número de alunos: 16
Professor Cooperante: Ana Paula Pereira	Duração da aula: 55 minutos
Coro Geral	
Data: 10/02/2021	

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Aquecimento - preparação corporal e vocal	
Preparar o corpo para o trabalho vocal Ativar e controlar a pressão da expiração Adquirir ressonâncias	1 - Realizar alongamentos 2 - Percutir ritmos com diferentes partes do corpo por imitação 3 - Abanar/ativar cada braço e perna em contagem até 5 e depois até 4 4 - Ativar pélvis com ritmos verbalizados em consoantes “s”, “x” e “f” ¹⁷ e com ressonância a partir da reprodução do som de “cachorrinho” a chorar 5 - Reproduzir glissandos com vogais a subir e a descer por imitação <p style="text-align: right;">10 minutos</p>

¹⁷ Neste exercício será pedido aos alunos para pegarem nas suas capas de coro e colocar na barriga de forma a sentirem o movimento da barriga contra a capa.

Para o aquecimento vocal tentei manter a mesma ideia de dinâmica, desta vez através da alusão a imagens (abelhas entram dentro da sala de aula, apanham uma e fazem o som de abelha do agudo, médio aos graves, entre outras ideias que foram implementadas). Não foi possível realizar o último aquecimento vocal que tinha programado e que teria dado outra dinâmica, semelhante à da canção “Sing!”. Deveria ter colocado em segundo lugar.

A Professora Cooperante desaconselhou mais uma vez o uso de vocalizos com a vogal “m” devido ao já detetado nasalamento por parte de vários alunos. Além disso, aconselhou à repetição regular dos vocalizos de forma a consolidar os objetivos dos mesmos e a possibilitar que o corpo e mente passem a realizar com destreza, facilitando assim a memorização para o trabalho autónomo dos alunos.

Tal como planificado, iniciei o trabalho da canção “Ó amendoeira” com os contraltos e depois com os sopranos (sempre mais tímidos, com volume baixo e inseguros - é necessário sempre mais tempo de trabalho com este naipe). Fui dando indicações em termos de som, de respirações, de ritmo e de dicção que foram suscitando o efeito pretendido. Depois juntei os dois naires, mas a parte final não ficou bem consolidada ainda. Esqueceu referir no plano de aula de que a canção seria trabalhada desde o compasso 1 até ao primeiro tempo do compasso 9.

De seguida trabalhei a linha dos baixos e insisti muito no som, para não pesarem nas notas e realizarem bem os *staccatos*. Também insisti nos saltos intervalares, pedindo mesmo que parassem em determinadas notas e que as prolongassem, a fim de memorizarem o som pretendido. Não juntei os naires, por ainda ser prematuro.

A Professora Cooperante alertou para o acompanhamento do piano não facilitar o domínio da partitura nos baixos e de facto não ajudou. A harmonização realizada estava mais adequada aos contraltos e sopranos. Para os baixos o acompanhamento só atrapalhou e faltou ter essa perceção no momento e perceber que seria melhor simplesmente duplicar a melodia dos mesmos.

O plano de aula não foi cumprido, ao que a Professora Cooperante justificou dever-se ao excesso de repertório escolhido. Devido à pandemia, a Professora Cooperante alertou para que não permitisse aos alunos partilharem as estantes.

Observação

A Professora Cooperante deu continuidade à sessão e, como dará teste na semana seguinte, fez revisão do repertório.

- “O gato de ninguém” de Sérgio Azevedo:

- Viram de início ao fim por duas vezes, e da segunda vez indica que estão a arrastar determinada frase musical e pede-lhes com energia.

- “Pia o mocho” de Sérgio Azevedo:

- É solicitado a uma das alunas (de Canto) a não cantar, a fim de se ouvir os restantes. Exemplifica, cantando “pia, pia” com *staccato* e com o som direcionado. A cantiga é vista duas vezes de início ao fim com algumas paragens para trabalhar ritmo e texto. Pede à aluna de Canto que volte a cantar.
- “A foca equilibrista” de Sérgio Azevedo:
- Indica que são nove tempos antes da entrada e conta em voz alta, enquanto toca ao piano, e entram sem hesitações. São feitas paragens para dar indicações de ritmo e de texto. Volta ao início e pede as acentuações, dinâmica de “zangada”.
- “Give us hope” de Jim Papoulis:
- Começou por ver a linha dos baixos e depois todos juntos. Deu indicações de dicção (“cortar” uma palavra por ter pausa logo a seguir), de dinâmicas e, no final da peça, há palmas e que a professora solicitou para as fazerem. No entanto, o coro estava com as capas nas mãos o que atrapalhou à realização desta tarefa.

Para a aula seguinte a professora solicita que as músicas estejam de cor para o teste (de preferência). Na passagem para a letra D começa a notar-se dificuldades no ritmo por haver muitos contratempos, mas essa parte não é resolvida. Vê a parte dos baixos e repete a letra D com todo o coro.

3.2.1.5. Aula de 3 de Março de 2021

CORO	
Aula 16 Data: 3.03.2021	Sumário - Aquecimento vocal. - Ensaio das canções “Ó ladrão que te vais embora” e “Akanamandla”. - Ensaio com a pianista da peça “Give us hope” de Jim Papoulis e das Cantigas de Bichos de Sérgio Azevedo. - Continuação da aprendizagem da peça “Casta diva” da ópera Norma do compositor Bellini.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel Professor Orientador (ESART): José Raimundo Professor Cooperante: Ana Paula Pereira Coro Geral Data: 03/03/2021	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba Número de alunos: 16 Duração da aula: 45 minutos
---	--

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Aquecimento - preparação corporal e vocal	
Preparar o corpo para o trabalho vocal Ativar e controlar a pressão da expiração	1 - Realizar alongamentos (inspirar e expirar) 2 - Ativar pélvis com consoantes “s”, “x” e “f” <div style="text-align: right;">5 minutos</div>
Vocalizar conforme a especificidade do exercício	1 - Vocalizar 12321 em “zi” 2 - Vocalizar 123454321 em “nhi-ó-i” ascendentemente 3 - Vocalizar 531 em “bing bing boing” descendentemente 4 - Vocalizar 132435421 em “nhi-u-á-u-i” 5 - Vocalizar numa mesma nota sílabas “zi” (imaginar um fio a ser puxado sobre a cabeça), “zé” (com indicadores nos cantos da boca a ajudar a criar beicinho), “zá” (dedo indicador ajuda a puxar o queixo para baixo), “zó” (desenhar um círculo com o dedo em frente à boca) e “zu” (puxar um fio da boca). Nota: Neste exercício os três naipes em conjunto entoam um acorde maior: 1 - baixos; 3 - contraltos; 5 - sopranos. <div style="text-align: right;">10 minutos</div>

Ensaio/Atividades de parte da aula	
Rever canção “Ó ladrão que te vais embora”	1 – Ver melodia das vozes em separado 2 – Resolver problemas em passagens inseguras 3 – Trabalhar dinâmicas, articulações e dicção 4 – Juntar naipes 15 minutos
Rever canção “Akanamandla”	1 – Tomar conhecimento do texto da canção e da sua temática 2 - Ver melodia das vozes em separado 3 - Resolver problemas em passagens inseguras 4 – Aprender textos 2 e 3 5 - Trabalhar dinâmicas, articulações, dicção e afinação 6 – Juntar naipes 15 minutos

ANEXO

Nota: Na canção “Akanamandla” será escrito no quadro os outros dois textos para que o coro tenha um apoio visual e ajude a uma melhor aprendizagem da canção.

Recursos: Piano, estante, partituras, diapasão, quadro branco.

Repertório e material de apoio:

- “Ó ladrão que te vais embora”, tradicional portuguesa, arranjo de Pedro Limpo.
- “Akanamandla”, música tradicional africana.

Reflexão

Como os casos de Covid-19 melhoraram na ilha Terceira, decidiu-se realizar uma audição no dia 15 de Março. Por conseguinte, optou-se por escolher apenas duas das quatro canções escolhidas, sendo a canção “Ó ladrão que te vais embora” e “Akanamandla” as mais bem preparadas e que foram vistas de início ao fim, contrariamente às outras duas por serem mais longas.

Ao longo das sessões, durante o aquecimento vocal e particularmente nesta sessão, foi notável uma evolução, da minha parte, em termos de conseguir ouvir o som do coro e de dar *feedback* no momento para que melhorassem o som. O exercício vocal final planeado foi posto finalmente em prática, tendo suscitado um som muito bonito por parte do coro.

Comecei por trabalhar a linha dos baixos da canção “Ó ladrão que te vais embora”. Insisti a partir da anacruse para o compasso 9 para trabalhar as passagens inseguras, dinâmicas e nomeadamente acentuações e dicção “que te vais embora” – correção de vais “xembora” para “zembora”. Fiz uso do diapasão para dar as notas iniciais e maioritariamente da direção a fim de se familiarizarem ainda mais com o meu gesto, pois terão de cantar à *capella* no dia do concerto.

Quando juntei os naipes senti uma grande dificuldade em conseguir as dinâmicas que pretendia. Em parte julgo que também ainda não esteja a conseguir ser convincente com o meu gesto, mas vou continuar a praticar e ensaiar em casa para que melhore cada vez mais e consiga eventualmente o resultado pretendido.

Na canção “Akanamandla” comecei por ver a linha melódica dos sopranos por ser o naipe que mais me preocupa por tender a atrasar, mas nesta sessão não atrasaram tanto como aconteceu na aula anterior. Depois dei-lhes a conhecer o significado do texto da canção “Akanamandla” que deverá ser cantada com muita alegria e para espantar o Santanás, tendo comparado com o vírus Covid a fim de sentirem uma ligação com a realidade que, infelizmente, estamos a viver.

Dei a indicação aos baixos para cantarem, quando introduzem o tema, em *staccato* e *piano*. Quando os contraltos se juntaram, mal dava para os ouvir, tendo alertado os baixos para essa situação e pedido que cantassem com um volume que ajudasse a ouvir os contraltos. Após este alerta, os baixos fizeram de imediato o que havia pedido. Foi possível juntar as três vozes, sem que os sopranos atrasassem e introduzi os outros dois novos textos.

Ainda há muito a trabalhar. Na canção “Ó ladrão que te vais embora” preciso de trabalhar muito mais as dinâmicas, acentuações e som do coro, o que ajudará a resolver com a evolução da minha direção através de trabalho em casa. Na canção “Akanamandla” continuo a sentir algum *stress* com a entrada dos sopranos, mas já melhorou. Para além disso, tenho de trabalhar e tornar automático as entradas em contratempo dos restantes naipes tentando ser mais assertiva e mais perceptível no que quero.

Observação

A professora cooperante pede para se alinharem e assumirem uma postura correta. Ensaiam “Give us hope” com a professora a dirigir e a cantar com os sopranos. A determinada altura, para de dirigir e diz que não o consegue fazer cantando ao mesmo tempo porque se distrai e dá continuidade ao ensaio.

É feita uma revisão às Cantigas de bichos e trabalha as dinâmicas, texto, tempo. Vistas as peças com a pianista, esta sai e ensaiam “Casta diva”. A professora diz o texto em voz alta e como refere que a linha dos sopranos e contraltos é fácil por ser em terceiras, avança e trabalha a linha dos baixos. Vai sempre havendo algum burburinho porque o coro já acusa algum cansaço. Depois cantam os naipes todos, notando-se alguma dificuldade por parte do coro.

3.2.1.6. Aula de 15 de Março de 2021

CORO	
Aula 18 Data: 15.03.2021	Sumário - Concerto.

Planificação

Nome do Mestrando: Filipa Pimentel	Local: Escola Básica e Secundária Tomás de Borba
Professor Orientador (ESART): José Raimundo	Número de alunos: 16
Professor Cooperante: Ana Paula Pereira	Duração da aula: 20-25 minutos
Coro Geral	
Data: 15/03/2021	

Plano de aula

Objetivos (Alunos deverão ser capazes de)	Atividades/Estratégias
Aquecimento - preparação corporal e vocal	
Preparar o corpo para o trabalho vocal Ativar e controlar a pressão da expiração	1 - Realizar alongamentos (inspirar e expirar) 2 - Ativar pélvis com consoantes "s", "x" e "f" 5 minutos
Vocalizar conforme a especificidade do exercício	1 - Vocalizar 12321 em "zi" ascendentemente 2 - Vocalizar 531 em "bing bing boing" descendentemente 3 - Vocalizar 132435421 em "zi-u-á-u-i" 4 - Vocalizar em 54321 em "shoe". 5 minutos
Revisão breve das peças para o concerto	
Ensaïar canção "Akanamandla"	1 - Relembrar a temática da canção - significado das palavras - e os três textos. 2 - Praticar a entrada dos baixos dando-lhes a entrada. 3 - Relembrar ordem estipulada para o concerto: (texto 1: Baixos uma vez sozinhos, Baixos + Contraltos repetem duas vezes; B + C + Sopranos duas vezes. Texto 2: todos cantam duas vezes. Texto 3: duas vezes e termina). 5 minutos
Ensaïar canção "Ó ladrão que te vais embora"	1 - Rever a voz 2 na passagem do compasso 9 para o 10. 2 - Rever dinâmicas, articulações, dicção e afinação, nomeadamente "... vais embora" (relembrar que é um "z" e não "x"). 3 - Rever entrada dos baixos e toda a canção. 5 minutos

ANEXO

Recursos: diapasão.

Repertório e material de apoio:

- “Akanamandla”, música tradicional africana.
- “Ó ladrão que te vais embora”, tradicional portuguesa, arranjo de Pedro Limpo.

Reflexão

O Concerto decorreu numa segunda-feira e fora do horário de coro. Muitos dos alunos tinham aulas e foram aparecendo quando as terminavam, por isso o coro ficou de se apresentar no final da audição dos alunos de Canto e de Instrumento.

Esta situação não foi a ideal porque não deu para rever com calma as duas canções em palco. O aquecimento vocal foi feito nos camarins à porta fechada a fim de se evitar ouvir em palco. Fiz uma revisão verbal das canções e cantaram pequenas partes para relembrar, sobretudo as que costumam dar alguma dificuldade.

A canção “Akanamandla” não correu tão bem devido aos novos textos, também não ajudei porque me esqueci, como combinado, de indicar gestualmente que era o texto nº 2. O que me distraiu dessa tarefa foi o naipe dos sopranos voltar a tender a atrasar, mas conseguiram terminar juntos e aguentar até ao fim apesar das peripécias. A canção “Ó ladrão que te vais embora” correu bastante bem e foi a ideal para terminar.

Esta experiência foi bastante gratificante. Ao longo do estágio foi necessário implementar diversas estratégias a fim de conseguir alcançar o resultado final. Uma dessas estratégias foi dinamizar o aquecimento vocal por ser um coro muito inerte que necessita de muita dinâmica de grupo. No entanto, não deu para o fazer mais por não ter tempo suficiente, mas é algo que retiro como sendo algo fundamental e que pretendo concretizar futuramente com os meus coros.

4. Reflexão sobre o trabalho desenvolvido na Prática de Ensino Supervisionada

Ao longo do ano letivo de 2020/2021 as aulas de Formação Musical e de Coro – Classe de Conjunto, tanto observadas como lecionadas, foram um contributo importantíssimo para a experiência de aspirante a professora das disciplinas.

A forma como fui recebida e acolhida pelas Professoras Anabela Albuquerque (Formação Musical) e Ana Paula Pereira (Coro) nas suas aulas ao longo deste ano letivo permitiu que se desenvolvessem boas relações pessoais entre nós e, naturalmente, proporcionaram um bom ambiente neste processo.

Algo bastante notório, tanto na turma de Formação Musical como na de Coro, foi a resistência dos alunos para cantar, notava-se que não lhes era algo natural. Muitos desses alunos justificavam-se dizendo que não sabiam cantar, que não tinham uma boa voz, que tinham vergonha mas, o que se percecionava, principalmente, era insegurança nos seus conhecimentos musicais - leitura. Apesar disto, ambas as Professoras Cooperantes foram sempre muito persistentes para que os seus alunos cantassem. Por conseguinte, nas minhas intervenções, tanto a Formação Musical como a Coro, insisti muito nesta prática. A verdade é que quanto mais se insiste, mais os alunos se habituam a cantar para participar nas aulas de música, tal como os alunos têm de dialogar para participar nas aulas do ensino regular. A Formação Musical, tendo em conta que tive uma intervenção curta, não deu para desenvolver muito mais essa prática vocal, e isso deveu-se a feriados e tolerâncias de ponto coincidirem às segundas-feiras e da Professora Cooperante por vezes faltar devido a doença.

Ao longo da minha prática pedagógica aprendi a insistir e a não desistir, adotando sempre estratégias diferentes conforme a reação dos alunos ao aquecimento vocal, repertório (Coro) e material (Formação Musical) utilizado em sala de aula (se era ou não adequado ao nível musical que os alunos apresentavam). A Formação Musical aconteceu, maioritariamente e inicialmente, trazer material que lhes era difícil, nomeadamente por não estarem habituados a realizar tais tarefas. Foi preciso baixar o nível das atividades musicais (2º grau), para que os alunos se conseguissem sentir capazes de realizar o que era solicitado, caso contrário resultaria em frustração e isso é algo que, como professora, se deverá evitar.

Tanto nas aulas de Formação Musical e de Coro, tendo em conta que todos os alunos são diferentes, considero que, apesar de os alunos estarem numa escola do ensino artístico, há ainda muita falta de noção do grau de exigência, rigor e até de espírito de sacrifício que este meio requer. Foi possível vislumbrar quão díspar é a forma como cada aluno vê a disciplina de Formação Musical e de Coro dentro da mesma turma: alguns empenham-se e dão o melhor de si e outros apenas dão de si os mínimos, descurando o estudo semanal.

Ao longo da minha prática de docente tentei ser clara para que a informação fosse bem transmitida e numa linguagem adequada a cada um deles. A partir da minha

experiência como aluna, tentei, como professora, colocar-me sempre no lugar do aluno e tentar compreender o que cada aluno pudesse estar a sentir em cada momento da aula. A capacidade de autocrítica e reflexão pessoal são pontos fulcrais para a aprendizagem do próprio professor, tendo, durante a minha prática pedagógica, levado em consideração todas as críticas/orientações dadas pelas Professoras Cooperantes que já têm muitos anos de experiência a lecionar. Nas aulas de Coro (que tive oportunidade de lecionar) foram-me feitos reparos e pequenas correções críticas e fundamentadas que me permitiram corrigir esses erros simples e que contribuíram para a minha aprendizagem.

Considero que esta experiência se tornou muito enriquecedora e produtiva. O facto de ter tido um maior contacto com a disciplina de Coro aliciou-me ainda mais a este tipo de trabalho. Desta forma, a minha avaliação pessoal é bastante positiva.

Parte II - Projeto de Investigação

Conservatório Regional de Angra do Heroísmo - uma história cultural e pedagógica

1. Introdução

“Conservatório Regional de Angra do Heroísmo – uma história cultural e pedagógica” é o título deste projeto de investigação que pretende dar a conhecer a história de um conservatório com 43 anos de existência.

Para esse efeito foi necessário recorrer a uma metodologia histórica que envolve o estudo, a compreensão e a explicação de acontecimentos passados, isto é, de informação já existente, através da resposta a questão ou questões, que possam ajudar a explicar acontecimentos atuais e a prever futuros. Este tipo de pesquisa compreendeu um conjunto de procedimentos e de técnicas utilizadas na investigação histórica, tendo recorrido a fontes diversas, tais como: livros, atas, programas curriculares, documentação que se encontra disponível no Conservatório, artigos de jornal, legislação, inquéritos por questionário e, essencialmente, entrevistas de quem testemunhou/testemunha ou participou/participa nos acontecimentos.

É colocada a seguinte questão de investigação: Como dar a conhecer o percurso histórico e singular do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo (CRAH)? A importância do CRAH na parte cultural, artística e, nomeadamente, educacional na região.

O projeto de investigação está estruturado em três fases:

1. Primeira fase (1955-1980) – De Academia de Música da Ilha Terceira a secção do Conservatório Regional dos Açores: Nesta fase é dado conhecimento sobre a criação da Academia de Música da Ilha Terceira (AMIT) que se tornou, em 1978, no Conservatório de Angra do Heroísmo, secção do Conservatório Regional dos Açores.

2. Segunda fase (1980-2008) - Autonomização do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo: Nesta fase o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo ganha a sua autonomia, deixando de ser uma secção do Conservatório Regional dos Açores. Neste capítulo é contada a história do Conservatório entre 1980 e 2008: os professores que fizeram parte da instituição, diferentes edifícios onde funcionou, disciplinas que foram surgindo, presidentes do Conselho Executivo que passaram pela direção, entre outros assuntos.

3. Terceira fase (2008-2021) - Conservatório Regional de Angra do Heroísmo integrado na Escola Básica e Secundária Tomás de Borba: Neste capítulo é relatado como o Conservatório integrou uma escola pública - prós e contras.

➤ Descrição do projeto: objetivos e questões de investigação

Um Conservatório de música é um estabelecimento público, destinado principalmente ao ensino de belas-artes, especialmente música – ora é uma escola de música.

Em 1537, foi fundado o primeiro conservatório em Nápoles pelo padre espanhol José Tapia, denominado de Santa Maria de Loreto, e tinha por objetivo dar instrução às crianças órfãs, incluindo de prática musical. O primeiro Conservatório exclusivo para o ensino da música foi fundado em Milão no ano de 1808²⁰.

Em Portugal, o Conservatório Geral de Arte Dramática foi fundado em 1836 por Decreto da Rainha D. Maria II, no âmbito de um Plano para a fundação e organização de um Teatro Nacional proposto por João Baptista de Almeida Garrett. Este estava então dividido numa Escola Dramática ou de Declamação, numa Escola de Música e numa Escola de Dança, Mímica e Ginástica especial. Em reformas posteriores, o nome do Conservatório foi alterado para Conservatório Real de Lisboa e o da Escola Dramática ou de Declamação para Escola de Arte de Representar. Depois da implantação da República, o Conservatório passou a ser designado por Conservatório Nacional²¹.

A partir desta pequena introdução ao nome de Conservatório, temos a tomada de conhecimento de que há informação detalhada referente à história destes conservatórios. Por outro lado, verificou-se a ausência de um estudo histórico/documental sobre o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, e que, por isso, através deste projeto de investigação, é dada a conhecer a história de um Conservatório com 43 anos de existência.

De forma a relatar a história do CRAH, foi feito um levantamento documental, tendo sido colocada a seguinte questão de investigação: Como dar a conhecer o percurso histórico e singular do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo (CRAH)? A importância do CRAH na parte cultural, artística e, nomeadamente, educacional na região.

De forma a dar resposta a esta questão foram colocados diversos objetivos:

- Descrever a história do CRAH;
- Identificar e conhecer os diretores e professores que contribuíram para a sua implementação e o seu desenvolvimento, particularmente em termos pedagógicos;
- Analisar a sua integração e adaptação à escola pública (EBSTB) através de entrevistas e inquéritos por questionário;

²⁰ Informação consultada no site: <http://acordeonistaseprofessores.comunidades.net/arttgoo-que-e-um-conservatorio-musical>

²¹ Informação consultada no site: <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2013/07/rua-dos-caetanos-conservatorio-nacional.html>

- Identificar as pedagogias utilizadas e oferta curricular (programas), planos de estudos antes e depois;
- Averiguar as transformações ocorridas nas disciplinas de Formação Musical e Coro, entre outras.

Depois de delimitado o objeto de estudo, que é o CRAH, e traçado os objetivos, pode-se assim classificar este estudo como exploratório, pois procedeu-se ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantou-se hipóteses de entendimento dessa realidade. Para reconhecimento dessa dada realidade, foi necessário realizar a pesquisa na Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, na Secretaria Regional da Educação e Cultura, na Direção Regional da Cultura, no Museu de Angra do Heroísmo, na Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, em casa/casas, cafés (para as entrevistas).

Para a concretização deste trabalho, recorreu-se a uma metodologia histórica que envolve o estudo, a compreensão e a explicação de acontecimentos passados, isto é, de informação já existente, através da resposta a questão ou questões, que possam ajudar a explicar acontecimentos atuais e a prever futuros. Este tipo de pesquisa compreendeu um conjunto de procedimentos e de técnicas utilizadas na investigação histórica, tendo recorrido a fontes diversas, tais como: livros, atas, programas curriculares, documentação que se encontra disponível no Conservatório, artigos de jornal, legislação, inquéritos por questionário e, essencialmente, entrevistas de quem testemunhou/testemunha ou participou/participa nos acontecimentos. As entrevistas foram muito importantes de realizar para ajudar a comprovar algumas respostas que não eram passíveis de se encontrar na pouca documentação disponível.

Quanto à pesquisa de jornais, foram consultadas unidades de informação com características diferentes: notícias com a finalidade de informar o público, crónicas cujo objetivo era exprimir uma opinião sobre determinada situação, anúncios com intenções institucionais, etc.

O estudo enquadra-se numa investigação de natureza essencialmente qualitativa associada ao uso de técnicas de recolha e de tratamento de dados. A partir das entrevistas procurou-se fazer descrições recorrendo ao tratamento estatístico de dados recolhidos e testar teorias. Procedeu-se à seleção de uma amostra que deveria ser representativa da população em estudo, caso de professores e diretores do CRAH, para que os resultados fossem generalizados a essa mesma população. Esta investigação qualitativa, essencialmente “descritiva”, incluiu transcrições de entrevistas, tendo sido recolhidos dados respeitando a forma segundo a qual foram registados ou transcritos. As entrevistas foram predominantemente informais, do tipo de entrevista clínica, caracterizada por uma liberdade quase total dada ao entrevistado na sua resposta e na grande abundância e profundidade de informações partilhadas.

Eventualmente, munido dos resultados do inquérito por entrevista, foi possível suscitar um conjunto de hipóteses interessantes e de as estruturar num inquérito por

questionário. Enquanto o primeiro questionário (entrevista) foi realizado em situação presencial, o segundo foi administrado à distância. Para a realização do inquérito por questionário foi utilizada a escala de Likert, que consistiu na apresentação de uma série de proposições, devendo o inquirido, em relação a cada uma delas, indicar uma de cinco posições: *concorda totalmente, concorda, nem discordo e nem concordo, discordo parcialmente e discordo totalmente*.

PRIMEIRA FASE (1955-1978)

I - DE ACADEMIA DE MÚSICA DA ILHA TERCEIRA A SECÇÃO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DOS AÇORES

1. Academia Musical da Ilha Terceira (AMIT) - contextualização

A criação de uma Escola Artística na cidade de Angra do Heroísmo foi, desde sempre, uma aspiração da Academia Musical da Ilha Terceira (AMIT) (Leal, 2006, p. 203).

A Academia Musical foi fundada em meados de 1955, com eleição dos corpos gerentes em 17-06-1955²², fruto do trabalho entusiástico de alguns intelectuais melómanos, que exerceram uma ação notabilíssima no desenvolvimento musical não só na Terceira e S. Miguel, mas também em prol do Faial, com reivindicações, várias vezes feitas junto dos responsáveis da Pró-Arte e, mais tarde, do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, no sentido de aquela ilha ser incluída na programação cultural e musical das duas prestigiadas instituições (Leal, 2006, p. 115).

Os Estatutos da AMIT foram aprovados pela Junta Nacional de Educação, alto departamento do Ministério da Educação Nacional (Diário Insular, 1-06-1955)²³, por Despacho Ministerial de 5 de Maio de 1955 (Pereira, 2013, p. 23) salientando no artigo 2.º os seus fins, tais como:

“instituir e manter cursos de funcionamento regular, em que seja administrado (...) o ensino musical, tanto em classes de canto como de execução de instrumentos de arte” e “divulgar por todos os meios de propaganda o gosto e o culto da música na Ilha Terceira (...) especialmente pela organização de certames e concertos ou pela promoção de conferências sobre assuntos de interesse musical” (Pereira, 2013, p. 25).

Por conseguinte, a AMIT era representante da Pró-Arte nos Açores, ou seja, uma espécie de delegação daquela instituição de projeção nacional, incumbida da organização de concertos de música clássica. Posteriormente, a Academia desempenhou semelhante papel em relação à Fundação Gulbenkian (Leal, 2006, p. 115)²⁴. Mas a Academia foi muito além da organização de concertos, ministrou o ensino musical²⁵, tal como é referido nos Estatutos, como de execução de instrumentos de arte e Ballet²⁶ (1975). Formou a “Orquestra Filarmónica de Angra” (1955 ou 1956), “Conjunto de Câmara” (1972) e um “Coro misto” (1981)²⁷ (Pereira, 2013, p. 39). O ensino da Música com gente qualificada era, portanto, uma preocupação permanente nos primeiros vinte e cinco anos de existência da AMIT (Leal, 2006, p. 203).

²² Cf. anexo A

²³ Cf. anexo B

²⁴ Cf. anexo C

²⁵ Cf. anexo D

²⁶ Cf. anexo E

²⁷ Cf. anexo F

2. O Ballet na ilha Terceira

“Marilyn duBrisk, inglesa, formada em Ballet na Imperial Society of Tatchers of Dance, veio parar à ilha Terceira em 1966. O marido era militar das Forças Armadas dos EUA e foi colocado na Base das Lajes. A mulher acompanhou-o e o casal por aqui ficou até 1971” (Diário Insular, 26-05-2002)²⁸.

A senhora duBrisk abriu duas escolas de Ballet, uma na Praia da Vitória e outra em Angra do Heroísmo, que funcionaram de 1966 a 1971. Os resultados foram muito positivos e reuniu crianças portuguesas e norte-americanas nas suas aulas. Ainda conseguiu organizar serões anuais no Teatro Angrense, em que chegaram a atuar quase 150 crianças portuguesas e norte-americanas (Diário Insular, 26-05-2002).

Apesar da sua partida, em 1971, as aulas de Ballet continuaram, primeiro na AMIT e depois no CRAH. Marilyn duBrisk ficou conhecida na História dos Açores como a personalidade que introduziu o Ballet na ilha Terceira (Diário Insular, 26-05-2002).

Antonieta Costa, antiga aluna da primeira escola de Ballet da Terceira e discípula de duBrisk, deu continuidade ao trabalho da mestra inglesa.

A 25 de Setembro de 1975:

“a Academia Musical da Ilha Terceira em colaboração com a prof.^a sr.^a D. Antonieta Costa, resolveu abrir duas aulas de iniciação ao Ballet destinadas, uma para crianças e a outra para adolescentes de ambos os sexos (...) O número de alunos em cada curso será inicialmente limitado a 15 (...)” (Diário Insular 25-09-1975)²⁹.

No dia 18 de Junho de 1978 é anunciado no Diário insular dois programas à escolha, sendo um deles o Ballet.

“(...) onde as alunas da professora Antonieta Costa, do Conservatório Regional dos Açores, apresentam uma adaptação da suite “Quebra-Nozes” de Tchaycowsky com coreografia daquela professora. Serão 44 as crianças que mostrarão o trabalho realizado ao longo do ano” (Diário Insular, 18-06-1978)³⁰.

3. Da Academia ao Conservatório: Comissão Instaladora

Em 11 de Janeiro de 1978, o Governo Regional, levando em consideração que não existia, a nível Açores, qualquer estabelecimento onde fosse professado o ensino da música e dança e considerando que, com o desaparecimento da Junta Geral de Ponta Delgada, a situação do Conservatório Regional daquela cidade, tinha de ser revista, a Secretaria Regional de Educação e Cultura (SREC) resolveu chamar a si a responsabilidade da manutenção do Conservatório Regional que se passou a designar

²⁸ Cf. anexo G

²⁹ Cf. anexo H

³⁰ Cf. anexo J

de Conservatório Regional dos Açores, constituído por três secções, em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta (Resolução n.º 2/1978, de 28 de Janeiro). Este diploma legal, que criaria o Conservatório Regional dos Açores como estabelecimento público, surgiu devido à urgência de uma intervenção que permitisse a sobrevivência do Conservatório Regional de Ponta Delgada e a sua articulação com as atividades de ensino desenvolvidas pela AMIT. Isto levaria a que o Governo Regional suportasse os encargos com aquele Conservatório e com a sua reestruturação e alargamento a três secções, tendo funcionado desde logo as de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo (Despacho Normativo N.º 4/1978 de 23 de Março).

“Aquela Resolução não alterou o carácter de instituição privada e de estabelecimento de ensino particular ao Conservatório, sobre o qual, no entanto, de acordo com a decisão dos próprios órgãos sociais da instituição o Governo Regional passou a exercer uma tutela especialmente intensa, não só como sustentáculo financeiro da mesma, mas também com vista à sua estruturação em moldes tanto quanto possível equivalentes, pedagógica e administrativamente, aos estabelecimentos de ensino oficial, por forma a facilitar a sua posterior conversão em estabelecimento público.” (Despacho Normativo N.º 4/1978 de 23 de Março).

Por conseguinte, foi determinado que o Conservatório Regional dos Açores fosse subsidiado pela SREC e que a administração do Conservatório fosse responsabilidade da Comissão Instaladora (que prestaria e forneceria contas nos termos legais a esta Secretaria Regional). Ficou ainda definido que os professores anteriormente ao serviço da AMIT fossem contratados para a Secção de Angra do Heroísmo do Conservatório Regional dos Açores em condições idênticas às dos professores da Secção de Ponta Delgada, passando a equiparar-se ao pessoal das carreiras docentes do ensino secundário oficial, nomeadamente, quanto às categorias e remunerações, habilitações para a docência e obrigações de serviço (Despacho Normativo n.º 4/1978, de 23 de Março).

Naquela época a AMIT era constituída por apenas 4 professores: Artur da Fonseca (Violino e Iniciação/Educação Musical), Luís Soares (Violino e Educação Musical), Mário Coelho (Piano) e Antonieta Costa (Ballet)³¹.

Desse modo, o CRAH teve início em 1978, mas em regime particular, e constituía uma secção do Conservatório Regional dos Açores, sendo a outra secção ocupada pelo Conservatório de Ponta Delgada (Leal, 2006, p. 214).

Durante dois anos, antes da sua criação em 1980, o Conservatório funcionou então com uma Comissão Instaladora, constituída pelo presidente da AMIT, Manuel Baptista de Lima, um dos mais ativos dirigentes da Academia ao longo da sua história, secundado na área musical pelo autor de *Uma Casa Portuguesa*, Artur da Fonseca, então recém-chegado de Moçambique (Leal, 2006, p. 14 e 203). Salienta-se assim que esta

³¹ Informação retirada da entrevista realizada à professora Luísa Alcobia Leal.

Academia Musical “pugnou e abriu caminho para a criação do futuro Conservatório Regional de Angra” (Leal, 2006, p. 13-14). Ainda nesses dois anos, o Conservatório funcionou sob a responsabilidade exclusiva do Governo Regional, embora formalmente se mantivesse como estabelecimento particular, o que se encontrava desajustado em relação ao disposto no n.º 1 do artigo 3.º da Lei n.º 9/79, de 19 de Março (Decreto Regulamentar Regional (DRR) n.º 11/1980/A, de 13 de Março).

Podemos assim concluir que o Conservatório de Angra teve início em 1978, mas em regime de ensino particular (Diário Insular, 3-9 de Dezembro de 1981)³².

³² Cf. anexo K

SEGUNDA FASE (1980-2008)

II - AUTONOMIZAÇÃO DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

1. O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo: Criação oficial

O CRAH foi criado oficialmente a 13 de Março de 1980, pelo DRR n.º 11/1980/A (Leal, 2006, p. 214).

“Nos termos do Decreto-Lei n.º 338/79, de 25 de Agosto, e do Decreto Regulamentar n.º 13/78/A, o Governo Regional decreta (...) o seguinte:

Artigo 1.º - São criados os Conservatórios Regionais de Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, estabelecimentos de ensino públicos, na dependência da Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Artigo 2.º - 1 - Os Conservatórios Regionais acima referidos têm por fim ministrar o ensino da música a nível paralelo ao dos ensinos preparatório e secundário, dando aos seus alunos formação artística base, com carácter profissionalizante, e preparando-os para o ingresso no ensino superior do respetivo ramo.

2 - (...) deverão apoiar a formação dos professores do ensino básico e secundário no domínio da sua especialidade, nomeadamente pela organização de cursos e outras atividades de atualização pedagógica. (...)

5 - (...) deverão apoiar as bandas, grupos corais e outras atividades de cultura popular no domínio da música, nomeadamente pela organização de cursos de férias e de atualização para regentes e mestres de música daquelas agremiações.

Art.º 3.º - 1 - (...) ministram os cursos regulares segundo os planos de estudos e programas dos Conservatórios Nacionais. (...)

Art.º 6.º - 4 - (...) poderão contratar como professores provisórios indivíduos portadores de habilitações próprias ou insuficientes para a docência das diferentes disciplinas ou cursos (...)

Art.º 7.º - 1 - Poderão ser contratados como professores convidados para regerem disciplinas dos planos de estudos dos cursos regulamentares ou para realizarem cursos especiais, seminários ou outras atividades de carácter docente individualizadas nacionais ou estrangeiras de reconhecida competência, em condições de prestação de serviço e de remuneração equiparadas às de qualquer das categorias de pessoal docente profissionalizado, independentemente dos requisitos legais de provimento na mesma, mediante proposta dos órgãos diretivos do Conservatório Regional devidamente justificada com base no respetivo curriculum, aprovada por despacho do Secretário Regional da Educação e Cultura.

2 - (...) poderão contratar (...), em regime de acumulação, elementos de orquestras e de bandas militares para regerem disciplinas para as quais possuam especial aptidão.” (DRR n.º 11/1980/A de 13 de Março).

Este foi um decreto pioneiro a nível nacional, pois já colocava em paralelo a formação generalista com o ensino da música, tendo por objetivo dar formação artística base aos seus alunos, com carácter profissionalizante, a fim de os preparar para o ingresso no ensino superior. Há que salientar que ainda nem existia escola superior de música em Portugal, uma vez que a formação de nível superior surgiu no ano de 1983 nos Institutos Politécnicos (Escolas Superiores de Educação e Escolas Superiores de Música) e nas Universidades e a formação de nível secundário nos conservatórios e academias de música (Mota, 2014, p. 44). Portanto, este decreto já apresentava uma linguagem muito à frente do que se estava a fazer em Portugal Continental e, apenas em 1983, com o decreto-lei nº 310/83, é que se veio decretar e oficializar este tipo de questões.

Para além disso, no DRR n.º 11/1980/A, é referida ainda a importância de se apoiar as bandas, grupos corais e outras atividades de cultura popular no domínio da música, deixando ainda em aberto a possibilidade de pessoas com habilitação insuficiente lecionarem provisoriamente.

Apesar de conquistada a sua autonomização, o CRAH, à partida, não reunia as melhores condições, quer em termos de recursos humanos, quer em instalações, tendo funcionado disperso por vários edifícios (Leal, 2006, p. 203).

1.1. Consequência do sismo de 1980 no início da criação oficial

Em 1979, o CRAH tinha um total de cinco professores que lecionavam seis disciplinas: Artur da Fonseca (Violino e Iniciação/Educação Musical), Luís Soares (Educação Musical), Mário Coelho (Piano), Luísa Alcobia Leal (Iniciação Musical e Canto), Antonieta Costa³³ e Ana Maria Rosa³⁴ (Ballet).

Em consequência do sismo de 1 de Janeiro de 1980, o Conservatório, que se encontrava até àquela data sediado no Museu, foi mudado para o primeiro piso da Escola Secundária de Angra (ainda não designada por Padre Jerónimo Emiliano de Andrade). No entanto, o número de salas disponibilizadas foi insuficiente para o desenvolvimento da atividade do Conservatório impedindo a oferta de novas disciplinas, a contratação de mais professores e aceitação de mais alunos (Leal, 2006, p. 216).

Apesar das dificuldades e vicissitudes, o Conservatório foi conseguindo desenvolver uma notável ação no ramo para que se encontra vocacionado, não apenas no domínio educacional, mas também como veículo cultural, através da realização de concertos, audições e outras ações de carácter dinamizador, algumas delas em colaboração com outras instituições (Leal, 2006, p. 225-6).

³³ Informação retirada da entrevista realizada à professora Luísa Alcobia Leal.

³⁴ Informação retirada da entrevista realizada à professora Ana Maria Rosa.

1.2. Primeira diretora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo: seus contributos e dificuldades que enfrentou

No dia 26 de Outubro de 1981, sucedeu à Comissão Instaladora como professora diretora do CRAH, a professora profissionalizada em Canto, Luísa Alcobia Leal (Leal, 2006, p. 214). Nessa altura, o Conservatório de Angra tinha cerca de 200 alunos e oferecia as disciplinas de Iniciação Musical, Educação Musical, Piano, Canto, Ballet, Flauta e Violino (Leal, 2006, p. 215). O Ballet era a disciplina com o maior número de inscrições, 101 alunos, e as aulas tinham lugar numa sala emprestada pelo INATEL (Leal, 2006, p. 216).

Numa entrevista com «A Forja», Luísa Alcobia Leal falou sobre a situação do Conservatório e também nos problemas que o mesmo enfrentava. Em 1981, havia quatro professores, estando em vias de ter mais (confidenciou Luísa Leal), porém o número de pianos disponíveis eram em número insuficiente para lecionarem as aulas (Leal, 2006, p. 214).

“Uma coisa que eu gostava que acontecesse tal como acontece no Conservatório Nacional. Os alunos que não tinham em casa, um piano (que é um instrumento muito caro), podiam ter acesso a umas inscrições onde podiam ir para o Conservatório praticar e estudar nas horas em que não havia aulas em algumas salas do Conservatório. Fazer isso aqui é impossível dado as dificuldades de horários que nós temos. No caso do violino e flauta tenho a dizer realmente que o Conservatório tem alguns instrumentos emprestados a alunos que mediante um documento que foi assinado pelo encarregado de educação para o empréstimo dos mesmos” (Diário Insular, 3-9 de Dezembro de 1981).

Passados dois anos (numa entrevista ao jornal Direto), o Conservatório continuava com número insuficiente de pianos e, durante o primeiro período de aulas desse ano letivo, surgiu a hipótese da professora D. Alice Borba dar aulas na sua própria casa, pois os alunos não podiam ter aulas, não devido à falta de salas, mas à falta de pianos. Isto veio de facto a acontecer (alunos terem aulas na própria casa da professora mencionada) com a aprovação generalizada dos interessados e encarregados de educação (Leal, 2006, p. 221).

Relativamente às aulas de Ballet, estas estavam sob a ameaça de serem interrompidas, porque a sala emprestada pelo INATEL iria necessitar de ser utilizada para a prática de judo, tendo sido colocado o problema à Direção Regional da Administração Escolar pela diretora. Porém, professora e alunos já lutavam com imensa falta de espaço Veja-se o que diz no Diário Insular.

«A Forja» - Quais os objetivos imediatos do Conservatório a atingir?

Luísa Leal – Torno a repetir, vamos sempre cair no mesmo problema, não temos salas, não temos pianos, como é que nós vamos poder convidar mais professores. Gostávamos de ampliar o leque de disciplinas que temos. Dar mais aulas de piano, há sempre muitos alunos candidatos à disciplina. Temos em mente para tal a

admissão de uma nova professora. Eu gostava que houvesse mais iniciativas anuais com os alunos que existem, fazer audições, fazer mais audições anuais pelo menos, onde se mostrariam o que os alunos aqui fazem. Porque as pessoas ouvem falar de conservatório pensam logo na conservatória do registo civil... Mostrar que isto aqui é uma escola onde se ensina música (Diário Insular, 3-9 de Dezembro de 1981).

Em 1981, falava-se na possibilidade do Conservatório transitar para um edifício a título provisório, pois já era ideia de, mais tarde, transitar definitivamente para o edifício onde funcionava a Escola Preparatória de Angra (Diário Insular, 3-9 de Dezembro de 1981).

Em 1983, o Conservatório era frequentado por cerca de 300 alunos: 80 em Iniciação Musical (6-10 anos); 150 em Educação Musical (depois dos 10 anos); 115 em Piano; 10 em Canto; 9 em Violino e 4 em Trompete. Nos cursos livres: Ballet tinha cerca de 70 alunos e Flauta de Bisel aproximadamente 60 alunos (Leal, 2006, p. 219). Portanto, num espaço de dois anos, aumentou de 200 para 300 o número de alunos a frequentar o Conservatório, mas o número de alunos a frequentar a disciplina de Ballet diminuiu de 101 para 70 alunos.

De forma a introduzir novas disciplinas no currículo, Luísa Alcobia Leal teve a iniciativa de incluir a Viola Regional (mais conhecida por Viola da Terra), tendo contratado o autodidata e virtuoso José Luís Gomes Lourenço, em 1983, como professor de Viola da Terra, que veio mesmo a fundar um grupo de violas³⁵. Isto veio a estimular uma dinamização cultural que veio a ser empreendida por alguns docentes do Conservatório junto das filarmónicas, e à descentralização das atividades artísticas pelas freguesias rurais, posta em marcha a partir de 1983 com o projeto Leandro Silva, na ilha de S. Jorge e Viva a Música (uma série de concertos e ações pedagógicas³⁶), fomentados por Gustaaf van Manen e nos quais também participou (Leal, 2006, p. 208). Foram então criados incentivos nas ilhas Graciosa, Faial e S. Jorge, assim como realizadas ações de formação e reciclagens. Além disso, Luísa Alcobia Leal incentivou todas as realizações musicais no âmbito do Conservatório, como concertos, audições no final de cada ano letivo e noutras ocasiões (Leal 2006, p. 209).

Gustaaf van Manen, nascido na Holanda, passou a integrar a equipa docente do CRAH em 1983, nas disciplinas de Piano, Composição, História da Música, Acústica, Repertório, Órgão e Análise³⁷.

As iniciativas (audições anuais de alunos) continuaram a ser realizadas. Por outro lado, no que respeita a reciclagens, cursos intensivos, etc., o Conservatório de Angra estava muito limitado devido à situação de grande desvantagem em relação ao Conservatório de Ponta Delgada. Por esse motivo surge um artigo *Desigualdades*

³⁵ Informação retirada do endereço: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8259>

³⁶ Informação retirada do endereço: <http://cm-lajesdopico.pt/noticias/cultura/639-concerto-de-cravo-e-flauta-nas-lajes-do-pico>

³⁷ Informação retirada dos endereços: <https://www.meloteca.com/portfolio-item/gustaaf-van-manen/> <http://cm-lajesdopico.pt/noticias/cultura/639-concerto-de-cravo-e-flauta-nas-lajes-do-pico>

Gritantes nos Conservatórios Regionais publicado pelo Jornal Direto, alertando para o facto do Conservatório de Ponta Delgada poder reter os proveitos das matrículas e propinas dos cursos livres para atividades circum-escolares (Despacho normativo nº 4/81, de 5 de Janeiro), enquanto o de Angra do Heroísmo tinha o dever de os entregar nos cofres da Região (Despacho nº 22/80, de 8 de Abril) (Leal, 2006, p. 222). Transcrevendo o artigo do jornal Direto nº 8, de 18-03-83:

“(...) sabemos que o Conservatório de Angra tem trezentos alunos e o de Ponta Delgada seiscentos (...). Mas essa diferença numérica não justifica a supervalorização de uma escola em detrimento da sua congénere. Só destruindo tal enormidade legal um governo poderá ter um mínimo de credibilidade junto da opinião pública” (Leal, 2006, p. 204).

Em 10 de Maio de 1983, por Despacho do Secretário Regional da Educação e Cultura, baseado num alerta, foi criado um grupo de trabalho encarregado de apresentar um relatório contendo uma proposta no sentido de dar solução a um conjunto de problemas relacionados com as instalações do Conservatório na Escola Secundária (Leal, 2006, p. 226). Dessa forma, o grupo de trabalho propôs o arrendamento de um edifício próprio onde funcionava a Direção Regional da Administração Escolar (D.R.A.E.), na Rua do Galo, mas consideraram que seria de afastar essa hipótese por não oferecer as condições minimamente exigidas (Leal, 2006, p. 227).

“P – Quais os principais inconvenientes apresentados pelo edifício onde funcionava a D.R.A.E.?”

R. – À partida, tratava-se de um velho edifício que apresentava um certo estado de degradação, nomeadamente soalhos que aparentam pouca segurança, a existência de apenas duas casas de banho, uma em cada piso, em condições de mau funcionamento, uma zona do telhado por onde penetram águas pluviais e a balaustrada, ao cimo da escadaria, que se encontra oscilante, oferecendo perigo para as crianças, visto grande parte dos 400 alunos que atualmente frequentam o Conservatório pertencerem a níveis etários entre os 5 e os 10 anos. Além disso, os velhos soalhos terão que suportar o peso dos pianos” (Leal, 2006, p. 227).

Por despacho de 16 de Agosto de 1983, o Conservatório acaba por transitar para a Rua do Galo, mas, em reunião de professores, foi aprovada uma série de adaptações urgentes e imprescindíveis ao funcionamento das aulas. Como a execução das obras demoraria meses, o corpo docente decidiu optar por funcionar as aulas simultaneamente nas novas instalações, em salas alternadas, e a outra parte em três salas disponíveis da Escola Secundária (Leal, 2006, p. 228).

No ano letivo 1984-85, sucederam-se uma série de dificuldades, sendo que muitas já existiam, como a falta de professores, de pessoal administrativo e auxiliar, aditando a elaboração dos horários, pois todos os alunos do Conservatório frequentavam outro Estabelecimento de Ensino (Primário, Preparatório, Secundário, ou mesmo Superior),

ou eram adultos que tinham uma profissão, o que limitava a um horário pós-laboral. Para além disso, cada aluno podia estar matriculado ao mesmo tempo em diversas disciplinas, em anos diferentes, numa população escolar de cerca de 400 alunos (Leal, 2006, p. 229-30).

1.3. Exoneração do cargo da diretora do Conservatório: polémica, adversidades e repercussões

“Fiz um interregno, a meu pedido, de Maio de 85 a Novembro de 87. Nessa altura, eu sentia-me cansada de muitos problemas e preocupações (...)” (Cabral, 2001, p. 93).

O ano de 1985 marca o começo de uma grave crise iniciada com a exoneração do cargo da diretora do Conservatório, Luísa Alcobia Leal, e com a controversa nomeação, por parte da Administração Escolar, de uma aluna do Conservatório e professora do Ciclo Preparatório³⁸, Teresa do Menino Jesus Dutra de Medeiros (Diário Insular, 7-05-1985). O Jornal Direto considerou esta nomeação não apenas um escândalo público, mas um verdadeiro atentado aos professores. Daí as ameaças de alguns professores, de quererem sair do Conservatório, caso do Professor suíço Jean-François Beuchat³⁹ (Leal, 2006, p. 205).

*“O professor de música Jean-François Beuchat (...) irá abandonar os Açores por «falta de condições para exercer condignamente» a sua profissão. (...) **está em Angra do Heroísmo desde Outubro de 1984. É um dos dois únicos professores formados ao serviço do Conservatório em Angra. O outro é holandês.** (...) Acrescentou que o ensino da música nos Açores «está totalmente desorganizado». (...) Referiu, por outro lado, que «devido aos maus professores que têm, os alunos chegam às aulas de Piano sem a mínima preparação, o que inviabiliza uma evolução normal da aprendizagem». Para Jean-François Beuchat, no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo existem poucos instrumentos, muitos alunos e indivíduos a lecionar, pelo que os alunos têm acesso durante pouco tempo aos instrumentos que estudam. Como a maior parte dos alunos não pode, por razões financeiras, ter instrumentos em casa, resulta daqui que «não aprendem com facilidade». Acresce que muitos dos discentes «têm falta de vontade de aprender»”* (Diário Insular, 22-05-1985).

Consequentemente, dez alunos do Conservatório escreveram para o Diário Insular⁴⁰ com a intenção de contribuir, de forma positiva, à resolução da situação criada. Dessa forma, afirmaram que:

³⁸ Cf. anexo L

³⁹ Cf. anexo M

⁴⁰ Cf. anexo N

“Quando para um cargo qualquer não existe um português apropriado, achamos ser melhor que um estrangeiro perito seja empossado, porque, caso contrário, podem gerar-se situações como a que agora nos afeta.”

“O estrangeiro a que nos estamos referindo é o nosso conhecido Professor Gustaaf van Manen, compositor, maestro, pianista e musicologista. Só ele, neste momento, é capaz desempenhar o cargo de Diretor do Conservatório. (...) O Professor Gustaaf van Manen, que ensina História da Música, Composição e Piano, é também perito em Filarmónicas e é já considerado «o professor dos professores»” (Diário Insular, 3-07-1985).

Posteriormente, é sugerida pela SREC a apresentação de nomes para a Direção do estabelecimento, o que deriva na exoneração de Teresa Medeiros.

“No Conservatório Regional de Angra do Heroísmo existem cinco categorias de professores: efetivos, convidados, em acumulação, aposentados e contratados. Alcobia Leal é o único docente efetivo – e possui habilitações próprias -, sendo Gustaaf van Manen, professor convidado, o segundo e último elemento a possuir habilitações próprias para lecionar” (Diário Insular, 5-09-1985)⁴¹.

“Dos 16 professores com direito a voto estiveram 11 no ato eleitoral, os quais apontaram os nomes de Alcobia Leal (...), Luís Soares e Gustaaf van Manen” (Diário Insular, 1-08-1985)⁴².

Não obstante a aproximação do início do ano escolar desse ano, a verdade é que o futuro do Conservatório continuava a ser uma grande incógnita, pois a SREC ainda não havia tomado nenhuma decisão sobre os três nomes que os professores do Conservatório haviam apontado para o lugar (Diário Insular, 5-09-1985).

“Sem Diretor, não é possível organizar as turmas e definir os moldes em que o ensino se processará. Acresce ainda que a situação é de sobremaneira negra para os professores, que não sabem se poderão continuar a lecionar ou se terão que procurar outro emprego” (Diário Insular, 5-09-1985).

Devido ao facto do estabelecimento se encontrar sem Diretor, não foram distribuídas tarefas que permitissem aos professores contratados continuar a receber. Ao contrário do que acontecia no resto do país, os contratos com os professores – exceto com os efetivos – cessavam no Conservatório de Angra a 31 de Julho, enquanto nos outros conservatórios estendiam-se até ao final de Setembro. Assim, os docentes não efetivos ficaram sem receber desde essa data (Diário Insular, 5-09-1985).

O então Secretário Regional da Educação, Dr. António Maria Mendes, assegurou empenhar-se em rever a orgânica do CRAH, sob a tríade: “Repensar – Organizar - Dignificar” (Leal, 2006, p. 206). Por conseguinte, no dia 5 de Setembro de 1985, por determinação do titular da SREC, foram abonados os vencimentos dos professores e

⁴¹ Cf. anexo O

⁴² Cf. anexo P

acompanhadores do CRAH. Promete-se, na mesma nota, implantar um conjunto de medidas de fundo para os Conservatórios Regionais, mormente o de Angra (Leal, 2006, p. 206). Para além disso, foi designado para Diretor, a título transitório (até se encontrarem os meios de superação das dificuldades com que o Conservatório se debatia, inclusive as que se prendem com a sua gestão), o Dr. Aurélio da Fonseca Franco⁴³, professor efetivo da Escola Secundária de Angra e destacado na Direção Regional de Orientação Pedagógica, sob a dependência direta do Secretário Regional a fim de garantir o início de mais um ano escolar (Diário Insular, 07-09-1985; União, 09-09-1985⁴⁴).

Enquanto isso, no dia 18 de Novembro desse ano, por despacho do Diretor Regional da Orientação Pedagógica, o maestro Artur Vaz da Fonseca⁴⁵, foi nomeado Professor Encarregado da Direção do CRAH (Diário Insular, 21-11-1985).

No dia 18 de Dezembro de 1985, é publicado no Diário Insular um artigo de opinião pelo senhor Paulo Cunha⁴⁶.

“Desde o início que tenho seguido o processo da substituição do Diretor do Conservatório. Até aqui nunca me pronunciei, na esperança «do passo ser acertado» - o que até ao presente não aconteceu. Infelizmente. Mas julgo que chegou a altura de dizer algo sobre o assunto (...) é normal encontrar-se em todo o mundo pessoas ocupando cargos da maior responsabilidade musical, independentemente do seu país de origem. A competência é que conta (...). A música (...) nunca deve ser «misturada» com a política. (...) Em face disto, a pessoa a seguir indicada para o desempenho do cargo, é o dr. Gustaaf Van Manen. Inequivocamente. Fala-se das leis que regulamentam. Mas não haverá exceções nas leis? Tem de haver! Pois, se assim não for, pergunto: Haverá alguma lei que defenda o absurdo - o contrário da razão?” (Diário Insular, 18-12-1985).

A partir dos artigos publicados pelos alunos do Conservatório e por este senhor Paulo Cunha, podemos concluir que, na opinião dos mesmos, toda a situação polémica gerada em torno da escolha de um novo diretor poderia ter sido resolvida de uma outra forma. Claramente, sendo ainda aluna do Conservatório, a escolha de Teresa do Menino Jesus para Diretora não deveria ter acontecido, pois foi um grande insulto aos professores de música do CRAH, tendo tido imensas repercussões (exemplo disso, foi um dos professores chegar ao extremo de se demitir e regressar ao seu país de origem).

De 1987 a 1993, Luísa Alcobia Leal regressa e exerce as funções como diretora do Conservatório.

“Luísa Alcobia Leal reassumiu ontem as funções de diretora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. (...) Observadores locais chegaram a temer pelo

⁴³ Cf. anexo Q

⁴⁴ Cf. anexo R

⁴⁵ Cf. anexo S

⁴⁶ Cf. anexo T

futuro do Conservatório, até porque a SREC estava a encontrar enormes dificuldades para substituir Artur Fonseca, que exerceu até ontem as funções de diretor” (Diário Insular, 24-11-1987)⁴⁷.

1.4. O nascimento do Coro do Conservatório

Em Janeiro de 1992, por iniciativa de Luísa Alcobia Leal, nasceu o Coro do CRAH com o intuito de concretizar um projeto de intercâmbio musical entre os Conservatórios Regionais, tendo-se estreado em Maio do mesmo ano com a célebre obra “Glória” do compositor italiano António Vivaldi em colaboração com a Orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada (Leal, 2006, p. 231). Ideia nascida por iniciativa das professoras Luísa Alcobia Leal e Shelley Ross, responsável pela Orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada (Correio dos Açores, 16-05-1992)⁴⁸. Ambas foram responsáveis pela preparação do Coro e solistas e da orquestra, estando na Terceira a trabalhar o Coro e a organista Janeen Hoffman, professora de música na base americana das Lajes, e em São Miguel a orquestra (União, 05-05-1992)⁴⁹.

Como solistas intervenientes participaram os sopranos Sandra Sardinha e Raquel Ramos Dinis, de S. Miguel e o mezzo-soprano Maria Isabel Valle e o tenor Mário Silva, da Terceira (Leal, 2006, p. 235). Na ilha Terceira realizaram-se dois concertos, um em Angra do Heroísmo e outro na Praia da Vitória, e mais outros dois em São Miguel, em Ponta Delgada e na Ribeira Grande (Açoriano Oriental, 20-05-1992)⁵⁰.

O coro do Conservatório destacou-se pelo recurso a pequenas orquestras que contribuía para uma atmosfera musical mais agradável para os espetadores e para os intérpretes. Como consequência, houve depois a tendência de subestimar o cantar “a cappella” (Leal, 2006, p. 238).

“Os Encontros de Coros da Ilha Terceira têm vindo a abusar desse acompanhamento musical em detrimento das potencialidades da voz, o mais completo e acessível instrumento, e o que melhor define e sustenta a música coral” (Leal, 2006, p. 238).

Um dos momentos mais importantes da existência do Coro do Conservatório foi o concerto dado no Salão Nobre dos Paços do Concelho de Angra, aquando da vinda dos Estudantes do Liceu Internacional de Saint-Germain-en-Laye (Paris) (Leal, 2006, p. 240).

“(...) usou da palavra o dr. Joaquim Ponte que reiterou o interesse de a Câmara de Angra apoiar iniciativas culturais e ato como o que ali se estava a viver. Sublinhou a importância dos intercâmbios para um melhor conhecimento dos

⁴⁷ Cf. anexo U

⁴⁸ Cf. anexo V

⁴⁹ Cf. anexo W

⁵⁰ Cf. anexo X

*Açores e do papel desempenhado pela cidade de Angra do Heroísmo na história de Portugal (União, 18-02-1994)*⁵¹.

O Coro de Câmara do Conservatório foi conseguindo colaborar em várias ocasiões em iniciativas socioculturais terceirenses como os concertos dados no âmbito das Jornadas Culturais da Academia de S. Tomás de Aquino, no Seminário Episcopal de Angra, nos Encontros de Coros da Ilha Terceira, no Clube de Oficiais da Base Aérea n.º 4, e em freguesias rurais. Foi possível uma boa participação dos alunos nestes eventos, apesar de estarem condicionados aos horários das aulas, dos transportes e dos períodos de férias. Foi a primeira vez que o CRAH saiu do seu casulo citadino para uma descentralização cultural que viria a registar-se mais tarde com a classe de Viola Regional, as danças de Carnaval e as Festas Sanjoaninas (Leal, 2006, p. 236).

1.5. “Conservatório sobe de tom”⁵²

Na década de 90, o CRAH realizou alguns espetáculos de grande destaque que mereceram o seu lugar nas páginas dos jornais regionais.

Um desses espetáculos de audição final dos alunos, realizado no dia 4 de Julho de 1990, teve lugar no salão maior do Palácio dos Capitães-Generais. Muito público correu para ouvir e aplaudir os pequenos-grandes executantes de Iniciação Musical e Flauta de Bisel, da classe de Piano, de Violino, de Canto e de Viola Regional. No Diário Insular é congratulado o trabalho de docentes e alunos através das seguintes palavras:

“Com uma audição como a que assistimos de final de ano dos alunos do Conservatório de Angra, é por demais evidente que naquele estabelecimento de ensino, e ao longo do ano letivo findo, houve trabalho empenhado de docentes e alunos” (Diário Insular, 06-07-1990)⁵³.

Outro espetáculo realizado pelo Conservatório, no dia 11 de Dezembro de 1992, que teve o seu merecido destaque na página do jornal *A União*⁵⁴, ocorreu no Clube de Oficiais da B.A.4⁵⁵ com a presença da Direção do Clube dos Oficiais (comandantes português e americano) e o Secretário da Educação e Cultura. Estas entidades ficaram muito satisfeitas com mais um trabalho do Conservatório de Angra. O apresentador do espetáculo chegou mesmo a lançar um repto às referidas entidades e à própria Diretora do Conservatório de se criar uma orquestra juvenil em Angra ou na Ilha Terceira dada a qualidade e a destreza das execuções dos músicos. Desta ocasião, serve o merecido destaque das obras e dos nomes responsáveis por este espetáculo:

“(...) pela ordem do programa distribuído: a classe de Ballet, com a bela coreografia da Prof^a. Eduarda Rosa, interpretou Matinal e Vontade de Mudar –

⁵¹ Cf. anexo Y

⁵² Título que surge no artigo de jornal *A União*, 15-12-1992.

⁵³ Cf. anexo Z

⁵⁴ Cf. anexo AA

⁵⁵ Base Aérea n.º 4

conjunto Madre Deus; a classe de flauta de bisel do Prof^o. Antero Ávila que tocou We Wish You a Merry Christmas e Do you see I see; classe de guitarra clássica, do Prof^o. Carlos Baptista Ávila que executou Exercícios nº 1 a 8 – Dionísio Aguado, Romance guitarra (anónimo), a conhecida Alma Espanhola – Prof^o. Duarte Costa e um número de C. Baptista, Exercício em Mi. O prof^o. desta classe e a soprano Luísa Alcobia Leal interpretaram Greensleeves e Plaisir d’amour, de J. P. Martini, números bastante apreciados.

A classe de conjuntos vocais, da Prof^o. Luísa Alcobia interpretou com muito nível três duetos de As Bodas de Fígaro, de W. A. Mozart e um dueto de Magnificat de J. S. Bach, a cargo respetivamente de Eulália Mendes e José Corvelo; Ana Cota, José Corvelo; Maria Alexandra Machado e Maria Isabel Valle. Quanto ao dueto de Bach, esteve a cargo desta última e do tenor Mário Silva. Ao piano esteve a prof^a. Maria João Carreira.

A classe de violinos, da responsabilidade do prof^o. Luís Soares, começou pelo conhecidíssimo Hey Jude – Paul McCartney, seguido de Bournée, de Handel e Children’s Symphony – L. Mozart. A esta classe sucedeu a apresentação do Coro de Câmara, dirigido por Luísa Alcobia. Interpretou de Bach, Coral Jesus Bleibet Meine Freude e Tollite Hostias (coro final da Cantata de natal), de Saint Saens, em conjunto com um grupo de violinos do Prof^o. Luís Soares, tendo resultado um bom trabalho.

A sétima classe, do Prof^o. Italiano Massimo Spiga, tocou Equali nº 2 e Palestrina para 4 trompetes e ainda Chorale de Wagner e Pavane de Ravel. Esta classe é a mais recente das que foram apresentadas.

Finalmente, a classe de viola regional, a mais numerosa, concluiu o espetáculo, tendo tocado com muito agrado quatro números populares terceirenses (Tirana, Olhos Pretos, Doce Esperança e Lira). Esta classe é dirigida pelos profs. José Luís Lourenço e Eduardo Correia.

De referir, ainda antes do encerramento, a entrega duma medalha pelo Brigadeiro Sanches Osório à Diretora do Conservatório” (A União, 15-12-1992).

O Conservatório mostrava uma grande qualidade musical e grande aquisição de professores. A classe de Trompete era a mais recente, havia uma classe de flauta de Bisel e de Guitarra Clássica e a classe de Viola Regional continuava a ser a mais numerosa.

No dia 28 de Março de 1993, o Conservatório de Angra, pela primeira vez, atuou num meio rural, destacando-se pela descentralização cultural e artística que incentiva e pelo valor pedagógico de que se reveste. Forma essa de mostrar o que professores e alunos são capazes de realizar, estimulando-os a prosseguir.

“(…) realizações como estas devem ser repetidas nos meios rurais, carecidos de atividades culturais (...)” (A União, 30-03-1993⁵⁶).

2. Mudança da direção do Conservatório

“Fui professora encarregada da direção durante quinze anos” (Cabral, 2001, p. 93).

No dia 16 de Setembro de 1993, sucedeu, de forma repentina, uma mudança da direção do Conservatório (Leal, 2006, p. 247), devido a divergências quanto à colocação de professores no CRAH (A União, 17-09-1993)⁵⁷. Face a isso, e nos termos da lei, a Direção Regional avocou, no uso das suas competências próprias, a seleção dos candidatos (A União, 17-09-1993).

“O diretor regional, no uso das suas competências, entendeu que não devia reconduzir o conselho diretivo cessante do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Não o reconduziu e propôs ao membro do governo respetivo a sua substituição por um novo (Cabral, 2001, p. 100).

Por conseguinte, Ana Paula Rodrigues, licenciada em História, tomou posse como Presidente do Conselho Diretivo do CRAH, em substituição de Luísa Alcobia Leal (A União, 17-09-1993). Segundo o Diretor Regional:

(...) “não estão em causa questões técnicas nem a dignidade profissional da presidente cessante”. Referiu que a anterior responsável pelo Conservatório de Angra do Heroísmo é “a única professora com habilitação própria”, estando em causa apenas uma questão de natureza administrativa. “Entendi que devia escolher uma pessoa com habilitação própria, mesmo sem ser da área, para exercer o cargo” (...) Por outro lado, referiu que o Conservatório de Angra tem uma “situação extremamente preocupante para a tutela”, que é a falta de professores com habilitação própria. Tendo em conta essa realidade, a direção regional da Educação decidiu fazer diretamente a seleção dos professores para o próximo ano letivo (...) vai ter um quadro de 12 professores, dos quais quatro ou cinco serão estrangeiros convidados” (Diário Insular, 17-09-1993)⁵⁸.

2.1. Conservatório presidido pela primeira vez por uma professora de História⁵⁹

⁵⁶ Cf. anexo AB

⁵⁷ Cf. anexo AC

⁵⁸ Cf. anexos AD e AE

⁵⁹ A maior parte da informação e documentos encontrados neste capítulo advêm da entrevista realizada à ex-presidente do Conselho Diretivo Ana Paula Rodrigues.

O mandato da Presidente do Conselho Diretivo, Ana Paula Rodrigues, durou dois anos letivos (1993-1994 e 1994-1995).

Quando assumiu o cargo, ainda não havia professores contratados, atendendo à divergência na contratação desses professores. Inicialmente, não se sentiu muito apoiada pelos professores de música, acabando por não conseguir os três elementos que deveriam constituir o Conselho Diretivo. Ter alguém à frente de uma escola de música, que não fosse de música, foi sempre um assunto polémico. Porém, esta nova presidência foi uma mais-valia a nível de organização escolar e no segundo ano letivo já conseguiu arranjar os três elementos⁶⁰.

A Presidente, quando chegou ao Conservatório, não sentiu que funcionasse como uma escola. Não havia organização a nível das coisas mais simples como: os professores assinarem sempre o livro de ponto nas horas das aulas ou marcarem sempre as faltas aos alunos; também algumas pautas por assinar pelo órgão diretivo (se não fossem assinadas não tinham legalidade), notas de alguns alunos ou de disciplinas por lançar, etc.

Como Presidente convocou reuniões gerais, que pensa que não eram habituais (nos arquivos do Conservatório não constavam atas relativas a esta situação). Reuniões que, pelo menos no início do ano letivo, tinham de ser feitas. Foram também concretizados planos anuais de atividades⁶¹ em que o Conselho Diretivo definiu como objetivos prioritários⁶²:

- Proporcionar a integração no Conservatório dos professores, alunos e funcionários.
- Promover a aproximação entre o Conservatório e a Comunidade, através da concretização de atuações na própria Escola e no exterior.
- Sensibilizar os pais e encarregados de educação para os problemas inerentes ao ensino artístico, nomeadamente o da Música.
- Contribuir para a formação contínua dos professores, através da realização de ações de carácter pedagógico-didático.
- Divulgar o trabalho artístico desenvolvido no Conservatório em prol da formação e informação da comunidade.

Dentro destes planos de atividades estavam incluídos os concertos da temporada musical dos Açores promovida pela Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), que integravam músicos do Conservatório. No início do ano tinham uma reunião na DRAC, que incluía os três conservatórios, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Horta e Graciosa (academia de música), e para essa temporada musical era proposto um programa com vários concertos nas várias ilhas. Aproveitaram alguns músicos, que vinham para a temporada musical, para darem formação.

⁶⁰ Cf. anexo AF

⁶¹ Cf. anexos AG e AH – planos anuais de atividades dos anos letivos 1993-94 e 1994-95.

⁶² Citado de um documento fornecido pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues.

Passou a haver diretores de turma⁶³, que tinham por base as disciplinas com mais alunos: formação musical e piano. Esta iniciativa permitiu aos pais/encarregados de educação, e à própria escola, obter informações e resposta a questões a que ninguém sabia responder, por falta de alguém responsabilizado para o efeito (Ata nº 1, 30-09-1994)⁶⁴.

Nesta altura, por solicitação do Conservatório ao Núcleo do Departamento do Ensino Secundário (ex-GETAP), chegaram programas das disciplinas de Acústica, História da Música, Análise e Técnicas de Composição, Piano e Formação Musical (Ata nº 2, 18-11-1993)⁶⁵.

O Conservatório recebia muita correspondência de pessoas com propostas para lecionar no mesmo, normalmente estrangeiros, sendo muitas de italianos, mas em maior número de ucranianos. Essas propostas, muitas traduzidas em inglês, informavam das suas habilitações e experiência profissional. Foi a partir daí que o Diretor Regional decidiu aceitar alguns estrangeiros, com estatuto de professor convidado. No início do ano letivo (1993/94) vieram professores italianos e no 2.º período chegou um grupo de sete professores ucranianos: Mikhayl Roussal, flauta transversal, Yevgeniya Soltys, violino, Ostap Kharambura, violela, Taras Poustovgar, clarinete, Orest Grytsuk, violoncelo e Tatyana Melikova, piano (Diário Insular, 18/19-03-1995)⁶⁶.

Portanto, este Conselho Diretivo aumentou o número de professores do Conservatório para um total de 32, no ano letivo de 1994/95⁶⁷. Quanto aos professores convidados, todos tinham habilitação própria, mas tinha de ser feito o reconhecimento das suas habilitações, e isso levou alguns anos.

⁶³ Cf. anexo AI

⁶⁴ Cf. anexo AJ

⁶⁵ Cf. anexo AK

⁶⁶ Cf. anexo AL

⁶⁷ Cf. anexo AM

Tabela 8 - Tabela fornecida pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues referente ao número de professores no ano letivo 1994-1995

CATEGORIA	NÚMERO
EFFECTIVOS DE NOMEAÇÃO DEFINITIVA	1
EFFECTIVOS DE NOMEAÇÃO PROVISÓRIA	0
PROVISÓRIOS COM HABILITAÇÃO PRÓPRIA	3
COM HABILITAÇÃO SUFICIENTE	2
CONVIDADOS	11
PROVISÓRIOS SEM HABILITAÇÃO LEGAL	15
<i>TOTAL</i>	32

A partir da análise desta tabela fornecida pela ex-presidente do Conselho Diretivo, verificamos que continuava a haver apenas um professor efetivo de nomeação definitiva e com habilitação própria. Muito elevado era o número de professores provisórios sem habilitação legal (15), seguindo-se o dos professores convidados (11), dos provisórios com habilitação própria (3) e com habilitação suficiente (2).

O número de alunos aumentou para cerca de 500, tendo sido necessário solicitar mais salas, sobretudo porque as aulas se concentravam entre as 17 e 22 horas. Nesse ano, o Conservatório, além de funcionar no edifício principal do Corpo Santo (Rua do Armador, nº 7), também passou a funcionar em quatro salas e num gabinete do Anexo da Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade. Isto levou à necessidade de colocar um funcionário de apoio neste edifício (Ata nº 1, 30-09-1994)⁶⁸.

Tabela 9 - Tabela fornecida pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues referente ao número de inscrições de alunos às diferentes disciplinas no ano letivo de 1994-95

⁶⁸ Cf. anexo AN

ALUNOS

CURSOS		
	BÁSICO	
CURRICULARES -	277	TOTAL..... 294
COMPLEMENTAR	17	
LIVRES -	226	
TOTAL		520 ALUNOS

DISCIPLINAS	INSCRITOS
PIANO	160
VIOLINO	22
FLAUTA TRANSVERSAL	14
TROMPETE	25
CANTO	15
CONTRABAIXO	7
VIOLONCELO	5
ÓRGÃO	9
GUITARRA CLÁSSICA	52
TROMBONE	1
CLARINETE	13
FLAUTA DE BISEL	54
VIOLA REGIONAL	143
GUITARRA PORTUGUESA	2
BALLET	70
IN. DANÇA JAZZ	14
INICIAÇÃO MUSICAL	68
CORO	23
HISTÓRIA DA MUSICA	9
AN. TECN. COMPOSIÇÃO	10
ALEMÃO	9
ITALIANO	9

Analisando a tabela anterior, verificamos que no ano letivo de 1994-95 houve um aumento do número de alunos, sendo 277 no curso Básico, 17 no curso complementar e 226 no curso livre. É de notar que o número de inscritos no curso livre era bastante significativo. Relativamente às inscrições nas disciplinas de instrumento, salienta-se o número mais elevado de alunos inscritos a piano (160), seguido da Viola Regional (143) e Ballet (70). A partir destes dados, concluímos que o número de inscrições a Ballet diminuiu, comparativamente a 1981, ano em que era a disciplina com maior número de inscrições (101).

A 25 de Setembro de 1995, decorreu uma reunião geral de professores, tendo-se procedido à apresentação formal do novo Conselho Diretivo e seus cargos: Presidente Teresa Bettencourt (professora do nono grupo do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, exercendo o

cargo em regime de destacamento, segundo convite do Senhor Diretor Regional da Educação e indo lecionar a disciplina de Alemão do 1º grau) (Ata nº 1, 25-09-1995)⁶⁹.

Nesse ano letivo 1995-1996, o Conservatório contava com cerca de 480 alunos e com um corpo docente de 29 elementos, necessitando ainda de um professor de Guitarra Clássica e de um professor de Piano para preencher vagas deixadas por desistências de outros docentes (Ata nº 1, 25-09-1995).

No ano letivo 1996-1997, foi estipulado que o cargo de Diretor de Turma fosse desempenhado pelo professor de Formação Musical (Ata nº 1, 20-09-1996). Em Maio de 1997, a professora Eduarda Rosa, apresentou o problema do Conservatório não ter condições para a disciplina de Ballet, afirmando já ter pedido uma sala maior sem nunca ter atingido o seu objetivo. Adiantou ainda que sempre foi dada pouca atenção à disciplina de Ballet (Ata nº 4, 26-05-1997)⁷⁰.

No ano letivo 1997-1998, inicialmente, esteve no cargo de Presidente do Conselho Diretivo o Professor Dionísio Silveira, até 26 de Janeiro de 1998, porque depois veio a ser convidado para presidir o Serviço Regional de Proteção Civil. O professor Anthony Barcelos, até então vice-presidente, substituiu o anterior tornando-se no novo presidente do Conselho Diretivo do CRAH, até ao fim desse⁷¹. Foi no final deste ano que surgiu o primeiro regulamento interno do CRAH, ao abrigo do artigo 6º do Decreto-Lei nº 115-A/98 de 4 de Maio⁷².

No dia 15 de Julho de 1999, reuniu a assembleia de escola com o intuito de proceder à eleição do Presidente do Conselho Executivo, tendo sido eleito, por um mandato de três anos, o professor Gustaaf van Manen (Ata nº 2, 15-07-1999)⁷³. A 23 de Junho de 2003 é esclarecido, através de uma carta endereçada pela senhora Presidente da Assembleia de Escola do CRAH, e com conhecimento do Presidente do Conselho Executivo do Conservatório, que o professor Gustaaf van Manen estaria impedido de se candidatar para o exercício de cargos de Administração e Gestão⁷⁴. Por conseguinte, em Julho de 2003, foi eleita Presidente do Conselho Executivo a professora Anabela Albuquerque.

A 23 de Fevereiro de 2005, argumentando com a impossibilidade de continuar a gerir a escola, devido à falta de recursos humanos na Secretaria do CRAH, a Presidente veio requerer a sua cessação de mandato. Porém, após a asseguaração da integração do Conservatório na nova escola integrada de São Carlos, a Presidente Anabela Albuquerque reconsiderou o seu pedido de cessação de mandato, acabando por aceitar permanecer na direção até à entrada da Comissão Executiva Instaladora nomeada pelo Secretário da Educação (da qual não fará obrigatoriamente parte qualquer membro da

⁶⁹ Cf. anexo AO

⁷⁰ Cf. anexo AP

⁷¹ Informação retirada da entrevista realizada ao professor Dionísio Silveira.

⁷² Cf. anexo AQ

⁷³ Cf. anexo AR

⁷⁴ Cf. anexo AS

Direção do Conservatório)⁷⁵. A entrada em funções da referida Comissão Executiva Instaladora estava prevista para Julho de 2005.

3. Extensão do Conservatório na Praia da Vitória

No CRAH, ao longo dos anos, foi-se verificando um número crescente de alunos oriundos do concelho da Praia da Vitória, bem como o impedimento de muitos outros desenvolverem as suas capacidades na área da música, por falta de uma escola de música próxima da sua área de residência. Assim, foi criada uma extensão do CRAH na Escola Básica do 2º e 3º ciclo Francisco Ornelas da Câmara na Praia da Vitória, passando a ministrar cursos regulares de Formação Musical, Classe de Conjunto, Guitarra Clássica, Piano e Violino. De forma a assegurar a lecionação dos Cursos da Extensão, competiu ao órgão de gestão do Conservatório recrutar os docentes necessários (despacho normativo nº 265/98, de 8 de Outubro de 1998).

A extensão do Conservatório só entrou em funcionamento a 4 de Janeiro de 1999, nas instalações da Escola Básica 2, 3 Francisco Ornelas da Câmara, com todos os cursos previstos, à exceção de Violino, por inexistência de professor para o efeito⁷⁶.

⁷⁵ Cf. anexo AT

⁷⁶ Cf. anexos AU e AV

TERCEIRA FASE (2008-2021)

III - CONSERVATÓRIO DE ANGRA DO HEROÍSMO INTEGRADO NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA TOMÁS DE BORBA

1. Criação da área escolar de São Carlos - antes da mudança oficial para a nova escola

A área escolar de São Carlos foi criada, como uma unidade orgânica de caráter transitório, englobando todos os estabelecimentos da educação pré-escolar e do 1º ciclo da rede oficial, bem como a educação especial, o ensino recorrente de adultos e a educação extraescolar, das freguesias de Cinco Ribeiras, Doze Ribeiras, Posto Santo, Santa Bárbara, São Bartolomeu, São Mateus da Calheta, Serreta e Terra Chã, e ainda os lugares de São Carlos, Pico da Urze e Bicas de Cabo Verde, todos da freguesia de São Pedro (DRR n.º 10/1998/A).

Antevendo a integração dos Conservatórios em escolas de ensino regular, foi realizada uma reunião no Conservatório Regional de Ponta Delgada, nos dias 17 e 18 de Julho de 1998, com os Presidentes das Comissões Executivas Instaladoras dos Conservatórios Regionais de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta. Esta reunião tinha em vista um debate, a reflexão de ideias e tomadas de posição sobre a integração dos Conservatórios nas Escolas dos 2º e 3º ciclo⁷⁷.

Nessa reunião, foram acordados os seguintes consensos em forma de propostas, tais como:

- Manter a designação futura de Conservatório Regional de Ponta Delgada/ Angra do Heroísmo / Horta – Escola de Ensino Artístico 2/3, como forma de preservar a identidade e a especificidade de um ensino especializado, artístico e profissional, “já que este possui objetivos e todo um plano de estudos que ultrapassam em muito os respeitantes aos dos 2º e 3º ciclos”.
- Incluir no órgão de gestão um Diretor Artístico, o qual deverá ser eleito exclusivamente pelos professores do ensino artístico.
- Propor a existência de um Conselho Pedagógico específico que inclua e reúna apenas professores do Ensino Artístico, competindo ao Diretor Artístico estabelecer a ligação e fazer a ponte com o outro Conselho Pedagógico referente ao ensino regular.

Portanto, a perspectiva de integração dos Conservatórios em escolas de ensino regular motivou à necessidade da realização de uma reunião entre os três Presidentes das Comissões Executivas Instaladoras dos Conservatórios Regionais de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, o que evidencia a apreensão e preocupação em manter e preservar o estatuto e essência dos Conservatórios de Música.

Posteriormente, a 21 de Maio de 1999, foi publicado o seguinte:

Artigo 12.º

⁷⁷ Cf. anexo AW

1 - Por decreto regulamentar regional, serão os atuais conservatórios regionais integrados nas escolas em que tal se mostre mais conveniente, ouvidos os órgãos de administração e gestão.

2 - As estruturas de ensino artístico, mesmo quando integradas em escolas com ensino artístico, mantêm a designação de conservatório, denominando-se «conservatório regional» no caso de ser ministrado ensino secundário na área artística.

3 - Até que seja dado cumprimento ao disposto no número anterior, o presente diploma aplica-se aos conservatórios regionais (Decreto Legislativo Regional nº 18/99/A).

Mais tarde, em 2005, deu-se seguimento a este artigo 12º:

“O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo tem vindo a funcionar em instalações precárias, maioritariamente constituídas por um imóvel de habitação arrendado, nunca tendo assumido a totalidade das funções para que foi criado. Assim, tendo em conta o estabelecido no artigo 12.º do Decreto Legislativo Regional nº 18/99/A, de 21 de Maio, procede-se à sua integração na nova unidade orgânica, sem prejuízo de serem mantidos os objetivos que presidiram à sua criação e a sua autonomia pedagógica” (DRR nº 16/2005/A).

Por conseguinte, a área escolar de São Carlos e o CRAH passam a constituir o embrião da nova unidade orgânica, destinada simultaneamente à educação pré-escolar e aos ensinos básico e secundário e artístico, tendo como escola âncora a EBSTB. Com a entrada em vigor deste diploma, deixaram de existir como unidades orgânicas do sistema educativo o CRAH e a área escolar de São Carlos. Porém, manteve-se em vigor o regime de repartição de alunos entre as diversas unidades orgânicas da ilha Terceira, enquanto a EBSTB não estivesse em pleno funcionamento (DRR nº 16/2005/A). Por conseguinte, Anabela Albuquerque passou a Vice-Presidente da Comissão Executiva Instaladora da EBSTB.

Nos quadros de pessoal docente do Conservatório na EBSTB constavam 22 docentes no total (DRR nº 16/2005/A):

Disciplinas	Nº de professores
Clarinete	2
Flauta Transversal	1
Piano	6
Violino	3
Violoncelo	1
Canto	4
Formação Musical; Educação Musical	3
Análise e Técnicas de Composição	1

Ballet	1
--------	---

No dia 5 de Setembro de 2007, os professores do Ensino Artístico da EBSTB reuniram-se no pequeno auditório do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, com o Presidente da Comissão Executiva Instaladora Augusto Oliveira. Nesta reunião foi transmitida a informação de que o Conselho Pedagógico da Unidade Orgânica iria sofrer alterações. A Comissão Executiva Instaladora entendeu reorganizar a representatividade do Ensino Artístico e propôs a criação de um Departamento próprio, apesar da existência da Comissão Pedagógica para o Ensino Artístico, órgão de coordenação e orientação educativa e pedagógica, que mais tarde se veio a extinguir. Desta forma, deixou de haver os coordenadores dos departamentos do Ensino Artístico para passarem a designar-se delegados de grupo disciplinar. Ainda, nesta reunião, foi criado o grupo disciplinar das Classes de Conjunto devido à necessidade de concentrar no mesmo grupo disciplinar todos os docentes que lecionam a disciplina de Classe de Conjunto (Ata, 5-09-2007⁷⁸).

Como consequência dessa proposta, foram eliminados os vários departamentos do Ensino Artístico e com eles os respetivos coordenadores para passar a existir apenas um Departamento do Ensino Artístico e um coordenador do mesmo. Esta situação veio reduzir e muito a presença e voz do Conservatório dentro do Conselho Pedagógico da EBSTB entre 11 departamentos existentes.

Em 2009, deixa de existir o cargo de Vice-Presidente do CRAH e passa a haver um Assessor do Ensino Artístico do Conselho Executivo, que só tem poder consultivo, logo, o CRAH deixa de ter poder executivo e a autonomia pedagógica prometida no DRR n^o 16/2005/A.

2. A criação de novos cursos no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo e a Viola Regional

Em 2002, criou-se a possibilidade dos alunos iniciarem mais cedo a aprendizagem da música a partir do funcionamento de cursos de Iniciação Musical, destinados especificamente a alunos que frequentam o 1^o ciclo do ensino básico, permitindo estabelecer a articulação com o ensino regular ao nível daquele ciclo (Campos, Barbosa, Gomes e Pereira, 2005, p. 4).

No ano letivo de 2004/2005, estiveram matriculados 141 alunos no Curso de Iniciação Musical, mas pelas exclusões de faltas e anulações de matrícula, o número de alunos diminuiu para 129. No curso Básico de Música houve 186 matrículas (Campos, Barbosa, Gomes e Pereira, 2005, p. 12-14).

Pela primeira vez, no ano letivo de 2004/2005, funcionou o Curso Básico de Dança, porque surgiu uma docente com formação, colocada pela DRE. Foram formadas 4

⁷⁸ Cf. anexo AX

turmas no 1º ano, com 1 aluno por turma, e uma turma no 2º ano, com 2 alunos. Naquela altura, a sala de Ballet do edifício do Conservatório não comportava mais de 4 alunos.

Os alunos que frequentavam o Conservatório provinham de diferentes escolas do ensino regular, tais como a EBI dos Biscoitos, EBI F. O. Da Câmara, EBI de Angra do Heroísmo, ES. J. E. de Andrade, ES Vitorino Nemésio e Colégio de St.ª Clara – e eram 92 alunos, no total, vindos dessas escolas (Campos, Barbosa, Gomes e Pereira, 2005, p. 14 e 16).

Entre o ano letivo de 2000/2001 e 2004/2005 o número de alunos da disciplina de Viola da Terra (Viola Regional) diminuiu drasticamente. Isto deveu-se ao facto de se começar a ensinar grupos mais pequenos (dois ou três alunos, em vez dos 25 alunos por aula) e em modelo de aulas individuais. Passou a exigir-se também a frequência dos alunos nas classes de Formação Musical e de Classe de Conjunto/Coro, sobrecarregando a carga horária com o triplo do tempo. Portanto, o salto do antigo curso livre para um novo foi grande demais e a diminuição do número de alunos é prova disso. Segundo o professor Lázaro Silva é um erro ter um tipo de aprendizagem de um instrumento tradicional igual a outros instrumentos de concerto, pois considera que o reportório instrumental da Viola da Terra terceirense não é suficientemente vasto para se implementar um curso de ensino ao nível do secundário⁷⁹.

Na reunião de 17 de Outubro de 2008, foi analisado e corrigido o regulamento interno do ensino artístico. Dessa forma, foi proposto pela professora Luísa Alcobia que os alunos de Técnica Vocal deveriam frequentar, simultaneamente, outro instrumento, preferencialmente Piano. No restante país só existia a disciplina de Técnica Vocal no Curso Complementar e não no Básico e os alunos tinham de frequentar cinco anos de um instrumento antes de poderem estudar Canto; por outro lado, a frequência da disciplina de Prática do Teclado estava prevista no curso complementar. Nos Açores (novidade em relação ao resto do país), para que os alunos de Técnica Vocal que frequentam o Curso Básico não fiquem prejudicados, em caso de transferência para outra Escola de Música fora dos Açores, torna-se imperioso que os mesmos frequentem outro instrumento, além da Técnica Vocal (Ata nº 3, 17-10-2008)⁸⁰.

3. Vicissitudes da integração do CRAH na EBSTB

A EBSTB foi inaugurada no dia 7 de Maio de 2008⁸¹ pelo então Presidente do Governo dos Açores, Carlos César. Naquela altura, foi considerada a primeira escola de grande dimensão desenhada e idealizada por açorianos, bem como a primeira escola do país vocacionada para o ensino artístico com alunos do pré-escolar até ao

⁷⁹ Cf. anexo AY; Consultar entrevista realizada ao professor Lázaro Silva.

⁸⁰ Cf. anexo AZ

⁸¹ Ver inauguração nos endereços web: <http://videos.sapo.pt/jAMYRM2aNNYCcQpiMgUi>
<http://videos.sapo.pt/ZoyhzdWKrrEDqrOjF3uN>

secundário, tendo sido o professor Augusto Oliveira o primeiro Presidente do Conselho Diretivo da Escola Tomás de Borba.⁸²

“Oitenta e cinco salas com quadro interativo e computadores ligados em rede, quatro laboratórios, uma piscina, sala de judo, sala de ginástica, um polivalente descoberto para os outros desportos, um campo de futebol sintético, estúdio de gravação vídeo e áudio e estações de rádio e televisão. (...) um dos aspetos inovadores da escola é o ensino artístico. Trinta e duas das salas são concebidas especialmente para a aprendizagem das artes. (...) O estabelecimento vai integrar o ensino artístico no horário letivo do ensino regular. Serão criadas ainda condições para aproveitar esses espaços para a realização de oficinas de dança, música e outras artes” (Diário Insular, 08-05-2008)⁸³.

Já neste artigo de jornal é salientado que trinta e duas das salas são destinadas exclusivamente ao ensino artístico. No entanto, a 4 de Setembro de 2008, é endereçada uma carta ao Presidente da Comissão Executiva Instaladora, por parte de todos os professores do ensino artístico, manifestando o seu descontentamento pela ocupação sistemática das salas de Coro, de Orquestra, de Ballet e das salas 200 e 202 por aulas e atividades extracurriculares do ensino regular⁸⁴. Infelizmente, este continua a ser um problema muito atual mencionado por alguns dos professores entrevistados.

Outra questão que continua a ser debatida, que já é assunto desde a reunião realizada no dia 18 de Dezembro de 2008⁸⁵, é a avaliação dos alunos do Ensino Integrado. Os professores de instrumento estão em desacordo com o modelo de reunião aplicado, pelo facto de estarem presentes nalgumas dessas reuniões durante uma hora e trinta minutos para avaliar, em alguns casos, apenas um aluno. Esta situação acaba por ser uma sobrecarga horária que se revela prejudicial ao processo educativo. Para além de que alunos do Ensino Integrado, nalguns casos, não são postos a render, pois há uma falta de interesse e aptidão que se tem revelado pelo elevado número de anulações de matrícula⁸⁶.

3.1. Questionário aos professores de música e do ensino regular da EBSTB

Com base nas entrevistas realizadas foram formuladas questões e efetuados dois inquéritos por questionário, a fim de averiguar a opinião geral dos professores de música do CRAH, bem como a dos professores do ensino regular. Os inquéritos consistiram num formato de pergunta fechada em que os professores tinham como opções de resposta: Discordo totalmente, Discordo parcialmente, Nem discordo e nem concordo, Concordo e Concordo totalmente. No total de 35 docentes do CRAH, foi possível obter 23 respostas por parte dos professores de música e, quanto aos

⁸² Informação retirada do endereço web: <http://videos.sapo.pt/ZoyhzdWKrrEDqrOjF3uN>

⁸³ Cf. anexo AAA

⁸⁴ Cf. anexo AAB

⁸⁵ Cf. anexo AAC

⁸⁶ Para estas e outras informações poderão consultar a entrevista realizada ao professor José Sousa.

professores do ensino regular, só foi possível obter 22 respostas, de 231 professores (9,5%).

No referido inquérito aos professores de música pretendeu-se saber qual a opinião dos mesmos em relação à integração do CRAH na EBSTB (Gráfico 1). Os resultados demonstraram que a maioria dos professores de música discorda totalmente com a integração.

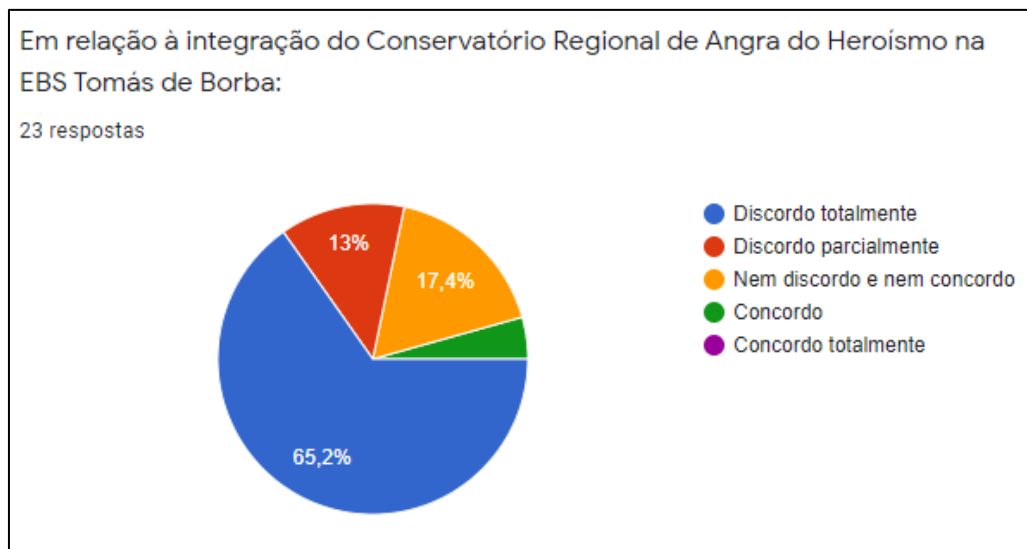


Gráfico 1 - Primeira questão formulada aos professores de música do CRAH

Na segunda questão pretendia-se saber se os professores de música se consideravam participantes ativos nos órgãos de gestão do CRAH e, pelo que podemos observar no gráfico 2, cerca de 34,8% discorda totalmente, 26,1% discorda parcialmente, 21,7% concorda, 8,7% nem discorda e nem concorda e 8,7% concorda totalmente. Relativamente a este assunto há um leque mais variado de opiniões.

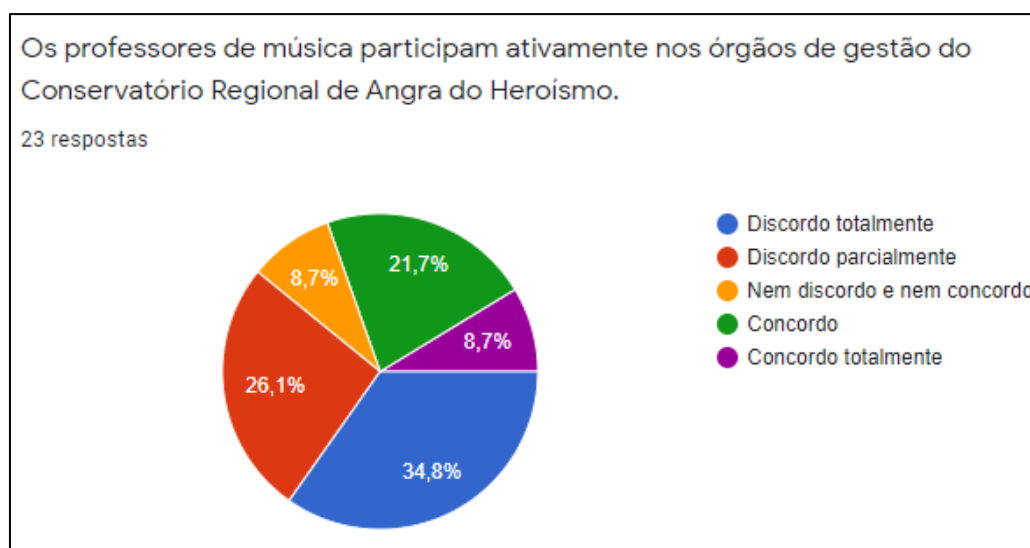


Gráfico 2 - Segunda questão formulada aos professores de música do CRAH

Outra questão colocada pretendia saber qual a opinião dos professores de música relativamente ao CRAH estar inserido na categoria de serviços na página *web* de apresentação da EBSTB. Podemos observar que prevalece a discordância total, com 72,7%, isto é, não concordam que o CRAH seja classificado como um serviço pois é uma escola de música.

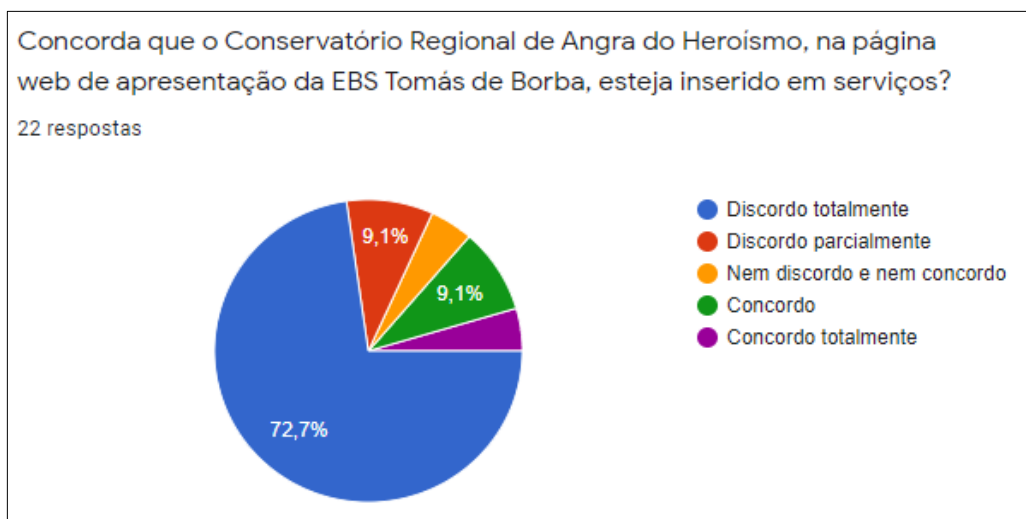


Gráfico 3 - Terceira questão formulada aos professores de música do CRAH

No espaço do CRAH, desde a sua integração, tem havido uma persistente e constante ocupação das suas salas por turmas do ensino regular. Procurei saber a opinião dos professores e 73,9% discorda totalmente dessa ocupação das salas, todavia houve um concordo a registar.

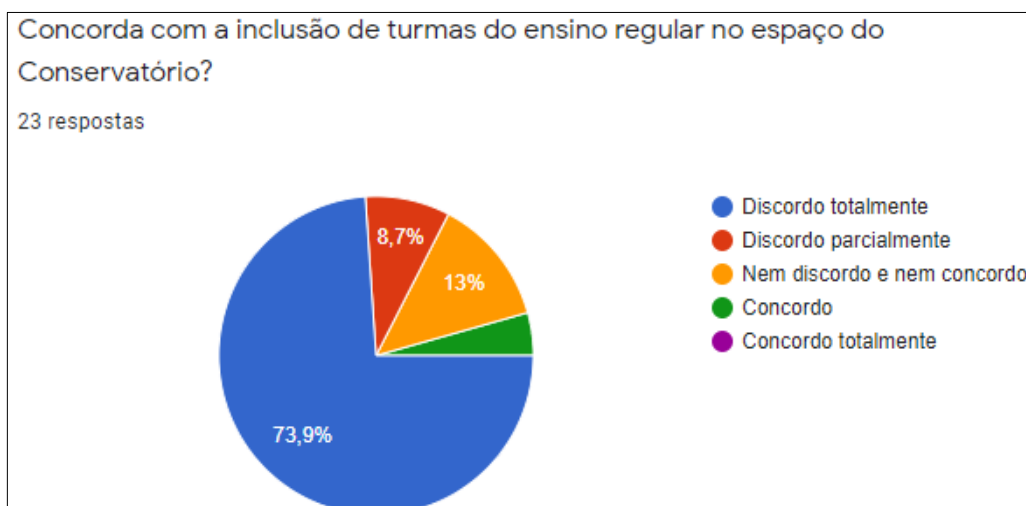


Gráfico 4 - Quarta questão formulada aos professores de música do CRAH

Ainda dentro do mesmo assunto, procurou-se saber se concordam que a disciplina de Educação Musical, que faz parte do ensino regular, ocupe o espaço do CRAH, e a

maioria dos professores discordou totalmente (69,6%). Contudo, há um concordo e um concordo totalmente.

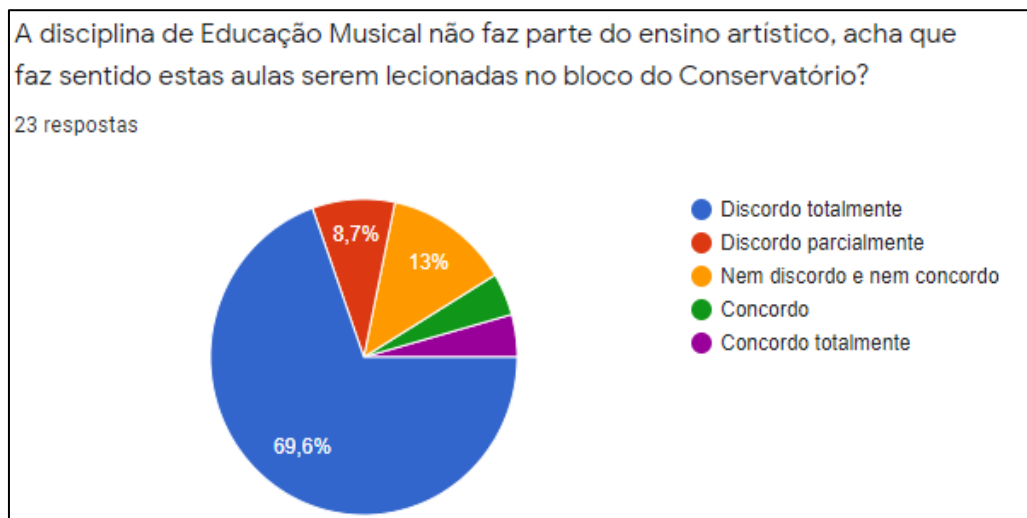


Gráfico 5 - Quinta questão formulada aos professores de música do CRAH

Por último, questionou-se sobre os instrumentos musicais, se os que foram recentemente adquiridos pela escola apresentam condições mínimas para servirem os professores. Esta questão foi a que desencadeou mais disparidade e poderá dever-se ao facto de haver um leque variado de oferta de instrumentos, havendo professores efetivamente satisfeitos com os instrumentos que têm à sua disposição e outros não tão satisfeitos. Pelo menos pudemos saber, a partir das entrevistas, que há um grande descontentamento relativamente às condições dos pianos do CRAH.

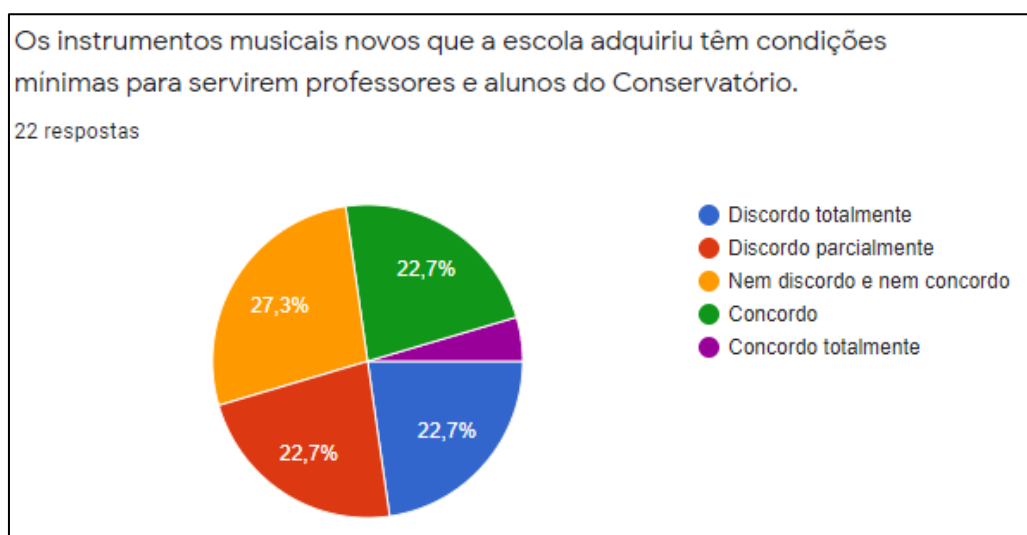


Gráfico 6 - Sexta questão formulada aos professores de música do CRAH

Estas foram as seis questões colocadas aos professores de música do CRAH.

Quanto às questões colocadas aos professores do ensino regular, a primeira foi a mesma que se colocou aos professores de música e, como podemos ver no gráfico 7 abaixo, os professores do ensino regular, contrariamente à opinião dos professores do CRAH, concordam totalmente (63,6%) com a integração do CRAH na EBSTB, havendo uma pequena percentagem que discorda (9%).

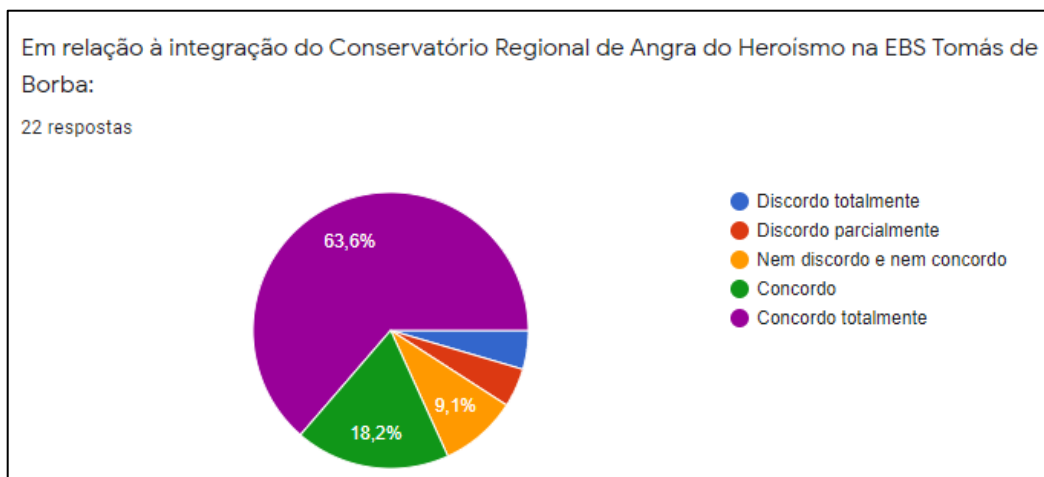


Gráfico 7 - Primeira questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Também se averiguou a opinião dos professores do ensino regular relativamente ao facto do CRAH estar categorizado como serviço. A maioria (36,4%) disse nem discordar e nem concordar, 27,3% discordam totalmente e 9,1% discordam parcialmente. Mas também há professores que concordam (27,3% no total). Todavia, o CRAH é uma escola de música e não um serviço.

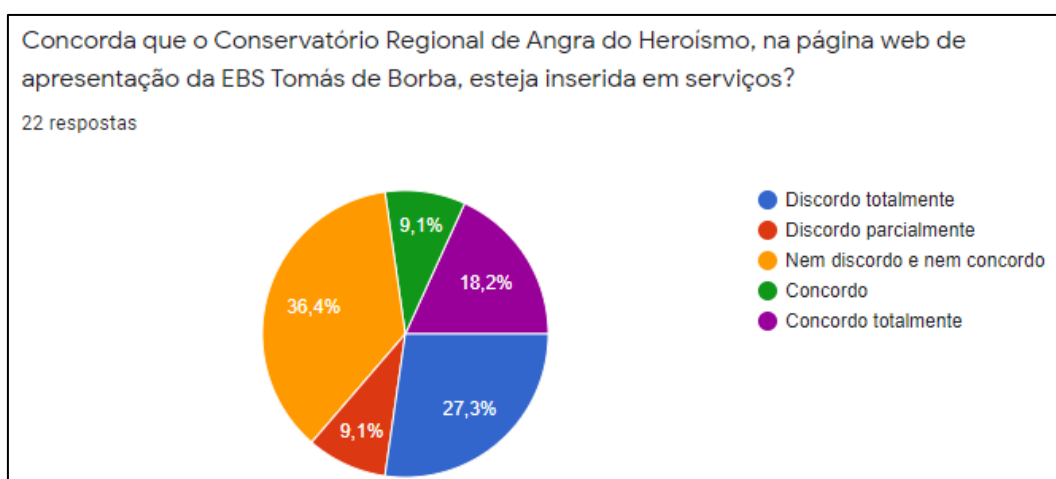


Gráfico 8 - Segunda questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Outra questão, igualmente colocada aos professores do ensino regular, foi sobre o facto das turmas do ensino regular ocuparem o espaço do CRAH. A grande maioria concordou (72,8%), sendo uma opinião pouco favorável para o CRAH.



Gráfico 9 - Terceira questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Procurou-se saber se os professores do ensino regular consideram uma audição uma atividade digna de estar no plano anual de atividades, ao que a maioria respondeu concordar, tendo havido uma percentagem pequena que discordou.

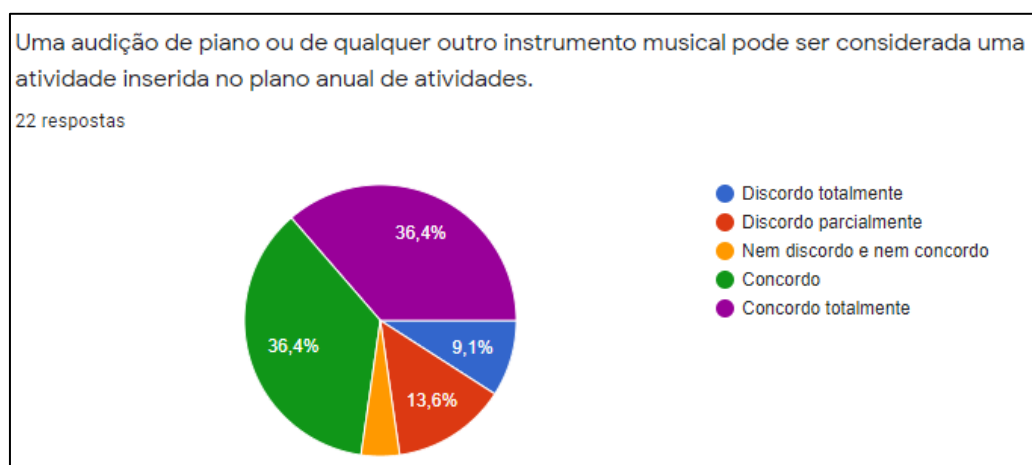


Gráfico 10 - Quarta questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

Relativamente à integração dos professores do ensino artístico nas atividades da escola, foi consensual a concordância e que devem participar mais.

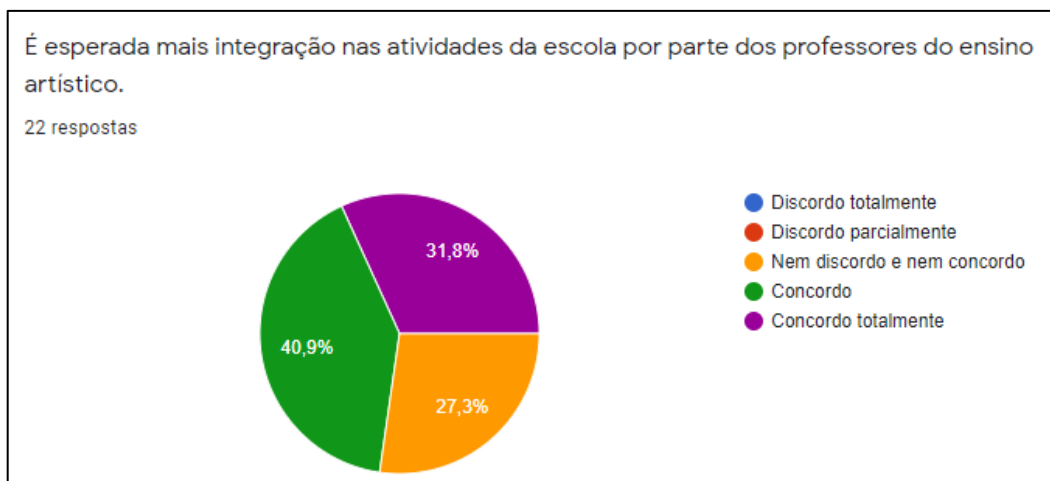


Gráfico 11 - Quinta questão formulada aos professores do ensino regular da EBSTB

A partir destes inquéritos por questionário foi possível ter uma visão dos dois lados - ensino artístico e ensino regular - havendo questões em que estão em acordo e outras em desacordo. O grande desacordo é em relação à integração do CRAH na EBSTB e à inclusão de turmas do ensino regular no espaço do conservatório.

4. Considerações finais - à procura da identidade do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo

O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo é uma escola de música com 43 anos de existência e com uma história cheia de vicissitudes e dificuldades. Espera-se que este documento venha contribuir para melhorar o conhecimento sobre a instituição.

Passados anos desde a sua criação, deparamo-nos com um atual CRAH completamente integrado numa escola de ensino regular. Através das entrevistas, foi possível retirar a conclusão de que a integração foi, e continua a ser, prejudicial para o normal funcionamento do Conservatório enquanto entidade singular. Ao contrário do que acontece nas outras escolas do país, o Conservatório da Ilha Terceira “gira em torno do ensino regular”, não tendo conseguido alcançar a tão desejada denominação de Escola Artística. Um exemplo de sucesso é o do Conservatório de Braga, designado Conservatório de Música Calouste Gulbenkian, que foi transformado em Escola Piloto de Educação Artística pelo Ministério da Educação. Este conservatório conseguiu alcançar o nome de Escola Artística e mantê-lo, porque acrescentou nas suas instalações o ensino regular e não o contrário. Todavia, ocorreu uma luta inicial pela sua autonomia, porque a direção ficou dependente administrativamente da reitoria do Liceu D. Maria II, no ano letivo de 1971-1972, tornando-se ainda, naquela época, numa secção do mesmo. Em 1982, o Ministério da Educação e Universidades criaram esta escola de música com o nome de Calouste Gulbenkian e definiram-na como um estabelecimento especializado no ensino da música independente do liceu, conferindo-

lhe autonomia administrativa e criando uma direção, no regime de Comissão Instaladora. Conclusão: foram necessários cerca de 10 anos de luta para alcançar novamente a autonomia (Projeto Educativo - Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, 2014-2018, p. 4).

Ora, este é o caminho que o CRAH terá de percorrer se pretender recuperar uma direção própria que lhe confira uma autonomia administrativa. Mas também será preciso definir a missão do CRAH e dar-lhe maior visibilidade na comunidade terçoirense.

Numa das primeiras entrevistas realizadas, houve uma questão colocada pelo professor Antero Ávila que foi bastante intrigante e que foi pairando ao longo da feitura deste documento - O que é o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

Esta questão impulsionou a pesquisa sobre o funcionamento de outros conservatórios (Braga, Cascais, Lisboa, Porto, Ponta Delgada, entre outros) para termo de comparação. Nas respetivas páginas da *internet* encontra-se informação detalhada sobre a sua história, missão, órgãos de gestão, etc. Esses conservatórios são designados de Escola Artística, ou Escola de Ensino Artístico Especializado da Música, ou Escola Artística de Música. Ao pesquisar na *internet* “Conservatório de Braga” encontra-se logo “Escola Artística Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga”.

Por outro lado, quem pesquisar “Conservatório da Terceira” numa página *web*, o que irá encontrar em primeiro lugar é a Conservatória do Registo Civil de Angra do Heroísmo e em segundo lugar a EBSTB. Isto confirma o que foi referido pela primeira diretora do conservatório no capítulo 1.2. da primeira fase na entrevista de “A Forja”, ao dizer que as pessoas pensavam que o Conservatório era a Conservatória do Registo Civil.

Atualmente, não há essa confusão na comunidade terçoirense, mas o mundo digital reflete exatamente o oposto. Esta situação, não tão inesperada, advém da EBSTB não enfatizar o nome do seu conservatório de música, e é possível verificar isso na página oficial da própria escola, porque não ressalta o nome do conservatório em parte alguma e nem há nada que nos indique de que há efetivamente uma escola de música.

Como encontrar o conservatório na página oficial? É escolher Escola-Serviços e aparecerá o CRAH⁸⁷. Assim, já é possível responder à questão levantada pelo professor Antero Ávila - o CRAH é um serviço na ótica da EBSTB! E, ao clicar em CRAH, verifica-se uma ausência de informação sobre o que é e qual a sua missão.

A partir das entrevistas realizadas, retira-se a ilação de que o ensino regular se sobrepôs ao CRAH. Esta situação também foi gerada pela rápida eliminação dos vários órgãos⁸⁸ que constituíam o CRAH e que o fizeram perder poder e autonomia pedagógica dentro da EBSTB.

⁸⁷ Cf. anexo AAD

⁸⁸ Cf. anexo AAE – Cronologia dos Presidentes que passaram pela Direção do CRAH.

Atualmente, os professores de música sentem que não conseguem fazer ouvir a sua voz, como acontecia antes da integração, e que não estão a ser compreendidos em vários aspetos, conforme referiram nas entrevistas. Mostraram preocupação por vários motivos, entre os quais:

- a) Salas destinadas ao conservatório ocupadas por turmas do ensino regular;
- b) O ruído destes alunos que percorrem o espaço do conservatório perturba o normal funcionamento das aulas de música;
- c) A tentativa de eliminação das aulas individuais de instrumento, convertendo-as em coletivas, para se aproximarem do ensino regular;
- d) Reuniões de avaliação, em que obrigam os professores de música a estar presentes o tempo todo para avaliar, muitas das vezes, um só aluno;
- e) A aquisição de pianos sem qualidade;
- f) Horários muito dispersos, em que as aulas de música são inseridas nos “buracos” do ensino regular.

Conclui-se que o ensino artístico e o ensino regular têm características muito diferentes e que tem sido difícil a sua articulação.

Desta investigação resulta um alerta para:

- A insatisfação da classe docente do ensino artístico do CRAH a funcionar dentro da EBSTB, que pode prejudicar o ensino da música;
- A pertinência de reportar à tutela os problemas identificados.

Referências Bibliográficas

Cabral, T. (2001). *A Política dos Políticos*. Edição: Câmara Municipal de Angra do Heroísmo. Patrocinado pela Direção Regional da Cultura.

Campos, M., Barbosa, J., Gomes, N. e Pereira, P. (2005). *Funcionamento dos Conservatórios Regionais. Relatório Final*. Região Autónoma dos Açores – Secretaria Regional da Educação e Ciência – Inspeção Regional de Educação.

Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologias da Investigação Guia para a Auto aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga (2014-2018). *Projeto Educativo*. Disponível em: https://conservatoriodebraga.pt/wp-content/uploads/2021/03/CMCG_Projecto-Educativo.pdf

Escola Básica e Secundária Tomás de Borba (2018-2021). *Projeto educativo de escola*. Disponível em: http://www.ebstomasborba.pt/images/1_Escola/Docs_Orientadores/EBSTB_PROJ_EDUCATIVO_ESCO LA_2018_2021.pdf

Leal, A. N. (2006). *Sementeira de Sons*. Nova Gráfica, Lda.

Mota, G. (2014). A educação musical em Portugal – uma história plena de contradições. *Debates | UNIRIO*. Número 13, p. 41-50.

Pereira, L. M. S. (2013). *Coro Padre Tomás de Borba: AMIT, 30 anos a (en)cantar: contributos para a sua história*. 1ª edição – Lisboa: Blu Edições.

Artigos de jornal

S.A. (1955, junho, 26). Academia Musical. *A União*.

S.A. (1955, junho, 1). Foi aprovada a constituição da Academia Musical. *Diário Insular*.

S.A. (1955, junho, 19). A Academia Musical da Ilha Terceira. *Diário Insular*.

S.A. (1955, Outubro, 27). Academia Musical da Ilha Terceira – Aulas de Música. *Diário Insular*.

S.A. (1972, Setembro, 8). Que é Teatro-Dançado? Em Angra avança-se para o enlace Teatro-Ballet. *Diário Insular*.

S.A. (2002, Maio, 26). Marilyn duBrisk, a mulher que deu o ballet a conhecer à Terceira. *Diário Insular*.

S.A. (1975, Setembro, 25). Aulas de Ballet da Academia Musical. *Diário Insular*.

S.A. (1978, Junho, 18). Ballet e Poesia, à escolha. *Diário Insular*.

S.A. (1981, Dezembro, 3-9). Luísa Leal: “Precisamos de instalações como de pão para a boca”. *Diário Insular*.

S.A. (1985, Maio, 7). Em Angra: Aluna do Conservatório foi nomeada Diretora. *Diário Insular*.

S.A. (1985, Maio, 22). Jean-François Beuchat – Professor suíço deixa os Açores desiludido com o ensino da música. *Diário Insular*.

S.A. (1985, Julho, 3). Alunos do Conservatório escrevem ao “D.I.”. *Diário Insular*.

- S.A. (1985, Setembro, 5). Conservatório de Angra está paralisado. *Diário Insular*.
- S.A. (1985, Agosto, 1). Direção do Conservatório volta a estar em foco. *Diário Insular*.
- S.A. (1985, Setembro, 7). Conservatório de Angra: Aurélio Franco vai ser diretor a título transitório. *Diário Insular*.
- S.A. (1985, Setembro, 9). Vaga de fundo. O ensino da música nos nossos dois conservatórios por mão segura. *A União*.
- S.A. (1985, Novembro, 21). Maestro Artur da Fonseca. Encarregado da Direção do Conservatório em Angra. *Diário Insular*.
- Paulo Cunha (1985, Dezembro, 18). Conservatório Regional – Gustaaf van Manen! *Diário Insular*.
- S.A. (1987, Novembro, 24). Regresso às origens. Luísa Alcobia Leal à frente do Conservatório. *Diário Insular*.
- S.A. (1992, Maio, 16). Conservatórios de Angra e Ponta Delgada em concerto conjunto. *Correio dos Açores*.
- S.A. (1992, Maio, 5). Um espetáculo inédito nos Açores. *A União*.
- S.A. (1992, Maio, 20). Intercâmbio entre Terceira S. Miguel – Concerto “Coral Sinfónico” nas Matrizes de Ponta Delgada e Ribeira Grande. *Açoriano Oriental*.
- S.A. (1994, Fevereiro, 18). A Ilha Terceira recebeu otimamente os estudantes do Liceu Internacional. *A União*.
- S.A. (1990, Julho, 6). Fim de ano escolar do Conservatório de Angra. Alunos foram ouvidos. *Diário Insular*.
- S.A. (1992, Dezembro, 15). Conservatório sobe de tom. *A União*.
- S.A. (1993, Março, 30). No Porto Judeu. Conservatório exibiu-se com arte. *A União*.
- S.A. (1993, Setembro, 17). Conservatório de Angra: Colocação de professores põe clima ao rubro. *A União*.
- S.A. (1993, Setembro, 17). Luísa Alcobia Leal crítica sucessora no Conservatório. *Diário Insular*.
- S.A. (1993, Setembro, 22). O que diz que não disse da Dr^a Alcobia Leal. *Diário Insular*.
- S.A. (1995, Março, 18/19). Sons do Leste. *Diário Insular*.
- S.A. (2008, Maio, 5). Escola do século XXII inaugurada ontem. *Diário Insular*.

Normativos

- 1978 – Resolução n.º 2/1978 de 28 de Janeiro.
- 1978 – Despacho Normativo N.º 4/1978 de 23 de Março.
- 1980 – Decreto Regulamentar Regional n.º 11/1980/A, de 13 de Março.
- 1980 – Despacho n.º 22/80, de 8 de Abril.

- 1981 – Despacho normativo nº 4/81, de 5 de Janeiro.
- 1983 – Decreto-lei nº 310/83.
- 1998 – Decreto Regulamentar Regional n.º 10/1998/A de 28 de Janeiro.
- 1998 – Decreto-Lei nº 115-A/98 de 4 de Maio.
- 1998 – Despacho normativo nº 265/98, de 8 de Outubro de 1998.
- 1999 – Decreto Legislativo Regional nº 18/99/A, de 21 de Maio.
- 2005 – Decreto Regulamentar Regional nº 16/2005/A de 7 de julho.
- 2013 – Decreto Legislativo Regional nº 13/2013/A.
- 2014 – Portaria nº 75/2014 de 18 de Novembro.
- 2018 – Portaria nº 229-A/2018 de 14 de Agosto.

Atas

- 1993 – Ata nº 2, 18-11-1993.
- 1994 – Ata nº 1, 30-09-1994.
- 1995 – Ata nº 1, 25-09-1995.
- 1996 – Ata nº 1, 20-09-1996.
- 1997 – Ata nº 4, 26-05-1997.
- 1999 – Ata nº 1, 24-05-1999.
- 1999 – Ata nº 2, 15-07-1999.
- 2007 – Ata, 5-09-2007.
- 2008 – Ata nº 3, 17-10-2008.
- 2008 – Ata de Reunião do Departamento do Ensino Artístico, 18-12-2008.

Referências Webgráficas

- “Demografia”. <https://anradoheroismo.pt/demografia/> [Outubro de 2020].
- “História de Angra do Heroísmo”. <https://anradoheroismo.pt/historia-de-angra-do-heroismo/> [Outubro de 2020].
- “Centro Histórico de Angra do Heroísmo dos Açores”. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/portugal/centro-historico-de-angra-do-heroismo-nos-acoresh/> [Outubro de 2020].
- “Escola Tomás de Borba desenhada por açorianos” (vídeo). <http://videos.sapo.pt/jAMYRM2aNNYCCQpiMgUi> [Outubro de 2020].
- “Inaugurada Escola Tomás de Borba” (vídeo). <http://videos.sapo.pt/ZoyhzdWKrrEDqrOjF3uN> [Outubro de 2020].

- “TVB – Tomás de Borba” https://bparlslr.azores.gov.pt/arquivo_regional/tvb-tomas-borba/ [Novembro de 2020].
- “Assembleia de Escola” <https://ebsg.edu.azores.gov.pt/escola/orgaos/assembleia-de-escola/> [Maio de 2021].
- “Lourenço, José Luís Gomes” <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=8259> [Abril de 2021].
- “Concerto de Flauta e Cravo nas Lajes do Pico” <http://cm-lajesdopico.pt/noticias/cultura/639-concerto-de-cravo-e-flauta-nas-lajes-do-pico> [Abril de 2021].
- “Gustaaf van Manen” <https://www.meloteca.com/portfolio-item/gustaaf-van-manen/> [Abril de 2021].

ANEXOS - INVESTIGAÇÃO

Academia Musical

A Academia Musical da Ilha Terceira, cujos Estatutos foram recentemente aprovados pela Ministério da Educação Nacional, elegeu, sexta-feira passada, os seus corpos gerentes.

O acto realizado num dos salões da residência do sr. Elídio Mourato, sob a presidência da sr. Ten.-Cor. José Agostinho, concretizou-se nos seguintes resultados:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, Tenente-Coronel

José Agostinho; Vice-Presidente, Dr. Cândido Pamplona Forjaz e Secretário, Dr. Henrique da Costa Braz.

DIRECÇÃO — Presidente, Dr. Alvaro Monjardino; Secretário, Manuel Machado Cota e Tesoureiro, Francisco Rosa.

SUBSTITUTOS — Presidente, P.e Dr. Antonino da Costa Tavares; Secretário, Raul Coelho da Silva e Te-

(Cont. na 4.a pág. 5.a col.

Academia Musical

(Continuação da 1.ª página)

soureiro, Adalberto Hélio de Sousa Martins.

O sr. Ten.-Cor. José Agostinho, Presidente eleito da Assembleia Geral, espírito sempre aberto a todos os ramos de cultura, congratulou-se com a criação da Academia, acarinhada, desde o início, pela Junta Geral do Distrito e pela Câmara Municipal de Angra, presididas, respectivamente, pelos srs. drs. Leal Armas e Anselmo de Bettencourt e Silveira.

Aos novos Corpos Gerentes da Academia Musical da Ilha Terceira, que constituem sólidas garantias de êxito, dadas as suas qualidades de orientadores, técnicos e artistas, apresentamos vivas felicitações e oferecemos a nossa colaboração em tudo o que possa contribuir para o bem da Terceira.

Anexo A. A União, 26-06-1955.

Foi aprovada a constituição da ACADEMIA MUSICAL

Pela Junta Nacional de Educação, alto departamento do Ministério da Educação Nacional, acabam de ser aprovados os estatutos com os quais se regerá a Academia Musical desta cidade.

Vai pois dispor o distrito, nomeadamente a sua capital, dum instituto dedicado não só ao ensino da Música como também à cultura musical.

E assim, começa a concretizar-se, de forma oficializada, uma ideia, de que a Orquestra Filarmónica de Angra, as emissões de música seria do R. C. A. e a decisão municipal de dotar a cidade com um plano de concerto, fazem parte. Tem-se pretendido e com aplauso, restaurar o culto da musica no nosso meio, de ma-

neira util a todos. Resta, agora, dar o impulso final e dotar, como deve ou possa ser, o novo instituto, cuja falta tanto se fazia notar e cuja criação há tanto se impunha.

MAIS UMA CORDA

NUM PEQUENO

saído de Ponta da Moura

QUERERIAM CHAMAR

AEROPORTO DE SANTA MARIA, 30—(pelo nosso correspondente, António Lourel)

Anexo B. Diário Insular, 01-06-1955.

A Academia Musical da ILHA TERCEIRA

A Academia Musical da Ilha Terceira é já um organismo com responsabilidade social pois desde a semana finda que dispõe de corpos gerentes, eleitos anteontem.

Graças a Deus e a uma devoção regionalista que felizmente deu força a muitos para, de modo definido, prosseguirem — inicia-se assim um período de efectiva acção a bem da recuperação da cultura musical na nossa terra, que, como se sabe, por motivos especiais viu cerceados antigos e tradicionais meios culturais, neste domínio.

A assembleia geral dos sócios fundadores que são 17 e dos que se lhes juntaram — por enquanto os membros da Orquestra Filarmónica de Angra — reuniu-se num dos salões da residência do sr. Ilídio Mourato, sob a presidência do sr. Ten. Coronel José Agostinho que convidou para secre-

tário e escrutinadores os srs. Francisco Rosa, dr. Mendes Pereira e João Afonso. Procedeu-se à eleição que, por expressiva maioria dos presentes, resultou assim:

Assembleia Geral—Presidente, Tenente Coronel José Agostinho; Vice-Presidente, Dr. Candido Pamplona Forjaz e Secretário, Dr. Henrique da Costa Braz.

Direcção—Presidente, Dr. Alvaro Monjardino; Secretário, Manuel Machado Cota e Tesoureiro, Francisco Rosa.

Substitutos—Presidente, Dr. (Conclui na pág. 4)

CURSO DE APERFEIÇAMENTO

de Sub-Delegados de Saúde

LISBOA, 18 — O Ministro

(Conclusão da pág. 1)

P.^o António da Costa Tavares; Secretário, Raul Coelho da Silva e Tesoureiro, Adalberto Hélio de Sousa Martins.

Ao encerrarem-se os trabalhos, o sr. Tenente Coronel José Agostinho congratulou-se com o facto de a nossa terra ter finalmente um organismo do género, fez algumas considerações sobre o assunto e pôs em evidência o facto de se ter recebido o incentivo da Junta Geral do Distrito, da presidência do sr. dr. José Leal Armas e da Camara Municipal que é presidida pelo sr. dr. Anselmo Bettencourt da Silveira, incentivo que continuará, traduzido na efectivação do indispensável auxílio material que suprimirá as exigências educacionais da nova instituição.

Durante a sessão, algumas pessoas compareceram para se inscreverem como sócios.

Largas perspectivas tem agora a nossa terra nos domínios da cultura musical.

Um grande esforço se dispendeu — e não se encontra consumido, felizmente — na organização e manutenção disciplinada e coesa da nossa pequena orquestra sinfónica. Muitos meses, até anos se passaram na preparação do ambiente favorável ao *desideratum* e no diálogo que se tornou imprescindível para vencer a resistência dos espíritos cautelosos. Grande soma de boa vontade foi posta em jogo no amalhamento de fundos e na preparação de estatutos e respectiva proposição às autoridades local e nacional.

E quando dos Concertos «Pró Arte» — pode agora revelar-se que Angra *ditou* a vinda dos artistas aos Açores, antes mesmo de o convite, que não partiu daqui, ter obtido expressão prática — quando se realizaram esses concertos, a cidade, que frereticamente aplaudira a nossa Orquestra, acorreu a eles ou escutou-os em massa.

O nosso interesse musical era um fruto maduro.

E os subsídios da Junta Geral para a acção de escolas da Academia e a oferta dum plano de concerto pelo Município, de certo, vão agora efectivar-se, para honra da administração local.

Radio Clube de Angra

(A VOZ DA TERCEIRA)

Programa para hoje

10h00 — Abertura da estação, etc. — Calendário Histórico.

10h04 — Musica de domingo — Victor Young e sua Orquestra.

10h40 — Império Argentina.

11h10 — Rachmaninoff — Rapsódia sobre um tema de Paganini — op. 43 — pelo pianista Artur Schnabel e Orq. Filarmónica dirigida por Walter Susskind.

11h30 — De Melodia em Melodia — Excerptos de «Athena», filme da M. G. M. Carmen Cavallaro (solos de piano).

12h00 — Até já.

12h02 — Música Ligeira Portuguesa — Colaboradores do R. C. C. : — Maria Arlováda, Joaquim Costa, Mario Rangel e Leonel Fagundes.

12h30 — Rádio Jornal, Nota de abertura, Noticiário.

12h40 — Música de Liszt — Rapsódia Hungara n.º 2 — Orq. Filarmónica dirigida por George Weldon.

13h00 — Rádio Jornal, Nota de

Academia Musical da Ilha Terceira
AULAS DE MÚSICA

Avisam-se as pessoas interessadas em frequentar as aulas de música que a Academia Musical vai promover, que se dirijam ao Sr. Francisco Rosa, tesoureiro da Direcção da Academia, que lhes prestará as necessárias informações.

2021

Anexo D. Anúncio das aulas de música da Academia Musical da Ilha Terceira. Diário Insular, 27-10-1955.

QUE É TEATRO - DANÇADO ?

EM ANGRA AVANÇA-SE PARA O ENLACE

TEATRO-BALLET

Um grupo de teatro-dançado, recentemente formado nesta cidade com o patrocínio da Academia Musical da Ilha Terceira está a ensaiar,



sob a orientação da professora de ballet Antonieta Costa, os números que constituirão a sua estreia.

O grupo é composto por três dezenas de jovens (rapazes e raparigas) e prevê-se que seja em Dezembro próximo a sua apresentação.

No repertório, conta-se já com um número de música de «jazz» e outro com música de M. Ohana e um poema de Alamo Oliveira (Palavras de Arvore).

Na gravura: uma equipa ensaia «jazz», por sinal, sob a orientação de Marilyn Dubrisk, quando esta notável artista visitou esta ilha nos últimos dias.

Anexo E. Diário Insular, 08-09-1972.



A UNIÃO
DIÁRIO DA TARDE

NO 10 - N.º 26 2.ª - 2.ª FEIRA, 25 JULHO 1983 • DIRECTOR: P. COLUHO DE SOUSA • ANGRA DO HEROÍSMO

Academia Musical da Ilha Terceira estreou o seu coro

A Academia Musical da Ilha Terceira levou a efeito, como noticiámos, na passada sexta-feira, no Teatro Angrense, um espectáculo que incluiu música instrumental, pelo seu Conjunto de Câmara (1.ª parte), ballet pelos alunos do Conservatório Regional de Angra (2.ª parte) e música polifónica pelo recém-formado coro da AMIT (3.ª parte).

Constituiu esta terceira parte a novidade da noite, pois era a estrela do coro da referida Academia, formado por cerca de 40 elementos, distribuídos por quatro naipes de vozes.

A primeira parte do repertório, do coro incluiu cinco números, dirigidos pela dr. Luisa Alcebíia Neves Leal, e a segunda foi totalmente preenchida por uma rapsódia de música popular terceirense, arranjo musical do professor Luís Soares, que a dirigiu.

Todo o programa do espectáculo agradou ao numeroso público que encheu a plateia do Teatro Angrense. Mas o «prato forte» do recital foi sem dúvida a mencionada rapsódia, fartamente aplaudida pela assistência.

Tal como dissemos ao anunciar este recital, temos fundadas esperanças de que o coro da Academia Musical da Ilha Terceira venha a ser um dos pilares das manifestações artísticas do meio angrense. Fazemos votos porque o coro engrosse sempre mais e mais, no que respeita ao número dos seus componentes e que a constância e perseverança estejam na base dos futuros êxitos a somar ao alcançado no dia da sua estreia.



Anexo F. “Coro misto” formado pela AMIT. A União, 25-06-1983. Retirado do livro *Coro Padre Tomás de Borba – AMIT. 30 anos a (en)cantar* (2013) de Pereira.

26 de Maio de 2002

Reportagem

domingo

“Uma das necessidades da dança é a pessoa conhecer o seu corpo e isso não é possível debaixo de muita roupa. O primeiro choque em relação aos fatos de ballet que usamos nas aulas foi ultrapassado com facilidade, dada a necessidade evidente de contactoda pessoa consigo própria que está subjacente à dança”.

O regresso à ilha de uma inglesa com lugar na nossa História

Marilyn duBrisk, a mulher que deu o ballet a conhecer à Terceira

“Do que mais noto a falta é dos carros de bois, do seu ruído característico e da cultura a que eles estavam associados. Mas as ótimas estradas e as condições de vida que vejo são muito mais favoráveis às populações locais. Agora há muitos mais carros. Na altura o nosso Citroen era o único na ilha. Nos últimos dias vi muitos carros dessa marca e de todas as marcas”.



Marilyn duBrisk, inglesa, formada em ballet na Imperial Society of Teachers of Dance, veio para a Ilha Terceira em 1966. O marido era militar das Forças Armadas dos EUA e foi colocado na Base das Lajes. A mulher acompanhou-o e o casal por aqui ficou até 1971.

A senhora duBrisk poderia ter optado por uma vida ociosa, deixando-se estar à sombra do conhecido estatuto de "mulher de militar". Passaria as suas elegâncias e beleza - ainda hoje notórias - pelos clubes das Lajes, e uma ou outra vez visitava-se a ilha, apenas a fim de, com os indígenas, numa ou outra festa popular.

Poderia deliciar-se, as sextas-feiras à noite, na companhia do marido e com outros casais da Base das Lajes, com as iguarias de qualquer restaurante indígena, indo acabar as noites no ambiente mais requintado dos clubes que na altura pululavam pelas Lajes e ofereciam música ao vivo de qualidade notável.

Para enganar o tédio e sentir-se útil, a senhora Marilyn duBrisk tinha ainda à sua disposição, por exemplo, o clube das esposas de oficiais norte-americanos, que, à altura, se dedicava, entre outras actividades beneméritas e filantrópicas, a distribuir material obsoleto e fora de prazo, incluindo, *confinados* já impróprios para americanos, às crianças indígenas que frequentavam o sistema de ensino salazarista e salazarrento.

Em tardes ou noites de maior inspiração, a senhora inglesa poderia, ainda, deliciar-se e deliciar os convivas com os passes (será assim que se diz?) de ballet roubados à memória dos tempos em que frequentava a Imperial Society of Teachers of Dance.

E assim iam passando os tempos. Até que chegaria 1971. O casal despedir-se-ia da comunidade americana e de um ou outro indígena mais chegado - a empregada doméstica e o jardineiro, por exemplo - e seguiria viagem até outros postos avançados da presença norte-americana do mundo.

Um caso diferente

Mas a senhora Marilyn duBrisk não foi na Terceira - e, segundo as nossas informações, não o terá sido em qualquer parte do mundo por onde passou - uma típica "mulher de militar". Nunca abdicou dos seus interesses, muito ligados à cultura e particularmente ao ballet, e resolveu pôr mãos à obra.



MARILYN DUBRISK - "O que mais me fascinou foi a facilidade com que as pessoas interagiam, a amabilidade das populações e a beleza da ilha" (Foto KW001)

praticante com o seu próprio corpo e com o do parceiro, assume uma importância primordial. Imagine-se!... Numa comunidade onde o corpo, particularmente o corpo da mulher, era uma espécie de tabu. Para não dizer pecado. O próprio corpo seria o pecado em potência ou um pouco mais!...

Mas a senhora duBrisk pôs, de facto, mãos à obra. Abriu duas escolas, uma na Praia da Vitória e outra em Angra do Heroísmo, e tratou de ensinar ballet como se fazia em Londres ou Nova Iorque. Por mais incrível que possa parecer, os resultados foram muitos positivos e as reacções negativas que seriam de esperar nunca tiveram qualquer expressão.

“Do que mais noto a falta é dos carros de bois”

O choque de voilar três décadas depois...

Diário Insular - Quando chegou à Terceira, a meados dos anos sessenta, vinha de outra realidade social. Que sociedade encontrou na ilha e quais foram as suas primeiras impressões?

Marilyn duBrisk - Não tive dificuldades na adaptação porque vinha de várias outras experiências. O que mais me fascinou foi a facilidade com que as pessoas interagiam, a amabilidade das populações e a beleza da ilha.

DI - Em 1966 não havia ballet na Terceira. Qual foi a reacção das pessoas a essa novidade?

MB - O ballet é uma linguagem universal, e a dança clássica, primeira modalidade que ensinei

Reunindo crianças portuguesas e norte-americanas nas suas aulas, a ilustre dama conseguiu, também, provar que as supostas diferenças culturais só existem nas cabeças retorcidas dos adultos. E ao menos a dança ballet ninguém oferecia a ninguém (atos de dança fora de prazo)...

O passo seguinte foi conquistar a sociedade local, o que se consumou nos serões anuais - e às vezes com mais periodicidade - montados no Teatro Angrense, em que chegaram a actuar quase 150 crianças portuguesas e norte-americanas.

A escola da senhora duBrisk funcionou de 1966 a 1971, data da partida do casal para um novo posto militar norte-americano. Mas as aulas

sobretudo por parte da mulher, é encarada com grandes reservas. Porém, a relação com o corpo é essencial na dança. Sentiu impacto nesse particular?

MB - Foi relativamente mais fácil do que poderíamos pensar. Uma das necessidades da dança é a pessoa conhecer o seu corpo e isso não é possível de baixo de muita roupa.

O primeiro choque em relação aos fatos de ballet que usamos nas aulas foi ultrapassado com facilidade, dada a necessidade evidente de contacto da pessoa consigo própria que está subjacente à dança.

DI - A sua escola apostou na integração de duas culturas - a portuguesa e a americana - através da dança. Foi fácil ou notou algum

de ballet continuaram, primeiro na Academia Musical da Ilha Terceira depois no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

Ao recusar o estatuto de "mulher de militar", Marilyn duBrisk ganhou, por mérito próprio, o direito de figurar na História dos Açores como a personalidade que introduziu o ballet na ilha Terceira.

Hoje, 36 anos após o primeiro dia em que pôs os pés na Terceira, a senhora duBrisk voltou à ilha com o marido. A entrevista que publicamos nesta página foi traduzida, em simultâneo, por Antoneta Costa, antiga aluna da primeira escola de ballet da Terceira e discipula agradecida da mestra inglesa. AM

culturas. A linguagem comum era precisamente a dança.

Toda a gente tinha o mesmo tipo de fato de ballet e não era possível distinguir as crianças portuguesas das americanas. A utilização de uma mesma linguagem permitia sempre manter um alto nível de entendimento.

DI - Saiu da Terceira em 1971. Volta, agora, em 2002. A sociedade local de hoje é muito diferente da dos anos sessenta e setenta?

MB - Do que mais noto a falta é dos carros de bois, do seu ruidoso característico e da cultura que eles estavam associados. Mas as óptimas estradas e as condições de vida que vejo são muito mais favoráveis às

abdicou dos seus interesses, muito riguroso a cultura e particularmente ao ballet, e resolveu pôr mãos à obra.

Numa ilha Terceira arcaica e ignorante em relação a muita coisa e particularmente no que toca a formas de expressão artística mais elaboradas, ensinar ballet, forma de dança nunca antes praticada localmente, era um desafio de consequências imprevisíveis. Para mais o ballet é uma forma de expressão na qual a relação do

MB - O ballet é uma linguagem universal, e a dança clássica, primeira modalidade que ensinei na ilha, como é muito estruturada, foi compreendida facilmente pelas pessoas, que começaram depressa a gostar.

DI - Na década de sessenta, a Terceira é uma sociedade arcaica, onde a relação com o corpo,

DI - A sua escola apostou na integração de duas culturas - a portuguesa e a americana através da dança. Foi fácil ou notou algum choque de culturas?

MB - A dança, sendo uma linguagem gestual, prescinde dos aspectos específicos de cada cultura e portanto não houve esse grande choque de

eles estavam associados.

Mas as óptimas estradas e as condições de vida que vejo são muito mais favoráveis às populações locais.

Agora há muitos mais carros. Na altura o nosso Citroen era o único na ilha. Nos últimos dias vi muitos carros dessa marca e de todas as marcas. AM

DIÁRIO INSULAR

AULAS DE BALLET na Academia Musical

A Academia Musical da Ilha Terceira em colaboração com a prof.^a sr.^a D. Antonieta Costa, resolveu abrir duas aulas de iniciação ao Ballet destinadas, uma para crianças e a outra para adolescentes de ambos os sexos.

As aulas começam a funcionar no próximo mês de Outubro, em dias da semana a fixar oportunamente e com o horário entre as 16 e as 18 horas.

O número de alunos em cada curso será inicialmente limitado a 15, respeitando-se a ordem das inscrições, de acordo com as aptidões que venham a ser reveladas por cada um dos candidatos. As lições serão gratuitas para os filhos das famílias de menos possibilidades económicas.

Paralelamente a estes cursos de iniciação, funcionarão igualmente na academia sob a orientação da mesma professora, os cursos anteriormente constituídos.

As inscrições para qualquer um dos cursos poderá ser feita nos serviços de expediente da Academia (Secretaria do Museu de Angra) nos dias úteis, durante as horas de expediente.

Anexo H. Diário Insular 25-09-1975.

Ballet e Poesia, à escolha

Quem hoje à noite quiser sair de casa, e variar no seu programa dominical — se não fôr um fêmiço da televisão ou cinema — tem dois programas à escolha, que dão nota das perspectivas culturais que pouco a pouco se vão rasgando num meio em que pouco ou nada acontecia e que vai despertando para a necessidade de preencher os ócios com algo mais que o Pátio da

Alfândega ou a «Visita da Cornélla».

Aos que gostam de poesia, da melhor poesia portuguesa (e dos melhores poetas que nos Açores nasceram), aconselhamos uma saltada ao Palácio dos Capitães-Generais que pela primeira vez se abre ao público para uma sessão cultural. Será até uma oportunidade para a população de Angra conhecer o velho Palácio, nas suas galas nocturnas,

sempre mais espectaculares que as diurnas. A entrada é grátis e o recital pela notável decamadora Maria Germana Tânger realiza-se no salão nobre, no fundo do Palácio, percorridas todas as outras salas.

Quem tiver filhos no ballet ou quem simplesmente apreciar ballet, poderá ir ao Ginásio do Colégio de Santa Clara, no Pico da Urze, onde as alunas da professora Antonieta Costa, do Conservatório Regional dos Açores, apresentam uma adaptação da suite «Quebra-Nozes» de Tchay-cowsky com coreografia daquela professora. Serão 44 as crianças que mostrarão o trabalho realizado ao longo do ano.

Qualquer dos recitais se realiza às 21 horas e provém que a assistência fosse muita nos dois — era sinal que aos angrenses estas coisas já não passam despercebidas.

Anexo I. Diário Insular, 18-06-1978.

Luisa Leal:

«Precisamos de instalações como de pão para a boca»

Nasceu em Lisboa, em cujo Conservatório Nacional frequentou as Classes de Canto de Joana Silva e Helena Pina Manique e a Classe de Ópera de Hugo Casals. Licenciou-se em Filologia Germânica em 1973 e terminou os cursos superiores em vários Coros, nomeadamente o Coro da Universidade de Lisboa, Polyphonia e Coro de Câmara do Conservatório, em que actuou como solista e com os quais participou em numerosas digressões por Portugal Continental, Espanha, França, Inglaterra, Suíça, Áustria, Bélgica e Holanda. Foi membro do Coro Gulbenkian desde Outubro de 1970 até Setembro de 1979, data em que veio residir para Angra do Heroísmo e em cujo Conservatório lecciona. Foi bolseira da Fundação Gulbenkian e trabalhou interpretação de música antiga com Santiago Kastner e, em Paris, interpretação do repertório francês com Mme. Chéreau, assistente do famoso Pierre Bernac. Participou ainda como solista na gravação de diversos discos das Edições Paulistas, na banda do filme «A Confederação» e com a Orquestra Juvenil de Lisboa.

Tomou posse no dia 26 de Outubro de 1981, como professora directora do Conservatório de Angra.

«A Forja» foi falar com Luis Leal, para saber qual a situação actual do conservatório e também os problemas que o mesmo enfrenta.

«A Forja» — *Quais as origens do Conservatório de Angra do Heroísmo?*

Luisa Leal — O actual conservatório já é oficial, posso dizer-lhe qual o Decreto que o oficializou. Foi o Decreto Regulamentar Regional n.º 11/80/A de 13 de Março de 1980. Esse decreto criou então os dois conservatórios regionais, o de Angra do Heroísmo e o de Ponta Delgada; Conservatórios esses que já existiam anteriormente a essa oficialização. O de Ponta Delgada sucedia a uma academia que já tem cerca de 15 anos, o de Angra do Heroísmo é muito mais novo. Esses dois tinham então o nome global de Conservatório Regional dos Açores, com as secções respectivas (Angra e Ponta Delgada), sendo esses estabelecimentos de ensino particular subsidiados pelo Governo Regional.

O Conservatório de Angra (que é o que nos interessa neste momento), teve início em 1978, mas em regime de ensino particular.

«A Forja» — *Qual o número de alunos e de disciplinas do Conservatório?*

Luisa Leal — Este ano temos perto de duzentos alunos. Temos disciplinas de iniciação musical, educação musical, piano, canto, ballet, flauta e violino.

«A Forja» — *O actual conservatório está dotado de instrumentos em número suficiente para as aulas, ou para pôr à disposição dos alunos?*

Luisa Leal — Para os professores darem as aulas nós possuímos três pianos.

«A Forja» — *Esse número é suficiente?*

Luisa Leal — Não. Este ano precisamos de mais um. Arranjamos graças à Escola Secundária que nos pôs à disposição um que pertence a esta escola. Isso é prova que realmente não era suficiente aqueles que nós tinha-

mos, porque actualmente temos quatro professores e estamos em vias de ter mais.

Fara pôr à disposição de alunos, instrumentos é uma coisa diferente.

Uma coisa que eu gostava que acontecesse tal como acontece no Conservatório Nacional. Os alunos que não tinham em casa, um piano (que é um instrumento muito caro), podiam ter acesso a umas inscrições onde podiam ir para o Conservatória praticar e estudar nas horas em que não havia aulas em algumas salas do Conservatório. fazer isso aqui é impossível dado as dificuldades de horários que nós temos. No caso do violino e flauta tenho a dizer realmente que o Conservatório tem alguns instrumentos emprestados a alunos que mediante um documento que foi assinado pelo encarregado de educação para o empréstimo dos mesmos. Pensamos pedir superiormente além de um piano também mais um violino.

«A Forja» — *Uma escola inserida noutra escola. Isso deve trazer muitos problemas...*

Luisa Leal — Pois as dificuldades são muitas como qualquer pessoa calculará. O nosso problema fundamental (mas não o único), é realmente a falta de instalações. Nós precisamos de instalações como do pão para a boca. É fundamental. Por estarmos aqui (Escola Secundária), e graças a Deus que estamos aqui, senão não pediríamos viver. Começamos por dar aulas no edifício do Museu. Com o sismo tornou-se impossível dar aulas lá porque o edifício ficou bastante danificado. Foi nessa altura que viemos para aqui. Problemas que isso nos trás.

Estamos dependentes dos horários aqui da Escola Secundária. Quer isto dizer que nós só podemos utilizar as salas quando estas estão livres das aulas

da Escola Secundária. Ora isso causa imensos problemas, as salas que nós damos aulas têm que ser sempre as mesmas, porque nós precisamos do piano, ora esse instrumento, esse móvel não é portátil. Nós poderíamos usar muitas mais salas se não tivéssemos o problema do piano. Este ano temos só a possibilidade de usar quatro salas, que é as que cá se encontram o respectivo piano.

«A Forja» — *Parece que as aulas de Ballet estão sob a ameaça de serem interrompidas. A sala que era utilizada (INATEL), parece que não vai poder ser mais utilizada pelo Conservatório...*

Luisa Leal — Nós ainda estamos a utilizar a sala, mas parece-me que será por pouco tempo. É mais um dos problemas que nós temos neste momento. O nosso problema de falta de instalações se estivesse resolvido creio que muitos outros também se iriam resolver automaticamente. Quanto ao Ballet, é realmente a disciplina que temos maior número de inscrições. Até agora estamos numa sala emprestada, pelo NATEL.

No entanto tivemos há pouco tempo a notícia do senhor Presidente do NATEL que iriam necessitar, brevemente dessa sala para a prática de judo. E perfeitamente compreensível, eu não tenha contra isso, acho que eles têm toda a razão, aquilo é deles. Nós estamos na sala porque eles não necessitavam da mesma. Eu já pus o problema à Direcção Regional da Administração escolar, à senhora directora, espero que me possam resolver o problema.

Temos 101 alunos que estão em vias de poder ficar sem local para terem as suas aulas.

O problema da professora, enfim coisas muito graves. Eu realmente fiz tudo o que poderia ter feito. Tentei já sem esperança nenhuma pedir junto do Conselho Directivo da Escola Secundária a utilização do Ginásio, mas a resposta foi negativa, é completamente impossível, eles estão a lutar com imensa falta de espaço.

«A Forja» — *Instalações. Problema grave, como e quanto está previsto a sua resolução?*

Luisa Leal — A nível oficial ainda não recebemos nenhuma comunicação. Isso são problemas que envolvem verbas muito elevadas. Tenho tido notícias através da sr.ª Directora da Administração Escolar que me disse que era muito difícil neste momento a aquisição, ou a compra de um edifício para nós. Mas no entanto devo informar

que há cerca de um mês ouvi falar do aluguer do 2.º andar do edifício onde está instalado a «Movelcar», para as instalações do Conservatório. Esse aluguer iria custar cerca de 20 contos mensais. Particularmente, em conversa com o proprietário do edifício soubemos que a firma «Movelcar» que cobriria todas as ofertas apresentadas, mas é de referir que a nível oficial eu não tenho informação nenhuma acerca deste assunto. Ouve pessoas da Direcção Regional que pensavam que realmente o Conservatório deveria transitar para esse edifício quando as obras terminassem, mas a título provisório porque nós iam mais tarde ser instalados definitivamente do edifício onde funciona agora a Escola Preparatória de Angra.

«A Forja» — *Isso seria ideal visto que a actual escola preparatória possui um amplo ginásio, o que iria permitir que se realizassem, as aulas de Ballet.*

Luisa Leal — Claro. Se nós conseguirmos ficar num edifício como esse teríamos todas as disciplinas a funcionar no mesmo edifício. Outro edifício previsto fica em São Pedro. É um edifício muito antigo, que importa preservar. Esse dito edifício possui um óptimo jardim onde se poderiam dar concertos ou fazer audições nos meses de Verão. Enfim tem muitas salas, que nos cobriam todos os problemas de falta de espaço. Isto é uma ideia que vou propor superiormente para que pelo menos se pense no assunto. Qualquer dos últimos dois edifícios seria o ideal.

«A Forja» — *Quais os objectivos imediatos do Conservatório a atingir?*

Luisa Leal — Torno a repetir, vamos sempre cair no mesmo problema, não temos salas, não temos pianos, como é que nós vamos poder convidar mais professores. Gostávamos de ampliar o leque de disciplinas que temos. Dar mais aulas de piano, há sempre muitos alunos candidatos à disciplina. Temos em mente para tal a admissão de uma nova professora. Eu gostava que houvesse mais iniciativas anuais com os alunos que existem, fazer audições, fazer mais audições anuais pelo menos, onde se mostrariam o que os alunos, aqui fazem. Porque as pessoas ouvem falar de conservatório pensam logo na conservatória do registo civil...

Mostrar que isto aqui é uma escola onde se ensina música.

Em Angra

Aluna do Conservatório foi nomeada Directora

A Administração Escolar nomeou Teresa do Menino Jesus Dutra de Medeiros, professora do Círculo Preparatório e aluna do Conservatório, para Professora Encarregada da Direcção do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo — soube o «Diário Insular».

Teresa Medeiros substituiu no cargo a dr.^a Alcobia Leal, formada em Germânicas e em Canto e que durante o tempo em que esteve à frente do Conserva-

tório sempre grangeou os aplausos dos que com ela tiveram contactos profissionais ou pessoais.

A nova Encarregada da

Direcção do Conservatório frequenta actualmente este estabelecimento de ensino. Tem, por exemplo, o 3.º ano de Piano — curso de 12 anos; o 1.º ano de História da Música — curso de 3 anos; o 2.º ano de Canto — curso de 5 anos.

A sua condição de discente coloca alguns problemas ao desempenho do cargo, sendo talvez o mais grave o facto de ter que

presidir ao júri dos exames. Nesta condição, Teresa Medeiros terá que avaliar alunos mais habilitados do que ela própria.

Este e outros contras estão a causar má disposição em elementos do corpo docente do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Alguns professores chegam ao ponto de considerar a nomeação como um insulto.

Anexo K. Diário Insular, 07-05-1985.

Jean-François Beuchat

Professor suíço deixa os Açores desiludido com o ensino da música

★ *Nomeação de uma aluna para Directora
é «uma ofensa para um professor»*

O professor de música Jean-François Beuchat, que se encontra a leccionar no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, anunciou ao «D. I.» que irá abandonar os Açores por «falta de condições para exercer condignamente» a sua profissão.

Formado em Piano e Acordeão, Beuchat, natural da Suíça, onde se formou e leccionou durante algum tempo, está em Angra do Heroísmo desde Outubro de 1984. É um dos dois únicos professores formados ao serviço do Conservatório de Angra. O outro é holandês.

«Não posso e não quero continuar a ensinar aqui, com estas condições» — disse-nos Jean-François Beuchat. Acrescentou que o ensino de música nos Açores «está totalmente desorganizado».

Referiu como causa mais próxima da sua decisão a nomeação, para Directora

do Conservatório, de «uma aluna sem as habilitações mínimas para exercer as funções». Disse que tal constitui «uma ofensa para um professor com curso superior».

Depois de referir que Teresa do Menino Jesus «não sabe o que é pedagogia musical», acrescentou que nunca poderá «aconselhar os pais dos alunos sobre qual o instrumento que deveriam estudar» ou «informá-los sobre o andamento das aulas, como deveria competir a um Director».

Referiu, por outro lado, que «devido aos maus professores que têm», os alunos chegam às aulas de Piano «sem a mínima preparação», o que inviabiliza «uma evolução normal da aprendizagem».

Criticou também alguns pais, que «obrigam as crianças a estudar determinado instrumento mesmo depois de saberem que a sua área musical não é aquela». O aluno «deve escolher por si» — disse Beuchat.

Para Jean-François Beuchat, no Conservatório Re-

gional de Angra do Heroísmo existem poucos instrumentos, muitos alunos e indivíduos a leccionar, pelo que os alunos têm acesso durante pouco tempo aos instrumentos que estudam.

Como a maior parte dos alunos não pode, por razões financeiras, ter instrumentos em casa, resulta daí que «não aprendem com facilidade». Acresce que muitos dos discentes «têm falta de vontade de aprender».

(Conclui na página 6)

(Conclusão da pág. 1)

Desiludido com toda esta situação — «não com as ilhas», afirmou-nos, Euchar parte em Julho para a Suíça, seu país natal onde irá leccionar no Conservatório Cantonal de Música de Sion, no Cantão de Valais, «com condições muito mais vantajosas, em todos os aspectos».

Na ilha Terceira, para além de leccionar no Conservatório, o artista Suíço deu concertos, tocou Piano e Acordeão em vários convívios sociais e, entre outras peças, compôs uma sonata em estilo clássico, dedicada ao dr. Gustaaf Van Manen, seu colega no Conservatório desta cidade.

Anexo L. Diário Insular, 22-05-1985.

Alunos do Conservatório escrevem ao “D. I.”

Seguida de dez assinaturas de outros tantos alunos do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, recebemos a epístola que de seguida transcrevemos e que constitui, pelo menos, mais um contributo para o diálogo em curso a propósito da nomeação de D. Teresa do Menino Jesus para Directora do único estabelecimento onde actualmente é ministrado o ensino da música na ilha Terceira.

Se bem que já tenha sido quase tudo dito em relação à nomeação da prof. Teresa do Menino Jesus, queremos por este meio dar uma contribuição positiva para o assunto e esperamos que ela possa ajudar na resolução da situação criada, que consideramos imprudente.

Não podemos compreender que os responsáveis do «Palácio» tenham olhado sómente às leis. (Até porque, segundo parece, eles não viram correctamente, porque um estrangeiro pode ser nomeado director interino (provisório dum conservatório).

O estrangeiro a que nos estamos referindo é o nosso conhecido Professor Gustaaf van Manen, compositor, maestro, pianista e musicologista.

Só ele, neste momento, é capaz de desempenhar o

cargo de Director do Conservatório. Quando para um cargo qualquer não existe um português apropriado, achamos ser melhor que um estrangeiro perito seja emposado, porque, caso contrário, podem gerarse situações como a que agora nos afecta.

Seria aceitável para os médicos de um Hospital que uma enfermeira fosse nomeada directora do estabelecimento?

O Professor Gustaaf van Manen, que ensina História da Música, Composição e Piano, é também perito em Filarmónicas e é já considerado «o professor dos professores».

É urgente saber aproveitar os homens, antes que seja demasiado tarde.

Seguem-se assinaturas de 10 alunos do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

Anexo M. Diário Insular, 03-07-1985.

Direcção do Conservatório volta a estar em foco

Os professores do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo elegeram ontem três nomes para a Direcção do estabelecimento — soube o nosso jornal.

A apresentação de nomes para o cargo foi sugerida pela SREC e deriva de exoneração de Teresa de Alcobia Leal, que durante algum tempo foi Professora Encarregada da Direcção do Conservatório. Dos 16 professores com direito a voto estiveram 11 no acto eleitoral, os quais apontaram os nomes de Alcobia Leal (que já ocupou o cargo), Luís Soares e Gustaaf van Manen.

Do resultado da eleição será agora dado conhecimento a Maria Mendes, a quem compete a decisão final. Segundo Castro Ramos responsável pela Administração Escolar, o SREC poderá ou não aceitar a decisão, tomada por maioria, dos professores do Conservatório.

Recorde-se que a nomeação de Teresa do Menino Jesus para a Direcção do Conservatório Regional de Angra provocou grande ce-
leuma nos meios ligados

ao ensino da música e às actividades culturais em geral.

As principais críticas baseavam-se no facto de a Directora não possuir as habilitações musicais e pedagógicas necessárias para ocupar o cargo. E incidiam também sobre a condição de discente em que Teresa do Menino Jesus se encontrava no próprio Conservatório.

Segundo soubemos, a Directora agora exonerada, a seu pedido, segundo a SREC, deverá voltar ao Ciclo Preparatório, onde detém o lugar de professora de História.

Anexo N. Diário Insular, 01-08-1985.

Conservatório de Angra está paralisado

★ *Professores continuam sem receber*

Aproxima-se o início do ano escolar — a abertura está marcada para 1 de Outubro, como o «D. I.» noticiou ontem em primeira mão — e o futuro do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo continua a ser uma grande incógnita.

O único estabelecimento que na Terceira se dedica ao ensino da música não tem Director e a SREC ainda não tomou nenhuma decisão sobre os três nomes que os professores do Con-

servatório apontaram para o lugar, e que são Alcobia Leal, Luís Soares ou Gustaaf van Manen.

Sem Director, não é possível organizar as turmas e definir os moldes em que

o ensino se processará. Acresce ainda que a situação é de sobremaneira negra para os professores, que não sabem se poderão continuar a leccionar ou se terão que procurar outro emprego.

No Conservatório Regional de Angra do Heroísmo existem cinco categorias de professores: efectivos, convidados, em acumulação, aposentados e contra-

tados. Alcobia Leal é o único docente efectivo — e possui habilitações próprias —, sendo Gustaaf van Manen, professor convidado, o segundo e último elemento a possuir habilitações próprias para leccionar.

Ao contrário do que acontece no resto do país, os contratos com os pro-

(Conclui na página 6)

(Conclusão da página 1)

fessores — excepto com os efectivos, como é evidente — cessam no Conservatório de Angra a 31 de Julho — nos outros conservatórios estendem-se até ao fim de Setembro —, pelo que os docentes não efectivos encontram-se sem receber desde essa data.

Para alguns, a situação já é aflitiva — mesmo dra-

mática —, e acontece até que ninguém contava com este súbito legalismo, uma vez que todos os anos os professores continuavam a receber os seus vencimentos, porque lde eram distribuídas várias tarefas.

As tarefas não foram distribuídas este ano porque o estabelecimento se encontra sem Director — situação criada pelo caricato «reinado» da sr.^a Me-

nino Jesus —, e a mesma lacuna poderá levar, mesmo, ao encerramento do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

Espera-se, no entanto, que seja encontrada a breve trecho uma solução satisfatória para esta espécie de mal-entendido que teima em persistir, contra as mais elementares exigências da cultura, daquela que se escreve com «C» grande.

Anexo O. Diário Insular, 05-09-1985.

Conservatório de Angra

Aurélio Franco vai ser director a título transitório

Por determinação do titular da Secretaria Regional da Educação e Cultura, de 5 do corrente, vão ser abonados, de imediato, com inclusão de horas extraordinárias, quando for caso disso, os vencimentos dos professores e acompanhadores, com esse direito, do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

O documento a que este jornal teve acesso refere ainda que «por razões alheias à vontade do titular da SREC tal situação

verifica-se desde o mês de Julho último, o que se lamenta».

(Conclui na página 6)

(Conclusão da página 1)

Entretanto, e porque se reconhece ser este conservatório o único estabelecimento susceptível de dinamizar a nível mais profundo o Ensino da Música nesta Ilha Terceira, «a SERC está altamente empenhada em rever a sua orgânica. O Conservatório, de momento, conta apenas com um único professor habilitado com curso superior, todos desejam e reconhecem necessário salvaguardar um mínimo de qualidade do ensino ali ministrado».

Aquele documento refere ainda que, «com vista ao início de mais um ano escolar, para poder garantir o seu arranque e ainda para se evitar qualquer situação de ruptura, vai ser designado para Director a título transitório, o dr. Aurélio da Fonseca Franco. Este Professor Efectivo da Escola Secundária de Angra, que desde há alguns

anos se encontra destacado na Direcção Regional de Orientação Pedagógica, onde tem revelado reconhecida capacidade e competência, ficará na dependência directa do Secretário Regional, até se encontrarem os meios de superação das dificuldades com que aquele Estabelecimento se tem debatido inclusive as que se prendem com a sua gestão.

Procurar-se-á, sempre que possível, remover alguns obstáculos quanto ao encontro de professores devidamente habilitados para aquele sector. Por outro lado ficou também cometida à Direcção Regional de Orientação Pedagógica a tarefa de, em ligação com a Comissão Instaladora da futura Escola Superior de Música (antigo Conservatório Nacional) e outras entidades, repensar os problemas do ensino da Música nos nossos Conservatórios.»

Anexo P. Diário Insular, 07-09-1985.

VAGA DE FUNDO...

O ENSINO DA MÚSICA NOS NOSSOS DOIS CONSERVATÓRIOS POR MÃO SEGURA

«Repousar — Organizar — Dignificar» é o título de uma informação distribuída à Imprensa pela D.R.C.S. relativa ao Conservatório Regional de Angra do Heroísmo segundo a qual é posta aos olhos do público — em extensão — uma série de questões relacionadas com «o ensino da música nos nossos conservatórios».

Não é difícil descortinar, ao longo dos enunciados compreendidos naquela informação, que o titular da Educação e Cultura pretende assentar mão segura.

Está-se em presença de uma vaga de fundo que bem mais alta é do que a simples questão de abonar alguns «ensinadores» naquilo a que têm, aliás direito. Nem é só pôr ou não pôr, tirar ou retirar a chefia a um conservatório (neste caso o de Angra). Aliás o Conservatório de An-

gra, com inclusão de horas extraordinárias, quando for caso disso, os vencimentos dos professores e acompanhadores com esse direito, do Conservatório de Angra, situação que se verificava desde Julho último, por razões alheias à vontade do titular da S. R. E. C..

«Entretanto, porque se reconhece ser este Conservatório o único estabelecimento susceptível de dinamizar a nível mais profundo o ensino da música na ilha Terceira, a S. R. E. C. está altamente empenhada em rever a sua orgânica. O Conservatório, de momento, conta apenas com um único professor efectivo habilitado com curso superior. No entanto todos desejam e reconhecem necessário salvaguardar um mínimo de qualidade do ensino ali ministrado.

gra (quando se fizer a sua história), sendo embora assaz necessário — e não pode morrer! —, nasceu de impulsos, certamente compreensíveis, mas que deveriam ter passado por crivos de um pensamento competente quanto às áreas organizativas.

É de crer que se está em face de uma crise de crescimento. E sendo assim no que se refere ao Conservatório de Angra, bem entendido é que o Dr. António Maria Mendes (leia-se a notícia seguinte) queira levar a «mexida» até ao âmago da questão açoriana do ensino da música, isto é de modo a abranger os dois conservatórios (e quem sabe se até rever outras áreas com eles relacionadas — a do Teatro? — e a da contenção de apoios a bandas que nem sempre correspondem ao que delas se espera.

Para aqui — e para os nossos leitores — impõe-se o conhecimento integral da dita notícia. É como se segue:

Repensar — Organizar Dignificar

O Secretário Regional da Educação e Cultura já deu instruções para serem abonados, de imedia-

«Com vista ao início de mais um ano escolar, para garantir o seu arranque e ainda para se evitar qualquer situação de ruptura vai ser designado a título transitório o dr. Aurélio da Fonseca Franco. Este professor efectivo da Escola Secundária de Angra desde há alguns anos se encontra destacado na Direcção Regional de Orientação Pedagógica onde tem revelado reconhecida capacidade e competência, ficará na dependência directa do Secretário Regional, até se encontrarem os meios de superação das dificuldades com que aquele estabelecimento se tem debatido, inclusive as que se prendem com a sua gestão. Procurar-se-á, sempre que possível, remover alguns obstáculos quanto ao encontro de professores devidamente habilitados para aquele sector. Por outro lado ficou também cometida à Direcção Regional de Orientação Pedagógica a tarefa de, em ligação com a comissão instaladora da futura Escola Superior de Música (antigo Conservatório Nacional) e outras entidades, repensar os problemas do ensino da música nos nossos conservatórios.»

Anexo Q. União, 09-09-1985.

Maestro Artur da Fonseca

Encarregado da Direcção do Conservatório em Angra

Por despacho do Director Regional da Orientação Pedagógica, datado de 18 do corrente mês, foi nomeado Professor Encarregado da Direcção do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, o maestro Artur Vaz da Fonseca.

Artur Fonseca vem desde o ano de 1978 a prestar o seu concurso naquele Estabelecimento de Ensino, primeiramente como membro da comissão instaladora do mesmo e até ao presente como professor, na situação de aposentado, de violino e de Educação Musical.

Até ao presente momento o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo vinha a ser dirigido pelo dr. Aurélio Henrique Silva Franco da Fonseca, técnico superior da DROP, para que foi nomeado por des-

pacho do titular da Secretaria Regional da Educação e Cultura.

O Maestro Artur Fonseca é pessoa sobejamente conhecida no meio musical terceirense pelas provas de competência e dedicação que desde a sua vinda para esta ilha tem dado. A projecção do seu nome, como compositor de música ligeira, a nível internacional é por demais conhecida de todos, pois para isso basta apenas referir o nome de uma das suas mais conhecidas composições musicais «Uma casa portuguesa».

Anexo R. Diário Insular, 21-11-1985.

CONSERVATÓRIO REGIONAL - Gustaaf van Manen!

● PAULO CUNHA

Arte: conjunto de processos pelos quais se atinge a realização do Belo.

Música: a arte dos sons. Quanto mais belos forem os sons, mais próximos eles estarão da Perfeição — que só existe no Belo.

E uma arte difícil, quiçá a mais. E apresenta-se cantando ou tocando. O compositor escreve-a. O regente dirige-a. E para ensiná-la — estuda-se. E quanto mais se estudá-la, mais se aprofundam os conhecimentos musicais. Quanto maior forem os conhecimentos musicais, melhor se poderá pronunciar sobre ela — a Música.

Desde o início que tenho seguido o processo da substituição do Director do Conservatório. Até aqui nunca me pronunciei, na esperança «do passo ser acertado» —

o que até ao presente não aconteceu. Infelizmente. Mas julgo que chegou a altura de dizer algo sobre o assunto.

Na linguagem musical, o açoriano compreende o chinês, ou vice-versa. Assim como o marroquino percebe o australiano, ou vice-versa. Se o chinês souber mais do que o açoriano, pois deverá ser seu professor. Ou vice-versa. Assim como se o australiano souber mais do que o marroquino, pois deverá ser seu professor. Ou vice-versa. E para confirmar isto, é normal encontrar-se em todo o mundo pessoas ocupando cargos de maior responsabilidade musical, independentemente do seu país de origem. A competência é que conta — pois a linguagem da música é universal.

A música, como arte que é, nunca deve ser «misturada» com a política. Assim

como a política «suja-se» a si própria, quando entra em confronto com a pureza que brota da música. Isto, para que conste. E desconhecer-se esta realidade denota incompetência e, o mais grave — irresponsabilidade. Irresponsabilidade que vai afectar directamente a cultura musical. Também isto, para que conste.

Prosseguindo:

A dra. Luísa Alcobia Leal é a pessoa que, por direito próprio, deveria assumir o cargo de Directora do Conservatório. Mas, por circunstâncias que desconheço e as quais só à dr. Luísa dizem respeito, assim não aconteceu.

Em face disto, a pessoa a seguir indicada para o desempenho do cargo, é o dr. Gustaaf van Manen. Inequivocamente.

Fala-se das leis que regulamentam. Mas não haverá excepções nas leis? Tem

de haver! Pois, se assim não for, pergunto: Haverá alguma lei que defenda o absurdo — o contrário da razão?

A não ser que nos Açores se pretenda evoluir com mentalidades retrógradas. O que seria lamentável e, por isso, repudio, energeticamente.

Assim, meus senhores: Nas circunstâncias actuais e por direito próprio (E EM DEFESA DA CULTURA MUSICAL), o Director do Conservatório deverá ser o dr. Gustaaf van Manen. Sem dúvida alguma. Mantenho — PORQUE OBEDECE A VERDADE. A Verdade da Música.

Se me é permitido — aproveito e ensejo para daqui enviar um abraço aos meus SEMPRE AMIGOS, professores Mário Coelho, Luís e Fernando Soares... E VIVA A MÚSICA!

Anexo S. Diário Insular, 18-12-1985.

Regresso às origens

Luísa Alcobia Leal à frente do Conservatório

Luísa Alcobia Leal reasumiu ontem as funções de directora da Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

A tomada de posse teve lugar perante o Director Regional da Administração Escolar, Luís Bastos e com a presença do DROP, Aurélio da Fonseca.

Grande impulsionadora do ensino artístico no nosso meio, Luísa Alcobia Leal esteve na base da cria-

ção do conservatório local, de que foi directora até Maio de 1985, altura em que pediu a exoneração.

Após a sua saída, o estabelecimento de ensino passou por várias vicissitudes, tendo atravessado um período de grande perturbação, ainda não totalmente ultrapassado.

Observadores locais chegaram a temer pelo futuro

do conservatório, até porque a SREC estava a encontrar enormes dificuldades para substituir Artur Fonseca, que exerceu até ontem as funções de director.

A própria Luísa Alcobia Leal recusou convites por várias vezes e no continente a SREC não teve melhor sorte, ao tentar contratar um pianista para dirigir o estabelecimento.

Ao aceitar agora o cargo que lhe foi oferecido, Luísa Alcobia Leal, segundo apurámos, toma uma atitude que tem por grande objectivo não deixar que o conservatório morra.

Licenciada em germânicas, a nova directora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo tem também os cursos superiores de canto, concerto e piano.

Anexo T. Diário Insular, 24-11-1987.

4 REGIONAL Correio dos

HOJE E AMANHÃ

CONSERVATÓRIOS DE ANGRA E PONTA DELGADA EM CONCERTO CONJUNTO

Os Conservatórios Regionais de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada Juntam forças em S. Miguel neste fim de semana para trazer ao público micaelense um concerto de música sacra em que se destaca a obra "Glória" do compositor italiano António Vivaldi, escrita para coro e solistas, órgão e orquestra. O programa inclui ainda a Sinfonia "Al Santo Sepulcro" e duas peças de Mozart, a "Laudate Domi-

mentos de ensino artístico são: as sopranos Sandra Sardinha e Raquel Ramos Diniz, de S. Miguel; a mezzo soprano Maria Isabel do Vale e o tenor Mário Silva, antes da Terceira.

A orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada é constituída para esta actuação por 17 cordas, oboé e trompete, registando com gratidão a participação de dois membros da Banda Militar da Z.M.A.

escolhidas para este programa de música sacra. Parte insubstituível do património musical da Região, a sua recuperação tem permitido aos açorianos ouvir instrumentos próprios da sua época, cujo propósito fundamental é a elevação do espírito do homem para a adoração a Deus.

Nascida duma ideia das Professoras Luísa Alcobia Leal, Directora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo e

Mozart, a "Laudate Dominum" para soprano e orquestra, das Vésperas Solenes de um Confessor, e o Andante K 138 para instrumentos de corda.

O Coro de Câmara do Conservatório de Angra, constituído na sua maioria por alunos do Conservatório, conta também com a colaboração de alguns professores entusiastas da música coral-sinfónica. Os solistas na "Glória", que se dividem entre os dois estabeleci-

Militar da Z.M.A.

O programa completa-se com o "Andante" de Mozart tocado pelo Quarteto de Cordas "Da Capo".

A sr^a. Janeen Hoffman, organista na "Glória", é professora de música na base americana das Lajes e valiosa colaboradora no meio musical Terceirense. Já actuou em S. Miguel com o Septeto da A.M.I.T.

Regista-se com orgulho a utilização dos orgãos de tubos existentes nas quatro igrejas

de Angra do Heroísmo e Shelley Ross, responsável pela Orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada, a iniciativa conta com o apoio de diversas entidades das ilhas de S. Miguel e Terceira.

Agora, vencidos os obstáculos às vezes formidáveis, o resultado poderá ser apreciado na Igreja Matriz de Ponta Delgada hoje, dia 16, pelas 21 horas e amanhã na Igreja da Ribeira Grande pelas 20h30.

Anexo U. Correio dos Açores, 16-05-1992.

UM ESPECTÁCULO INÉDITO NOS AÇORES

Como noticiámos, no passado sábado, Angra viveu um acontecimento cultural inédito no nosso meio. Referimo-nos ao maravilhoso e solene concerto realizado na Igreja do Colégio desta cidade, promovido pelo Conservatório Regional de P. Delgada.

A ideia da realização deste concerto Coral Sinfónico só foi possível com o muito entusiasmo e força de vontade de todos os participantes, dados os inconvenientes da distância geográfica, como se lia no programa, merecendo especial referência Luísa Alcobia e Shelley Ross, responsáveis respectivamente pela preparação do Coro e solistas e da orquestra. Foi uma arrojada iniciativa preparar um espectáculo com a grande qualidade vocal e instrumental destes, estando na Terceira a trabalhar o Coro e a organista Janeen Hoffman e em S. Miguel a orquestra. Contudo, a experiência resultou em pleno e a presença do público foi bastante satis-



Um dos momentos do magnífico concerto

fatória, dado que a poucas escassas dezenas de metros, no Seminário Episcopal, havia outra actividade artístico-cultural, exactamente à mesma hora.

O programa constou da Sinfonia em si m (Al sancto sepolcro) de António Vivaldi

(adagio, allegro); Laudate ta
Dominum e Andante, de W. de
A. Mozart e o lindíssimo D
Glória de Vivaldi tocado e di
cantado a quatro vozes. Este
célebre trabalho, composto
por doze andamentos, foi o
ponto mais alto do concerto,
pela sua dificuldade e espec-



erto

tacularidade. Tanto o trabalho da Orquestra Juvenil de P. Delgada, como do recém-criado Coro de Câmara da Ilha Terceira, incluindo quatro norte-americanos, e da organista estiveram à altura das responsabilidades. Uma palavra de estímulo e felici-

tações merecem, igualmente, os solistas intervenientes: sopranos Luísa Alcobia Leal, Ana Cristina Azevedo, Maria Alexandra Machado; mezzo soprano Maria Isabel Valle; e tenor Mário Silva.

PRAIA DA VITÓRIA APLAUDIU DE PÉ

Entretanto, a grande noite seria na cidade do Ramo Grande, que aplaudiu calorosamente as várias peças, tendo o concerto terminado em apoteose com a Matriz completamente cheia de gente a aplaudir de pé. Foi dos dois concertos o melhor e o público mostrou espontaneamente os seus sentimentos de apreço e alegria por um espectáculo, verdadeira missa de festa, que fez os Praienses subirem à sua Matriz, numa noite de beleza e arte inesquecíveis.

No final, foram entregues vários ramos de flores e trocaram-se muitos abraços e beijos de felicitações. Tanto

os jovens executantes da orquestra como os membros do Coro de Câmara e respectivos responsáveis e promotores merecem os nossos sinceros parabéns.

Este intercâmbio musical que irá prosseguir, nos próximos dias, na Ilha de S. Miguel, deveria estender-se a outras iniciativas futuras, contemplando, dentro do possível o maior número de ilhas. O incremento musical dos Açores exigem-no.

Apoiaram esta iniciativa a Direcção Regional dos Assuntos Culturais; a Câmara Municipal da Praia da Vitória, Pároco da Igreja do Colégio, Pároco da Matriz da Praia da Vitória; Comandos da Polícia de Segurança Pública e do Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo; Irmandade de Nossa Senhora do Livramento, Misericórdia da Praia da Vitória; Hortênsia Gelataria e Pastelaria; Elementary School - B.A. 4 - Lajes e Sr. Francisco Ferreira - Praia da Vitória.

Anexo V. União, 05-05-1992.

Intercâmbio entre Terceira S. Miguel

CONCERTO "CORAL SINFÓNICO"

nas Matrizes de Ponta Delgada e Ribeira Grande

Com o mesmo programa e os mesmos intervenientes do concerto, em Angra do Heroísmo e na Praia da Vitória, nos dias 2 e 3 de Maio, realizou-se, nas igrejas matrizes de Ponta Delgada e da Ribeira Grande, em 16 e 17 do corrente, à noite, o anunciado concerto "coral sinfónico", com o Coro de Câmara do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo e a Orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Nascida por iniciativa das professoras Luísa Alcobia Leal e Shelley Ross, a ideia da realização de um concerto "coral sinfónico", em intercâmbio com os dois Conservatórios Regionais, só foi possível com o muito entusiasmo e força de vontade de todos os participantes, dados os inconvenientes da distância geográfica.

O Coro de Câmara do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo começou os ensaios para estes concertos em meados do mês

de Janeiro último, sendo constituído por 25 elementos, dez masculinos e quinze femininos, na sua maioria alunos do Conservatório.

Conta, também, com a participação de alguns professores e colaboradores entusiastas pela música coral sinfónica.

Para a maior parte dos seus membros, esta foi a primeira experiência de Canto em Coro.

xxx

A Orquestra Juvenil do Conservatório Regional de Ponta Delgada foi formada no Verão de 1987 pelos professores Shelley e Michael Ross.

Começou como orquestra de cordas com sete alunos e os dois professores e, actualmente, inclui um naipe de sopros constituído por alunos do Conservatório Regional de Ponta Delgada e elementos da Banda Militar.

Tem realizado vários concertos em S. Miguel e fez a sua primeira

digressão em 1991, nas ilhas Terceira e Faial, incluída na temporada musical da Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

Nos concertos do passado fim-de-semana, a Orquestra Juvenil apresentou-se com dezassete cordas e ainda a colaboração de um trompete e um oboé, da Banda do Comando Militar dos Açores.

xxx

Sob a direcção da professora Shelley Ross, a Orquestra Juvenil interpretou a Sinfonia "Al Santo Sepolcro", de A. Vivaldi, em dois andamentos - Adágio e Alégro.

Seguiu-se a interpretação de "Laudate Dominum", de W. A. Mozart, por orquestra e coro, sendo solista a soprano Sandra Sardinha.

O quarteto de cordas, constituído pelos violinos Lídia Sardinha e Amâncio Cabral, violeta Susana Cordeiro e violoncelo Teresa Car-

valho, interpretou o "Andante" de W. A. Mozart.

Finalmente, e como ponto mais alto deste memorável concerto, a interpretação do "Glória", de A. Vivaldi, sendo organista Janneen Hoffman, professora de música na base americana das Lajes.

Foram magistralmente interpretados os seguintes andamentos:

- "Gloria in excelsis Deo" e "Et in terra pax hominibus" pelo coro e orquestra;

- "Laudamus te", pelas sopranos Sandra Sardinha e Raquel Ramos Dinis;

- "Gratias agimus tibi" e "Propter magnam gloriam";

- "Domine Deus", sendo solista a soprano Sandra Sardinha;

- "Domine Fili Unigenite";

- "Domine Deus, Agnus Dei", sendo solista a mezzo-soprano Maria Isabel Vale;

- "Qui tollis peccata mundi";

- "Qui sedes ad dexteram", com solo pelo tenor Mário Silva;

- e os dois últimos andamentos, em apoteose, "Quoniam tu solus Sanctus" e "Cum Sancto Spiritu".

xxx

Tanto na Matriz de S. Sebastião como na Matriz de Nossa Senhora da Estrela, registou-se uma assistência numerosa e interessada, apesar doutras actividades culturais marcadas para a mesma hora.

Pelo êxito desta iniciativa, felicitamos as direcções dos dois Conservatórios Regionais de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada, bem como os professores e alunos intervenientes e esperamos que outros concertos se realizem em breve.

Ignorando o alcance artístico, social e até mesmo político do intercâmbio destes concertos, a RTP-Açores, uma vez mais, "brilhou pela ausência", tanto na Terceira como em S. Miguel...

18 de Maio de 1992

M. J. Andrade

Anexo W. Açoriano Oriental, 20-05-1992.

A Ilha Terceira recebeu optimamente os estudantes do Liceu Internacional

Tal como **A União** noticiou, os finalistas do Liceu Internacional de Saint-Germain-en-Laye encontram-se numa digressão aos Açores que terminará, no próximo domingo, na ilha do Faial.

Na ilha Terceira o tempo não colaborou devido ao cerrado nevoeiro que a cobriu, anteontem, quase todo o dia. Mesmo assim, os estudantes vindos de Paris puderam admirar o **Algar do Carvão**, uma verdadeira jóia para os cientistas e uma maravilha para os visitantes, como nos referiram. Também apreciaram o **Museu do Vinho** e as piscinas naturais dos Biscoitos, não lhes passando despercebido a construção do edifício dos balneários com pedra característica do local, assim como as janelas de guilhotina e as chaminés de mãos fechadas das nossas casas rurais.

Apesar do pouco tempo disponível para a visita a Angra do Heroísmo, em consequência dos atrasos devidos às condições atmosféricas, os 27 visitantes ficaram deslumbrados com a arquitectura urbana, nomeadamente a baixa angrense, e a grandiosidade do Palácio dos **Capitães Gerais**, cuja história foi traçada, com o característico entusiasmo, pelo Dr. Maduro Dias.

Infelizmente, o **Museu de Angra** não pode ser visitado como era grande desejo dos estudantes, pelas razões sobejamente conhecidas e nada abonatórias para uma cida-

de-património mundial.

Contudo, o que, entre tanto nevoeiro, mais sensibilizou os nossos hóspedes foi a forma bastante simpática como foram recebidos na nossa ilha. **“Fomos aqui recebidos optimamente”**. Isto mesmo ficou bem patente na catita recepção da Câmara Municipal de Angra, cujo Presidente e toda a Vereação estiveram presentes no Salão Nobre.

O “cocktail” abundante e refinado foi pretexto para a exposição da bandeira bordada pelas mãos da rainha Dona Maria assim como para a troca de lembranças e discursos.

Falou em primeiro lugar o Dr. Neves Leal, na qualidade de organizador e primeiro director da **Secção Portuguesa do Liceu Internacional**, tendo manifestado o incontido júbilo de estar a conviver com estudantes e professores daquela escola e poder rejuvenescer 15 anos. Referiu ainda o prazer de estar com eles na cidade-património que designou de **“coração histórico e cultural dos Açores.”**

Em seguida, o **Coro de Câmara do Conservatório** brindou os convidados com alguns números de música francesa que foram muito aplaudidos por todas as pessoas presentes, entre eles a **Fanfarra do Printemps**, que serviria de contraponto ou antídoto ao mau tempo, como sublinhou a Dr^a. Luísa Alcobia Leal, no decorrer da magnífica e muito oportuna

actuação. Em nome dos visitantes falou o Dr. Paulo Estevens, responsável do grupo, que agradeceu a forma óptima como tinham sido recebidos na ilha Terceira.

Por fim, usou da palavra o dr. Joaquim Ponte que reiterou o interesse de a Câmara de Angra apoiar iniciativas culturais e actos como o que ali se estava a viver. Sublinhou a importância dos intercâmbios para um melhor conhecimento dos Açores e do papel desempenhado pela cidade de Angra na história de Portugal, Referiu que a vinda de jovens era uma garantia de que amigos e familiares poderão um dia visitar a ilha Terceira ou eles próprios voltarem à nossa terra. Por fim, agradeceu a presença dos nossos hóspedes a quem desejou muitas felicidades, bem como aos membros do Coro do Conservatório e sua directora.

Esta digressão à nossa ilha contou ainda com os apoios da Delegação do Turismo, do Centro Juvenil Beato João Baptista Machado, da Direcção dos Assuntos Culturais, do Gabinete da Zona Classificada de Angra, da Escola Pe. Jerónimo Emiliano de Andrade, grupo espeleológico “Os Montanheiros”, Museu do Vinho, Câmara Municipal da Praia da Vitória, Agência de Viagens Telles, e também das famílias dos professores da E.S.P.J.E.A.: Drs^{es}. Rui Meireles, Maria do Céu Pereira, Filomena Nunes Corvelo e António Neves Leal.

Insular

Sexta-feira, 6 de Julho de 1990

Fim de ano escolar do Conservatório de Angra

Alunos foram ouvidos

No salão maior do Palácio dos Capitães-Generais, desta cidade, o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo realizou, na noite da passada quarta-feira, o espectáculo de audição final dos seus alunos.

Muito público acorreu para ouvir e aplaudir os pequenos-grandes executantes de iniciação musical e flauta de Bisel, da classe de piano, de violino, de canto e de viola regional.

Se os miúdos do chifone e da flauta de Bisel cativaram,

pelo seu à vontade, os mais crescidos que se sentaram ao piano ou tocaram o violino esses ainda mais prenderam a atenção dos presentes pelo bom trabalho que apresentaram.

Na classe de canto uma nota de "Sol Maior" para as vozes, de ambos os sexos, que nos deliciaram com as suas interpretações, sendo de salientar os dois trechos (Mozart e Puccini) cantados pela voz promissora do Mário Silva.

Com uma audição como a que

assistimos de final de ano dos alunos do Conservatório de Angra, é por demais evidente que naquele estabelecimento de ensino, e ao longo do ano lectivo findo, houve trabalho empenhado de docentes e alunos.

Congratulações para a sua directora, dr^a Alcobia Leal.

Entre a vasta assistência contavam-se o Presidente da A.L.R., dr. Reis Leite, e a dr^a Fátima Lopes, Directora-Regional da Orientação Pedagógica.

Anexo Y. Diário Insular, 06-07-1990.

6

A UNIÃO

No passado sábado, o Clube de Oficiais da BA 4 registou uma das maiores enchentes dos últimos anos. O espectáculo proporcionado pelo Conservatório Regional de Angra do Heroísmo foi de grande nível, muito agradável e variado. Do ballet à viola regional, do canto ao violino, guitarra, flauta, piano, trompete, de tudo houve um pouco e numa execução exímia no dedilhar das cordas, no soprar dos acordes, na inflexão e timbre das vozes dos solistas como das do coro.

Foi uma grande "soirée" de arte. Os jovens artistas e respectivos mestres chegaram, venceram e venceram. Passaram nos

NA B.A.4

Conservatório sobe de tom

testes com a classificação de muito bom, como referiu o apresentador no final, já depois da uma hora da madrugada de domingo. Estes testes levaram-no a lançar um repto voltando-se para a mesa de honra, onde se encontrava o Secretário da Educação e Cultura, os Comandantes americano e português e a Directora do Conservatório, no sentido de se criar uma orquestra juvenil em Angra ou na Ilha Terceira.

dada a qualidade e a destreza das execuções dos músicos ali presentes.

Pelo que vimos e ouvimos, há matéria-prima capaz de, num futuro próximo, poder-se atingir tal desiderato. Para isso serão necessários maiores apoios das entidades, dos órgãos de informação e das várias forças sociais e organismos autárquicos. É preciso acabar com a dependência excessiva da televisão e dos enlatados que para além

de cancerígenos não promovem a nossa vida social e os nossos valores artísticos e culturais. Urge sair de casa e convivemos em doce cavaqueira, em tremenda de jogos e de vivências de arte tão belas como aquelas a que assistimos na Base das Lajes, neste fim-de-semana passado.

Do programa apresentado pelo Conservatório de Angra muito haveria a dizer, o que não cabe no

espaço disponível desta notícia. Contudo, merecem ser mencionados as obras e os nomes dos responsáveis pela ordem do programa distribuído: a classe de ballet, com a bela coreografia da Prof. Eduarda Rosa, interpretou Matinal e Vontade de Mudar - conjunto Madre Deus; a classe de flauta de bisel, do Prof. Antero Avila que tocou We Wish You a Merry Christmas e Do you see I see; classe de guitarra

15 . 12 . 92

clássica, do Prof. Carlos Baptista Avila que executou Exercícios nº 1 a 8 - Dionisio Aguado, Romance guitarra (anónimo), a conhecida Alma Espanhola - Prof. Duarte Costa e um número de C. Baptista, Exercício em Mi. O prof. desta classe e a soprano Luisa Alcobia Leal interpretaram Greensleeves e Plaisir d'amour, de J.P. Martini, números bastante apreciados.

A classe de conjuntos vocais, da Prof. Luisa Alcobia interpretou com muito nível três duetos de As Bodas de Figaro, de W.A. Mozart e um dueto de Magnificat de J.S. Bach, a cargo respectivamente de Eulália Mendes e José Corvelo; Ana Cota, José Corvelo; Maria Alexandra Machado e Maria Isabel Valle. Quanto ao dueto de Bach, esteve a cargo desta última e do tenor Mário Silva. Ao piano esteve a prof. Maria João Carreiro.

A classe de violinos, da responsabilidade do prof.

Luis Soares, começou pelo conhecidíssimo Hey Jude. Paul McCartney, seguido de Bournée, de Handel e Childrens Symphony - L. Mozart. A Esta classe sucedeu a apresentação do Coro da Câmara, dirigido por Luisa Alcobia. Interpretou de Bach, Coral Jesus Bleibet Meine Freude e Tollite Hostias (coro final da Cantata de natal), de Saint Saens, em conjunto com um grupo de violinos do Prof. Luis Soares, tendo resultado um bom trabalho.

A sétima classe, do Prof. italiano Massimo Spiga, tocou Equali nº 2 e Palestrina - para 1 trompetes e ainda Chorale de Wagner e Pavane de Ravel. Esta classe é a mais recente das que foram apresentadas.

Finalmente, a classe de viola regional, a mais numerosa, concluiu o espectáculo, tendo tocado com muito agrado quatro números populares terceirenses (Tirana, Olhos Pretos, Doce Esperança e Lira). Esta classe é dirigida pelos profs. José Luis Lourenço e Eduardo Correia.

De referir, ainda, antes do encerramento, a entrega duma medalha pelo Brigadeiro Sanches Osório à Directora do Conservatório. Conseguimos apurar que a Direcção do Clube dos Oficiais, os comandantes português e americano e o Secretário da Educação e Cultura ficaram muito satisfeitos com mais este trabalho do nosso Conservatório.

Todos os intervenientes e promotores desta iniciativa estão de parabéns, assim como o numeroso público presente.

LÉNIO NANTAL

NO PORTO JUDEU

Conservatório exibiu-se com arte

No passado domingo, as várias classes do Conservatório Regional da Angra (ballet, violino, guitarra clássica, conjuntos vocais, trompete, cora e viola regional) deslocaram-se à Sociedade Brianda Pereira, do Porto Judeu, a fim de darem um concerto muito original.

Pela primeira vez, e a pedido de um grupo de jovens, o nosso Conservatório actuou num meio rural. Este facto merece o maior aplauso

pela descentralização cultural e artística que incentiva e pelo valor pedagógico de que se reveste. Por outro lado, é uma forma de mostrar o que professores e alunos são capazes de realizar, estimulando-os a prosseguir.

O programa apresentado pela sua variedade musical e pelo nível das execuções muito agradou a todos quantos responderam ao apelo do grupo de jovens. Pena foi a sua iniciativa não

ter recebido a merecida resposta, enchendo-se completamente o vasto salão.

Seja como for, realizações como estas devem ser repetidas nos meios rurais, carecidos de actividades culturais, como muito bem nos salientou o Pároco do Porto Judeu, no final do magnífico e aplaudido espectáculo.

Se foi muito agradável ouvir os diversos acordes musicais, as vozes e apreciar os

gestos cheios de requintada beleza, também merece nota de apreço a bela ornamentação do salão e a entrega de ramos de flores aos professores de cada uma das classes.

Estão de parabéns os promotores da iniciativa e todos os intervenientes, nomeadamente o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo pelas duas horas de arte que prodigalizou ao público presente.

Anexo AA. A União, 30-03-1993.

CONSERVATÓRIO DE ANGRA

Colocação de professores põe clima ao rubro



DRE confessa divergências

Divergências quanto à colocação de professores no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo estão na origem da não recondução do Conselho Directivo presidido por Luísa Alcobia Leal - admitiu hoje ao nosso jornal o Director Regional da Educação (DRE), Manuel Conde.

Segundo Manuel Conde, entre o Conselho Directivo daquela escola musical e a Direcção Regional de Educação "surgiram algumas di-

ficuldades na selecção dos candidatos" a docentes para este ano lectivo.

Face a isso, e nos termos da lei, a Direcção Regional "avocou, no uso das suas competências próprias, a selecção dos candidatos", adiantou.

Para o Director Regional, que disse entender e compreender a posição do Conselho Directivo cessante, "nas condições que iriam surgir, a

(Cont. na pág. 2)

CONSERVATÓRIO DE ANGRA

Colocação de professores põe clima ao rubro

(Cont. da pág. 1)

dr^a Luísa Alcobia não aceitaria e se eu estivesse no lugar dela também não aceitaria” continuar a liderar os destinos do Conservatório.

Assim, após duas outras “negas”, Ana Paula Rodrigues, licenciada em história, é nomeada desde ontem Presidente do Conselho Directivo do Conservatório de Angra em substituição de Luísa Alcobia que durante 12 anos presidiu àquele estabelecimento de ensino.

A intervenção da Direcção Regional, de acordo com Manuel Conde, visa, em suma,

“repôr a legalidade na selecção dos candidatos”. Negando, deste modo, que estejam em causa “as qualidades pessoais, técnicas e artísticas” de Luísa Alcobia.

No âmbito de toda esta questão, ao que conseguimos apurar, está a contratação de Gustaaf van Manen como professor do Conservatório. O Conselho Directivo cessante ter-se-á oposto a essa contratação, alegando várias razões para tal. Contudo a fundamentação legal para essa recusa, na perspectiva dos juristas da Direcção Regional da Educação, não é válida.

Referindo-se ao facto da quase totalidade do corpo docente do Conservatório ter subscrito um abaixo-assinado solidarizando-se “com as posições tomadas pelo Conselho Directivo em relação ao concurso de professores” para o ano lectivo de 93/94, Manuel Conde disse que se trata apenas de “um acto de simpatia” para com Luísa Alcobia.

“Mas – adiantou – é muito provável que à sr^a Presidente do Conselho Directivo, aliás usando do pudor que deve existir entre o Presidente do Conselho Directivo e a sua tutela, não lhes terá transmitido as razões de fundo, de

natureza administrativa e de interpretação da lei, que estavam subjacentes a algumas pequenas divergências entre a tutela e a antiga Direcção. Porque, obviamente, estas coisas são discutidas a um nível diferente. Os professores do Conservatório de certeza que não tiveram acesso a todos estes processos de carácter administrativo.”

Até à hora do fecho desta edição, o nosso jornal não conseguira ainda recolher qualquer depoimento da antiga Presidente do Conselho Directivo do Conservatório, o que esperamos conseguir para a edição de amanhã.

Anexo AB. A União, 17-09-1993.

Ensino musical em Angra. Situação complexa...

Luísa Alcobia Leal critica sucessora no Conservatório

“Não percebe nada disto e tem os olhos tapados”, foi o comentário da ex-presidente do Conselho Directivo do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, Luísa Alcobia Leal, em declarações ao DI, sobre a nova responsável por aquele estabelecimento de ensino, Ana Paula Rodrigues.

Numa curta conversa durante um contacto feito pelo DI com o Conservatório de Angra, Luísa Alcobia Leal reagiu assim à nomeação da sua substituta. E adiantou: “eu nunca

mereci uma entrevista pelo que fiz estes anos todos pela música nesta cidade... Já estou habituada com o tratamento do vosso jornal”.

Ana Paula Rodrigues, que tomou ontem posse como presidente do Conselho Directivo do Conservatório de Angra, deverá iniciar a suas funções na próxima semana.

Segundo apurou o DI de fonte segura, Ana Paula Rodrigues foi nomeada para o cargo depois das recusas de António Guimarães Duarte, professor do

Conservatório de Lisboa e organista da Igreja de São Luis dos Franceses, e da professora Teresa Machado.

Versão oficial

O director regional da Educação, Manuel Conde Bettencourt, disse ao DI que tem “todo o direito e poder” para nomear o presidente do Conselho Directivo do Conservatório de Angra.

(Conclui na pág. 10)

RAL

DIÁRIO INSULAR, 17 de Setembro de 1993

Luísa Alcobia Leal critica sucessora no Conservatório

(Conclusão da pág. 3)

Manuel Conde Bettencourt frisou que com a nomeação “não estão em causa questões técnicas nem a dignidade profissional da presidente cessante”.

Referiu que a anterior responsável pelo Conservatório de Angra do Heroísmo é “a única professora com habilitação própria”, estando em causa apenas uma questão de natureza administrativa.

“Entendi que devia escolher uma pessoa com habilitação própria, mesmo sem ser da área, para exercer o cargo. A situação não é única; já aconteceu noutras escolas onde não houve eleições para o Conselho Directivo” - disse Manuel Conde Bettencourt.

Por outro lado, referiu que o Conservatório de Angra tem uma “situação extremamente preocupante para a tutela” que é a falta de professores com habilitação pró-

pria.

Tendo em conta essa realidade, a direcção regional da Educação decidiu fazer directamente a selecção dos professores para o próximo ano lectivo.

No próximo ano lectivo o Conservatório de Angra vai ter um quadro de 12 professores, dos quais quatro ou cinco serão estrangeiros convidados.

POLÉMICA

Ex.mo Senhor Director

Publicou o seu jornal na edição do dia 17 de Setembro último, uma notícia sensacionalista com destaque de primeira página e fotografia, intitulada **Luisa Alcobia Leal critica sucessora do Conservatório**. As frases deslocadas do contexto em que foram proferidas, deturpam radicalmente o sentido do que foi dito e traiçoeiramente aproveitado para atingir o meu bom nome e criar-me danos morais e profissionais.

Ao abrigo da Lei de Imprensa, e com idêntico relevo, solicito a publicação do seguinte esclarecimento, que não foi enviado mais cedo, porque a signatária fez questão de ouvir a gravação magnética na íntegra, o que só pode ser feito hoje, conforme imposição da Redacção do seu jornal.

1 - Não me foi pedida qualquer entrevista, como a tendenciosa notícia deixa entrever, nem autorização para gravar e publicar qualquer declaração sobre este Conservatório. Aliás isso não era oportuno, nem me encontrava disposta para tal, visto que soubera da minha **destituição no próprio dia e duas horas antes**.

2 - O vosso repórter pediu telefonicamente para falar com a Presidente do Conselho Directivo, ao que a signatária respondeu que já não o era.

3 - Perguntou, em seguida, pelo paradeiro da nova Presidente. Respondi-lhe que não sabia, mas tentasse ligar para a Secretaria Regional.

4 - Tendo perguntado o que desejava, o vosso repórter disse: "Queremos entrevistar a nova Presidente do Conselho Directivo para saber o que ela pensa fazer aí no Conservatório".

Ao que a signatária respondeu: "Então a nova Presidente, mal acabou de tomar posse, ainda não percebe nada disto, está com os olhos ainda tapados, não percebe nada de música e já merece uma entrevista do vosso jornal, e eu, que tanto fiz pela música nesta terra, este anos todos, nunca mereci uma entrevista do vosso jornal! Mas eu já estou habituada com a actuação do vosso jornal!"

Ora do que se gravou e reproduziu acima, ao

arrepio da lei e do código deontológico dos jornalistas, e publicado **sem o meu consentimento**, repito, aquilo que se pode inferir é uma crítica à actuação desse matutino por parte da signatária, o que já havia feito em carta endereçada a V.ª Ex.ª em 16.03.93, e não propriamente à sua sucessora, em relação à qual nada tenho nem poderia ter contra a sua pessoa.

Fiquei, pois, perplexa, chocada e revoltada, repudiando veementemente a imagem denegridora que fazem de mim na vossa notícia e sobretudo o uso abusivo da curta conversa "off-recorder" que tive com o vosso repórter e que nunca deveria ter sido publicada sem a minha prévia autorização - sublinho novamente.

Dispensou-me de classificar os intuítos que levaram a este procedimento repugnante e nada abonatório para quem fez a notícia e a publicou reservando-me o direito de proceder **judicialmente** contra esse jornal pela ilegitimidade do que gravaram sem conhecimento e autorização da signatária e pela ulterior publicação de frases, que isoladas do contexto, assumem carácter doloso.

Grata pela publicação.

Com os melhores cumprimentos,
Angra do Heroísmo, 20/09/93

Luisa Fernanda Correia de Sousa Alcobia Leal

Nota: Em contacto telefónico com o Chefe de Redacção desse jornal no passado dia 17 e manifestando o desejo de ouvir a gravação foi-me respondido que, segundo as regras do jornal isso só poderia ser feito perante o director e o chefe de redacção e que hoje, segunda-feira, dia 20 do corrente me contactaria para o efeito.

De facto, após aguardar até às 18h15m e não tendo havido nenhum contacto, dirigi-me ao jornal para ouvir a gravação.

O senhor Director, manifestando desconhecer o meu contacto de dia 17, respondeu que não entendia necessária essa audição.

O diz que não disse da Dr^a Alcobia Leal

Nota da Redacção

Não era intenção do DI ouvir a Dr^a Alcobia Leal. Quando o nosso repórter contactou o Conservatório, o que pretendia era colocar algumas questões à novel directora. Porém, a ex-directora atendeu o telefone, e não se contentou em responder a uma simples pergunta: "Onde está a nova directora?". Estando o jornalista perfeitamente identificado - "Sou fulano de tal, do DI" -, a Dr^a Alcobia Leal, voluntariamente, e sem que o jornalista lhe solicitasse, produziu comentários sobre a sua sucessora. Automaticamente, tornou-se objecto de notícia, até porque acabava de ser demitida em circunstâncias polémicas, tão polémicas que continuam a merecer manchetes em alguma imprensa. Só quem não tem qualquer sensibilidade jornalística é que pode negar esta ligação causa-efeito!

A conversa foi curta. Até porque a Dr^a Alcobia Leal foi demolidora e definitiva nas suas declarações. Ao contrário do que o texto da ex-directora do Conservatório afirma, o jornalista não descontextualizou. Pelo contrário. Por um lado, o diálogo durou cerca de 45 segundos - e deixa, de facto, pouco espaço para descontextualizações; por outro lado, o jornalista o que fez, em boa verdade, foi contextualizar as declarações, inserindo-as no acontecimento. A hierarquia, na construção da notícia, é, obviamente, da nossa exclusiva responsabilidade.

Não vamos escarpelizar as incoerências, as contradições, as obsessões - enfim, todos esses pequenos nadas que tecem a enormidade que é o texto da Dr^a Alcobia Leal. Vamos ater apenas ao substancial: as declarações. Aliás, nesse pequeno parágrafo, em que a Dr^a Alcobia Leal tenta atenuar as críticas que teceu à sua sucessora, está exposto todo o enredo que a autora tenta tecer.

Vejam os:

- A Dr^a Alcobia Leal cita-se: "Então a nova Presidente, mal acabou de tomar posse, ainda não percebe nada disto, está com os olhos ainda tapados, não percebe nada de música e já merece uma entrevista do vosso jornal, e eu, que tanto fiz pela música nesta terra, este anos todos, nunca mereci uma entrevista do vosso jornal! Mas eu já estou habituada com a actuação do vosso jornal!"

- Transcrição do registo da conversa mantida: "Ah, pronto! Eu nunca mereci uma entrevista. Agora essa senhora que não percebe nada disto e que vem para cá... que está com os olhos tapados, essa é que merece a entrevista. Eu cá nunca a mereci, não é verdade? Por estes anos todos que fiz tanto pela música nesta cidade. Mas eu já estou habituada ao tratamento do vosso jornal. Muito boa tarde".

A Dr^a Alcobia Leal, ao citar-se, tenta atenuar as declarações que prestou usando como artifício a introdução da palavra "ainda". Quereria como que dar o benefício da dúvida à sucessora e assim as suas declarações seriam mais aceitáveis. Mas a verdade é que a Dr^a Alcobia Leal não deu o benefício da dúvida. Atacou a fundo e fez um juízo de valor afirmativo e definitivo: "... essa senhora que não percebe nada disto..." O "ainda", como se prova, é uma invenção posterior. Não queremos - nem podemos - ser coniventes!

Quanto à actuação (os tais serviços prestados...) da Dr^a Alcobia Leal durante o tempo em que dirigiu o Conservatório - mais de uma década... -, não nos pronunciamos. Limitamo-nos a esperar pelo resultado do processo de inquérito entretanto mandado instaurar pela secretaria regional da Educação e Cultura (SREC).

Anexo AD. Diário Insular, 22-09-1993. Resposta da professora Luísa Alcobia Leal à notícia do Diário Insular intitulada *Luísa Alcobia Leal critica sucessora do Conservatório*, afirmando: "As frases deslocadas do contexto em que foram proferidas, deturpam radicalmente o sentido do que foi dito(...)".

CONSELHO DIRECTIVO

PRESIDENTE

ANA PAULA DIAS SOARES RODRIGUES

- Gestão administrativa e financeira
- Presidente do Conselho Administrativo
 - Pessoal Auxiliar e Técnico
 - Temporada Musical
 - Docentes

VICE-PRESIDENTE

ANABELA MARTINS MANCEBO

- Assuntos Pedagógico-didáticos
- Vice-Presidente do Cons. Administrativo
 - Temporada Musical

SECRETÁRIO

JOSÉ GOMES CORVELO

- Área de Alunos
- Temporada Musical
- Equipamentos

Anexo AE. Conselho Diretivo do ano letivo 1994-95. Documento cedido pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues.

TEMA / ACTIVIDADE	RECURSOS / ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	DATAS
Concerto de comemoração dos 150 anos do nascimento de EDVARD GRIEG	Sala de concerto. Ajustação do piano. Convites. Programas. Material audiovisual.	Anibal Lima - Violino. Anne Kaasa - Piano. Direcção e pessoal auxiliar.	8 de Novembro de 1993 ✓
Ações de Formação Piano e F. Musical	Material didáctico. Fotocopiadora. Aparelhagem sonora.	Carla Seixas. Cristina Brito da Cruz Prof. e alunos das respectivas discipl.	Dezembro, 1993 ✓
Concerto de Canto e Piano	Sala de concerto. Ajustação do piano. Convites, cartazes, programas.	Luisa Alcobia Leal - Soprano Carla Seixas - Piano	10 de Dezembro de 1993 ✓
Convívio de Natal c/ professores e funcionários.	Decoração das salas para o convívio. Aparelhagem sonora.	Professores e funcionários.	13 de Dezembro de 1993 ✓
Festa de Natal com os alunos.	Sala do Clube Boa Viagem e respectiva decoração. Instrumentos e aparelhagem sonora. Distribuição de prendas pelo Pai Natal.	Alunos, pais, professores e pessoal auxiliar.	15 de Dezembro de 1993 ✓
Ação de formação de Flauta.	Material didáctico. Salas, aparelhagem.	Alessandra Longo. Prof. Carlos Medeiros e alunos de flauta	Fevereiro, 1994 ✓
Concerto de Flauta.	Sala; divulgação. Programa.	Alessandra G. Longo.	17 de Fevereiro de 1994 ✓
Concerto de guitarra clássica.	Sala; divulgação. Programa; convites.	Oscar Flesha / Miguel Olago	1 ou 2 de Março de 1994 ✓
Participação do Coro do Conservatório no Encontro de Coros da Ilha Terceira	A Associação dos Antigos Orfeonistas da Universidade do Porto é convidada. Alojamento para os componentes.	Coro do Conservatório. Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.	17, 18 e 19 de Março de 1994
Concerto no Seminário - Conservatório	Piano, estrados para o cântico, estantes.	Professores e alunos do conservatório	30 de Abril de 1994 ✓
Ação de Formação de Piano (contin.)	Material didáctico, sala, fotocopiadora.	Carla Seixas.	24 a 27 de Maio ✓

TEMA / ACTIVIDADE	RECURSOS / ESTRATÉGIAS	INTERVENIENTES	DATAS
Concerto comemorativo do 2º aniversário do Cântico de Câmara do Conservatório	Estrados para o cântico e espaço para a realização do concerto	Professores e alunos da disciplina de canto	3º Período ✓
Audições.	Espaço para as audições, instrumentos, estantes e todo o material de apoio necessário.	Professores, alunos e pessoal auxiliar. Pais e encarregados de educação.	Ao longo do ano lectivo de 93/94 Finais a 9 e 11 de Junho ✓
Inventariação de livros, peças musicais, discos, CD's, cassetes, vídeos.	Livros de registo.	Pessoal Auxiliar, Professores.	Ao longo do ano lectivo. ✓
Concertos da temporada musical	Preparação das salas. Elaboração de programas e convites. Divulgação dos concertos.	Músicos que se propuseram aos concertos da temporada musical.	Ao longo do ano de 1994.

Anexo AF. Plano anual de actividades do ano letivo 1993-94 cedido pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues.

ACTIVIDADES	INTERVENIENTES	RECURSOS/ESTRATÉGIAS	DATA	LOCAL
Reciclagem de História da Música	Jorge Peixinho e alunos do Curso Complementar		24 e 25 de Outubro 1994	Conservatório
Reciclagem de Piano e Violoncelo	Eric Malson, Paulo Gaio Lima e Alunos		16 e 17 de Novembro	Conservatório
Participação no Programa itinerante "Tocadores da ilha"	Classe de Conjunto de Guitarra Clássica		Outubro-Dezembro	Várias freguesias da ilha Terceira
Participação na Reabilitação 90-94 "Uma Sociedade para todos"	Coro de Câmara do Conservatório	Ensaios	1 Dezembro	Teatro Angrense
	Grupo de Violas do Conservatório		4 Dezembro	Desfile e actuação no Pavilhão Municipal
Convívio de Natal dos Alunos	Alunos, Professores, Funcionários e Encarregados de Educação	Actuação das Classes de Iniciação Musical, Flauta de Bisel, Piano, Guitarra Clássica, Viola Regional e Coro. Decoração da sala Instrumentos musicais e aparelhagem sonora	15 Dezembro	Ginásio do Anexo da Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade
Concerto de Natal	Coro de Câmara do Conservatório e Órfeão da Praia da Vitória	Clavinova Ensaios	16 Dezembro	Igreja da Nossa Senhora da Conceição
Abertura o VI Encontro de Escritores Açorianos	Classe de Conjunto de Guitarra Clássica		17 Dezembro	Escola Secundária Geral e Básica Vitorino Nemésio
Audição para os colegas e familiares	Alunos de Piano da Profª Ann Marie Simões		19 Dezembro	Conservatório
Aulas abertas aos pais e Encarregados de Educação Viola Regional Piano	Prof.ª José Luis Lourenço e Eduardo Correia. Alunos	Convite aos Pais e Encarregados de Educação	Novembro - Dezembro 22 e 31 de Maio	Salas de aula do anexo
	Profª Alda Regalo e Alunos		9 a 13 Janeiro, 11 Março, 27 Maio 1995	Sala de aula do Conservatório
Iniciação Musical	Profª Anabela Mancebo		3º Período	Sala de aula do Conservatório

ACTIVIDADES	INTERVENIENTES	RECURSOS/ESTRATÉGIAS	DATA	LOCAL
Reunião dos professores de Piano com os Pais e Encarregados de Educação	Professores de Piano	Convite enviado pelos professores da disciplina Documento entregue aos Pais e Encarregados Educação	4 Janeiro	Conservatório
Intercâmbio com: Escola de Viola de S. Brás Escola de Viola do Posto Santo Tuna de S ^ª Luzia da Praia Vit. Grupo Musical de S. Sebastião Escola de Viola de S. Mateus Escola de Viola de S ^ª Bárbara Grupo Baile da Canção Reg.	Alunos do Professor José Luís Lourenço	Deslocação às respectivas freguesias	Janeiro, Fevereiro e Março	Conservatório, Casas do Povo e Juntas de Freguesia
Ação de Formação de Dança	Lúisa Taveira		Maio	Conservatório
Ação de Formação de An e Técnicas de Composição	César Viana		Maio	Conservatório
Ação de Formação de Canto	Renata Rentovska Oliveira Lopes? Prof ^ª de Canto e alunos		Março	Conservatório
TEMPORADA MUSICAL 95	Eddy Goltz, David Gausden, António Palma, Acácio Cardoso	Divulgação. Elaboração de programas e convites. Sala	Março	Praia da Vitória
	Miguel Ivo Cruz, Alessandra Longo, Natalya Kana, Giovkova, Candice Smith	" " "	Março	Angra do Heroísmo
Concertos nas Escolas	Professores Anabela Mancebo e José Corvelo Alunos de Iniciação Musical e Flauta de Bisel	Transportes Dispensas	27 de Março a 07 de Abril	Escola Prep. de Angra do Her. Escola Infante D. Henrique Escola da Conceição Colégio de S ^ª Clara
Audições de Piano	Prof ^ª Tatyana Melikova e alunos	Programas Sala	7 de Abril	Salão da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo

ACTIVIDADES	INTERVENIENTES	RECURSOS/ESTRATÉGIAS	DATA	LOCAL
Reciclagem sobre realização dos ornamentos em Bach e antecessores	Gustaaf Van Manen Professores Alunos		A definir	Conservatório
Actuação nas Festas Populares do Porto Judeu	Grupo de Violas do Conservatório		Junho	Porto Judeu
Participação no Concurso "Riscos e Rabiscos"	Professores e alunos de Trompete, Flauta Transversal e Clarinete		7 de Fevereiro	Praça Velha
Audições Finais	Professores Alunos Funcionários Pais e Encarregados de Educação	Espaço para audições Programas Divulgação Instrumentos	Final do ano lectivo	Teatro Angrense

Anexo AG. Plano anual de atividades do ano letivo 1994-95 cedido pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues.

DIRTECTORES DE TURMA

TURMAS DE FORMAÇÃO MUSICAL	NOMES
1ª A	ANABELA MARTINS MANCEBO
1ª B	ANABELA MARTINS MANCEBO
1ª C	ANABELA MARTINS MANCEBO
1ª D	JOSÉ GOMES CORVELO
1ª E	ANABELA MARTINS MANCEBO
1ª F	ANTHONY BARCELOS
1ª G	ANTHONY BARCELOS
1ª H	ANTHONY BARCELOS
1ª I	JOSÉ GOMES CORVELO
1ª J	EUGÉNIO MANUEL BRASIL DE SIMAS
1ª L	EUGÉNIO MANUEL BRASIL DE SIMAS
1ª M	EUGÉNIO MANUEL BRASIL DE SIMAS
2ª A	ANN MARIE SIMÕES
2ª B	CARLOS BAPTISTA ÁVILA
2ª C	ANN MARIE SIMÕES
2ª D	MARIA ALEXA NDRA MACHADO
2ª E	MARIA ALEXANDRA MACHADO
2ª F	MARIA ALEXANDRA MACHADO
3ª A	LUÍS DE SOUSA SOARES
3ª B	CHRISTIAN LATINI
3ª C	CARLOS LUÍS ANDRADE MEDEIROS
4ª A	FERNANDO ALBERTO SOUSA SOARES
4ª B	FERNANDO ALBERTO SOUSA SOARES
5ª A	FERNANDO ALBERTO SOUSA SOARES
5ª B	FERNANDO ALBERTO SOUSA SOARES
6ª C	LUÍS DE SOUSA SOARES
CURSOS COMPLEMENTARES 6ª, 7ª E 8ª GRAUS	JOSÉ GABRIEL FONSECA
CURSOS LIVRES (BALLET, VIOLA REGIONAL, INICIAÇÃO MUSICAL, VIOLINO, FLAUTA DE BISEL, PIANO, DANÇA JAZZ, TROMPETE)	EUGÉNIO MANUEL BRASIL DE SIMAS

Anexo AH. Diretores de turma do ano letivo 1994-95. Documento cedido pela ex-presidente Ana Paula Rodrigues.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Secretaria Regional da Educação e Cultura

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

-----Acta nº 1-----

-----Aos trinta dias do mês de Setembro de mil novecentos e noventa e quatro, reuniu na sala quatro pelas dezasseis horas e trinta minutos o corpo docente deste Conservatório, sob a presidência da professora Ana Paula Rodrigues encontrando-se presentes todos os professores.-----

-----Foi dado início à sessão cumprindo-se com o único ponto de agenda o arranque do ano lectivo de 1994/95.-----

-----A Presidente do Conselho Directivo, Professora Ana Paula Rodrigues começou por descrever um panorama breve e geral do ensino da Música em Portugal, constatando o facto do mesmo constar de uma estruturação ainda deficiente.-----

-----Disse ainda que, tendo em conta esta situação menos conveniente é, dever dos responsáveis pelo bom funcionamento do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo adoptar e conceber critérios pedagógico/musicais a fim de proporcionar aos alunos, não só um ambiente psicologicamente mais seguro, mas também um ensino de qualidade a que eles tem direito.-----

-----Mais ainda acrescentou que para a concretização de tudo isto será necessário existir uma estreita e franca colaboração entre os professores que leccionam a mesma disciplina.-----

-----Igualmente a Presidente do Conselho Directivo opinou em relação à importância em planear-se várias audições, não só como pedagogicamente indispensáveis e peculiares do ensino específico do ensino musical, mas também como mais uma maneira de avaliar os alunos, melhorando e facilitando assim todo o processo.-----

-----Seguidamente comunicou aos presentes que o Conservatório iniciará as suas actividades a partir da próxima segunda-feira, dia três de Outubro não só no seu edifício principal cita, Rua do Armador nº sete, mas também no Anexo da Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, onde têm, a partir das dezassete horas quatro salas à disposição.-----

-----Foi comunicado que haverá alteração nos horários das aulas das 16 às 18 horas, conforme documento entregue.-----

-----De igual modo deu a conhecer que, se houver numa classe presentes menos de um terço dos alunos, a aula não se administrará.-----

-----Foram distribuídos pela Presidente do Conselho Directivo aos presentes na reunião três documentos sendo eles os seguintes:-----

-----1-Lista de material auditivo existente na escola;-----

-----2-Os horários das aulas, ou seja o início e termo das mesmas;-----

-----3-O calendário escolar do ano lectivo 1994/95 especificando a duração dos tempos lectivos escolares, interrupção das actividades escolares dos alunos e os momentos de avaliação e classificação.-----

-----O conselho de Professores também foi informado que os alunos dos cursos curriculares estão organizados em turmas de Formação Musical, e cada turma terá o seu director de turma. É esta a turma de referência para os alunos e para os professores das outras disciplinas. Para os cursos livres também existe um professor responsável.-----

-----E não havendo nada mais a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta que depois de lida e aprovada vai ser assinada por mim que a secretariei e pela Presidente do Conselho Directivo que a presidiu.-----

Anexo AI. Ata nº 1, 30-09-1994.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Secretaria Regional da Educação e Cultura

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

ACTA Nº 2

Ao décimo oitavo dia do mês de Novembro do ano de mil novecentos e noventa e três, pelas catorze horas, reuniram-se os professores deste Conservatório com a seguinte ordem de trabalhos:

- INFORMAÇÕES
- FORMAÇÃO DE PROFESSORES
- CONVÍVIO DE NATAL

Procedeu-se primeiramente á leitura da acta da reunião anterior que foi aprovada.

No que respeita ao primeiro ponto da ordem de trabalhos a Presidente do Conselho Directivo informou que:

- Como já tinha referido na anterior reunião, os professores devem pedir, por escrito, até ao fim do corrente mês, o material que necessitam para a disciplina que leccionam.

- O Conservatório passou a ter mais três professores que são: o Prof. CARLOS BAPTISTA, Prof. CARLOS MEDEIROS e Profª. DANIELA BIASINI.

- Há a possibilidade de vir ainda leccionar neste Conservatório mais um professor de Piano.

- O Conservatório adquiriu novos instrumentos através da DRE: um Violino, uma Flauta Transversal, um Trompete e um Violoncelo.

- Do Museu de Angra chegou um pedido de cooperação de todas as Escolas solicitando a cada uma que apresente um projecto.

- Todos os professores, que ainda não o fizeram, devem entregar as listas definitivas das turmas.

- Devem-se marcar faltas a todos os alunos chamando a atenção para o facto do estudante trabalhador não perder por faltas podendo sim, não ser avaliado por falta de elementos e para isso ser necessário a marcação das faltas.

- Em breve estará em funcionamento um pequeno bufete.

- A Secretaria irá funcionar dois dias semanais com um horário nocturno, das 18 às 20h não se sabendo ainda quando, já que está dependente da autorização, para horas extraordinárias do funcionário.

- Por solicitação deste Conservatório ao Núcleo do Departamento do Ensino Secundário (ex-GETAP), chegaram programas das disciplinas de Acústica, História da Musica, Análise e Técnicas de Composição, Piano e Formação Musical, que no final da reunião foram distribuídos pelos professores.

Passando ao segundo ponto da ordem de trabalhos a Presidente do Conselho Directivo dirigiu-se aos professores no sentido de cada um propôr aquilo que necessita a nível de Formação (reciclagens), uma vez que é o Conservatório a fazer a solicitação dessa Formação mediante as propostas de cada professor dentro da sua área.

Foi ainda referido o facto de se encontrar em criação uma Associação de Escolas do ex-distrito de Angra do Heroísmo colocando-se a hipótese do Conservatório integrar essa Associação o que permitiria ter acesso a mais formação dos seus professores.

Neste capítulo da formação foi-nos ainda informado que nos próximos dias 6, 7, 9 e 10 de Dezembro haverá Acções de Formação com as professoras CRISTINA BRITO DA CRUZ na disciplina de Formação Musical e com a professora CARLA SEIXAS na disciplina de Piano.

Passando ao terceiro e último ponto da ordem de trabalhos foi proposto pelo Conselho Directivo a realização dum convívio/festa de Natal para os alunos que teria também uma pequena actuação musical á volta de uma hora, não sendo obrigatório a participação de todos os alunos e disciplinas. Foi criada uma comissão composta pelos professores EUGÉNIO SIMAS, ALDA REGALO e ANTERO ÁVILA, que tratarão da organização desse convívio/festa. O local e dia da realização do convívio foi discutido entre todos os professores e foram postas as seguintes hipóteses quanto ao local:

- Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo _____
- Salão do Grupo de Teatro Alpendre _____
- Salão dos Bombeiros _____
- Salão da SREC _____

A professora LUISA ALCOBIA LEAL chamou a atenção para o facto dessas salas não terem piano e no caso do Salão da Câmara o piano ser bastante mau.

Além disso discutiu-se qual o tipo de festa que se pretende, o que á partida pode pôr de parte alguns locais mencionados, havendo duas hipóteses: apenas um convívio musical ou para além disso haver um pequeno lanche. O professor MASSIMO SPIGA levantou a questão se o que se pretende é mostrar a forma como os alunos estão preparados ou se é apenas convívio. O professor JOSÉ CORVELO diz que acha possível fazer uma audição nesta altura, uma vez que no ano que passou, várias classes o fizeram no Clube dos Oficiais da BA4.

O professor GUSTAAF VAN MANEN propôs que fossem também os professores a actuar.

Quanto ao convívio de professores e funcionários a Presidente do Conselho Directivo sugeriu a data de 11 de Dezembro por ser num fim-de-semana altura de maior disponibilidade. No entanto a professora LUISA ALCOBIA LEAL lembrou que essa data coincide com o recital na Graciosa dessa mesma professora acompanhada pela pianista CARLA SEIXAS e integrado na temporada musical do Conservatório. Assim sendo a data deste convívio foi estabelecida a 13 de Dezembro enquanto que o convívio de alunos ficou agendado para o dia 15 do mesmo mês.

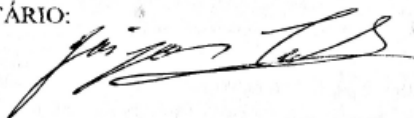
Para a organização do convívio de Professores e funcionários foi criada também uma comissão composta pelos professores ANA CRISTINA PUREZA e JOSÉ CORVELO e decidiu-se que contaria com a presença dum funcionário da Secretaria e um dos Auxiliares da Educação.

As comissões em ambos os casos ficaram encarregadas de toda a organização e escolha do local.

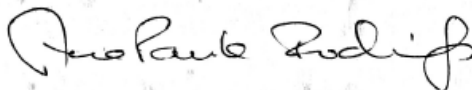
A professora LUISA ALCOBIA LEAL questionou a Presidente do Conselho Directivo sobre uma possível cópia para o Conservatório da cassette que foi exibida no concerto de Violino e Piano do compositor GRIEG. A resposta foi que o Conservatório iria contactar a Papaguano para que seja enviada a cassette como tinha sido prometido.

E mais não havendo a tratar, deu-se por terminada a reunião da qual foi lavrada esta acta, que vai assinada por mim que a secretariei e pela Presidente do Conselho Directivo.

O SECRETÁRIO:



A PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO:



SONS DO LESTE

As orquestras portuguesas estão cheias de músicos de Leste. E os Conservatórios dos Açores também. Em Angra, há sete ucranianos prontos a ensinar o que sabem. Na calha, está uma orquestra de câmara.

Página 3

...desvairadas gentes

Desde sempre, a evolução esteve ligada ao contacto de civilizações ou apenas de pessoas. Angra do Heroísmo, lugar de encontro das frotas das américas e das índias, usufruiu, durante séculos, do contacto com outras gentes.

Página 4



Músicos ucranianos trazem novo fôlego ao Conservatório (Foto Carlos Aguiar/DI)

DIÁRIO INSULAR, 18/19.3.1995

Entrevista

3

São ucranianos e músicos credenciados.
Dão aulas no Conservatório de Angra do Heroísmo.
Vieram porque aqui se ganha mais e, pasme-se, para fugir a Chernobyl.

Os Açores deviam ter Orquestra de Câmara

Para quem foge dos horrores de Chernobyl, os Açores devem ser um paraíso.

Michaul Roussal, professor de flauta no Conservatório de Angra do Heroísmo, acha que sim. O ucraniano diz que abandonou Kiev, a poucos quilómetros da central nuclear de Chernobyl, por razões ecológicas.

A Ucrânia voltou a pôr a funcionar a central e na memória de todos ainda estão os trágicos acontecimentos de 1986, quando, ainda a União Soviética existia, uma explosão num reactor causou uma onda poluidora de dimensões incalculáveis. Ainda hoje são visíveis as suas consequências.

“ Vim para cá por razões ecológicas. A central nuclear, a cem quilómetros de Kiev, voltou a trabalhar e temo que volte a haver problemas.

“ Vim, também, pela novidade, pelos novos contactos e porque quero aprender portu-

guês”, diz Michaul no seu português primário.

No Conservatório de Angra do Heroísmo há sete ucranianos: Michaul Roussal, Eujeniya Soltys, professora de violino, Ostap Kcharanbura, professor de violeta, Taras Poustovgar, que lecciona clarinete, Orest Grytsuk, violoncelo, e Tatiana Melikova, professora de piano.

Michaul trouxe a mulher, Yaroslava, e a filha, Maria. Querem ficar o tempo que for possível. Na Ucrânia, já não há amanhã que cantam e, por via disso, a vida não anda fácil.

“ O pior é a inflação”, dizem os ucranianos, sentados no bar do Conservatório, em animada conversa num português aos solavancos. Nada mau, no entanto, para quem apenas começou a aprender há três meses.

Por quinze contos por mês, cem dólares, pode uma criatura viver modestamente em Kiev. O problema, ao que se queixam os músicos, é que um salário

médio por lá não ultrapassa os oitenta dólares.

E com tão pouco dinheiro, como é que pode uma pessoa comprar uma casa por mil dólares (cento e cinquenta contos), que é o preço de um T2 na capital ucraniana? Só emigrando, mesmo que seja para o distante arquipélago dos Açores.

Michaul e os colegas são filhos do comunismo. Nos seus currículos, conta a directora do Conservatório, há disciplinas como “ Ateísmo” e “ Comunismo Científico”. Só que, a par disso, o velho regime soviético ensinou-lhes como ninguém a arte da música. Com eles, o Conservatório de Angra passou, finalmente, a ter professores habilitados em número suficiente. E a cidade pode ganhar.

“ Queremos trabalhar e ensinar o que sabemos.

“ Há um projecto para se formar aqui uma orquestra de câmara.

“ Uma Região Autónoma como esta tem de ter uma orquestra de câmara”, diz Michaul.

O jovem ucraniano recorda a experiência da ex-União Soviética: “ a orquestra Virtuose de Moskov, por exemplo, passou três em Espanha trabalhando e dando concertos. Podíamos fazer aqui uma coisa semelhante...”

Pois, podíamos. O pior, além da crónica falta de dinheiro, são os cachets, as reivindicações, os Acordos Colectivos de Trabalho. Por alguma razão as orquestras portuguesas andam a substituir músicos nacionais pelos de Leste. São afinados, ganham pouco e não refilam.

O professor de flauta, que fez estudos superiores e tocou na orquestra militar soviética, ainda vive atordado pelas mudanças que se verificaram no seu país. Mas não se pode dizer que se tenha rendido incondi-

cionalmente às delícias do Ocidente.

Kiev, a sua cidade Natal com três milhões de habitantes, não é hoje muito diferente de uma grande cidade da Europa Ocidental. Copiou o melhor e o pior.

“ A abertura das fronteiras foi boa, mas não posso, por exemplo, dizer que seja boa a promoção de coisas nocivas como o tabaco ou as bebidas alcoólicas, que agora se faz livremente”, afirma.

Michaul Roussal não vai com vodka. Quando muito, um gin.

Na sua casa em Angra come-se comida ucraniana. “ O problema é arranjar beterraba”, confessa.

Este ano, Michaul, Yaroslava e Maria não vão de férias à Ucrânia porque sai carríssimo. Arriscam-se a, quando voltarem, encontrar um país totalmente diferente. Ninguém sabe se para melhor se para pior.

- **“ Vim para cá por razões ecológicas. A central nuclear, a cem quilómetros de Kiev, voltou a trabalhar e temo que volte a haver problemas. “ Vim, também, pela novidade, pelos novos contactos e porque quero aprender português”**



Michaul Roussal: professor de flauta (Foto de Carlos Aguiar DI)



Os ucranianos com a professora de português. A princípio ninguém se entendia (Foto de Carlos Aguiar.DJ)

Anexo AK. Diário Insular, 18/19-03-1995.

PESSOAL DOCENTE:

DISCIPLINA(S)	NOMES
CANTO/CORO/ALEMÃO/ CONJUNTOS VOCAIS	LUIÇA FERNANDA CORREIA S. ALCOBIA LEAL
ÓRGÃO/HIST. DA MÚSICA AN E TÉCN. COMPOSIÇÃO	GUSTAAF ROBERT VAN MANEN
FORMAÇÃO MUSICAL/ INICIAÇÃO MUSICAL	ANABELA MARTINS MANCEBO
PIANO	JOSÉ GABRIEL C. DA FONSECA
TROMPETE/CLASSES DE CONJUNTO	ALFREDO GIUSEPPE MASSIMO SPIGA
PIANO	TATYANA MELIKOVA
GUITARRA CLÁSSICA	EDDY GOLTZ
CLARINETE/ITALIANO/ CLASSES DE CONJUNTO	CHRISTIAN CHIODI LATINI
PIANO	NUNZIA OLIVIERI
FLAUTA/CLASSES DE CONJUNTO	MIKAIL ROUSSAL
CLARINETE/CLASSES DE CONJUNTO	TARAS POUSTOVGAR
VIOLETA/VIOLINO/CLAS. DE CONJUNTO	OREST GRYTSUK
VIOLINO/CLASSES DE CONJUNTO	YEVGENIYA B. SOLTYS
CONTRABAIXO/CLASSES DE CONJUNTO	ALEKSANDR STOROZHUK
VIOLETA/VIOLINO CLASSES DE CONJUNTO	OSTAP KHARAMBUFA
FORMAÇÃO MUSICAL/ VIOLINO	LUIZ DE SOUSA SOARES
ACOMPANHADORA DE BALLET/PIANO	ALDA LEONOR REGALO

DISCIPLINA(S)	NOME
ACOMPANHADORA DE CANTO/PIANO	MARIA JOÃO SOARES LOURENÇO CARREIRA
FORMAÇÃO MUSICAL	FERNANDO ALBERTO SOUSA SOARES
BALLET	MARIA EDUARDA FERRAZ DA ROSA
VIOLA REGIONAL	JOSÉ LUIS GOMES LOURENÇO
GUITARRA CLÁSSICA	CARLOS BAPTISTA ÁVILA
FLAUTA DE BISEL/ FORMAÇÃO MUSICAL	JOSÉ GOMES CORVELO
PIANO	ANN MARIE SIMÕES
INICIAÇÃO MUSICAL/ PIANO	ANA CRISTINA DOS REIS PUREZA
VIOLA REGIONAL	EDUARDO MARTINS CORREIA
FORMAÇÃO MUSICAL/ CLASSES DE CONJUNTO	EUGÉNIO MANUEL BRASIL DE SIMAS
INICIAÇÃO À DANÇA JAZZ	SUSANA DE LURDES SILVEIRA COELHO
FORMAÇÃO MUSICAL/ CLASSES DE CONJUNTO	LÚCIA COELHO VAN MANEN
FORMAÇÃO MUSICAL/ CLASSES DE CONJUNTO	ANTHONY BARCELOS
FORMAÇÃO MUSICAL/ FLAUTA DE BISEL	CARLOS LUIS ANDRADE DE MEDEIROS
FORMAÇÃO MUSICAL	MARIA ALEXANDRA MACHADO

Anexo AL. Pessoal docente do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo no ano letivo 1994-95.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Secretaria Regional da Educação e Cultura

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

Acta nº 1

Aos trinta dias do mês de Setembro de mil novecentos e noventa e quatro, reuniu na sala quatro pelas dezasseis horas e trinta minutos o corpo docente deste Conservatório, sob a presidência da professora Ana Paula Rodrigues encontrando-se presentes todos os professores.

Foi dado início à sessão cumprindo-se com o único ponto de agenda o arranque do ano lectivo de 1994/95.

A Presidente do Conselho Directivo, Professora Ana Paula Rodrigues começou por descrever um panorama breve e geral do ensino da Música em Portugal, constatando o facto do mesmo constar de uma estruturação ainda deficiente.

Disse ainda que, tendo em conta esta situação menos conveniente é, dever dos responsáveis pelo bom funcionamento do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo adoptar e conceber critérios pedagógico/musicais a fim de proporcionar aos alunos, não só um ambiente psicologicamente mais seguro, mas também um ensino de qualidade a que eles tem direito.

Mais ainda acrescentou que para a concretização de tudo isto será necessário existir uma estreita e franca colaboração entre os professores que leccionam a mesma disciplina.

Igualmente a Presidente do Conselho Directivo opinou em relação à importância em planear-se várias audições, não só como pedagogicamente indispensáveis e peculiares do ensino específico do ensino musical, mas também como mais uma maneira de avaliar os alunos, melhorando e facilitando assim todo o processo.

Seguidamente comunicou aos presentes que o Conservatório iniciará as suas actividades a partir da próxima segunda-feira, dia três de Outubro não só no seu edifício principal cita, Rua do Armador nº sete, mas também no Anexo da Escola Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, onde têm, a partir das dezassete horas quatro salas à disposição.

Foi comunicado que haverá alteração nos horários das aulas das 16 às 18 horas, conforme documento entregue.

De igual modo deu a conhecer que, se houver numa classe presentes menos de um terço dos alunos, a aula não se administrará.

Foram distribuídos pela Presidente do Conselho Directivo aos presentes na reunião três documentos sendo eles os seguintes:

1-Lista de material auditivo existente na escola;

2-Os horários das aulas, ou seja o início e termo das mesmas;

3-O calendário escolar do ano lectivo 1994/95 especificando a duração dos tempos lectivos escolares, interrupção das actividades escolares dos alunos e os momentos de avaliação e classificação.

O conselho de Professores também foi informado que os alunos dos cursos curriculares estão organizados em turmas de Formação Musical, e cada turma terá o seu director de turma. É esta a turma de referência para os alunos e para os professores das outras disciplinas. Para os cursos livres também existe um professor responsável.

E não havendo nada mais a tratar, foi encerrada a sessão, da qual se lavrou a presente acta que depois de lida e aprovada vai ser assinada por mim que a secretariei e pela Presidente do Conselho Directivo que a presidiu.

Anexo AM. Ata nº 1, 30-09-1994.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

Secretaria Regional da Educação e Cultura

CONSERVATÓRIO REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

Acta nº 1

Aos vinte e cinco dias do mês de Setembro de mil novecentos e noventa e cinco, pelas onze horas e na sala 4, realizou-se uma reunião geral de professores em conformidade com a ordem de serviço número quatro.

Como pontos prévios a Presidente do Conselho Directivo estabeleceu o critério segundo o qual seriam feitas as actas das reuniões gerais de professores e que foi o de se seguir a ordem alfabética, salvaguardando-se o caso dos professores estrangeiros devido à dificuldade da língua.

Seguidamente a Presidente procedeu à apresentação formal do novo Conselho Directivo e seus cargos, embora a maioria do corpo docente já disso tivesse conhecimento particularmente. A Presidente, Dr^a Teresa Machado, apresentou-se como professora do nono grupo do quadro de nomeação definitiva da Escola Secundária Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, exercendo o presente cargo em regime de destacamento, segundo convite do Senhor Director Regional da Educação e indo leccionar a disciplina de Alemão do 1º grau. Salientou que o facto de continuar os seus estudos neste Conservatório se prende, apenas com o facto de um gosto pessoal pela área da música e seu conseqüente enriquecimento. Informou de imediato que o Vice-Presidente é o Professor José Gabriel Fonseca e a Secretária a Professora Alexandra Machado.

Referiu ainda que o horário de atendimento do Conselho Directivo já se encontra afixado na porta do gabinete daquele Conselho e que será distribuído aos docentes na nova reunião geral de professores que ficou agendada para o dia seis de

Outubro pelas dezasseis horas e na qual se tratará do arranque do novo ano lectivo.

Dando cumprimento á ordem de trabalhos da reunião, a Presidente procedeu à distribuição dos horários dos professores, das listas e de um horário em branco a serem preenchidos pelos docentes após os três dias de recepção dos alunos, nomeadamente vinte e seis, vinte e sete e vinte e oito de Setembro das dez às treze e trinta e das quinze e trinta às dezanove horas. Os docentes tomaram igualmente conhecimento das salas onde receberiam os seus alunos e que nos três dias, nos dois períodos de serviço, circularia uma folha de presenças para assinarem, levada por um funcionário auxiliar. Foram igualmente informados oralmente e por uma comunicação interna que deveriam entregar as suas listas e horário após esses três dias mais especificamente no dia vinte e nove de Setembro, no Conselho Directivo, a fim de se poderem providenciar atempadamente os materiais necessários para o arranque das aulas a nove de Outubro.

A Presidente informou ainda à cerca dos nomes dos Directores de Turma para 1995/96 e que estes deveriam marcar a sua hora de atendimento, de uma hora semanal no horário a entregar ao Conselho Directivo.

A Presidente informou também sobre os nomes dos representantes de grupo a saber:

-----Formação Musical - Professora Anabela Mancebo-----
 -----Piano - Professor José Gabriel Fonseca -----
 -----Violino - Professor André Fonseca -----
 -----Informou ainda que os responsáveis pelos cursos livres e cursos complementares seriam respectivamente a professora Alexandra Machado e Anabela Mancebo. Falou da necessidade de os professores representantes de grupo realizarem reuniões com os professores do seu grupo, de preferência no início do ano lectivo, dando conhecimento da data e horário escolhido no Conselho Directivo a fim de serem feitas ordens de serviço nesse sentido.-----
 -----A Presidente informou que no presente ano lectivo o Conservatório conta com cerca de quatrocentos e oitenta alunos e com um corpo docente de vinte e nove elementos, sendo necessários mais um professor de Guitarra Clássica e um de Piano para preencher as vagas deixadas pelas desistências dos professores Edward Goltz e Nunzia Olivieri respectivamente, estando o Conselho Directivo neste momento a estabelecer contactos nesse sentido.-----
 -----A Presidente referiu que se reuniria ainda nesse dia com os outros dois professores deste estabelecimento, para além dela, professora Anabela Mancebo e José João Silva para ser feita a eleição do delegado sindical a remeter ao sindicato dos professores até ao dia trinta de Setembro, conforme solicitado por aquele sindicato.-----
 -----Finalmente a Presidente pôs-se à disposição dos docentes para quaisquer dúvidas ou esclarecimentos pontuais.-----
 -----E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente acta, a qual depois de lida e aprovada, será assinada por mim que a secretariei e pela Presidente do Conselho Directivo.-----

Anexo AN. Ata nº 1, 25-09-1995.

-----Ficou decidido que o primeiro dia de audição seria para os alunos elementares e o segundo dia para os restantes alunos.-----
 -----Foi proposto que nestas audições seria apenas executada uma peça por cada aluno. Foi ainda referido que estes dois dias de audições seriam dedicados como homenagem ao professor Luís Soares.-----
 -----Sobre a cobertura em vídeo das audições, o professor Timothy Winey prontificou-se a fazer as filmagens das mesmas.-----
 -----Foram solicitadas duas pessoas para apresentarem as audições; para o primeiro dia ficou o professor José Gabriel e para o segundo dia o professor José João Silva.-----
 -----Foi ainda pedido auxílio para a preparação destas audições. Para o primeiro dia ficaram o professor Mikhail Roussal, Ostap Kharambura e Orest Grytsiuk. Para o segundo dia coube a vez do professor Fernando Soares, Steven Rings e Mikhail Roussal.-----
 -----A professora Eduarda Rosa colocou o problema do Conservatório não ter condições para a disciplina de Ballet, afirmando já ter pedido uma sala maior sem nunca ter atingido o seu objectivo. Adiantou ainda que sempre foi dada pouca atenção à disciplina de Ballet.-----
 -----Relativamente às reuniões de avaliação do terceiro período (ponto três desta ordem de trabalhos) foi referido que houvesse o máximo de cuidado a ter com a nota final, visto ser o apuro do aproveitamento do aluno no final do ano.-----

Anexo AO. Ata nº 4, 26-05-1997.



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
Rua do Armador, 7 - 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

ACTA 1

- Assembleia Constituinte -

- Aprovação do 1º Regulamento Interno -

Aos vinte e quatro dias do mês de Março de mil novecentos e noventa e nove pelas 9.00 horas na sala 4 e na presença de todos, excepto o representante da C.M.A.H., o representante da C.M.P.V., e com a substituição do representante dos Serviços Administrativos – Aida Pereira – por Irene Costa, em virtude de estar a frequentar uma Acção de Formação, reuniu a Assembleia Constituinte para proceder à leitura e aprovação (por unanimidade dos presentes) do primeiro Regulamento Interno do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, ao abrigo do Artigo 6º do Decreto-Lei nº 115-A/98 de 4 de Maio.

E nada mais havendo a tratar deu-se por encerrada a reunião, da qual se lavrou a presente acta, que depois de lida e aprovada será assinada por todos os elementos da Assembleia Constituinte.


Aida Maria Dias Gonçalves Pereira


Ana Cristina dos Reis Pureza Santos


Anthony Mendes Barcelos

Anexo AP. Ata nº 1 – Assembleia Constituinte – Aprovação do 1º Regulamento Interno, 24-05-1999.



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ASSUNTOS SOCIAIS
 DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
 Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
 Rua do Armador, 7 - 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

ACTA Nº 2

Assamblea de Escola

As quinze dias do mês de julho de mil novecentos e noventa e nove pelas dezassis horas na sala quatro, reuniu a assembleia de escola na presença de todos.

A presidente da assembleia iniciou a reunião com a leitura do decreto-lei nº 175-A/98, Decreto Legislativo Regional nº 18/99/A e a Lei nº 24/95 de 22 de Abril, relatando do o fim do mandato e do processo eleitoral inerente à eleição do presidente do Conselho Executivo nomeado recentemente na assembleia eleitoral.

De seguida e na presença dos doze eleitores, deu-se conhecimento dos professores elegíveis para o cargo: Gustavo van Maanen, Luísa Aleixo de Azevedo, José Gabriel, Anabela Manuelo Albuquerque, António Barcelo e Alexandra Machado, procedendo-se de imediato à eleição

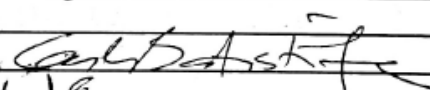
do presidente do Conselho Executivo com o seguinte resultado:

Gustavo van Maanen	7 votos
Luísa Aleixo de Azevedo	3 votos
José Gabriel	1 voto
António Barcelo	1 voto

O presidente eleito para o Conselho Executivo por um mandato de três anos foi o professor Gustavo van Maanen.

O presidente Gustavo van Maanen agradeceu aos presentes a colaboração prestada, manifestando os interesses de ser o presidente de todos (comunidade escolar).


A fim de dar posse ao presidente eleito e na ausência no final da reunião motivada por

Pagou particular, a presidente de Assembleia
 da Escola, Luísa Afonso, delegou as suas
 funções para o efeito ao professor José Gabriel
 Figueira,
 Por último o professor José Gabriel Figueira,
 além de ser o actual presidente eleito, também
 rubricou o acto, os elementos da actual
 Comissão de Verificação do Processo Eleitoral.
 O presidente eleito encarregou-se de apresentar
 os restantes elementos do Conselho Gestor
 à Comissão de Verificação do Processo Eleitoral,
 para este averiguar da sua legitimidade.
 Posteriormente, deu lugar a pôr os restantes
 elementos (Vice-Presidentes) pela mesma Comissão.
 Não havendo mais nada a tratar, foi lida e
 aprovada esta acta, que depois de lida e aprovada vai ser
 enviada por mim, pelo presidente da Comissão,
 pelo presidente eleito e pela Comissão de Verificação
 do Processo Eleitoral.
 No parágrafo quatro, onde se lê "(...) mandatos de três anos (...)",
 deve-se ler "(...) mandatos de um ano (...)".

 José Gabriel Figueira

Anexo AQ. Ata nº 2, 15-07-1999.

*Com Superiores
23.06.03
João Ribeiro*

*Fomei entencim
25 junho 2003
A*



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO

EXMA. SENHORA
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DE ESCOLA
DO CONSERVATÓRIO REGIONAL DE
ANGRA DO HEROÍSMO
9700 ANRA DO HEROÍSMO

COM CONHECIMENTO:
PRESIDENTE DO CONSELHO
EXECUTIVO DO CONSERVATÓRIO
REGIONAL DE A. H.

Sua referência N.º Proc. Sua comunicação de Proc. DGPDI/01.03/01 JUN-23 03 PM 4.43 Nossa referência 9646

ASSUNTO: ESCLARECIMENTO

Informa-se v. Ex.^a que nos termos do disposto no artigo 45º do Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos estabelecimentos da Educação Pré – Escolar e dos Ensino Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto – Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, adaptado à Região pelo Decreto Legislativo Regional nº 18/99/A, o pessoal docente e não docente a quem tenha sido aplicada pena disciplinar superior a repreensão não pode ser eleito ou designado para os órgãos e estruturas de Administração e Gestão, nos dois, três ou cinco anos posteriores ao cumprimento da sanção, consoante lhe tenha sido aplicada, respectivamente pena de multa, suspensão ou de inactividade.

Assim sendo, o professor Gustaaf van Manen encontra-se impedido de se candidatar para o exercício de cargos da Administração e Gestão, uma vez que lhe foi aplicada a pena de suspensão.

Assim sendo, o professor Gustaaf van Manen encontra-se impedido de se candidatar para o exercício de cargos da Administração e Gestão, uma vez que lhe foi aplicada a pena de suspensão.

Com os melhores cumprimentos

A DIRECTORA REGIONAL
Maria Isabel Rodrigues
MARIÁ ISABEL DA CONCEIÇÃO LOPES RODRIGUES

LE/CG

Paços da Junta Geral – Curruira dos Cavalos
9700-167 Angra do Heroísmo

Telef. 295401100
Email info@dre.raa.pt

Fax 295401182
www.dre.raa.pt

Anexo AR. Carta da Senhora Presidente da Assembleia de Escola do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo esclarecendo a situação do Presidente do Conselho Executivo.



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
Rua do Armador, 7 - 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

COMUNICAÇÃO INTERNA


Informam-se os membros da Assembleia de Escola que em virtude das informações prestadas pela D.R .E, assegurando a integração do Conservatório na nova escola integrada de São Carlos já no próximo ano lectivo, sendo esta gerida por uma comissão Executiva Instaladora nomeada pelo Sr. Secretário da Educação (da qual não fará obrigatoriamente parte qualquer membro da Direcção do conservatório) , a Presidente do Conselho Executivo profª Anabela Albuquerque reconsiderou o seu pedido de cessação de mandato, aceitando permanecer na direcção do Conservatório até à entrada em funções da referida Comissão Instaladora, o que se prevê para Julho próximo.

Angra, 2 de Março de 2005

A Presidente da Assembleia de Escola

Ana Cristina R. Pereira Santos

Anexo AS. Comunicação Interna referente à integração do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo na nova escola integrada de São Carlos – Comissão Executiva Instaladora.


SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
 Rua do Armador, 7 - 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

EXMP.(A) SENHOR (A)
 DIRECTOR (A) REGIONAL DA
 EDUCAÇÃO
 DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E
 ASSUNTOS SOCIAIS
 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

Sua referência _____ Sua comunicação de _____
 Telex _____ Nossa referência _____
 Telefax _____ Data _____ Número 000
 Proc _____ Proc 1/99 _____

ASSUNTO EXTENSÃO DO CONSERVATÓRIO NA PRAIA DA VITÓRIA

Informo V. Exa. que conforme o Despacho Normativo nº 265/98 de 8 de Outubro, foi criada a extensão do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo na Praia da Vitória, a funcionar na E. B. - 2º e 3º Ciclos Francisco Ornelas da Câmara, proporcionando assim mais oportunidades na área da música, a todos os alunos daquele Concelho.

Apesar do espaço disponibilizado para o efeito, o início das aulas só se verificou no dia 4 de Janeiro de 1999, uma vez que só nessa altura conseguimos os meios materiais necessários para leccionar.

Informo V. Exa. que conforme o Despacho Normativo nº 265/98 de 8 de Outubro, foi criada a extensão do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo na Praia da Vitória, a funcionar na E. B. - 2º e 3º Ciclos Francisco Ornelas da Câmara, proporcionando assim mais oportunidades na área da música, a todos os alunos daquele Concelho.

Apesar do espaço disponibilizado para o efeito, o início das aulas só se verificou no dia 4 de Janeiro de 1999, uma vez que só nessa altura conseguimos os meios materiais necessários para leccionar.

A extensão ministra os Cursos de Formação Musical, Classe de Conjunto, Guitarra Clássica, Piano e Violino. Este último não é leccionado actualmente por inexistência de professor, apesar dos esforços e contactos efectuados por esta Comissão Executiva Instaladora.

Todo o apoio logístico de pessoal docente e não docente, tem decorrido sem irregularidades e de forma eficiente.

Com os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA INSTALADORA

Anthony Mendes Barcelos

ANTHONY MENDES BARCELOS

Anexo AT. Carta endereçada pelo Presidente da Comissão Executiva Instaladora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo à Diretora Regional da Educação (17-03-1999).

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
RUA DO ARMADOR, 7 - ANGRA DO HEROÍSMO

Assunto	Assunto	Assunto	Assunto
Assunto	Assunto	Assunto	Assunto

EXMO. SENHOR
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA
INSTALADORA DO CONSERVATÓRIO
REGIONAL DE ANGRA DO HEROÍSMO
RUA DO ARMADOR, 7
9700 ANGRA DO HEROÍSMO

Sua referência N.º 1798 Proc.	Sua Comunicação de 99-03-17	Telefone 401100 Telefax (095) 401180/2/3 Proc. DGPD/01 99/01	Nossa referência Data Número 26.03.1999-00676
-------------------------------------	--------------------------------	--	--

ASSUNTO EXTENSÃO DO CONSERVATÓRIO NA PRAIA DA VITÓRIA

Conforme solicitado, informo V. Exa. que a extensão do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, da Praia da Vitória, foi criada pelo Despacho Normativo nº 265/98, de 8 de Outubro, e entrou em funcionamento a 4 de Janeiro de 99, nas instalações da Escola Básica 2, 3 Francisco Ornelas da Câmara, com todos os cursos previstos, à excepção de Violino, por inexistência de professor para o efeito.

Com os melhores cumprimentos

Recebida em 05/04/99
Registo n.º 384
Responde em
OFICIO N.º

A DIRECTORA REGIONAL
Maria Isabel da Conceição Lopes Rodrigues
MARIA ISABEL DA CONCEIÇÃO LOPES RODRIGUES

Anexo AU. Carta endereçada pela Diretora Regional da Educação ao Presidente da Comissão Executiva Instaladora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo (recebido em 05-04-1999).



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO
Conservatório Regional de Angra do Heroísmo
Rua do Armador, 7 - 9700 ANGRA DO HEROÍSMO

Exmo. Sr.
Secretário Regional da Educação
e Assuntos Sociais
Gabinete Secretário Regional
Largo dos Remédios, 1
9700 ANGRA DO HEROÍSMO

Com conhecimento à
Exma. Sra. Directora Regional da Educação

Da integração dos Conservatórios nos 2º e 3º Ciclos Propostas

Aos dezassete e dezoito dias do mês de Julho de mil novecentos e noventa e oito reuniram, no Conservatório Regional de Ponta Delgada, os recentemente designados Presidentes das Comissões Executivas Instaladoras dos Conservatórios Regionais de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, respectivamente, Teresa Rodrigues, Anthony Barcelos e Victor Rui Dorés, tendo em vista o debate, a reflexão de ideias e tomadas de posição sobre a integração dos mesmos nas Escolas dos 2º e 3º ciclos.

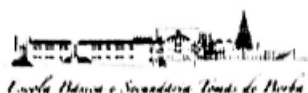
Dos muitos assuntos abordados e das muitas questões discutidas, acordamos nos seguintes consensos que se seguem em forma de propostas:

1. Os signatários propõem a designação futura de Conservatório Regional de Ponta Delgada / Angra do Heroísmo / Horta – Escola de Ensino Artístico 2/3, como forma de preservar a identidade e a especificidade de um ensino que pretendemos que continue a ser especializado, artístico e profissional, já que este possui objectivos e todo um plano de estudos que ultrapassam em muito os respeitantes aos dos 2º e 3º ciclos.
2. O órgão de gestão incluirá, para além da Assembleia, do Conselho Executivo e do Conselho Administrativo, um Director Artístico, o qual será eleito exclusivamente pelos professores do ensino artístico. Propomos a existência de um Conselho Pedagógico específico que incluirá e reunirá apenas professores do Ensino Artístico, competindo ao Director Artístico estabelecer a ligação e fazer a ponte com o outro Conselho Pedagógico referente ao ensino regular. Tendo em conta o âmbito das suas funções, propomos a criação de um gabinete próprio para o Director Artístico.
3. Pretendemos que o Ensino Artístico continue a apostar no rigor e na qualidade e que se situe entre a tradição e a inovação. Tendo em conta a referida integração, achamos que os mecanismos de contratação de professores deverão privilegiar os seguintes aspectos:
 - a) Pretende-se a admissão de professores devidamente qualificados e motivados, com um perfil humano e pedagógico adequado às exigências de um ensino artístico e individualizado. Não basta formar-se bons músicos ou bons intérpretes de instrumentos; é preciso contribuir para a formação cultural, intelectual e estética dos alunos, desenvolvendo neles o gosto pela música e a fruição de bens artísticos e, deste modo, formar mais e melhores cidadãos.

- b) Criação de legislação, tendo em vista a situação dos professores convidados, os quais, se assim o desejarem, deverão de imediato requerer o reconhecimento ou equivalência dos seus cursos tirados nos países de origem.
4. Pretende-se que os testes de aferição (que terão carácter de obrigatoriedade) sejam realizados mediante padrões de exigência e rigor, por forma a apurar os alunos mais dotados em termos musicais e artísticos, e deste modo, assegurar a qualidade do processo ensino/aprendizagem.
5. É nossa pretensão assimilar o 1º ciclo do Ensino Básico, o que irá permitir aos alunos iniciarem mais cedo a sua aprendizagem nas disciplinas de Iniciação Musical e Classe Instrumental (1+ 1 horas).
6. Propomos a nossa integração na Comissão que acompanhará as obras de construção (Ponta Delgada e Angra do Heroísmo) e adaptação (Horta) das futuras escolas de Ensino Artístico, por forma a que os nossos pareceres sobre as mesmas sejam tidos em linha de conta.

Ponta Delgada, 18 de Julho de 1998

Anexo AV. Carta endereçada ao Secretário Regional da Educação e Assuntos Sociais pelos designados Presidentes das Comissões Executivas Instaladoras dos Conservatórios Regionais de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta.



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO

EBB TOMÁS DE BORBA

Acta

----- Aos cinco dias do mês de Setembro de dois mil e sete, pelas catorze horas, reuniram os professores do Ensino Artístico da EBS Tomás de Borba no pequeno Auditório do Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, sob a presidência do presidente da Comissão Executiva Instaladora Augusto Oliveira.
Da ordem de trabalhos previa-se a análise e discussão dos seguintes pontos:-----

----- Ponto número um: Eleição do Coordenador do Departamento do Ensino Artístico.
O Presidente da Comissão Executiva Instaladora começou por dar as boas vindas e desejar um bom ano de trabalho, a todos os docentes do Ensino Artístico.
Seguidamente explicou em traços largos que o Conselho Pedagógico da Unidade Orgânica vai sofrer alterações, no corrente ano lectivo, em virtude da integração dos docentes do 2º Ciclo, 3º Ciclo e Secundário, pelo que a Comissão Executiva Instaladora entendeu reorganizar a representatividade do Ensino Artístico, e propôs a criação do Departamento do Ensino Artístico integrando todos os docentes do mesmo. Desta forma

os coordenadores dos departamentos do Ensino Artístico, que até ao ano lectivo 2006/2007 se encontravam em funções, passam a designar-se delegados de grupo. Assim procedeu-se à eleição de um docente, de entre todos os presentes na reunião e que terá assento no Conselho Pedagógico, assim como na Comissão Pedagógica do Ensino Artístico.

Os docentes a seguir indicados receberam os seguintes votos:

Ana Cristina Pureza ----- doze (12) votos
 Luísa Leal ----- quatro (4) votos
 José Gabriel Fonseca ----- dois (2) votos
 Antero Ávila ----- dois (2) votos
 Grigory Gritsiouk ----- um (1) voto
 José João Silva ----- um (1) voto
 Ostap Kharambura ----- um (1) voto
 Isabel Vale ----- um (1) voto
 Branco ----- um (1) voto

----- Ponto número dois: Criação do grupo disciplinar das Classes de Conjunto
 Verificando-se a necessidade de concentrar no mesmo grupo disciplinar todos os docentes que leccionam a disciplina de Classe de Conjunto, nomeadamente os coros, a orquestra de cordas e orquestra de sopros, assim como o Conjunto de Flautas de Bisel e Conjuntos Instrumentais, foi proposto aos docentes criar o grupo disciplinar anteriormente referido. Assim procedeu-se à eleição do referido docente que passará a coordenar as actividades que decorrem da prática instrumental de conjunto. Apenas votaram os docentes que leccionam a disciplina de Classe de conjunto. O resultado da votação foi o seguinte:

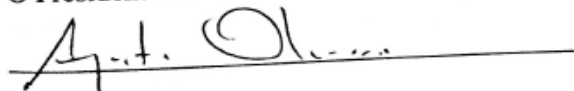
Antero Ávila ----- cinco (5) votos

Andreia Mendes----- três (3) votos
 Ana Paula Pereira ----- um (1) voto
 José António Sousa ----- um (1) voto

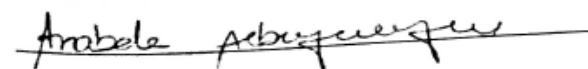
----- Ponto número três: Planificação das Actividades de Inauguração da nova escola
 O presidente da Comissão Executiva Instaladora insistiu no facto da necessidade de haver uma presença obrigatória dos docentes e alunos do Ensino Artístico nas comemorações de abertura da Tomás de Borba, apelando a todos no sentido de se organizarem em torno deste objectivo comum e que deve ser transversal a todos os grupos disciplinares, sendo que o recém eleito delegado do grupo de Classe de Conjunto, Antero Ávila terá certamente um papel primordial no desempenho das funções que lhe são atribuídas, refira-se inclusivamente que este docente de Análise e Técnicas de Composição já se encontra a compôr uma obra para o efeito. Foi constituída uma equipa para organizar os vários eventos, composta por Antero Ávila, Ana Cristina Pureza, Luísa Leal e Orest Grytsiouk.

----- Nada mais havendo a tratar, deram-se por encerrados os trabalhos dos quais se lavrou a presente acta que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelo Presidente da Comissão Executiva Instaladora e por mim que a secretariei.-----

O Presidente da Comissão Executiva Instaladora



A secretária



**Alteração da estrutura do curso de Viola da Terra
proposta ao Conselho Pedagógico do Conservatório de A. H.**

Nos últimos cinco anos diminuí drasticamente o número de alunos da disciplina de viola da terra. Tal deve-se ao facto de agora ser exigido que estes alunos frequentem também as classes de formação musical e de classe de conjunto/coro. Esta transição para uma estrutura de curso semelhante aos instrumentos curriculares levou a que os alunos ficassem com uma carga horária com o triplo do tempo.

Entre o ano lectivo de 2000/01 e 2004/05 o número de alunos passou de cerca de 16 para apenas 3 alunos matriculados. Embora inicialmente tenha sido um dos defensores deste novo curso em fase de transição, tenho verificado nestes últimos cinco anos que muitos alunos acabam por desistir porque é sabido que as outras disciplinas não são do agrado de quem quer aprender um instrumento tradicional e que também o grau de exigência de formação musical ultrapassa em muito o que um instrumento de tradição oral exige. Portanto, o salto do antigo curso livre para o actual foi grande demais e a diminuição do número de alunos é prova disso.

Temos que ter também em conta que o repertório escrito existente deste instrumento hoje em dia é extremamente reduzido, o que leva a que haja um grande desfasamento entre o que o aluno aprende na aula de viola e o que aprende na formação musical. Penso que actualmente é um erro ter um tipo de aprendizagem de um instrumento tradicional igual, a outros instrumentos de concerto, que têm um passado de ensino que se prolonga há décadas ou mesmo séculos. Considero, portanto, ser urgente que se adopte um plano de estudos adequado, para que esta situação se inverta.

Tendo isto em consideração e atendendo que tenho acompanhado o comportamento dos alunos de viola da terra nesta instituição nos últimos nove anos, proponho que seja alterado o tipo de ensino deste instrumento de modo a que ele continue a ser leccionado nesta Escola e com um número de alunos razoável e motivado para o instrumento.

A forma de ensino que do meu ponto de vista se aplica melhor para o ensino deste tipo de instrumento tradicional é a que verifiquei na Academia dos Antigos Orfeonistas de Coimbra e na Escola de Guitarra Portuguesa de Duarte Costa, em Lisboa. Aqui, os alunos aprendem os instrumentos tradicionais (guitarra portuguesa, viola de fado, viola braguesa, etc) em aulas em que o próprio professor de instrumento ensina as noções de formação que acha necessária e adequadas ao instrumento. Além do aluno aprender as bases da formação musical e conseguir ler música, a um nível razoável também é deixado espaço para a vertente de aprendizagem oral, em que o aluno aprende também a tocar de "ouvido"/ *imitação*

Estes cursos são geralmente estruturados em três níveis de ensino: elementar, intermédio e avançado. Aliás, esta era a estrutura do antigo curso livre de viola da terra ministrado neste Conservatório. Só que agora a diferença estará na aprendizagem da formação musical, em simultâneo com o instrumento. Com este tipo de ensino pude constatar que a evolução dos alunos e a sua motivação é muito satisfatória. Os alunos aqui em vez de terem as actuais três horas de aulas, repartidas por instrumento, formação musical e classe de conjunto, têm apenas duas horas, sendo meia hora para noções musicais e o tempo restante para o instrumento. Os alunos mais adiantados podem depois ingressar numa classe de conjunto instrumental com outros colegas.

Além desta forma mais adequada do ensino da viola, este poderá ser eventualmente descentralizado, levando as aulas do instrumento às freguesias onde os alunos se encontram. É preferível ter 15 alunos em freguesias fora da área do Conservatório do que 1 ou 2 nas instalações da Escola.

Penso que só desta forma é que se poderá preservar o ensino de um instrumento tradicional que tem as suas especificidades, e que terão forçosamente de ser tidas em conta para que a sua sobrevivência seja uma realidade num Conservatório que há 22 anos teve a coragem de implementar o seu ensino.

O professor da disciplina,

Lázaro Silva

Anexo AX. Documento escrito pelo professor Lázaro Silva a respeito do ensino da Viola Regional ou Viola da Terra.



ESCOLA BÁSICA E INTEGRADA TOMÁS DE BORBA

Ano Lectivo 2007/2008

Acta número três.-----

Aos dezassete dias do mês de Outubro de dois mil e oito reuniu o Departamento do Ensino Artístico sob a orientação da professora Cristina Pureza, Delegada deste Departamento, a fim de analisar e corrigir o regulamento interno do ensino artístico.-----

Procedeu-se com a leitura da acta da reunião anterior, seguindo-se a discussão do assunto agendado. Assim sendo, foram propostas as seguintes alterações:-----

1. Na página número seis, onde se lê "grupos curriculares", deve ser alterado para "grupos disciplinares". Nos instrumentos de sopro deve acrescentar-se Tuba e Flauta de Bisel. Os pontos cinco e seis devem fazer parte de um grupo único e acrescentar outro grupo para Ballet/Dança.-----
Em todo o documento a palavra "curricular" deve ser substituída por "disciplinar";-----
2. Na página número sete, o ponto número um, do capítulo sobre competências do Professor deve ser eliminado (a coordenação das actividades do conselho se turma...);-----
3. Entre as páginas doze e dezassete a ordem de apresentação dos cursos deve ser alterada, ficando em primeiro lugar o Curso de Iniciação, seguindo-se o Curso Básico, acrescentar o Curso de Iniciação à Dança com dois blocos de quarenta e cinco minutos para Dança Criativa e dois blocos de quarenta e cinco minutos para Ballet. Deve retirar-se Viola Regional do Curso Complementar. "Na base da actual legislação não existe Curso Básico, de Canto ou Formação Musical", página doze, deve também ser retirado;-----
4. Também, na página doze, deve ser criada outra alínea em relação à frequência do segundo instrumento. Assim sendo, foi proposto que todos os alunos dos Cursos Básico de Sopro e Cordas podem frequentar o instrumento de Teclas como segundo instrumento. Sendo que, após iniciarem a aprendizagem do segundo instrumento serão considerados alunos de continuidade. A professora Luísa Alcobia propôs que os alunos de Técnica Vocal deverão frequentar, simultaneamente, outro instrumento, preferencialmente, Piano, pelas seguintes razões:-----
 - Estando o seu "instrumento" localizado dentro do próprio corpo, os alunos necessitam do apoio de um outro instrumento matéria, que lhes permita realizar o estudo em casa e aprender a correspondência do som às notas escritas na pauta. Sem outro instrumento, o aluno ficará sujeito à exclusiva imitação do professor (o que é extremamente limitativo), e nunca se tornará autónomo, ficando a sua aprendizagem comprometida. Isto bastará para os amadores, mas não para futuros profissionais, que desejamos formar.-----
 - No restante país, por só existir a disciplina de Técnica Vocal no Curso Complementar e não no Básico, os alunos têm de frequentar cinco anos de um instrumento antes de poderem estudar Canto; por outro lado, a frequência da disciplina de Prática do Teclado está prevista no curso complementar. Assim sendo, para que os alunos de Técnica Vocal que frequentam o Curso Básico nos Açores (novidade em relação ao resto do país) não fiquem prejudicados, em caso de transferência para outra Escola de Música fora dos Açores, torna-se imperioso que os mesmos frequentem outro instrumento, além da Técnica Vocal.-----
- A professora Helena manifestou a sua opinião referindo que os alunos que têm segundo instrumento devem continuar o seu estudo nos seguintes anos. O professor Grygori também se manifestou propondo que os alunos devem ter dois tempos lectivos de instrumento, e todas estas aulas devem ser individuais, quer para os alunos integrados, como para os não integrados.-----
No caso da Dança a professora Eduarda também alertou para a necessidade das aulas serem, no mínimo, duas vezes por semana.-----
5. Na página catorze, onde se lê "Instrumento", deve ficar "Instrumento/Canto".-----
6. Na página dezoito, devem ser corrigidos "Delegados de Grupos Curriculares" para "Delegados de Grupos Disciplinares". Ainda, o primeiro grupo deve incluir Canto, Grupos de Línguas, e não Italiano, Conjuntos Vocais e Coro, Ballet/ Dança deve formar outro Grupo Disciplinar e não fazer parte do grupo de Formação Musical/Expressão e Criação Musical.-----
7. Relativamente à antecipação/reposição de aulas a professora Ana Paula propôs que, no caso de turmas, se cinquenta por cento dos alunos ou Encarregados de Educação estiverem de acordo com o horário apresentado estas poderiam ser consideradas dadas, lembrando que os professores que trabalham com turmas por vezes ficam prejudicados, ou limitados, com o problema da antecipação/reposição de aulas.-----
8. Na página vinte, deve ser registado que a organização das Actividades de Complemento Curricular são organizadas e promovidas por uma Comissão constituída para o efeito no início do Ano Lectivo, e não pela Comissão

Executiva Instaladora com o apoio da Comissão Pedagógica e dos Grupos Disciplinares como estava referenciado. Em relação à entrega do programa de cada Audição este também não deve ser entregue à Comissão Executiva Instaladora, mas sim à Comissão constituída para o efeito, nos prazos estipulados pela mesma.

No que concerne ao Projecto Anual da Classe de Conjunto este deve ser apresentado à Comissão Pedagógica para o Ensino Artístico, e não à Comissão Executiva Instaladora, até ao final da segunda semana do mês de Outubro.

9. Em relação à frequência das Classes de Conjunto, os alunos do Curso Básico de Música, podem frequentar a Classe de Conjunto Instrumental e simultaneamente a Classe de Dança como segunda Classe de Conjunto, como actividade de enriquecimento Curricular. Esta classe será denominada por "Oficina".

10. A professora Eduarda Rosa propôs a frequência de uma carga horária superior para a disciplina de Dança, no Curso Básico de Dança, devendo ser dois blocos de noventa minutos semanais.

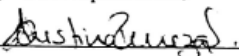
Vários professores manifestaram a sua insatisfação em relação aos horários, sobretudo em relação à falta de intervalos entre os blocos de noventa minutos. - O professor Grygori também se manifestou em relação à data dos exames de segunda chamada, não concordando com a mesma.

No final da reunião o professor Ostap propôs o envio da cópia da acta da reunião anterior, elaborada pelo professor Edgar, à Direcção Regional da Educação.

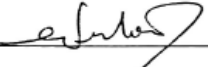
Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão da qual se lavrou a presente acta que depois de lida e aprovada será assinada por mim, que a secretariei.

Angra do Heroísmo, 17/10/08

A Delegada de Departamento

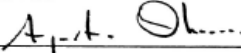


O (A) Secretário



Homologado em 17 / 10 / 08

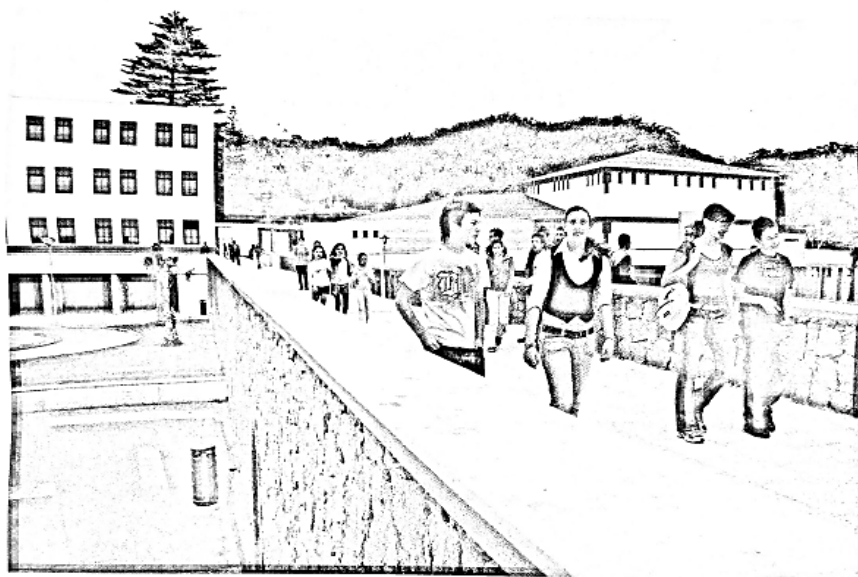
O Presidente da Comissão Executiva Instaladora



Anexo AY. Ata nº 3, 17-10-2008.

TOMÁS DE BORBA CUSTOU MAIS DE 30 MILHÕES E TEM CAPACIDADE PARA 1200 ALUNOS

Escola do século XXII inaugurada ontem



ESCOLA tem, actualmente, 800 alunos, mas pode receber 1200

A Escola Tomás de Borba foi ontem inaugurada, numa cerimónia em que Carlos César garantiu que o insucesso escolar baixou, na última década, de 22 para 3%.

Oitenta e cinco salas com quadro interactivo e computadores ligados em rede, quatro laboratórios, uma piscina, sala de judo, sala de ginástica, um polivalente descoberto para os outros desportos, um campo de futebol sintético, estúdio de gravação vídeo e áudio e estações de rádio e televisão. Ao longo da visita à Escola Básica e Secundária Tomás de Borba, em São Carlos, ontem, depois da sessão solene de inauguração e

de um concerto, foram dados a conhecer os vários equipamentos daquele que pretende ser um estabelecimento de ensino para o século XXII e que o presidente do Governo Regional considera uma das "melhores escolas de Portugal".

A escola, orçada em mais de 30 milhões de euros, tem capacidade para 1200 alunos. "Veio acabar com o problema crónico de sobrelotação das escolas de Angra do Heroísmo", afirmou

Carlos César, que discursava na inauguração.

ENSINO ARTÍSTICO

Para além de acolher os alunos do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, um dos aspectos inovadores da escola é o ensino artístico. Trinta e duas das salas são concebidas especialmente para a aprendizagem das artes. "Esta é talvez a melhor característica desta escola, não tivesse ela o nome do músico e compositor Tomás de Borba. Vamos valorizar a arte como a expressão mais elevada do espírito, levar à escola a alegria e a música", disse, na cerimónia de inauguração, o presidente do conselho directivo, Augusto Oliveira.

O estabelecimento vai integrar o ensino artístico no horário lectivo do ensino regular. Serão criadas ainda condições para aproveitar esses espaços

para a realização de oficinas de dança, música e outras artes.

INSUCESSO ESCOLAR

Foi também na inauguração da escola que Carlos César garantiu que, na última década, o insucesso escolar baixou na Região de 22 por cento para três por cento: "Os nossos jovens são hoje melhor formados, mais bem informados".

"No passado existia um computador para 28 alunos, hoje há um computador para 8 alunos, e o objectivo, nos próximos anos, é ter um computador para cada 5 alunos", acrescentou.

Já o presidente do conselho directivo mostrou-se preocupado com "a falta de acompanhamento dos alunos por parte dos encarregados de educação" e lembrou que as instalações "não são tudo" no processo pedagógico. ☐

Anexo AZ. Diário Insular, 08-05-2008.

ENSINO ARTÍSTICO
EBS TOMÁS DE BORBA

Exm^o Senhor
Presidente da Comissão Executiva
Da EBS Tomás de Borba

Vimos por este meio manifestar a nossa preocupação e desagrado em relação à ocupação, que se tem vindo a verificar, do espaço da nossa Escola inicialmente destinado exclusivamente ao ensino artístico.

De facto, no Projecto Educativo da Escola, constam trinta e uma salas para o Departamento Artístico. Mas o que tem acontecido é a ocupação sistemática das salas de Coro, de Orquestra, de Ballet e das salas 200 e 202 por aulas e actividades extra-curriculares do Ensino genérico. Por exemplo, a sala de Orquestra mantém a disposição do espaço adaptada às aulas do ensino genérico, sendo necessário os professores de Orquestra afastarem as mesas e colocarem as cadeiras e as estantes em cada aula da sua disciplina, facto que prejudica o seu trabalho.

Como consta da Acta da reunião da Comissão Pedagógica do Ensino Artístico do passado dia 17 de Março, os professores deste Departamento não pretendem colocá-lo num mundo à parte, mas estão conscientes de que o ensino da música exige um ambiente de silêncio e de concentração, dada a sua própria especificidade, que não se coaduna com os ruídos dos corredores (que se ouvem dentro das salas devido à falta do isolamento acústico tão anunciado, mas que não existe na realidade), provocados pelos alunos do ensino genérico que os percorrem livremente.

Como se pode ler na Acta já referida, os professores e Encarregados de Educação dos alunos do Departamento Artístico, consideram que a ocupação sistemática, por parte do ensino genérico, do espaço inicialmente reservado exclusivamente ao ensino artístico, interfere na qualidade que se deseja para o nosso trabalho.

Por este motivo e também por acreditarmos na necessidade de fazer o Departamento Artístico crescer, implementando novos conjuntos e actividades, vimos exortar V^o Ex^o para que, no próximo ano lectivo, a ala do Ensino Artístico seja exclusivamente ocupada por ele, sob pena de ser posta em causa a qualidade do ensino da música e da dança.

Com os melhores cumprimentos,

LISTA DE DOCENTES EDUCAÇÃO ARTÍSTICA VOCACIONAL, 2008/2009

Docentes do ENSINO ARTÍSTICO	Área Disciplinar / Função
Alexandra de Fátima Bertão Lourenço	Docente de Teatro
Ana Cristina Reis Pureza Santos	Coordenadora do Departamento do Ensino Artístico Delegada de Grupo de Teclas Docente de Piano
Ana Elisabete T. Baptista S. Almeida	Coordenadora de Professores Tutores Docente de Violoncelo
Ana Luísa Gonçalves M. Henriques	Docente de Dança
Ana Paula Silva Pereira	Docente de Técnica Vocal
Andreia Maria Falcão Mendes	Docente de Formação Musical
Antero Orlando Pereira Ávila	Docente de Análise e Técnicas de Composição
Edgar Alexandre Da Silva Marques	Docente de Trompa, Tuba, Trompete, Formação Musical e Experimentação e Criação Musical
Elena Vasylyvna Kharambura	Docente de Violino
Grygoryi Grygorovich Grytsyuk	Docente de Piano
José António Cardoso Sousa	Docente de Guitarra Clássica
José Gabriel Reis Mendes Cabral Fonseca	Docente de Piano
José João Dinis Silva	Delegado de Grupo de Formação Musical Docente de F. Musical
Lázaro Manuel Lopes da Silva	Docente de Viola Regional
Luísa Fernanda C. Alcobia Leal	Delegada de Grupo de Canto Docente de Técnica Vocal
Maria Eduarda Ferraz da Rosa	Delegada de Grupo de Dança Docente de Ballet
Maria Isabel Malheiro C. Vale	Docente de Piano
Mikhail Russal	Docente de Flauta Transversal
Mónica Patricia Nunes dos Reis de Oliveira Pombo	Docente de Dança
Oleg Gunko	Delegado de Grupo de Sopros Docente de Clarinete
Oleksandr Semenovich Lanovyi	Docente de Acordeão
Olga Lysa	Docente de Piano
Orest Grytsiuk	Docente de Violoncelo
Ostap Kharambura	Presidente da Comissão pedagógica do Ensino Artístico Delegado de Grupo de Cordas Docente de Violino
Raul Fernando Aguiar S. Cardoso	Docente de Piano
Rodrigo Manuel dos Santos Lima	Docente de Flauta Transversal
Taras Poustovgar	Docente de Clarinete
Yaroslava Rusal	Docente de Técnica Vocal

Anexo AAA. Carta endereçada ao Presidente da Comissão Executiva da EBS Tomás de Borba pelos docentes de Educação Artística Vocacional, 04-09-2008.

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA TOMÁS DE BORBA
Ano lectivo 2008/09

Acta de Reunião do Departamento do Ensino Artístico

Aos dezoito dias do mês de Dezembro do ano de dois mil e oito pelas dezasseis horas, sob a coordenação da professora Ana Cristina Pureza, reuniu o Departamento do Ensino Artístico seguindo a seguinte Ordem de Trabalhos: -----

Ponto um – Análise do Processo de Avaliação dos Alunos do Ensino Integrado-----

Ponto dois – Avaliação do Desempenho Docente -----

Ponto três – Outros assuntos -----

Relativamente à avaliação dos alunos do Ensino Integrado, os diversos professores de instrumento presentes na reunião, estão em desacordo com o modelo de reunião aplicado durante o primeiro período pelo facto de estarem presentes nalgumas dessas reuniões durante uma hora e trinta minutos para avaliar, em alguns casos, apenas um aluno. O professor Taras Poustovghar considera que a sobrecarga horária com acumulação de tarefas no final do Período, revela-se prejudicial ao processo educativo.

O professor José Sousa considera que se está a dar privilégios a alunos do Ensino Integrado que, nalguns casos, não são postos a render, nomeadamente a duplicação da carga horária, enquanto que os alunos do supletivo, que só estudam música na Tomás de Borba com verdadeiro interesse musical só lhes é permitido uma hora semanal de Instrumento ou Canto. A falta de interesse e aptidão de alunos do Integrado tem-se revelado, também, pelo elevado número de anulações de matrícula.-----

Ainda referente às avaliações dos alunos, os vários grupos tentaram implementar os modelos propostos pelo Conselho Pedagógico chegando à conclusão que estes são desnecessários e até alheios ao tipo de ensino praticado nos Conservatórios, uma vez que, praticando-se aulas de instrumento individuais, é possível fazer avaliação a qualquer momento e essa avaliação, referem, deve ser prática. O grupo de Canto não pôde realizar testes de reportório durante o Primeiro Período por falta de pianistas acompanhadores que por sua vez são necessários em todos os grupos excepto o grupo de Piano. Terminando a discussão dos assuntos referentes à avaliação dos alunos, o professor José João Silva propõe que os professores de Orquestra de Sopros, analise e discuta os níveis a atribuir a cada aluno antecipadamente para que nas reuniões de avaliação não haja discordância e demora a chegar a um consenso.-----

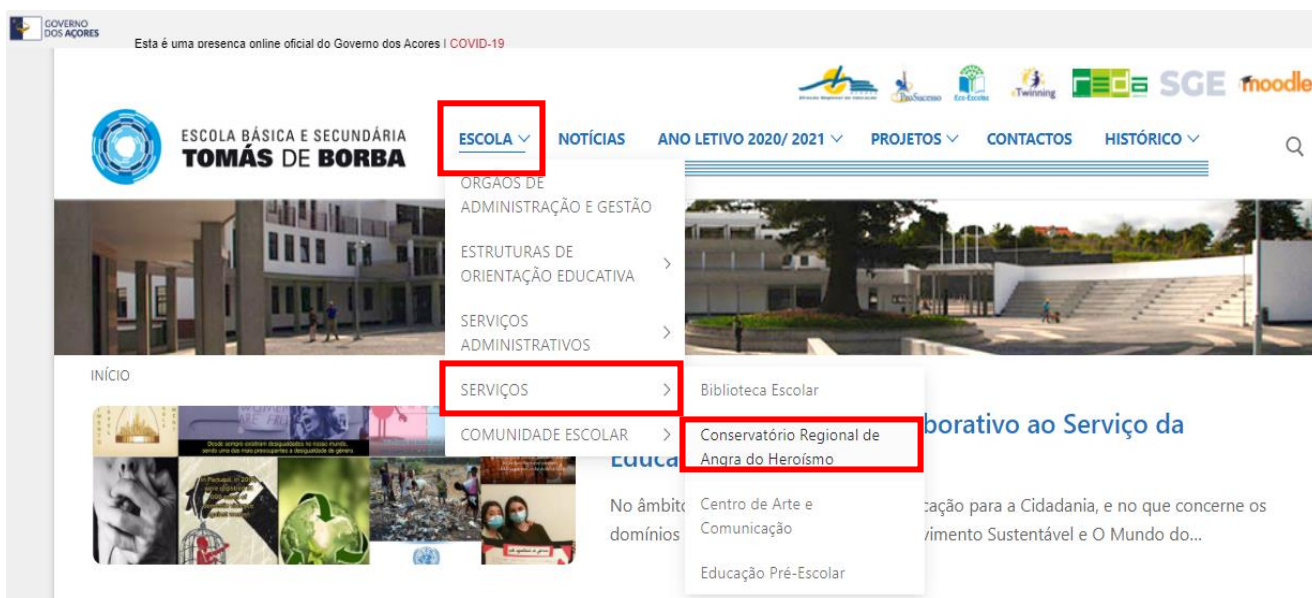
Cumprindo o ponto dois da Ordem de Trabalhos referente à Avaliação do Desempenho Docente, a coordenadora do ensino artístico, informou os presentes, da última reunião do presidente da Tomás de Borba, Augusto Oliveira com a Secretária Regional de Educação e Formação cuja informação principal é a de que o processo de Avaliação não vai cair mas sofrerá alterações, nomeadamente nas grelhas de observação de aulas. O professor Antero Ávila propôs, e todos concordaram, a formação de uma Comissão Representante do Ensino Artístico com o objectivo específico de expor e discutir com a tutela, assuntos do interesse dos docentes deste ensino, para tal, procedeu-se a uma Eleição para o efeito que resultou na aprovação dos quatro professores mais votados, a saber: professor Antero Ávila, eleito por doze votos; professora Cristina Pureza, eleita por quatro votos; professora Luísa Alcobia Leal, eleita por dois votos e professor Grygoryi Grytsyouk, eleito por dois votos.-----

Discutindo Outros Assuntos, a professora Eduarda Rosa, solicita que se corrija o título dado à Ficha a entregar aos Encarregados de Educação relativamente aos alunos de iniciação que frequentam a disciplina de dança. -----

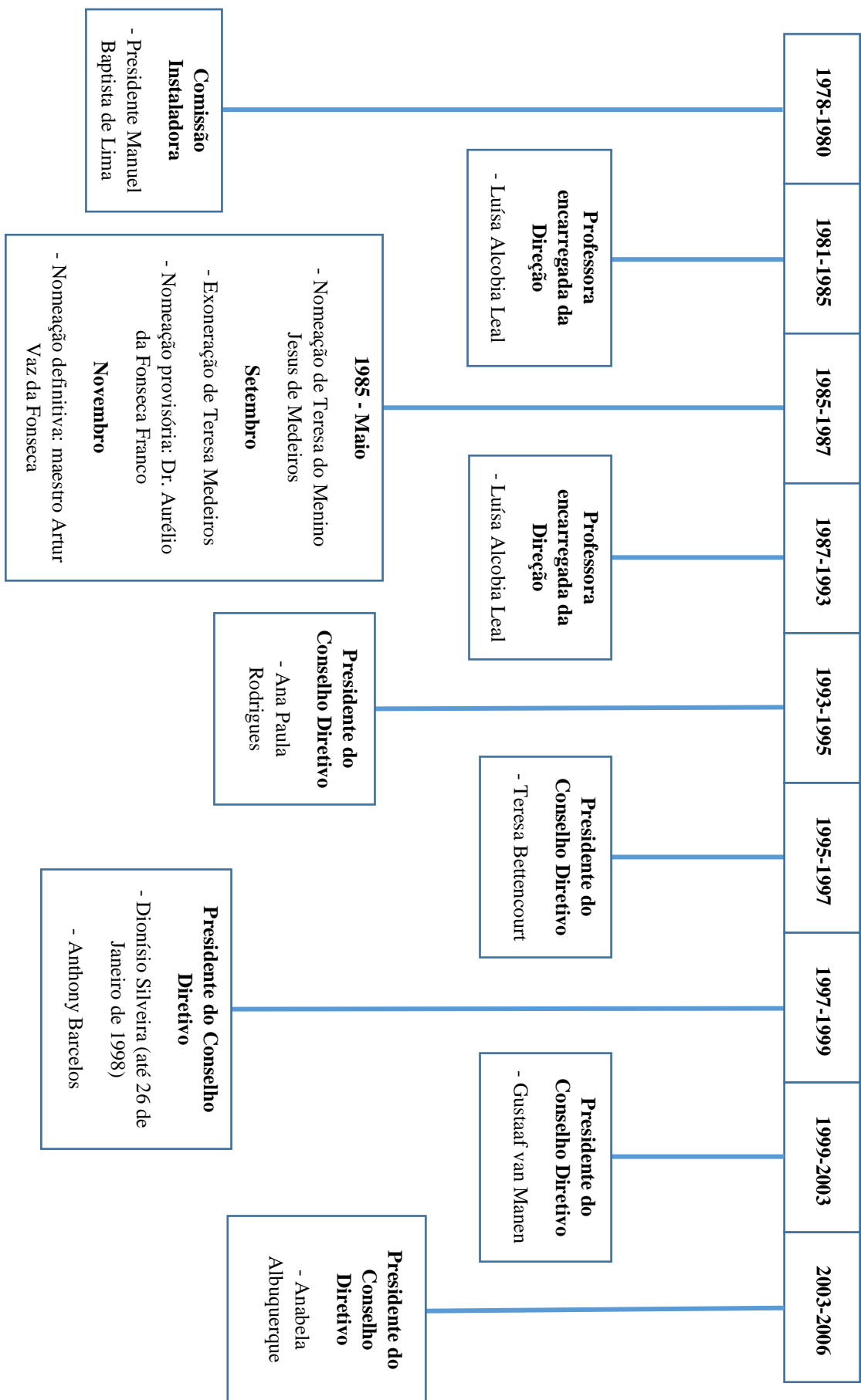
O último assunto abordado na reunião foi o respeitante ao Estágio de Orquestra a realizar na Ilha da Madeira. Este estágio, destinado a jovens estudantes dos Conservatórios não teve concorrentes da Escola Tomás de Borba, por isso a Comissão Executiva ainda aceita inscrições até dia dezanove de Dezembro junto da professora Anabela Albuquerque.-----

E nada mais havendo a tratar, foi elaborada a presente acta que depois de lida e aprovada será assinada por mim que a secretariei, pela Coordenadora do Ensino Artístico e pelo Presidente da Escola Básica e Secundária Tomás de Borba. -----

Anexo AAB. Ata de Reunião do Departamento do Ensino Artístico, 18-12-2008.



Anexo AAC. Página oficial da EBS Tomás de Borba - <https://ebstb.edu.azores.gov.pt/>



Anexo AAD. Cronologia dos Presidentes que passaram pela Direção do CRAH.

ANEXOS - ENTREVISTAS

♪ Entrevista à professora Luísa Alcobia Leal

1. Em que data veio viver para a ilha Terceira?

Luísa Alcobia Leal (LAL): Em Setembro de 1979.

2. Veio a convite do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo para lá lecionar?

LAL: Contactei e ofereci-me para lecionar no Conservatório Regional dos Açores, secção de Angra do Heroísmo, visto que vinha viver para a ilha Terceira. O meu marido é terceirense e, após um primeiro contacto que ele efetuou aqui na ilha junto da Secretaria da Educação e Cultura, enviei, para a mesma, os meus documentos com a habilitação profissional a fim de dar aulas de Canto no Conservatório. No entanto, ocorreram problemas com os mesmos e, enquanto esperava que a situação se resolvesse, tive de aceitar um horário de Inglês na Escola Secundária de Angra, já que possuo uma licenciatura em Filologia Germânica, além do Curso Superior de Canto do Conservatório Nacional.

Houve uma boa receção à perspectiva de vir uma pessoa que tinha um curso completo do Conservatório, mas, quando cá cheguei, o Dr. Baptista de Lima, Presidente da Comissão Instaladora, não tinha recebido os meus documentos e ninguém sabia onde se encontravam... Como o meu marido escrevia para os jornais e sabia-se do seu inconformismo e ideais progressistas, acredito que houvesse razões políticas por detrás daquele desaparecimento. Mas precisava de trabalhar (para pagar a casa) e acabou por surgir a oportunidade de dar aulas de inglês porque havia um horário por preencher na Escola Secundária de Angra. Dias depois de ter assinado o contrato na Secundária, recebi um telefonema do Dr. Baptista de Lima a informar que, finalmente, os documentos lhe tinham chegado às mãos e que não desejava desperdiçar a oportunidade de conseguir um professor habilitado para o Conservatório. Concluindo, nesse ano tive de ficar em acumulação, lecionando sete horas semanais de Canto, o máximo permitido legalmente. Solicitei então a colocação de anúncio nos jornais, informando que iria haver aulas de Canto.

3. Naquela época o Conservatório funcionava com uma Comissão Instaladora. Fale-me sobre a Comissão e os professores de música.

LAL: A Comissão Instaladora era presidida pelo Dr. Manuel Baptista de Lima, personalidade muito importante noutras áreas, mas que agarrou a ideia de fazer uma secção do Conservatório em Angra. Este senhor teve muita importância no nascimento do Conservatório na Ilha Terceira e era ele que tratava da contratação dos professores. Artur Fonseca também fazia parte da Comissão Instaladora. Este senhor, autor da famosa canção “Uma casa Portuguesa”, realizou estudos de violino no Conservatório de Lisboa, mas não chegou a fazer o exame final do curso, porque a família entretanto emigrou para Moçambique. Artur Fonseca era professor de Violino, Formação Musical e Iniciação Musical. Eram estas duas pessoas que estavam a dirigir o Conservatório.

4. Havia muitos alunos? Havia procura para estudar no Conservatório?

LAL: No primeiro ano aqui confesso que não me lembro de que houvesse muitos alunos. Mas nos anos seguintes, já depois de assumir as funções diretivas, havia muita procura por parte dos alunos, principalmente nas disciplinas de Piano, Viola Regional e Ballet.

5. Quantos professores lecionavam nessa altura?

LAL: Nessa altura, durante os primeiros anos, além de Artur Fonseca, havia os professores Luís Soares, que dava aulas de Violino e de Formação Musical e Mário Coelho que era professor de piano em acumulação, porque era professor de Educação Musical na Escola Preparatória. Havia ainda aulas de Ballet, nesse tempo lecionadas num espaço do INATEL. A primeira professora de ballet de que me recordo foi Ana Maria Rosa. Nesses primeiros anos, e dado o aumento do número de alunos, houve necessidade de mais professores de piano, tendo-se recorrido primeiro à professora Alice Borba, que deu aulas de piano na sua casa, devido à falta de pianos no Conservatório, com o consentimento da tutela e dos pais dos alunos. Pouco depois a senhora faleceu. Mais tarde foi a D. Alice Martins que também deu aulas de piano na

sua casa, em acumulação, visto que era professora de Educação Musical na Escola Preparatória de Angra.

6. Como eram as instalações do Conservatório?

LAL: Quando vim para a ilha o Conservatório estava sediado no museu e o Dr. Baptista de Lima mandou colocar um piano vertical no coro da igreja do museu para que eu pudesse dar as minhas aulas. Depois do sismo de 1980 o Conservatório passou a funcionar na Escola Secundária de Angra.

7. Quando ocorreu o sismo de 1980, como fizeram para continuar a lecionar?

LAL: O museu ficou muito danificado, não houve aulas durante vários meses, e foi quando o Conservatório se mudou para a Escola Secundária de Angra. Nessa altura movimenteimei-me, fui ao Conselho Diretivo e pedi para consultar os horários das salas, visto que os senhores Artur Fonseca e Luís Soares ficaram a lecionar na sala de Canto Coral da Escola e não houve preocupação em arranjar sala para mim. Consegui o anfiteatro de Física para mim e para o senhor Mário Coelho, onde dávamos aulas nos horários em que a sala estava disponível. Solicitei a colocação de fechaduras no piano e nalgumas gavetas da secretária dessa sala, para segurança do piano e do material (livros e partituras). O Conservatório não tinha livros de Canto, não tinha nada, e eu necessitava de usar o meu material (aliás o que fiz durante toda a minha carreira de professora, mesmo depois da aquisição de algum material). Conseguimos ainda arranjar uma sala pequena, muito estreita, no átrio da escola, para a colocação da Secretaria do Conservatório.

8. Em 1981, sucedeu à Comissão Instaladora como diretora do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Era algo que ambicionava? Já tinha muitos planos para o mesmo?

LAL: Fui Professora Encarregada da Direção, era este o termo utilizado, a pedido da Secretaria Regional de Educação porque era a única profissional com habilitação própria. Ser diretora foi algo accidental, o meu objetivo era dar aulas de Canto. Por este mesmo motivo, nunca recusei inscrições em Canto, mesmo sendo a única a lecionar a

disciplina e assumindo a Direção, podendo portanto reduzir bastante o tempo de leção no meu horário. Mas nunca fiz isso, com prejuízo da vida familiar e pessoal. (Senti sempre as funções de direção como algo transitório e a minha vocação de professora de Canto foi sempre o importante para mim.)

Naquela altura tinha a nítida percepção de um sentimento de desconfiança, talvez até de rejeição à minha volta. Até eu chegar, o corpo docente era constituído só por homens. Eu era mulher, bastante mais nova, a única com habilitação profissional, de fora da ilha, e, ainda por cima, nomeada Professora Encarregada da Direção!...

9. Que contributo deu enquanto Professora Encarregada da Direção?

LAL: É sempre ingrato falar de si próprio, mas posso dizer que foi uma luta de vários anos por obtenção de instalações condignas, equipamentos (os instrumentos são muito dispendiosos), professores habilitados e motivados, pessoal administrativo e auxiliar suficientes para as necessidades... Lutei ingloriamente por estes desideratos, mas durante muito tempo, o ensino da música era visto como o último, o menos importante, quase só como um entretenimento para passar o tempo de uma maneira agradável, e eu sentia que se tolerava que o Conservatório existisse, mas as preocupações da tutela iam para o ensino genérico e não para as frequentes e insistentes chamadas de atenção para os diversos problemas e lacunas de que o Conservatório sofria. Tendo tirado o curso no Conservatório Nacional, preocupei-me em implantar, na medida do possível, o que tinha vivido e presenciado enquanto estudante. Mandeir vir do Conservatório Nacional, os programas das diferentes disciplinas lecionadas, a fim de nos equiparar, em tudo, ao que se fazia ao nível do país. Habituada a participar regularmente em Audições procurei, desde sempre, implementar aqui o hábito das mesmas, para estimular os alunos e dar a conhecer o nosso trabalho aos pais e comunidade. Infelizmente, durante anos apenas pudemos realizar as Audições finais de ano letivo, por não possuímos instalações para o efeito e, mesmo assim, era complicado. Tinha de solicitar o apoio do grupo de teatro Alpendre para o som e as luzes...

Para os exames solicitava o Palácio dos Capitães Gerais, muitas vezes deparando com a incompreensão das entidades a contactar.

A certa altura, no intuito de angariar professores, contactei diversas embaixadas e consegui bastantes candidatos a vir lecionar aqui. Mas pretendiam condições especiais demasiado onerosas e impossíveis de conceder...

Procurei, na medida do possível, trazer professores mais experientes e habilitados para realizarem aqui Ações de Formação e promovi intercâmbios com os Conservatórios de Ponta Delgada e mais tarde da Horta. Neste âmbito, procurei aproveitar a oportunidade da passagem pela ilha, em escala, de artistas vindos dos EUA para as temporadas da Fundação Gulbenkian. Como mantinha contactos com o Serviço de Música da fundação, abordava previamente esses artistas e consegui que vários deles realizassem pequenas Ações/aulas abertas no nosso Conservatório.

Logo que iniciei as funções diretivas, interessei-me pela Viola Regional ou Viola da Terra e, após alguns contactos, consegui interessar o senhor José Luís Gomes Lourenço a vir lecioná-la no Conservatório. Foi o primeiro professor do instrumento e lecionou-o até à sua morte prematura. Sinto algum orgulho por ter sido por minha iniciativa que esse instrumento começou a ser lecionado no Conservatório, contribuindo muito para o aperfeiçoamento dos membros dos grupos folclóricos, participantes nas Danças de Carnaval e demais manifestações populares da Ilha.

10. Como foi a passagem para a Rua do Galo? As aulas eram apenas lecionadas nesse espaço? Como conseguiram manobrar a situação?

LAL: Antes de passarmos para a Rua do Galo, houve ainda uma fase em que utilizámos algumas salas do chamado Anexo, onde atualmente se encontra a Direção da Cultura. Dei aulas de Coro numa sala das torrinhãs desse edifício, onde chovia e o teto ameaçava cair. Estas salas tinham sido consideradas perigosas para os alunos da Secundária, mas nós tivemos de as utilizar. Isto demonstra como era considerado o Conservatório naquela época.

A Direção Regional da Administração Escolar (então uma das três direções regionais da Secretaria Regional da Educação, atual DRE) estava sediada no edifício “velhinho” da rua do Galo. Entretanto transitaram para as atuais instalações e foi nessa altura que mandaram o Conservatório para aquele edifício sem o mínimo de condições, com divisões de tabique entre as salas, (frígidas no Inverno e tórridas de Verão). Os

professores concordaram comigo que seria melhor continuarmos a dar algumas aulas na Secundária e outras nesse edifício, para evitar usar salas contíguas simultaneamente, por causa da falta de isolamento acústico, na esperança e expectativa de que entretanto ali fizessem obras. Mas, em vez disso, passados alguns meses recebemos ordem para abandonar a Secundária e dar todas as aulas na rua do Galo.

Depois de muita procura, luta, canseira e ofícios enviados, consegui que fossemos para a rua do Armador, onde se realizaram algumas obras de adaptação (como a transformação de uma garagem em sala de aula, onde se podia ouvir a descarga do autoclismo do piso de cima, por exemplo). Aí, já podíamos realizar algumas Audições, abrindo as portas entre duas salas para o efeito...

E foi deste edifício que transitámos para a Escola Tomás de Borba!

11. Qual é a sua opinião sobre a integração do Conservatório na EBSTB?

LAL: A integração foi muito benéfica em termos de instalações! Passámos de más condições, na Rua do Armador (conseguidas estas embora, com muito esforço e luta da minha parte) para ótimas instalações, tendo praticamente cada professor a sua sala, com piano, armário para guardar os materiais e partituras, computador e aparelhagem, e espaços comuns, como um excelente Auditório, salas de Coro e de Orquestra, Estúdio de gravação, etc..

Não há comparação com as condições anteriores!!

O facto de estarmos integrados numa escola de ensino genérico incentivou também a uma maior disciplina e organização do trabalho (planificações, planos de aula, etc.). Mas o sempre constante problema do isolamento acústico entre as diversas salas não foi resolvido, apesar das promessas nesse sentido. E o ruído provocado pelos alunos do ensino genérico (com horários diferentes dos colegas do Conservatório), muitas vezes perturba o sossego e silêncio necessários... E como aspeto extremamente negativo da integração considero o facto de não haver, por lei, a presença de um representante do Conservatório no Conselho Executivo (CE) da Escola, tal como existe para os outros níveis lecionados na escola. Por maior que seja a sensibilidade dos membros do CE que têm a seu cargo o Conservatório, isso não dispensa a presença desse representante.

Além de uma injustiça, este facto cria, por vezes, alguns problemas e incompreensões das especificidades do ensino da música, um ensino com características e objetivos muito diferentes do ensino genérico.



Entrevista ao professor Antero Ávila

1. O que o motivou a deixar a sua ilha e vir para a Terceira?

Antero Ávila (AA): Essa pergunta é importante para termos um panorama do ensino da música nos Açores há cerca de 30 anos. O ensino da música na minha ilha era basicamente realizado através das bandas filarmónicas. Quando cheguei aos 17 anos, decidi tentar estudar música e, como não havia Conservatório na Horta (ou se havia não devia ter as coisas que queria), fui para a ilha Terceira. Fiz o 12º ano e, ao mesmo tempo, estudei no Conservatório. Matriculei-me em praticamente todas as disciplinas que havia para me matricular, só não me deixaram matricular em Ballet porque disseram que era só para meninas. Tinha de facto uma vontade enorme de aprender. Como já tinha conhecimentos musicais por causa da filarmónica fui fazendo dois anos em cada um.

2. Em que situação se encontrava o Conservatório de Angra (localização, instalações, falta de professores) quando ingressou como aluno?

AA: Quando comecei a estudar no Conservatório de Angra, havia muitos professores que eram, de certa forma, amadores, ou que não tinham o curso superior de música e esse também foi um dos motivos que me levou a estudar em Lisboa, antes de aqui acabar o curso complementar.

O meu primeiro ano no Conservatório de Angra foi na Rua do Galo e logo no segundo ano o conservatório passou para a Rua do Armador. As condições eram péssimas, mas melhorou um bocadinho quando fomos para a Rua do Armador. Na Rua do Galo era pior, chegava a ter Flauta de Bisel numa salinha debaixo das escadas, do género Harry Potter (ri-se).

3. Que professores teve e que disciplinas frequentou?

AA: Frequentei a disciplina de piano (Isabel Valle), de canto (Luísa Alcobia Leal), quero aqui salientar a professora pianista acompanhadora de canto Maria João

Carreira (que tinha muita paciência para os alunos de canto), viola regional (José Alexandre), guitarra clássica (Carlos Baptista Ávila), violino (Luís Soares), formação musical (Fernando Soares e Luís Soares - irmãos), flauta de bisel (Carlos Medeiros).

Gostei muito de aprender a tocar viola regional ou viola da terra pois era um instrumento que não havia na filarmónica e que apesar da sua aparente simplicidade, porque o repertório é referente ao folclore da Terceira, requer muita prática para conseguir tocar com estilo.

4. Conte-me a sua experiência e percurso enquanto aluno no Conservatório de Angra. Dificuldades que sentiu; surgimento de professores estrangeiros.

AA: Já estudava no Conservatório há uns 3 ou 4 anos quando dei por mim a dar aulas de Formação Musical e de Flauta de Bisel. Nunca me passou pela cabeça que um dia viessem músicos com formação e que o meu emprego estaria em risco, não pensei nisso. O que queria era aprender, não queria estagnar, e foi então que decidi ir para Lisboa terminar o conservatório no Conservatório Nacional.

No último ano que cá estive fui aluno do professor Gustaaf van Manen, e com ele aprendi História da Música e Composição (ATC). Foi interessante, gostei de ser seu aluno no primeiro ano de Análise e Técnicas de Composição.

Terminei o complementar no Conservatório Nacional onde fui aluno de composição de Jorge Peixinho e, depois, de Álvaro Salazar.

Portanto, quando me vi no papel de professor enquanto deveria ser aluno decidi ir para fora, mas sempre com a ideia de voltar! Quis ver como era o mundo daquela perspetiva para depois voltar e ajudar a fazer o que os outros também fizeram por mim.

5. Estando habituado à pedagogia do Conservatório de Angra, que impacto sentiu ao estudar em Lisboa e frequentar um ensino superior com professores profissionalizados?

AA: Podíamos estar horas a falar sobre isso e essa pergunta acho que é das mais importantes. Bom, aqui era certamente o “melhor da minha rua”, mas em Lisboa já não temos essa certeza. Encontrei colegas com uma cultura fantástica! Iam à Gulbenkian

tanta vez... (eu nunca tinha ido). Havia a Culturgest, que também dava concertos, a Ópera no São Carlos. O choque foi tremendo no início. Obviamente que digo sempre aos meus alunos que a nossa capacidade de aprender é igual à deles, mas a bagagem cultural que têm, por terem um acesso mais fácil, é muito diferente. Porém, com a globalização essa diferença pode já não ser tão acentuada. Ainda me lembro que toda a música que ouvia ou era na rádio ou em discos que se comprava e que tinham de ser muito bem escolhidos porque não podíamos comprar tudo. Hoje com as várias plataformas da *internet* temos tanta coisa que o difícil é escolher. Portanto, atualmente o papel do professor é mais de orientador, ou até se calhar sempre foi de orientador, mas hoje em dia é no sentido de pôr os alunos a saber o que escolher, como escolher sem perderem tempo e sem se desviarem por caminhos que são becos sem saída. E o trabalho do professor para preparar as suas aulas também é diferente porque é um trabalho que é muito mais eficaz se tiver em conta as novas maneiras que os alunos têm de aprender. Nesse aspeto a relação pedagógica, a relação do professor com os alunos, e a maneira de ensinar evoluíram imenso, desde a altura em que aprendi, da altura que eu ensinei.

6. Como professor, deixando de ter a perspetiva de aluno, como achou a situação do Conservatório de Angra quando regressou?

AA: Nessa altura o Conservatório estava completamente diferente. Já tinham professores com habilitação, muitos deles estrangeiros, em praticamente todos os instrumentos. Obviamente que se não tivesse feito a escolha de estudar em Lisboa, não teria lugar no Conservatório como professor. O Conservatório era agora uma escola diferente e com professores com habilitação própria, obviamente com exigências maiores. Ouvia-se música nesta terra porque os professores se juntavam e faziam grupos de câmara. Aquela falta de cultura, de oportunidades de ouvir música erudita, agora era mais colmatada pelo trabalho que esses professores faziam.

7. Quando o Conservatório integrou a EBSTB, que vantagens e desvantagens ocorreram na altura para o Conservatório?

AA: Temos belíssimas condições aqui, em termos de instalações, e isso foi um grande avanço. Alguns problemas que tínhamos mantêm-se, como, por exemplo, a qualidade, a antiguidade, ou melhor: a velhice dos pianos e a manutenção e afinação que requerem ocasionalmente que nem sempre é tão atempada quanto seria desejável e isso é fundamental para o ensino da música. Esse problema mantêm-se. Há mais professores, mais variedade de instrumentos: conseguimos um professor de Trompa, de Trombone e de Percussão agora mais recentemente.

8. Atualmente, como se encontra o Conservatório de Angra? O que tem a dizer sobre o funcionamento do mesmo dentro da Escola Tomás de Borba? Que melhorias houve? O que poderia ser melhorado na sua opinião?

AA: Bom, isto é um tema longo, que não sei quanto dele é que cabe num trabalho como o que tu estás a fazer.

A questão é a seguinte: Para que é que serve o Conservatório? Temos de começar por aqui.

O Conservatório serve para colmatar várias questões: para formar músicos com a intenção de seguir o ensino superior de música ou com a simples ideia de adquirir uma cultura geral mais abrangente na área da música e serve para alunos que são adultos (e que é bom que continue a servir). Este Conservatório também tem dança com um número de alunos bastante expressivo e os espetáculos que costumam fazer são também de grande qualidade.

Depois, eu, por ignorância com certeza, não entendo muito bem o que é o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo...

O Conservatório Regional de Angra do Heroísmo é um departamento da Escola Tomás de Borba? É uma escola que tem estatutos próprios, que tem papel timbrado? Tem o que uma escola costuma ter? Não tem. Isso garanto que não tem. Portanto o que é?

Está integrado na Escola Tomás de Borba e tem o mesmo conselho executivo, a mesma secretaria e, porém, parece que é apenas um departamento da escola. Isto por si só não tem nada de inerentemente mau, mas se o ensino integrado fosse com a filosofia ao contrário do que está a ser, ou seja, se o Conservatório fosse a parte central

da escola e o ensino regular o complemento dos alunos que queriam estudar música... seria utópico? Além disso, na direção da escola não há um único professor com formação musical, são todos professores do ensino regular. A escola é vista como uma escola normal que tem música e dança e isto, mais vezes do que seriam aceitáveis, causa-nos problemas. Há certas coisas que às vezes temos que fazer de uma maneira diferente que os professores do ensino regular não entendem. Vou dar um exemplo: Alunos que precisam de apoio. Os alunos que precisam de apoio no ensino regular, são os alunos que têm mais dificuldades na aprendizagem. Os alunos que precisam de apoio no Conservatório são os alunos que querem ir para o ensino superior, ou seja, são os melhores alunos que precisam de apoio e a direção da escola não entende, assim como a própria DRE que está formatada para um ensino exclusivamente regular. Tudo o resto é um bocado acessório. Dá ideia que o ensino da música é acessório. Portanto, acho que era preciso clarificar o que é o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Nós sabemos o que fazer e como o fazer, mas não sei se as pessoas sabem o que é isto.

O ensino integrado tem alguns benefícios porque os alunos conseguem ter uma carga horária menor nas disciplinas do ensino regular para terem mais tempo para se dedicarem ao ensino da música. No entanto, o ensino integrado pressupõe que os alunos tenham o horário integrado, ou seja, de manhã e isso põe-nos alguns problemas. Por exemplo, algumas disciplinas só têm um professor a lecionar e torna-se necessário criar turmas com alunos do integrado e do supletivo fora do horário das aulas por causa dos alunos de outras escolas. Já os adultos só podem vir no sistema de pós-laboral. Portanto, se quisermos ter um Conservatório para todos, há duas hipóteses: ou há mais professores para se puderem fazer duas turmas, o que pode ser um bocadinho difícil porque as turmas já são bastante pequenas nalgumas disciplinas. Ou então, choque o que chocar, tem de deixar de haver ensino integrado, porque o problema aqui é integrar o horário. Portanto, teríamos apenas ensino articulado e ensino supletivo. Mas isto requer vontade política e coragem, porque o ensino integrado foi uma bandeira política enorme durante anos a fio e agora está-se a ver que, pelo menos num meio pequeno em que há poucas escolas, complica a vida de muita gente e os alunos integrados não são assim tantos.

Porém, com este conselho executivo (que está a acabar o último mandato) já houve experiências grandes: há dois anos fizemos o Concerto da Orquestra de Jovens dos

Conservatórios Oficiais de Música, portanto, o conselho executivo desta escola nessa altura encarnou completamente, e bem, o papel de conselho executivo do Conservatório e organizou-se com o departamento. Portanto, muitas coisas foram melhorando e, por isso, também é importante referir que nem tudo está mal.

9. Têm sido organizados cursos e outras atividades de atualização pedagógica? Acha que o Conservatório tem apoiado a formação dos professores?

AA: A nível de formação específica vamos fazendo o que é possível. Os centros de formação vão dando algumas oportunidades de formação, mas não é como quem está em Lisboa. Quem costuma tratar destas coisas são os centros de formação. Os professores através do departamento do ensino artístico podem fazer propostas de formação e os centros de formação, ouvindo isso, procuram satisfazer as necessidades.

A organização da escola é uma matéria complexa. Por exemplo, no Conservatório tínhamos (ainda na Rua do Armador) departamentos (de teclas, cordas, etc.) e grupos disciplinares, ou seja, no departamento de teclas tínhamos o grupo disciplinar de Piano e de Órgão; nas cordas tínhamos o grupo disciplinar de Guitarra, de Viola Regional, de Violino, de Violoncelo. Quando viemos para aqui, deixou de haver esses departamentos e esses grupos disciplinares passando a departamento do ensino artístico (assim como há departamento de línguas, de desporto, etc.), ou seja, tudo foi para um nível superior e o departamento do ensino artístico é um departamento que tem todo o Conservatório - música e dança. Portanto, o antigo departamento de teclas agora é um mero grupo disciplinar. As disciplinas perderam voz e importância. Antes cada departamento falava com o conselho executivo do Conservatório, agora cada grupo disciplinar fala com o departamento e o departamento do ensino artístico (departamento no meio dos todos os outros departamentos da escola) fala com o conselho executivo.

Falta aqui falar num órgão fundamental, importantíssimo, que é o conselho pedagógico. É muito diferente um conselho pedagógico em que todos são músicos, de um em que só há um músico e os outros todos não o são. Como é que podemos fazer valer a nossa opinião?



Entrevista à professora Anabela Albuquerque

1. Em que ano começou a estudar Canto no Conservatório?

Anabela Albuquerque (AA): Lembro-me perfeitamente bem que me inscrevi antes do sismo de 80, logo comecei a estudar Canto no ano letivo 1980-81. As aulas funcionavam no Museu, onde se encontrava o Conservatório. Quando sucedeu o sismo, as aulas ficaram todas suspensas, mas mais tarde retomaram no rés-do-chão da Escola Secundária.

2. Em que situação se encontrava o Conservatório de Angra quando ingressou como aluna? Que professores teve e que disciplinas frequentou? Conte-me a sua experiência e percurso enquanto aluna no Conservatório de Angra.

AA: Recordo-me do Conservatório ser agradável, calmo, e das salas serem amplas, em forma de anfiteatro. As aulas de Formação Musical eram com o professor Artur Fonseca e, mais tarde, com o professor Luís Soares. Eramos só dois ou três alunos. As aulas de Canto eram com a professora Luísa Alcobia Leal, que me aceitou excepcionalmente como aluna, pois só me poderia inscrever com 16 anos e tinha 12. Não havia classe de conjunto, apesar de já fazer parte do plano de estudos. Mais tarde estudei Piano com a professora D. Alice Borba e depois com D. Maria Mourato (ambas aulas particulares nas casas destas senhoras). Também fui aluna do professor Mário Coelho.

Em termos do meu percurso como aluna, sempre gostei muito das aulas e sempre achei que era aquilo que queria fazer, mas não havia os planos de estudo tão bem estruturados como há atualmente.

Apesar das instalações estarem longe de serem as ideais, o facto de ser um ambiente bastante caseiro, acolhedor e pequenino, para mim, foi sempre uma mais-valia, em oposição, por exemplo, à Secundária que era uma escola grande com muita gente. Todos se conheciam. Os funcionários conheciam-nos muito bem.

Contudo, o que mais me marcou negativamente no meu percurso enquanto aluna foram as quezílias entre os professores.

Em novembro de 1994, chega a primeira professora ucraniana, Tatiana Melikova. Pertencia a um grupo de professores ucranianos que supostamente deveriam ter chegado todos ao mesmo tempo, mas devido aos problemas dos vistos e daquelas autorizações todas, grande parte do grupo só chegou em Janeiro de 1995. Eu aí já estava como professora.

3. Prosseguiu os seus estudos musicais no ensino superior em que ano? O que achou da pedagogia comparativamente à do Conservatório de Angra?

AA: Tínhamos as aulas de Formação Musical com o professor Luís Soares, portanto, era o que eu conhecia. Gostava de música mas achava que não tinha capacidade para entrar num curso de Canto, nem de Piano.

Concluí o 8º grau de Formação Musical. Naquela altura, apanhei a transição dos 6 anos para os 8 anos, pois o currículo de Formação Musical era organizado em 6 anos - havia um exame no fim do 2º, no 4º e no 6º grau. Depois fui para São Miguel concluir as disciplinas que me faltavam. Portanto, eu devo ter feito o 8º grau de Formação Musical em 1989, e esta foi a disciplina que concluí primeiro. Lembro-me de nessa altura ter duas colegas do Pico que tinham vindo para cá estudar. Acabaram o 12º ano e, como no Pico não havia música, decidiram vir para a Terceira. O objetivo delas era fazer o curso de música e lembro-me do seu desânimo quando, de repente, (pensando que ficariam a estudar apenas 6 anos) perceberam que tinham de ficar 8 anos. Mas conseguiram acumular alguns anos.

No meu exame de conclusão do 8º grau de Formação Musical, quem presidiu foi a professora Ana Paula Andrade (de piano e de composição do Conservatório de Ponta Delgada) e disse-lhe que ia ficar sem professor, faltando-me concluir História da Música, Análise e Técnicas de Composição e Piano (cujo professor era Gustaaf van Manen e que não foi proposto pelo Conselho Executivo a lecionar nesse ano). Portanto, no ano letivo de 1990-1991 fui para São Miguel concluir estas três disciplinas.

E é nessa altura que começo a ouvir falar do novo curso de Formação Musical em Lisboa. Decidi fazer as provas e entrei. Fui aluna do primeiro curso.

Gostava de reiterar o seguinte, que sempre tive muita pena (e depois de conhecer a realidade de São Miguel ainda tive mais pena), de na Terceira não termos tido professores que encarassem o Conservatório como seu, em que “tu tens de dar tudo por tudo para que as coisas funcionem”. Em São Miguel havia gente com muita capacidade e com muito valor e que tinha sido no fundo a semente. Os professores da Terceira não tinham formação superior, nem equivalente. O professor Luís Soares era um excelente músico, mas foi autodidata, conseguiu fazer os exames para poder dar aulas, mas era sempre preciso vir um professor de Lisboa para fazer parte do júri nos exames. O professor Mário Coelho, no piano, a mesma coisa. Depois vem a professora Luísa Leal que não era de cá, que se incompatibiliza com quase toda a gente. O que se veio a passar depois (a integração), a falta de vontade política em arranjar um edifício com condições, era porque já havia a ideia da integração, ou seja, aquilo era um problema para o Conservatório, eram sempre problemas, sempre, e não era agradável estar no meio dessas peripécias.

Em São Miguel concluí o último ano do Conservatório. Em termos de História da Música, no Conservatório da Terceira, basicamente só era dada a época Barroca, no fundo era o programa que havia antigamente. Mas em São Miguel tive aulas com a professora Ana Paula e já havia uma evolução cronológica. Começávamos com o Cantochão e o programa era cumprido (já havia um novo programa). Apesar de estar inscrita no último ano, tive a possibilidade e a disponibilidade de assistir às aulas do primeiro, segundo e terceiro ano, o que foi muito bom para mim porque me deu algumas bases que não tinha. Na disciplina de piano fui aluna do António Teves de que gostei imenso, grande pianista. Fiz exame de Canto ainda na Terceira, quem presidiu ao exame na altura foi a professora Joana Silva, que deu aulas no início na Escola Superior de Música.

Quando fui estudar na Superior senti uma grande mudança em termos de pedagogia.

4. Quando regressou como professora como se encontrava o Conservatório de Angra? Instalações, professores, programas, etc.

AA: Realizei o Bacharelato entre 1991 e 1994 e regresssei. Comecei a dar aulas e, nessa altura, fiz logo parte do Conselho Executivo presidido por Ana Paula Rodrigues. Gostei muito de trabalhar com ela, era um ambiente muito tranquilo. Tinha a desvantagem de não ser de música, mas era uma pessoa muito ponderada. Convidou-me para fazer parte do Conselho Executivo, e convidou também um aluno, que na altura ainda era aluno, mas estava mesmo a concluir, que era o José Corvelo, (cantor, das Flores, e que estudou no Porto). Foi também aluno de flauta, ou seja, foi um daqueles alunos que vinham de uma ilha onde não há aulas de música e que vinham para cá estudar música e se inscreviam em tudo. Fez um percurso brilhante e hoje em dia é um ótimo cantor e muito trabalhador.

Depois, em 1998-1999 abre pela primeira vez a licenciatura em Formação Musical e fui frequentar o curso.

5. Em que ano se tornou diretora do Conservatório? Que contributos deu para o mesmo? Que decisões teve de tomar?

AA: Não sei em que ano é que me tornei presidente do Conselho Executivo, mas detestei o cargo. Faziam parte do Conselho Executivo eu, Antero Ávila e Alexandra Machado, mas muitas vezes não senti o apoio esperado, porque também tinham imensas coisas para fazer. Lembro-me perfeitamente de numa altura estarmos aflitos com falta de funcionários e a DRE pressionar, bem como a Segurança Social e as Finanças, ou seja, era uma bola de neve. As coisas não se faziam, não tínhamos funcionários e a minha experiência de gestão era muito pouca.

Gostava de olhar para trás e de pensar que, enquanto estive no Conselho Executivo, fiz tudo por tudo para que não houvesse integração, que tivéssemos boas instalações e que não estivéssemos integrados, mas senti que faltou toda uma geração antes a apoiar. Enquanto fui presidente não senti que estivesse a desempenhar um bom papel, porque eu não me sentia realizada e era difícil gerir, a ideia era dar aulas de Formação Musical. Mas as instalações eram muito desagradáveis para quem trabalhava no Anexo da Escola Secundária. Tínhamos a extensão da Praia, que funcionava na escola Básica Integrada Francisco Ornelas da Câmara. Durante muito tempo foi um agrupamento, mas agora já não, é independente.

Quando integrámos, houve a constituição do conselho executivo, que não era conselho, era comissão executiva instaladora da Escola Tomás de Borba. Esta instituição ia agrupar Conservatório e áreas escolares de São Carlos. Portanto, o “conselho executivo” era constituído por um presidente que, era da Básica da Praia (que foi convidado), que trouxe consigo uma assessora do 2º ciclo, outra colega do 1º ciclo, outro da Secundária de Angra e outro do Conservatório. Estes cinco elementos constituíram esta comissão executiva instaladora. Estivemos em exercício de funções não sei se foram de 4 anos, ou seja, nós todos fazíamos parte do “conselho executivo”, não era assessor, nem vice-presidente, era o presidente e os 4 vice-presidentes da comissão executiva instaladora. Depois passou para conselho executivo constituído apenas por 3 elementos - o presidente e os vice-presidentes e com os seus assessores - houve algum desconforto e percebi que os meus colegas do Conservatório não estavam muito satisfeitos com o meu trabalho. Ia ser assessora do Ensino Artístico e também ia dar aulas. E então decidi que não e saí, pus o meu lugar à disposição e vim dar aulas. Do Conservatório ninguém se propôs e nunca mais ninguém se propôs para o cargo.

6. Ainda chegou a ser diretora quando o Conservatório integrou a Escola Tomás de Borba? Como foi essa adaptação? Que vantagens adveio dessa integração? E desvantagens?

AA: As principais vantagens foram duas: o edifício com as suas instalações novas, por um lado, e, por outro lado, a despreocupação com a parte administrativa (que, para nós, professores do Conservatório era sempre uma aflição – a falta de recursos humanos; de professores e de funcionários com formação).

Porém, estivemos sempre na expectativa de que iríamos receber novos pianos, o que não aconteceu. Foi muito difícil ultrapassar a expectativa e chegar à realidade, porquê? Porque não havia muita vontade política para comprar pianos - era uma questão política. A parte desportiva foi toda equipada de novo, ou seja, tudo o que está aqui foi tudo comprado de novo. Depois a realização do Concurso público para a compra dos pianos foi-nos sempre difícil porque sabíamos que queríamos o piano Yamaha x, mas em termos de concurso não podemos pôr marcas. Portanto, na altura do concurso concorreu o salão musical com os pianos chineses que estão cá e que não prestam para

nada. Vieram cerca de 10 pianos e um de meia cauda, que é o que está no auditório, que não aguenta afinação nenhuma e que por isso são péssimos. Isso foi o grande amargo e os professores ficaram muito revoltados. Tentamos explicar a nossa dificuldade, mas não conseguimos, até agora... Parece que agora vai desbloquear mas não sei. Temos estado agora a tentar, porque estes pianos estão num estado de tal modo envelhecidos que já não aguentam as afinações. Também a exposição à humidade prejudica os pianos mesmo que sejam novos e bons. Aconteceu uma janela ficar aberta durante dois ou três dias e os pianos ficaram completamente encharcados de humidade e não tocavam.

Em termos de desvantagem, sempre apontamos a falta de autonomia (não é autonomia, porque nós no fundo temos autonomia), ou seja, no fundo a falta de um apoio e de termos mais poder, de sermos mais autónomos, não administrativamente, mas no que toca à nossa gestão. Ao longo do tempo fomos sendo, cada vez mais, só mais um departamento. Passam-se por vezes anos letivos seguidos em que não há um elemento do conselho executivo que se dirija ou que assista a uma audição. Chegamos a convidar os professores do conselho executivo, inclusivamente para uma audição de que me recordo (sempre com muita mágoa), porque foi a audição das classes de conjunto em que todos os alunos estiveram presentes (todos os coros, orquestras - todos os alunos à partida estiveram representados e participaram) e não apareceram pura e simplesmente. Portanto, isto no fundo denota muita falta de interesse. Por exemplo, vamos ao conselho executivo falar de uma questão que nos é pertinente, ou muito importante, mas a conversa acaba por “cair em saco roto”, não têm sensibilidade. Essa é uma das desvantagens, o facto de termos perdido a nossa autonomia e não sermos valorizados nem respeitados pelo nosso tipo de ensino que é muito específico.

7. O que tem a dizer sobre o funcionamento do mesmo dentro da Escola Tomás de Borba?

AA: Gostava de fazer essa pergunta a um colega do ensino regular, porque sei que há colegas que esperavam mais e, no fundo, não estou só a culpar os outros, mas também a nós mesmos. Por exemplo, como é que se entende que havendo a turma do 5º ano ou do 6º ano de escolaridade com a turma toda a estudar música não haja uma iniciativa em que aqueles alunos toquem ou que se faça uma atividade em que se ponham a render esses talentos? Ou seja, há também um voltar de costas do

conservatório, acabamos por nos acomodar e por ficar no nosso cantinho, enquanto tem havido iniciativas muito interessantes em que não participamos. No ano passado, estava planeado para Março, com o grupo de inglês, que é um grupo extremamente dinâmico, promover a realização e dramatização de um conto, em que alguns alunos iam tocar e cantar. Esta iniciativa surgiu porque na reunião de avaliação de Natal a professora de inglês falou na iniciativa e pediu a nossa colaboração. Acabou por não dar em nada devido à pandemia, mas por vezes falta a iniciativa, falta alguém que dê o mote e alguém que diga “ok vamos fazer”. Quer dizer, às vezes há iniciativas que são interessantes e em que há vontade, mas da parte da escola não há esse alinhamento, não há essa partilha.

Os horários dos professores são desfasados, e chegam-se a passar semanas (para não dizer meses) em que não encontro colegas, que sei que estão nesta escola (só basicamente nas reuniões de avaliações), ou seja, a escola é muito grande e tem um horário de funcionamento desde as oito da manhã às sete da noite. Acho que no princípio sentíamos que estávamos a mais.

8. Que melhorias houve? O que poderá ser melhorado?

AA: Não quero ser muito negativista, mas antes eramos poucos e o edifício era muito familiar, apesar das más condições que, por acaso, por todos os conservatórios por onde andei eram instalações semelhantes. Por exemplo, o conservatório de Ponta Delgada também era numa casa de moradia e, até a própria escola superior era numa casa com umas salinhas e uns quartos. Portanto, isso promove um ambiente familiar, em que as pessoas acabam por criar relações quase familiares. Aqui é uma escola muito grande e, o facto destes corredores da escola serem usados também por alunos que não são do ensino artístico, sempre nos irritou muito. Eu percebo que para os alunos de educação musical as salas de aula tenham condições para a disciplina. Portanto, a escola não é minha, a sala não é minha, e noto que há maior desgaste. A questão de haver aulas que não são especificamente do ensino artístico sempre nos deu uma certa preocupação, ou seja, de salvaguardar o que é nosso.

9. Têm sido organizados cursos e outras atividades de atualização pedagógica? Acha que o Conservatório tem apoiado a formação dos professores?

AA: Não, de todo. A formação que o Antero Ávila por vezes dá de notação musical, com o *finale*, não é uma formação na nossa área, especificamente sobre didática da música ou novas formas de abordar determinadas coisas. Não. Sei que a nível deste problema não se passa só na música, pois, mesmo nas outras áreas disciplinares também é difícil ter formação só específica na sua área, matemática, geografia, etc., mas a música se calhar não podia ter embarcado no mesmo barco que os outros. Para nós era importante trazer músicos, trazer pessoas que trabalham até mesmo técnicas de relaxamento, ou seja, há tanta coisa que se podia fazer. Por vezes temos que propor, mas mesmo que se faça uma proposta... Penso que a última formação específica que tivemos foi com a professora Cristina Brito da Cruz. Foi interessante, mas já foi há 6 ou 7 anos. Foi específico e quem participou adorou, mas é muito importante que se faça este tipo de formação, anual ou mesmo bianualmente.

10. O Conservatório tem apoiado as bandas, grupos corais e outras atividades de cultura popular no domínio da música?

AA: Tem havido colaborações, não da escola enquanto instituição, mas dos professores, que por acaso trabalham na escola e de forma particular. Por exemplo, a questão dos campos de férias, tudo o que tem havido tem sido sempre, ou por iniciativa de filarmónicas, no caso de Santa Bárbara, que já promoveu uma ou duas iniciativas (não sei se fizeram uma 3ª edição), mas particularmente se calhar utilizaram as instalações do conservatório, mas não é o conservatório a tomar a iniciativa e a trazer os professores e os alunos, é sempre de uma forma isolada.

11. Como definiria o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

AA: No fundo para mim o Conservatório é uma escola de ensino artístico específica onde se trabalha de uma forma muito séria e onde se pretende formar alunos, futuros músicos profissionais ou público/amadores, e fazendo tudo por tudo para que eles alcancem os seus objetivos, ou seja, dar-lhes as condições para que eles possam

prosseguir os seus estudos, ou virem a ser um público bem formado em música. Para isso temos que dar formação nas aulas, promover ações de formação, masterclasses, workshop's, etc., abrir horizontes e não estar fechados sobre si mesmos (não ser aquele aluno que toca do princípio ao fim do ano na sala com o professor e que não vai a audições). Quer seja em regime integrado ou articulado, ou em modalidade livre por especialidade, por modalidade, independentemente do tipo de ensino que é, os alunos têm de ser tratados com muita seriedade.

Ainda no ideal seria tentar não estar de costas viradas para o meio que nos rodeia e, neste edifício, parece que ficamos ainda mais fechados. Por um lado temos melhores instalações, mas, por outro lado, também nos fechamos um pouquinho sobre nós, porque anteriormente fazíamos as nossas audições no Teatro Angrense ou no Centro Cultural e era sempre um grande evento.

Atualmente como temos o auditório ficamos muito confortáveis no nosso espacinho na nossa escola, vimos dar as aulas e depois a seguir vamos fazer a audição, ou seja, acho que nos falta sair e mostrar e também partilhar mais a nossa experiência com outras instituições. Por exemplo, vejo com inveja (passo a expressão), o Conservatório de Ponta Delgada que realiza imensas atividades com as escolas do 1º ciclo, 2º ciclo, etc. - vai e mostra! Com Filarmónicas fazem imensas parcerias e, ainda este ano, no início do ano letivo e com as repercussões da pandemia, como não podiam comemorar o dia Mundial da Música de forma habitual, promoveram concertos no recreio de uma escola durante os intervalos com pequenos grupos de alunos e de professores - quer dizer, foi uma forma de lembrar o dia. Há esse sair, o esse querer mostrar.

Por vezes noto (e com pena) que os nossos professores de instrumento (alguns) ficam um bocadinho aquém do que seria o ideal, ou seja, acomodam-se - dão as aulas, acabam e vão à sua vida. Claro que não são todos! Há muitos professores que pegam nos seus alunos e que vão aqui e ali, mas podia ser uma coisa concertada. Quando tínhamos o conservatório enquanto instituição só nossa, trabalhávamos mais em conjunto, mas agora é mais ou menos cada um por si, estamos muito diluídos. Por exemplo, o professor Lázaro faz muito isso, sabe que nos lares de idosos gostam de receber alunos e leva os seus alunos de viola da terra e de guitarra. No fundo gostava que houvesse mais profissionalismo, mais exigência e iniciativas também, porque acho

que quando os alunos têm audições ficam entusiasmados e motivados, salvo exceções que não querem tocar porque têm pânico. Mas regra geral, a audição funciona com esse motor, portanto tinha que se fazer mais e com mais qualidade também. Sei que os momentos são difíceis e que os alunos não querem estudar, alguns estão inscritos, não estudam, mas depois a avaliação não espelha isso. E a avaliação tinha que mostrar: “ok, não estuda, ou vai passar a estudar ou então tem que desistir”, claro que também não podemos estar sempre a pôr os alunos pela borda fora, mas temos de tentar motivá-los (acho que passa tudo pela motivação).

♪ Entrevista à professora Ana Paula Rodrigues

1. Como surgiu a oportunidade de se tornar Presidente do Conselho Diretivo do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

Ana Paula Rodrigues (APR): O Diretor Regional da Educação, com o apoio do Secretário Regional da Educação e Cultura, tomou a decisão de substituir o Conselho Diretivo do Conservatório, devido às divergências entre o Conselho Diretivo e a Direção Regional, a respeito da colocação de professores. Como não havia professores com habilitação profissional dentro do Conservatório (com exceção da presidente do antigo Conselho Diretivo, professora Luísa Leal), o Diretor Regional optou por convidar inicialmente duas pessoas que recusaram, acabando por recorrer à minha pessoa. Assim, fui nomeada Presidente do Conselho Diretivo em Setembro de 1993.

Ter alguém à frente da escola de música que não tinha formação em música foi sempre um assunto polémico.

No meu primeiro ano, não consegui arranjar três pessoas para estar comigo no Conselho Diretivo, mas o professor (também aluno!) José João Silva aceitou. Muitos professores, que apoiavam a professora Luísa Leal, não aceitaram muito bem a minha presença por não ser de música.

É evidente que tive de estudar, além de gestão escolar, todos os planos de estudo do ensino da música, bem como conhecer os programas a fim de entender como as escolas de música funcionavam minimamente. Isto numa altura em que o ensino da música em Portugal ainda estava muito desorganizado, tendo sido um processo que me deu muito trabalho, mas com o qual também aprendi e evolui muito.

No segundo ano do mandato já consegui os três elementos para o Conselho Diretivo, eu, a professora Anabela Albuquerque (que tinha a parte didática e pedagógica) e o professor, mas também aluno, José Corvelo. Naquela altura, o que mais acontecia era haver professores que ainda eram alunos, mas que também já lecionavam.

2. Em que situação se encontrava o Conservatório em termos de localização, instalações, professores, alunos, etc.?

APR: O Conservatório era gerido um pouco de forma “doméstica”. Não era bem uma escola. Por isso, o Diretor Regional da Educação queria de certa forma também “arejar” esta escola de música. Efetivamente a Direção Regional da Educação quis dar uma volta à situação do Conservatório.

Quando cheguei ao Conservatório apercebi-me não funcionava como uma escola. Não havia organização a nível das coisas mais simples como: os professores assinarem sempre o livro de ponto nas horas das aulas ou marcarem sempre as faltas aos alunos; também algumas pautas por assinar pelo órgão diretivo (se não fossem assinadas não tinham legalidade), notas de alguns alunos ou de disciplinas por lançar, etc.

Quando cheguei em Setembro, não havia nenhum professor contratado (atendendo que tinha havido a referida divergência).

Como Presidente convoquei reuniões gerais, que penso que não eram habituais (nos arquivos do Conservatório não constavam atas relativas a esta situação). Reuniões que, pelo menos no início do ano letivo, tinham de ser feitas. Um dos pontos sempre presente era a chamada de atenção aos docentes, que primeiro eram professores e que apesar de serem artistas e músicos, tinham a função de ensinar música, e serem educadores. Essa era uma das dificuldades na gestão do Conservatório... No entanto, a maior parte foi-se habituando.

3. Que contributos deu para o Conservatório? Que melhorias houve durante o seu mandato?

APR: Recebíamos muita correspondência no Conservatório, de pessoas a proporem-se, normalmente estrangeiros, para lecionar no mesmo, nomeadamente muitos italianos, mas em maior número de ucranianos. Portanto, essas propostas, muitas traduzidas em inglês (nomeadamente dos ucranianos) diziam as suas habilitações e experiência profissional e foi a partir daí que o Diretor Regional disse que íamos tentar, com o estatuto de professor convidado, aceitar alguns estrangeiros. Nesse ano (1993/94) vieram alguns professores italianos logo no início. No 2º período chegou um grupo de professores ucranianos.

Portanto, um dos contributos foi aumentar o número de professores. No ano letivo de 1994/95 tínhamos 32 professores. Quanto aos professores convidados, todos tinham habilitação própria, mas tinham de fazer o reconhecimento das suas habilitações e isso levou alguns anos. Contributo: mais professores com habilitação própria, embora fossem estrangeiros com o estatuto de professor convidado.

Passamos a ter mais alunos, perto de uns 500, tendo sido necessário pedir mais salas, porque não havia suficientes, sobretudo porque as aulas se concentravam a partir das 17 às 22 horas. Nesse ano o Conservatório, além de funcionar no edifício do Corpo Santo, também passou a funcionar em quatro salas e num gabinete do Anexo da Secundária (palacete, onde funciona a Direção Regional da Cultura atualmente), tendo sido necessário colocar um funcionário de apoio neste edifício.

Quando alguém da área da música vinha à ilha, tentava sempre que dessem formação no Conservatório. Por exemplo, soubemos que o pianista e professor Jorge Peixinho era muito bom e que vinha à ilha dar um concerto. Falamos com ele e pagamos o resto da estadia para que desse uma formação.

Fez-se, e acho que nunca se tinha feito, pelo menos não vi nos arquivos desta escola, o plano anual de atividades do Conservatório. Dentro destes planos de atividades estavam incluídos os concertos, da temporada musical dos Açores promovida pela Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), que integravam músicos do Conservatório. No início do ano tínhamos uma reunião na DRAC, que incluía os três conservatórios, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, Horta e Graciosa (academia de música), e nessa temporada musical era proposto um programa com vários concertos nas várias ilhas. Alguns desses músicos, que vinham para a temporada musical, aproveitavam-se para darem formação.

Passou a haver diretores de turma, que tinham por base as disciplinas com mais alunos: formação musical e piano. A verdade é que os professores não gostaram, embora preenchesse duas horas nos seus horários, mas os pais/encarregados de educação e a própria escola queriam saber informações e ninguém sabia responder porque ninguém era responsável.

4. Como surgiu a ideia ou como souberam dos professores de Leste para virem dar aulas de música?

APR: Através das propostas enviadas por correio para o Conservatório.

Havia muitos instrumentos que não abriam porque não havia professor, e nós tínhamos que estudar e aceitar aqueles em que tínhamos a ideia que íamos ter alunos, ou porque havia alunos já em algumas disciplinas. Claro que o piano era sempre o que tinha muitos alunos.

Os professores de Leste não vieram logo no início do ano letivo, porque só podiam entrar em Portugal se tivessem uma proposta de trabalho. O que é que nós tínhamos de fazer? Entre outras coisas, mandar-lhes essa proposta para darem aulas no Conservatório, normalmente por fax. Só depois disso é que os professores podiam tratar da documentação para virem para Portugal. A maior força de professores ucranianos veio em Janeiro de 1994.

5. Que vantagens ou melhorias advieram dessas contratações?

APR: Aumentou o número de alunos, qualidade do ensino e exigência. Tudo isso foi notório e também a nível cultural houve uma maior movimentação na cidade. A partir daí também se formou a orquestra que ficou designada por Teatro Angrense. Esta ideia de criar uma orquestra esteve sempre presente, proposta julgo que pela Direção Regional da Cultura e da Educação. Falaram nessa ideia e tiveram isso em conta nas contratações porque havia determinados instrumentos, como no caso do contrabaixo, que não tínhamos muitos alunos, mas que era preciso para a orquestra.

6. O que foi necessário fazer para que esses professores se adaptassem a uma nova língua e cultura?

APR: Esses professores não sabiam falar português e uma das coisas que o Conservatório assumiu foi arranjar uma professora de português da Secundária que lhes viesse dar aulas de português. Acho que as aulas eram 2 ou 3 vezes por semana. Tinham muita vontade de aprender e rapidamente começaram a se entender com os alunos. Quando estes professores começaram a dar concertos é que se começaram a

fazer notar na sociedade angrense. Nós, Conselho Diretivo, fomos buscá-los ao aeroporto e organizámos tudo para os receber, como arranjar casas, etc.

7. Que dificuldades advieram dessas contratações?

APR: A primeira dificuldade era conseguir fazer essas pessoas chegar a Portugal, que levou vários meses a se processar e acabaram por chegar a meio do ano letivo. Portanto, precisavam de ter um contrato de trabalho e isso demorou bastante tempo, porque não havia os meios de comunicação que há hoje. Depois, claro que houve a dificuldade da língua inicialmente. Era difícil entenderem-se com os alunos. Depois de contratados tinham de começar a dar aulas e não podiam estar à espera de aprender português. Claro que todos demonstraram muita vontade e tentaram logo aprender aquelas palavras básicas para poderem comunicar.

Outras dificuldades, os métodos de ensino, ainda de cariz soviética. Por um lado, os alunos não estavam habituados a tanta exigência, e depois também aos métodos que nós não utilizávamos, num país democrático. Tem a ver com isso e com a própria formação cultural dos povos de leste em que a música para eles é fundamental. Não só a música, são muito exigentes em todos os aspetos da vida e na música são iguais.

8. Como foi a adaptação dos alunos a esses novos professores?

APR: Ninguém estava habituado àquela exigência e os alunos e os pais várias vezes vinham reclamar. Nas aulas individuais é sempre muito difícil saber o que é que se passa, pois está só o aluno e o professor. A verdade é que tinham uns métodos diferentes de ensinar que faziam com que alguns alunos se queixassem, por exemplo diziam que batiam nas mãos, nomeadamente nas aulas individuais de piano. Muitos alunos diziam que estavam em piano só para ter um bocadinho de música, mas para esses professores o normal era ser-se exigente desde início. Eram professores que tinham sido formados num sistema soviético, mas também é uma questão cultural, porque muitos aprenderam música, não só porque queriam ser músicos, mas porque estava na cultura deles. O que mais acontece é terem outra formação, mas saberem música na mesma e, para eles, reprovar um ano letivo era uma autêntica vergonha,

achavam e acho que continuam a achar, embora já nem tanto. Alguns adaptaram-se melhor e, portanto, não viam a música como um apêndice do ensino, pois para eles era fundamental. Então isto levava a que alguns alunos no ano a seguir já não quisessem os professores ucranianos, porque eram muito exigentes e queriam os outros que eram um bocadinho mais brandos, mas depois as pessoas quando começavam a ver as audições, começavam a ver alguma diferença.

9. Havia mais procura de alunos interessados em ter aulas de música?

APR: O número de alunos subiu. Os instrumentos que tinham mais pessoas inscritas eram o piano e o curso livre de viola regional. A guitarra clássica também tinha muita procura.

As audições eram realizadas no Teatro Angrense.

10. Em que ano deixou a presidência e quem se lhe seguiu?

APR: Em 1995 e seguiu-se a Professora Teresa Bettencourt.

➤ Rascunho cedido pela ex-Presidente Ana Paula Rodrigues

Reunião do início do ano letivo (30-9-1994)

Apresentação dos novos colegas e do Conselho Diretivo. Momento de reflexão sobre o vosso trabalho como professores, músicos e educadores. Tomo a liberdade de partilhar algumas ideias ou preocupações deste momento, embora não seja músico.

1 - Embora no ensino em geral a música continua a ser um “parente pobre”, o Conservatório nem por isso deixa de ser um estabelecimento de ensino de pleno direito no processo educativo e de grande importância na formação equilibrada da pessoa em qualquer fase da sua existência.

2 - Cada um, além de profissional da música, é sobretudo educador da juventude. Não estamos só a trabalhar por imperativo ou necessidade económica exclusivamente, mas porque gostamos de ensinar, educar. Educar através de uma disciplina que não é

obrigatória, como Português, Matemática ou Física, por exemplo, trata-se de um ensino escolhido pelos alunos e quando se escolhe naturalmente é por gosto. Esta realidade dá ao professor, por um lado, uma maior possibilidade de exigir ao aluno a consequente resposta a esta opção, por outro lado, a satisfação de estar a ensinar crianças ou adultos que livremente e com gosto aprendem a se dedicar à música.

3 – Embora o ensino da música continue desorganizado, mal estruturado, com grandes indefinições, cada escola dentro do possível deve tentar assumir certa autonomia pedagógica. Neste caminho, às vezes longo, encontram-se os critérios de avaliação, o nível global de exigência e uma certa uniformidade entre todos os setores dentro da mesma escola. Na verdade, será deseducativo que no mesmo estabelecimento de ensino as notas do professor A sejam sistematicamente de 8 a 13, as do professor B de 10 a 20, as do piano de 5 a 14, por exemplo, etc. Ora, o elemento mais importante para encetar este caminho é a colaboração entre todos os professores que possibilita uma certa organização entre os setores mais numerosos (Formação Musical e Piano), com uma definição de uns tantos parâmetros comuns à avaliação de conjunto da escola. Os alunos têm de sentir este mínimo de uniformidade nos critérios de avaliação nas várias disciplinas. Também será salutar que os alunos sintam que, da mesma maneira que na Escola Preparatória ou Secundária têm um programa obrigatório anual que irá condicionar a passagem de ano, assim o Conservatório tem um programa mínimo a cumprir que lhes é anunciado no início do ano. São sobretudo as disciplinas instrumentais em que facilmente se pode cair numa excessiva flutuação entre o 1º e 5º grau. Deste modo, ao confrontar-se com o programa anual o aluno saberá o que lhe é exigido para passar, poupando ao professor o papel de “mau da fita”. É neste sentido que os setores mais numerosos (Formação Musical e Piano) terão reuniões periódicas para verificação de programação e acerto de critérios de avaliação. Finalmente, uma referência às disciplinas instrumentais, em que a aprendizagem não se limita às paredes da sala de aula, mas que tem de revestir um caráter de provas públicas, exame ou simplesmente audição. Assim submeto à vossa consideração que se estabeleça um plano de audições, não só para o piano mas para outros instrumentos em que o aluno tenha de executar o programa obrigatório.

APR: Foi uma reunião com propostas. Foi difícil acertar os critérios de avaliação nesse ano, porque uns davam sempre as mesmas notas, outros davam notas muito altas, e não havia um guião, critérios. Os pais pediam justificação e normalmente nas escolas há critérios de avaliação, para haver uns critérios mais uniformes. Que eu conhecesse não havia antes, fez-se alguma coisa, mas também não ficaram muito definidos. Precisava-se dos professores para se fazer isso.

♪ Entrevista à professora Teresa Bettencourt

1. Como surgiu a oportunidade de se tornar Presidente do Conselho Diretivo do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

Teresa Bettencourt (TB): Surgiu a convite da Secretaria Regional de Educação, através do Secretário Regional, dado que, naquela altura, não havia ainda professores profissionalizados na área artística e valeram-se de docentes da Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade que já tivessem alguma experiência de direção. Assim sendo, houve uma colega minha, também da Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade, que esteve nesse cargo nos dois anos anteriores a mim. Nessa altura já me tinham contactado mas, por motivos familiares (de doença de um familiar) não pude aceitar; quando a minha colega acabou o seu destacamento, contactaram-me novamente e eu aceitei. De qualquer modo não foi requisição, foi destacamento porque quem me ficou a pagar o vencimento continuou a ser a minha escola. O Conservatório só me pagava a gratificação respeitante ao cargo de Presidente do Conselho Diretivo.

2. O que achou do Conservatório naquela altura? Nomeadamente em termos administrativos.

TB: Eu não tinha experiência da área artística, embora estivesse ligada à música há muitos anos, a nível amador. Estava então matriculada no Conservatório como aluna uma vez que a vida familiar já me proporcionava mais tempo para mim, e tinha gosto em aprofundar os meus conhecimentos na área da música. Concluí o curso básico com os exames do 5º grau e concluí a maior parte das disciplinas do Curso Complementar. Quando me surgiu a oportunidade de ser Presidente, como era uma área que me era querida, resolvi aceitar. Achei que era um desafio. Deu muito trabalho porque a legislação por que se rege a área artística é bastante diferente da que estamos habituados no ensino regular, apesar de na altura já ter 17 anos de experiência como docente e de ter sido vogal do Conselho Diretivo da minha escola durante dois anos na década de 80.

O Conservatório, o que é que eu achei? Achei que estava numa fase em que era preciso desenvolver-se mais e ganhar autonomia, sobretudo em termos de profissionalização de professores para os quadros, porque funcionava com algumas pessoas que eram amadoras e que não tinham propriamente grande experiência, nem cursos superiores. Em relação à parte dos professores estrangeiros, que tinham estatuto de professores convidados, vieram sem dúvida enriquecer todo o ensino musical aqui na região. Já tinham começado a ser contratados pela minha colega nos dois anos anteriores e dei seguimento a esse trabalho. Tratei dos contratos de alguns professores, como foi o caso do professor de piano, Grygoryi Grytsyuk, o irmão do professor de violoncelo, Orest Grytsyuk que já estava cá, o professor de contrabaixo, Oleksandr Storojuk e a mulher Oksana, professora de bandolim. Sem dúvida, acho que essas contratações, esses convites que foram feitos e aceites, mediante propostas previamente recebidas, vieram dar um incremento e a partir daí penso que começou a haver uma maior frequência de alunos nessa escola, pois a oferta era maior e mais variada. Foi o ponto que para mim considerei mais positivo. Mais tarde, foi aberta a possibilidade de esses professores fazerem a profissionalização em exercício através da universidade de Aveiro e tinham de fazer cadeiras teóricas (como acontece em qualquer estágio profissional do ensino regular) e depois também ligados à disciplina deles. Mas foi tudo um pouco incipiente porque era um tipo de profissionalização que tinha de ter algumas regras especiais, dado o tipo de ensino que era, de ensino artístico. Era uma aproximação do que se faz no ensino regular com algumas adaptações depois para a área específica da parte artística.

3. Como foi presidir uma escola de música?

TB: Foi uma experiência interessante, gostei muito. Deu-me muito trabalho, porque, como professora do ensino regular, apesar de estar por dentro da legislação e de muita coisa, tive de fazer muito “TPC” a partir do momento que me convidaram e isso foi antes do verão (leve para casa *dossiers* para ler e me inteirar das especificidades da área artística). Quanto à questão da parte administrativa, confesso que não dominava de todo, mas tive a ajuda de funcionárias com muita experiência que foram uma ajuda preciosa. De resto foi muito gratificante, gostei muito da experiência

e de ter tido essa possibilidade de mudar de ambiente por dois anos, foi como uma lufada de ar fresco.

4. Que dificuldades sentiu durante o seu mandato como presidente do Conselho Diretivo?

TB: Primeira coisa foi a adaptação, mas valeu-me o facto de ter conhecimentos musicais e de ter gosto e alguma sensibilidade para a área da música, pois creio que quem não estivesse minimamente familiarizado com a área artística/ musical teria mais dificuldade em se encaixar neste cargo. No Conservatório os professores vão ter connosco e expõem problemas que têm, coisas que gostariam de ver resolvidas, e ainda é preciso lidar com os próprios alunos e seus encarregados de educação. A minha experiência prévia na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade estava ligada à área de alunos, porque dentro do Conselho Diretivo havia funções específicas e, nos dois anos que lá estive, era responsável pelos alunos dos cursos diurnos. Portanto, eu tinha experiência de lidar com situações de alunos, embora aqui fosse um bocadinho diferente. Atendia encarregados de educação quando havia qualquer tipo de questões, ou alunos que iam à Direção para tirar dúvidas ou procurar aconselhamento por ocasião das matrículas, etc. (tinha de estar por dentro dos assuntos para os poder informar). Não posso dizer que foi difícil pois, como em todas as coisas que não conhecemos, é tudo uma questão de algum período de adaptação.

5. Que contributos deu para o Conservatório de Angra? Que melhorias houve?

TB: Durante dois anos fui Presidente do Conselho Diretivo e também professora dos alunos de Canto que têm de ter línguas estrangeiras no currículo. Portanto, não obedecendo de todo ao programa que nós temos na Secundária, que é muito mais exigente, os alunos de Canto têm de ter noções básicas do funcionamento da língua italiana e da língua alemã. Como a minha área está relacionada com o ensino do Inglês e do Alemão, dei aulas de Alemão a alguns alunos de Canto e partilhei essa experiência com a professora Luísa Alcobia Leal que, para além de ser professora de Canto, também tinha uma licenciatura na minha área. O facto de ter lecionado foi muito importante

para mim, pois não deixei de todo a parte letiva de que tanto gostava. Gostei de trabalhar com os alunos de Canto, porque eram turmas pequeninas (com 4-5 alunos), que não tem nada a ver com os nossos vinte e tal alunos do ensino regular, foi um ensino quase individualizado.

Contribuí como docente e também como diretora, por exemplo no relacionamento profissional e atendimento dos professores nacionais e estrangeiros (os problemas que tinham e que queriam resolver, horários, funcionamento das aulas, entre outros). Exemplificando, era por vezes necessário conceder horas extraordinárias para os professores de instrumento porque era grande a procura dos alunos dessa área. O facto de as aulas de instrumento funcionarem em regime individual (diferente da Escola Secundária porque funcionamos em turmas) os professores, para além do seu horário normal, podem ter mais um x número de horas extraordinárias, as quais o presidente tem competência para autorizar. Havia professores que chegavam a ter um horário de 30-32 horas! Já não me recordo com precisão mas, creio que a partir de 28 horas, eu já teria de pedir autorização à Secretaria Regional de Educação e, depois de analisado o pedido, com a respetiva exposição da necessidade para tal, seria deferido ou não deferido. Mas dada a grande procura de alunos desses instrumentos, teria de funcionar assim. Por exemplo, o professor Mikhayl Roussal, professor de Flauta Transversal, era o único que lecionava esse instrumento, tal como no caso da disciplina de trompete que era lecionada apenas pelo professor italiano Massimo Spiga. Portanto, eu era o elemento que servia de intermediário entre o desejo dos professores e a Secretaria da Educação, pois o pedido de autorização tinha de passar por mim, às vezes essa decisão final da tutela também dependia do orçamento.

6. Fale-me do processo de contratação dos professores estrangeiros e da adaptação dos mesmos à ilha.

TB: Eu acho que têm uma grande capacidade de adaptação à ilha, estou pensando no professor Grygoryi Grytskyuk. Foi uma das contratações que eu assinei, salvo erro em Janeiro de 96 ou 97, agora não posso precisar, mas sei que foi no início do ano civil quando veio para cá. Ele não sabia uma palavra de português, mas dominava alguma coisa de inglês. Já se sabe que, para os professores ucranianos, o inglês não é o seu forte, devido ao fechamento entre o Ocidente e a União Soviética antiga (daí que não

dominavam muito essa língua). Mas Grygoryi Grytsyuk é um exemplo daqueles professores que em pouco tempo conseguiram integrar-se, aprender a língua e fizeram um ótimo trabalho no meio de tudo isso.

Acho que elevaram, sem dúvida, o nível dos nossos alunos, tanto que já há uma geração atual de ex-alunos que completaram o seu Curso Superior de Música e agora são professores do Conservatório, estou a pensar no Paulo Borges que é professor de Trompete e no Rodrigo Lima que é professor de Flauta Transversal. Também, embora não tivessem feito Curso Superior refiro, entre outros, os casos da professora de piano Cristina Pureza que concluiu o Curso Complementar da disciplina de Piano, assim como o Francisco Rocha e o Raúl Cardoso. As aulas que tiveram com esses professores estrangeiros enriqueceu-os na sua prática e hoje em dia são excelentes professores do seu instrumento. São pessoas que conseguiram adquirir um nível de conhecimentos muito bom graças a esses novos professores.

7. Como foi a adaptação dos alunos a esses novos professores?

TB: Acho que conseguiam motivar os alunos, tanto que o número de matrículas na altura das inscrições aumentou e esses professores demonstravam bem o fruto do seu trabalho.

Com o contributo dos professores que apresentavam as suas propostas de programa com os alunos intervenientes, organizávamos diversas audições de alunos, quer no Natal quer na Páscoa. A Câmara fazia muitas parcerias connosco, cedendo o seu Salão Nobre para os eventos. Os alunos estavam preparados para tocar um x número de peças. As audições eram ou só de instrumento ou de classe de conjunto de 2 ou mais instrumentos.

Também tínhamos uma participação ativa anual, eu e os meus colegas que eram diretores de conservatórios de outras ilhas, nomeadamente Horta e Ponta Delgada, acho que na altura da Primavera. Qual era a nossa função? Era levar a essas reuniões com a Diretora Regional dos Assuntos Culturais as propostas de concertos dos professores do conservatório, deles exclusivamente, não de alunos, e que se iriam integrar na chamada Temporada Musical da DRAC. Essa temporada musical da DRAC era extensiva a várias ilhas do arquipélago, não se ficava só pelas ilhas onde havia

conservatórios, houve concertos em São Jorge, Graciosa, até nas Flores. Levávamos as propostas dos professores dos vários instrumentos, sendo analisada a viabilidade da realização de um concerto de um determinado instrumento numa determinada ilha. Vamos imaginar, por exemplo, uma ilha em que se sabia que não havia piano próprio para um concerto desse instrumento, então teriam de ser aceites propostas de professores de outra área, por exemplo flauta, violino, etc. Depois de ser feito o estudo, era comunicado ao Conservatório o que tinha ficado aceite e para quando, e depois discutir datas. Era uma outra participação ativa que os conservatórios tinham nesse sentido. Nessa altura havia uma verba específica para isso. A temporada musical era quase sempre no Palácio dos Capitães Gerais e tínhamos de pedir autorização para a cedência do espaço. Todo e qualquer concerto que fosse para funcionar no Palácio dos Capitães Gerais tínhamos que pedir autorização ao Governo Regional dos Açores, em São Miguel. Nos outros casos não.

No fim do ano fazíamos audição final de alunos no Teatro Angrense, fazíamos convites e dava muito trabalho elaborar o programa nomeadamente fazer o encaixe de todas disciplinas (Ballet inclusive) e do tempo de duração de cada interveniente, dado o elevado número de participantes. Sem dúvida, era a oportunidade por excelência de se mostrar à comunidade a qualidade de trabalho desenvolvido ao longo do ano com alunos de várias faixas etárias, crianças, adolescentes, jovens e até alguns adultos.

8. Havia mais procura de alunos interessados em ter aulas de música?

TB: Sim. A partir daí acho que houve uma motivação, e o nível dos alunos em termos de qualidade da sua performance foi melhorando. Ficaram motivados a seguir cursos superiores, a irem para a Escola Superior de Música. Por exemplo, o professor Antero Ávila que fez o Curso Superior de Composição e que é um excelente compositor e não só. O Francisco Rocha, embora não tenha seguido um curso superior, também é um excelente exemplo. Foram alunos nossos do Conservatório e hoje em dia já estão com um papel muito importante, por exemplo na orquestra do Angra Jazz. Há também a filarmónica do Porto Judeu em que o maestro é o Francisco Rocha, a qual tem um nível de escolha de peças e de execução que aqui há alguns anos atrás seria impensável para um grupo de freguesia rural. Portanto, veio a beneficiar por arrasto outras pessoas e mesmo as próprias filarmónicas aqui da ilha passaram a ter muitos alunos que foram

alunos do Conservatório e que integram as filarmónicas completamente “às cegas” sem saber música.

9. Em que ano deixou a presidência e quem se lhe seguiu?

TB: O nosso trabalho de destacamento são dois anos letivos, pelo que o meu destacamento deu-se em 1995-96 e 1996-97. Poderia ter sido renovado, mas também já tinha saudades da minha escola e da minha área de trabalho.

Mudou a tutela da Secretaria da Educação, passou para outro secretário e diretores regionais e escolheram outro professor, o qual, porém, creio que não tinha conhecimentos na área musical e os professores estrangeiros estranharam inicialmente aquele primeiro impacto, pois estavam habituados a lidar comigo há 2 anos e já tínhamos criado laços de amizade.

Sei que foi o professor Dionísio Silveira que, em princípio, me substituiria nos dois anos letivos seguintes.

♪ Entrevista ao professor Dionísio Silveira

1. Como surgiu a oportunidade de se tornar Presidente do Conselho Diretivo do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo e em que ano letivo?

Dionísio Silveira (DS): Foi no ano letivo de 1997-1998. Quando acabou o ano letivo anterior, a Sra. Diretora Regional da Educação, Dra. Isabel Rodrigues, convidou-me para o cargo com o intuito de pôr um pouco de ordem no Conservatório. Isto porque havia questões que passavam à margem da lei, e esta tinha de ser, obviamente, uma escola que funcionasse dentro da lei. Basicamente era uma escola que vivia afastada das outras escolas, o que criou um modo de trabalhar e atuar “sui generis”, vivendo assim durante muitos anos. Na altura havia problemas de legalidade sobre equiparação e equivalências de habilitações. Creio ter sido facto de eu ser licenciado em Administração Escolar que fez a Sra. Diretora Regional da Educação me convidar para o cargo, assim como já ter experiência de Conselho Diretivo na Preparatória de Angra.

Para fazer equipa comigo no Conselho Diretivo convidei dois colegas da área da Música, o professor Anthony Barcelos e a professora Alexandra Machado, colegas que conhecia da Preparatória de Angra, e que já tinham trabalhado no Conservatório. Eu precisava do conhecimento específico de que eram portadores. Entramos na fase da feitura dos horários, já concebidos com uma filosofia ligeiramente diferente, o que criou alguns problemas no corpo docente, mas mudanças criam problemas. Felizmente para mim, que não tinha ligações afetivas ao Conservatório, foi mais fácil ir resolvendo os problemas. E foram seis a sete meses na Direção.

2. Como se encontrava o Conservatório nomeadamente em termos administrativos?

DS: Havia problemas acumulados ao nível administrativo. Muitas coisas se resolveram e muitas eventualmente ficaram por resolver. A própria parte física do Conservatório estava muito decaída. Ao entrar no Conservatório sentia-se que este era um lugar escuro e triste. A primeira vez que lá entrei fez-me impressão essa escuridão e, como funcionava bastante em período tarde-noite, das primeiras coisas que fizemos foi clarear, colocaram-se lâmpadas, pintou-se de branco, puseram-se quadros grandes

que fomos pedir à Delegação do Turismo com fotografias dos Açores para ver se melhorava o ambiente de trabalho. Infelizmente foi uma luta que durou pouco tempo, porque logo de seguida, chegado a Janeiro convidaram-me para presidir o Serviço Regional de Proteção Civil. Ao sair fui substituído na presidência pelo até então vice-presidente, professor Anthony Barcelos. Na altura em que saí o ano letivo já estava em “velocidade cruzeiro”, ou seja, aqueles problemas iniciais de montagem do ano letivo já tinham sido ultrapassados.

3. Sentiu dificuldades durante o seu mandato como presidente do Conselho Diretivo?

DS: As dificuldades eram muito de ordem legal e relacional. Empenhei-me em resolver os problemas das equiparações e equivalências de habilitações, mas não havia formas legais claras para os resolver. Com a ajuda da Sra. Diretora Regional da Educação, alguns professores ficaram com a sua situação regularizada, até porque já dispunham das condições exigidas para o efeito. Isto ocupou muito tempo e consumiu muita energia. Na altura a Direção Regional ajudou-me naquilo que podia, mas também havia algum desconhecimento, no sentido de nos querermos basear numa legislação genérica, que não se aplicava à especialidade em causa. Naquela altura os Conservatórios pareciam filhos de um deus menor.

4. Em que ano deixou a presidência e quem se lhe seguiu?

DS: Fui substituído na presidência do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo, pelo até então vice-presidente, professor Anthony Barcelos em 26 de janeiro de 1998.

♪ Entrevista ao professor Anthony Barcelos

1. Como foi presidir uma escola de música? Contributos e dificuldades.

Anthony Barcelos (AB): Na altura em que presidi o CRAH foi elaborado o primeiro Regulamento Interno do Conservatório Regional.

Foi criada a extensão do Conservatório no concelho da Praia da Vitória em 1998 na EBI 2, 3 ciclos Francisco Ornelas da Câmara.

Aos professores convidados, foi-lhes solicitado para eventuais contratações: o reconhecimento ou equivalência dos seus cursos tirados nos seus países de origem; uma prova de língua portuguesa e o reconhecimento de autorização de residência. Felizmente essas contratações na maior parte dos professores confirmaram-se, tendo os mesmos sido integrados no quadro do Conservatório.

Criaram-se espaços lúdicos para professores e alunos: biblioteca, espaço de informática com *software* musical e outras atividades. Foi adquirido material didático nomeadamente: partituras para todas as disciplinas, aparelhagens de som para as salas, quadros, *posters*, vídeos, etc. Também pela primeira vez foram distribuídas verbas pelos vários grupos disciplinares, para que adquirissem o material necessário/indispensável para um melhor desempenho na sua disciplina de forma a colmatar algumas das suas antigas reivindicações.

Foram elaboradas pela primeira vez planificações assim como uma atualização dos programas das várias disciplinas.

Criaram-se os grupos disciplinares com eleição dos respetivos delegados representativos, tendo os mesmos lugar no conselho pedagógico (órgão que anteriormente não existia).

A reposição das aulas, cujos professores faltassem para participarem em concertos passou a ser uma realidade. Os docentes comprometiam-se assim a repor as aulas em falta, evitando que os alunos ficassem prejudicados.

O espírito de cooperação e de intercâmbio com os conservatórios da região, inclusive com a Academia da Graciosa, foi uma constante.

Pela primeira vez realizaram-se esforços para que a disciplina de Viola Regional se tornasse numa disciplina de curso curricular na região. Para isso, o professor José Luís (já falecido) e o professor Lázaro Silva, elaboraram a primeira planificação da referida disciplina para apresentar à DRE. Desconheço o desfecho desta proposta muito válida, uma vez que retirei-me do executivo.

Os referidos professores: José Luís e Lázaro Silva, nesse mesmo ano realizaram um Bailinho de Carnaval com especial destaque para a Viola da Terra.

Na Câmara Municipal de Angra do Heroísmo teve lugar a homenagem ao professor (já então falecido) Luís Soares, antigo professor de Educação Musical daquela instituição.

As dificuldades que senti prenderam-se essencialmente com o implementar de um novo tipo de organização, de novas regras, de uma nova dinâmica, da tentativa de aproximar o CRAH às restantes escolas, na futura integração na escola de ensino artístico Padre Tomás de Borba e obviamente de alguma resistência a essa mudança por parte de alguns docentes pouco flexíveis, menos compreensíveis.

2. Que questões surgiram quando soube da ideia de se integrar o Conservatório na escola Tomás de Borba?

AB: Houve uma grande preocupação, pois não sabíamos como é que o CRAH se iria fazer representar no executivo da TB. Sabíamos da necessidade de alguém do ensino artístico fazer-se representar junto do executivo da TB e da necessidade de alguma sensibilidade por parte do presidente do Conselho Executivo ao inteirar-se das especificidades do ensino artístico.

Outra questão prendia-se com o ensino articulado. O aluno iria dispensar determinadas disciplinas do ensino regular em detrimento das novas do ensino artístico. Nesses tempos frequentaria as disciplinas do artístico ou as mesmas teriam lugar mais tarde, depois do encerramento das aulas do ensino regular, se assim fosse de articulado não teria nada.

O acesso aos cursos livres também nos preocupava, uma vez que antes estavam acessíveis a qualquer faixa etária e com a nova integração na TB receávamos que não

fosse possível, uma vez que o ensino da música só estaria acessível a alunos matriculados no ensino regular.

Houve alguma resistência por parte do corpo docente do CRAH na integração. Desde sempre houve o "sonho" de um sítio exclusivo/digno para o ensino da música, das artes. Em tempos o edifício da antiga escola Ciprião de Figueiredo, atual sede da DRC, havia sido mencionado, mas tal não se verificou.

Durante a construção da Escola Padre Tomás de Borba fui confrontado com questões algo pertinentes, tais como: construir o chão de uma sala de ballet, o que me obrigou a um trabalho de campo, felizmente facilitado por uma docente de dança recém-chegada de Londres a lecionar em São Miguel. Que tipo de arejamento para as salas de instrumentos de sopro: janelas fixas com ar condicionado ou janelas articuladas e muitas outras situações as quais não me recordo. Foi um tempo de aprendizagem para todos.

3. Como surgiu a ideia de se criar a extensão da Praia da Vitória?

AB: A extensão do CRAH na Escola Francisco Ornelas da Câmara, concelho da Praia da Vitória, surge da vontade de um grupo de pais do referido concelho, descontente com as deslocações diárias entre concelhos e em horário pós laboral (maioritariamente noturno). A extensão foi criada pelo despacho normativo nº 265/98 de 8 de Outubro.

4. Atualmente a extensão da Praia da Vitória é independente, já não tem ligação direta com o Conservatório de Angra, o que tem a dizer sobre isto?

AB: Não tinha conhecimento dessa independência. Quando teve lugar a criação da extensão, esta estava ligada ao CRAH. No entanto confesso que continuo a sonhar com um edifício cujo único objetivo seja o ensino das artes, com todas as extensões associadas à casa mãe. Defendo ainda o ensino da música nos primeiro, segundo e terceiro ciclos do ensino regular, para todos os alunos que não pretendendo seguir o ensino superior de música, queiram crescer com a música por companhia, participando ativamente em bandas filarmónicas, bailinhos de carnaval, marchas de São João, os mais variados tipos de manifestações de cariz popular e não só.

♪ Entrevista ao professor Gustaaf van Manen

1. Em que ano veio lecionar no Conservatório de Angra do Heroísmo? E que disciplinas?

Gustaaf van Manen (GvM): Em 1983. Dei quase todas as disciplinas: História da Música, Análise e Técnicas de Composição, instrumento (Piano & Órgão), Acústica, entre outras, menos Formação Musical.

2. Qual foi a sua impressão relativamente à cultura musical da ilha Terceira, comparativamente com o seu país de origem?

GvM: Impossível comparar. Quando cá cheguei tive a ilusão que podia estar melhor, mas os terceirenses querem transformar tudo em divertimento. O Dr. Jorge Monjardino era cirurgião e presidente da AMIT e, através desta academia, foram realizados concertos, um por mês, no Palácio dos Capitães Generais. Havia bastante adesão por parte das pessoas, tínhamos sempre público. Porém, o desenvolvimento musical atualmente na ilha, na minha maneira de ver, é uma tristeza ao ponto de todos os músicos, que têm um curso superior, perderem muito do seu tempo a fazer parte de grupos musicais amadores sem qualquer interesse.

3. Em termos de desenvolvimento do Ensino musical, o que achou que poderia ser feito?

GvM: Muitos dos meus alunos que terminaram o curso no Conservatório não seguiram um ensino superior e podiam ter evoluído muito mais. Alguns pararam completamente musicalmente e intelectualmente e outros ficaram a lecionar Educação Musical em escolas sem qualquer preparação didática e pedagógica. E isto são travões enormes para o desenvolvimento da música, sobretudo para a formação musical das crianças que os apanham como professores, uma vez que a formação musical inicial é simplesmente crucial para o desenvolvimento da cultura musical.

4. Em 1983, pôs em marcha o projeto Leandro Silva, na ilha de S. Jorge, e Viva a Música. Fale-me sobre estes projetos.

GvM: Fui a todas as freguesias na ilha de S. Jorge e fiz conferências sobre a música em geral, toquei piano e, na mesma altura, trabalhei com a banda filarmónica. As bandas filarmónicas são um evento social, tem pouco a ver com música se bem que aqui tem havido um desenvolvimento nos últimos anos.

O projeto Viva a Música era um evento que durante vários anos serviu para integrar as bandas filarmónicas e a música “erudita” em concertos, tendo sido escolhidas pessoas das freguesias que trabalhavam muito para desenvolver a música local. Estas personalidades receberam um diploma “Honoris Causa” assinado pelo Presidente do Governo, Presidente de Angra, Diretor Regional da Cultura, etc. Também foram realizados concertos de órgão nas igrejas sem órgão. (Usando o meu instrumento...)

5. Em 1993, tornou-se Presidente do Conselho Executivo do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Como foi presidir o Conservatório durante esses anos? Contributos e dificuldades.

GvM: Nessa altura o Conservatório já estava destinado a fazer parte da Escola Tomás de Borba e já não podia fazer nada.

Na altura fui o primeiro Presidente do Conselho Executivo a ser eleito, pois até a essa data era o Governo quem escolhia as pessoas para a direção e eram essas as pessoas que ficavam. No meu ano houve uma eleição e foram os professores e alunos e delegados das várias entidades que me escolheram para presidir na direção do Conservatório. Eu fui eleito.

Infelizmente, já não podia fazer nada quanto à integração numa escola de ensino regular. Já não é um Conservatório. Não concordo em nada com o nome da escola, porquê este Tomás de Borba? Uma autêntica vergonha, quando não se tem compositores ou professores de música relevantes para dar nome a uma escola então deveria arranjar-se outra pessoa, como por exemplo o pintor António Dacosta. Teria dado esse nome à escola, mas nem aí pude fazer nada.

♪ Entrevista ao professor Mikhayl Roussal

1. Em que ano veio lecionar para o Conservatório de Angra?

Mikhayl Roussal (MR): Eu e a minha família chegámos no dia 6 de Janeiro de 1995: nunca me esqueci desse dia porque era o Dia de Reis, em Portugal, pelo que ficou na memória.

2. Qual foi a sua impressão do Conservatório de Angra em comparação com a realidade que tinha na sua terra?

MR: Em Kiev, trabalhava como solista na Orquestra Sinfónica do Teatro de Ópera e Ballet para Jovens e Crianças (em Moscovo, na Rússia, já havia um, e este foi o primeiro criado na Ucrânia). Em paralelo, tinha também já alguma experiência de ensino, porque dava algumas aulas privadas. Note-se que durante os últimos nove (dos 14) anos de estudo da flauta transversal (portanto, no Colégio Superior e depois no Conservatório Superior), eu, e todos os meus colegas, tínhamos aulas de pedagogia, pelo que me sentia já de alguma forma preparado para o desafio lançado pelo Conservatório de Angra, isto é, de prosseguir a minha carreira numa vertente mais focada no ensino. Recordo ainda que, na altura, o Conservatório contratou ainda uma professora de português, durante três meses, que nos ensinou a língua. Quanto às aulas, estas sempre correram bastante bem, ainda que talvez um pouco mais lentas, uma vez que tínhamos que utilizar dicionários para ajudar a transmitir a mensagem.

3. Portanto foi uma boa impressão do Conservatório?

MR: Sim, a nossa receção foi muito bem organizada. Claro que havia problemas de instrumentos (isto é, em número, para todos os alunos, que, entretanto, aumentaram porque já havia mais professores), isto já é outra parte; no plano de funcionamento do Conservatório, estava tudo muito bem.

4. Que dificuldades sentiu enquanto professor num país estrangeiro?

MR: Um tema que se apresentou em primeiro lugar – não sei se é bem dificuldade (porque é algo normal) – mas a comunicação foi o único tema no início aquando da nossa chegada. No entanto, lembro-me que, passados dois ou três meses, já estava a ser entrevistado para um jornal sobre a nossa vinda para os Açores, pois naquela altura era raro chegarem músicos de Leste.

Na Terceira já havia músicos dos Estados Unidos, Holanda, Itália, Europa do Norte talvez, mas de Leste não. Éramos da União Soviética, de uma escola internacionalmente reconhecida a nível da música, pelo que foi agradável ver que a comunidade se interessou de imediato em nos conhecer. De resto, não sentimos dificuldades quase nenhuma, o ponto que me apraz indicar é mesmo a questão da língua.

Tenho sempre muito presente a ótima forma como fomos recebidos, já tínhamos casas arrendadas para nós pelo Conservatório, tudo preparado – recordo-me inclusive que na altura fomos a única família completa a chegar, e ainda para mais com uma filha de 4 anos e meio; viemos no voo da noite lembro-me que a casa onde ficámos tinha inclusive leite e bolachas porque sabiam que vinha uma criança.

Os Açores são uma região repleta de famílias que têm familiares que emigraram ou com ligações exteriores, pelo que penso que seja por isso que as pessoas sabem receber alguém de fora e receberam-nos sempre como se fossemos também a sua família longínqua.

5. O que achou da cultura da Terceira, nomeadamente do contacto com os alunos terceirenses? Como foi ensinar música numa cultura diferente?

MR: Em primeiro lugar, tive muita sorte de conhecer a cultura da Terceira, porque a cultura da Terceira é um pouco diferente da das outras ilhas – parece-me. No meu caso em particular, tive a sorte de, através dos vários concertos que fui dando na Região, conhecer todas as ilhas dos Açores quase nos primeiros dois ou três anos e reparava nas culturas que cada terra tinha. Sentia que esta pequena terra, a Terceira, a nível cultural estivesse talvez melhor posicionada – tínhamos pelo menos quatro coros de bom nível, e havia ainda os famosos Bailinhos de Carnaval que tivemos a sorte de conhecer logo (dado que os Bailinhos começam em Fevereiro e nós tínhamos chegado em Janeiro – claro que não conhecíamos a língua e não percebíamos nada das piadas

que diziam no palco, mas sentimos a música). A primeira impressão que tive, nunca esqueci, foi que os músicos tocavam como abelhas, zumbiam qualquer coisa que não se percebia com muita clareza – o que faz sentido, uma vez que não eram profissionais, mas é precisamente por isso que é de louvar imenso o trabalho que faziam e o espetáculo que já conseguiam pôr de pé. Fiquei impressionado porque cada freguesia tinha uma banda filarmónica e, com o tempo, acabei por me aperceber que até é possível que os Açores tenham mais filarmónicas do que em todo o continente.

Outro ponto que queria identificar aqui foi o agrado em ter visto que os músicos, na ilha, tinham acesso a instrumentos cujo material era verdadeiramente de qualidade – muitos vindos dos Estados Unidos e Canadá, pelo que, em comparação com a URSS à data, nas filarmónicas da ilha, os músicos tinham por vezes instrumentos a que os nossos músicos profissionais não tinham acesso (agora, claro que hoje já é diferente, mas foi uma agradável surpresa).

Isto a nível material. A nível técnico, senti que podíamos contribuir muito – lembro-me de colegas meus contarem que, no início, havia clarinetistas ou saxofonistas a tocarem, por exemplo, com a palheta virada para cima (o que não é o correto), mas porque era assim que lhes ensinavam e era como tinham aprendido. Nas reuniões confidenciámos, na altura, que era muito mais fácil moldar um aluno que não soubesse ainda nada, do que receber um da filarmónica que tivesse aprendido algo já com vícios.

Passados estes anos todos (já mais de 25), noto com agrado que a qualidade musical melhorou bastante e que os alunos se encontram, em geral, num nível alto. Aliás, os alunos vêm aprender para o Conservatório e depois levam esses estudos e a qualidade que adquirem para as freguesias, para as filarmónicas, para os bailinhos – que também acabaram por beneficiar dessa aprendizagem, parece-me. Penso ainda que os alunos têm beneficiado do facto de os professores se manterem os mesmos – foi uma boa iniciativa do Conservatório e da Secretaria Regional da Educação em manter essa constância, acabando todos os alunos por beneficiar muito disso.

6. Como foi a dinâmica inicial com os colegas de trabalho portugueses?

MR: A dinâmica sempre foi excelente. A verdade é que nós, os professores, éramos poucos e, realmente, com diferentes níveis de ensino – alguns apenas amadores sem

quaisquer estudos oficiais de música, outros que só tinham aprendido com algum familiar ou alguém com alguns conhecimentos. Apesar dessas diferenças, sempre tivemos muito boa comunicação entre nós, e sempre sentimos muito apoio – em particular do Conselho Executivo, na altura constituído pela presidente do mesmo, Ana Paula Rodrigues, pela Anabela Albuquerque, Alexandra Machado e pelo José Corvelo. Realço ainda que o apoio que sentimos nessas relações profissionais, que com o tempo se desenvolveram em amizades, era transversal para todos os aspetos da nossa nova vida – porque tudo era diferente, a cultura, a comida, a língua. Mas graças a essas pessoas e à forma como o Conservatório visualizou e preparou a nossa chegada, nunca nos sentimos sós.

7. Que contributos deu para o Conservatório de Angra e que dificuldades sentiu ao longo destes anos?

MR: Em termos de dificuldades, digo que nenhuma – sempre tivemos excelentes condições aqui. Eu, em particular, tenho tido sorte porque tenho apanhado sempre bons alunos que conseguem apreender todos os ensinamentos que lhes tento transmitir. De todos os alunos que já tive, vários já terminaram os seus estudos nas Escolas Superiores em Portugal continental. O mesmo se passa com outros instrumentos, cujos alunos também ingressaram no ensino superior e tudo isso é muito bom sinal e é reflexo do trabalho que temos vindo a fazer e dos conhecimentos que trouxemos connosco e que temos vindo a partilhar ao longo dos anos.

8. Na altura o que achou da perspetiva da integração do Conservatório de Angra na Escola Tomás de Borba?

MR: A princípio, a integração foi algo assustadora, não percebíamos exatamente qual era o objetivo porque os nossos benefícios são de cariz mais cultural e então achávamos que o Conservatório deveria manter-se independente da Escola. No entanto, já existiam programas deste género desenvolvidos em todo o mundo, não só aqui, e isso talvez ajudou a aceitar essa mudança. O ponto positivo foram, efetivamente as instalações, que são excelentes.

Portanto, ainda que não entendêssemos, à partida, como poderia um Conservatório funcionar integrado numa escola, na minha opinião, desde que se consiga fazer a separação na medida do necessário entre as duas instituições, será benéfico para ambas. Claro que existem ainda pontos a precisar de afinação, como por exemplo o tema das avaliações - ainda se tenta uniformizar a avaliação do Conservatório com a avaliação da Escola, ou seja, colocar no mesmo tipo de avaliações, mas música e matemática, tal não é inteiramente possível, uma vez que esse tipo de disciplinas não se pode, naturalmente, avaliar com base no mesmo tipo de critérios. Há sempre campos a melhorar e penso que estamos todos a trabalhar continuamente neles.

9. Como foi o primeiro ano na Escola Tomás de Borba?

MR: No primeiro ano ficámos, claro, muito contentes com as instalações, que eram – e continuam a ser – excelentes.

Claro que temos que aprender a lidar com novas regras, por exemplo a informatização – ao invés do preenchimento à mão do livro de ponto – mas essa necessária adaptação vem acompanhada de outros benefícios, como os computadores em cada sala, o que apesar de não ser muito óbvio, acaba também por auxiliar as aulas de música, dado que podemos apresentar exemplos de interpretação das peças por outros intérpretes ou concertos de grandes orquestras ou grandes solistas no YouTube.

O barulho da escola, claro, não se compara com o silêncio característicos dos corredores de uma escola de música (como era antes da mudança de instalações), mas o primeiro ano correu bem e com o apoio dos auxiliares de educação e do Conselho Executivo, penso que estamos no caminho de uma melhoria constante.

10. Atualmente, como se encontra o Conservatório de Angra? O que tem a dizer sobre o funcionamento do mesmo dentro da Escola Tomás de Borba? Que melhorias houve? O que poderá ser melhorado?

MR: Penso que, em geral e, como não podia deixar de ser, o Conservatório está melhor – mas essa é claro a minha opinião pessoal. A escola tem se mostrado inteiramente disponível para fazer face às necessidades do Conservatório, tendo

nomeadamente adquirido instrumentos musicais novos. A manutenção dos mesmos, como afinação – em particular dos pianos – levanta sempre um ou outro obstáculo, mas de todo o modo, tem sido possível gerir os fundos do Conservatório e as receitas da Escola.

11. Têm sido organizados cursos e outras atividades de atualização pedagógica? Acha que o Conservatório tem apoiado a formação dos professores?

MR: Existem, sim, atividades de atualização pedagógica em geral. No entanto, na minha opinião, não temos tido muita escolha, até agora, de formações próprias para os professores do Conservatório. Claro que temos vindo a aproveitar formações específicas, como por exemplo aprender a utilizar o programa *Finale* (saber preparar partituras através do computador), mas como o ensino musical é muito específico, a formação também o deve ser.

12. O Conservatório tem apoiado as bandas, grupos corais e outras atividades de cultura popular no domínio da música?

MR: O Conservatório, enquanto escola de música, não lhe cabe fazer esse tipo de trabalho. No entanto, isso naturalmente não impede que alguns dos nossos colegas apoiem esse tipo de iniciativas. Note-se que, enquanto professores do Conservatório, temos uma cláusula de não concorrência, isto é, não trabalhamos noutras instituições de ensino. Dito isto, claro que quando as bandas filarmónicas organizam cursos ou pequenas formações, tentamos apoiar esses alunos. Portanto, existindo esse tipo de iniciativas externas, o contributo do Conservatório é, efetivamente, através dos seus professores.

13. Acha que poderiam ser realizadas mais atividades musicais (audições, concertos, etc.) pelo Conservatório?

MR: Penso que as audições que fazemos, na época das avaliações, são suficientes – de momento, chegamos a ter duas ou três audições por dia, para esses efeitos. Lembro-

me que, antes, na escola antiga, fazíamos uma audição ou duas no final do período com os vários instrumentos, e audições de grupo com durações de cerca de duas ou três horas. Agora não, optámos por dividir. As audições têm até 1 hora e pouco, ou menos. Agora, temos muitas audições e às vezes de vários instrumentos, face à muito maior quantidade de alunos que temos e que justifica e permite fazer essa divisão.

Ainda que seja em formato diferente, como acabo de explicar, penso que são feitas audições suficientes, e noto que mesmo agora, com a questão da pandemia em que os eventos são menos, temos feito um esforço para manter as atividades musicais possíveis, procurando sempre convidar um parente ou familiar para que, ainda que com as atuais regras de distanciamento social, os alunos tenham sempre um palco e um público (outra parte também muito importante da formação musical – a atuação em público). Isto, claro, sem prejuízo do direito que os alunos têm sempre de não querer tocar – independentemente disso, e ainda que seja um pouco complicado, tentamos assegurar essas atividades ainda assim e na medida do possível.

♪ **Entrevista ao professor Orest Grytsuk**

1. Em que ano veio lecionar para o Conservatório de Angra?

Orest Grytsuk (OG): 1995.

2. Qual foi a sua impressão do Conservatório de Angra em comparação com a realidade que tinha na sua terra?

OG: Vim para uma escola pequena, mas acabei por me adaptar bem à realidade.

3. Que dificuldades sentiu enquanto professor num país estrangeiro?

OG: Só a língua, porque os alunos são todos os mesmos. Se calhar se tivesse ido trabalhar para a China, onde a distância cultural é muito maior, seria mais complicado. Mas, tirando a língua, é tudo igual e graças à música podemos fazer isto, porque se fosse outra profissão seria mais difícil. Na música podemos falar pouco e tocar para mostrar como se faz, aprende-se por imitação. Gosto muito de comparar a língua com a música, porque é a mesma coisa. Na pronúncia basta uma acentuação diferente e a palavra muda o sentido, o mesmo acontece na música.

4. O que achou da cultura da Terceira, nomeadamente do contacto com os alunos terceirenses? Como foi ensinar música numa cultura diferente?

OG: Não há grande diferença, aliás, conheço vários países da Europa e não acho que as realidades sejam muito diferentes. Estive bastante tempo na Suécia, que é um país muito distante de Portugal, e notei diferença no comportamento dos alunos, mas os nórdicos são diferentes porque são mais calmos e calados. Também nunca lidei com turmas grandes, é sempre aula individual e por isso não há diferença nenhuma.

5. Na altura o que achou da perspetiva da integração do Conservatório de Angra na Escola Tomás de Borba?

OG: Na altura estava muito contra. Perdemos estatuto, perdemos independência, tornamo-nos numa pequena parte de uma peça grande e com pouca significância, embora tenhamos uma ala inteira com condições, sem dúvida, muito melhores do que na escola antiga. Por exemplo, temos um belíssimo auditório, mas com um péssimo piano. Gostava da ideia de trabalhar numa escola de música à parte, nada integrada, mas por todo o país e não só em Portugal é normal este tipo de integração.

6. Como foi o primeiro ano na Escola Tomás de Borba?

OG: Começamos no 2º período e a escola ainda estava em obras (barulho das obras, paredes pintadas, etc.), não havia ainda as melhores condições para lecionar.

7. Como se encontra o Conservatório de Angra do Heroísmo? O que tem a dizer sobre o funcionamento do mesmo dentro da Escola Tomás de Borba? Que melhorias houve e o que poderá ser melhorado?

OG: Já cá estamos há mais de dez anos, já nos adaptamos a esta realidade e agora acho que o Conservatório está a trabalhar bastante bem. Apesar de esta escola ter o regime integrado, não conseguimos que os alunos estejam livres na parte da manhã, quando estão frescos. Não. Normalmente só têm aulas à tarde. Portanto, no nosso caso, acho que estamos bem-adaptados a esta realidade, mas trabalhar à tarde não é tão proveitoso como de manhã, especialmente depois do almoço porque os alunos ficam mais distraídos e a partir das 16h-17h já estão mesmo cansados. Numa escola integrada devia haver alunos disponíveis na parte da manhã e não é possível por causa dos horários. As disciplinas são muitas e no fundo os alunos têm pouco tempo para estudar. Mas é a realidade e não podemos fazer mais nada.

Se está a funcionar? Está a funcionar, temos alunos muito bons e outros alunos menos bons, como em todas as escolas. Normalmente os alunos de música são também bons nas outras disciplinas, ou seja, os melhores alunos também tocam música. Apesar de não gostar desta ideia de escola integrada, duvido que as coisas funcionassem melhor se continuássemos no antigo edifício.

8. Têm sido organizados cursos e outras atividades de atualização pedagógica? Acha que o Conservatório tem apoiado a formação dos professores?

OG: Pouca coisa. Temos ações de formação que quase nunca dizem nada à música em geral. A última ação de formação que fiz foi de robótica. O professor Antero Ávila por vezes faz alguns cursos de *finale*, mas é um programa que é pouco utilizado por mim, não tem muita utilidade nas minhas aulas.

Em termos profissionais a escola não pode proporcionar nada. Conheço a realidade de outras escolas e também é quase a mesma coisa. Quando tem mais recursos, pode convidar um professor de fora para fazer formação, mas é muito raro.

9. O Conservatório tem apoiado as bandas, grupos corais e outras atividades de cultura popular no domínio da música?

OG: Bastante, vários professores daqui da escola são também maestros das bandas filarmónicas. Claro que dão todo o apoio, fazem *masterclasses*, mas são os professores de sopros, porque nas filarmónicas não há lugar para as cordas. Todos os colegas de sopros ou já tiveram uma banda, ou têm bandas, ou dão apoio, ou tocam nas bandas, ou tudo ao mesmo tempo. É bastante dinâmico.

10. Acha que poderiam ser realizadas mais atividades musicais (audições, concertos, etc.) pelo Conservatório?

OG: Realizamos bastantes audições. Pessoalmente faço duas audições por período, normalmente são seis por ano. Antes organizávamos concertos nas outras escolas (colégio de Santa Clara, Liceu, etc.) especialmente no 3º período, para chamar mais alunos para o próximo ano letivo. Neste ano claro que está tudo mais difícil, mas realizamos um concerto no Centro Cultural e outro no Auditório do Ramo Grande.

♪ Entrevista à professora Ana Maria Rosa

1. **Antes de ser professora, foi aluna de Ballet. Conte-me a sua história (ainda enquanto aluna) e a história do Ballet na ilha Terceira. (Onde começou, instalações onde eram, etc.)**

Ana Maria Rosa (AMR): Comecei a aprender dança na ilha Terceira com 10 anos de idade, numa escola de dança na Praia da Vitória criada por uma professora inglesa, Marilyn duBrisk (casada com um americano que trabalhava na Base das Lajes na televisão americana).

Marilyn duBrisk também deu aulas em Angra no *Lawn Tennis Club* e fazia todos os anos um espetáculo no Teatro Angrense a favor da Liga Portuguesa contra o cancro. Eram bailados coreografados por si, com as alunas da escola da Praia (que eram maioritariamente americanas da Base das Lajes e algumas portuguesas, poucas), e também com as alunas do *Lawn Tennis Club*. Tive o privilégio de beneficiar das aulas dessa senhora, tanto no *Lawn Tennis Club*, como na Praia da Vitória.

Entretanto, Marilyn regressou aos Estados Unidos com o marido e D. Antonieta Costa, que assistia às aulas no *Lawn Tennis Club* como tradutora para as alunas portuguesas (como também gostava muito de dança), também começou a participar nas aulas. Portanto, D. Antonieta Costa foi quem deu continuidade ao Ballet cá na ilha aquando da ausência de Marilyn duBrisk e continuei sempre na dança. Essa senhora formou um grupo de dança moderna, que era o grupo de teatro de Ballet Espectros, e foi o primeiro grupo dos Açores a apresentar trabalhos mesmo em dança moderna. Fiz parte deste grupo e fizemos vários bailados, também coreografei alguns para o currículo, tendo este se apresentado em Ponta Delgada, Terceira e também na Horta. Naquela altura, a dança moderna foi algo altamente inovador e incompreendido pela sociedade porque estavam todos muito habituados ao Ballet clássico, embora o Ballet Clássico nunca tivesse tido propriamente uma grande evolução e apuramento técnico, ou seja, evolução em termos de apuramento de técnica. Isto pelo facto das alunas americanas, que frequentavam o Ballet, viverem temporariamente na Base, logo, iam-se embora e não havia um trabalho continuado.

O Ballet era encarado como uma forma das meninas serem elegantes e de terem uma postura bonita e não com o objetivo de seguirem uma carreira profissional. Para algumas pessoas o Ballet até nem era muito bem visto, aliás, como no resto do país. Entretanto, a minha família viveu um ano nos Estados Unidos e tive aulas no *The State Ballet of Rhode Island*. Foi uma experiência interessante e muito gratificante, porque era mesmo com uma companhia de dança.

Regressámos à Terceira e a D. Antonieta Costa ia de vez em quando a Lisboa, à Gulbenkian. Era uma pessoa muito ativa e combinei com ela fazer uma audição em Lisboa no estúdio de dança clássica da Anna Mascolo, considerada a professora por excelência em Portugal e bailarina em Itália, condecorada e grande professora de Ballet Clássico. Estive durante bastante tempo em Lisboa, na altura tinha 16 anos, e tive aulas particulares com Anna Mascolo, foi aí que realmente aprendi a técnica, as posições corretas, o que foi uma experiência fantástica. Porém, acabei por ter de regressar.

Ora, o Ballet iniciou-se na ilha Terceira com a professora Marylin duBrisk, e a D. Antonieta Costa deu seguimento, mas nunca esteve ligada ao Conservatório. Depois comecei a dar aulas juntamente com ela na Academia Musical da Ilha Terceira. A D. Antonieta Costa deixou de dar aulas e, quando o Conservatório começou, fui a primeira professora de Ballet do Conservatório de Música da ilha Terceira.

Jorge Trincheiras, professor de Ballet que lecionava no Conservatório de Ponta Delgada, veio à Terceira, já eu lecionava há 2 ou 3 anos, por diversas vezes ensaiar, para os espetáculos que fazíamos em conjunto, portanto, Trincheiras dava aulas em Ponta Delgada e vinha à Terceira em intercâmbio dar algumas aulas. Eu e a minha irmã Eduarda, que foi minha aluna durante os anos em que lá estive, participamos muito nos espetáculos de Jorge Trincheiras. Fizemos trabalho em conjunto, espetáculos em conjunto, que eram do Conservatório de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada. Por exemplo, também iam professores daqui dar aulas a São Miguel, por exemplo, Artur Fonseca ia dar aulas de violino a São Miguel porque não havia professor de Violino.

2. Em que ano foi lecionar para o Conservatório de Angra? Ainda era Academia Musical da ilha Terceira?

AMR: Comecei em 1977 ou 1978, e era ainda Academia Musical da ilha Terceira que funcionava no museu. Manuel Baptista de Lima era o diretor do museu e o presidente da Academia e julgo que foi no ano seguinte que a Academia foi anexada ao Conservatório (Conservatório Regional dos Açores, secção em Ponta Delgada e outra em Angra do Heroísmo).

3. Onde era a instalação onde começou a dar aulas de Ballet?

AMR: Quando comecei a dar aulas, as aulas de música e de Ballet funcionavam no Museu de Angra do Heroísmo (as de Ballet na sala onde é uma sala de exposições atualmente, uma sala belíssima). Depois do sismo as aulas de Ballet passaram a funcionar numa sala (talvez durante um ano) do *Lawn Tennis Club* (que, na altura, já lá funcionava o INATEL). Depois mudamo-nos para o Liceu.

4. Em 1981, as aulas de Ballet estavam sob a ameaça de serem interrompidas, porque a sala emprestada pelo INATEL iria necessitar de ser utilizada para a prática de judo. Como foi resolvida essa situação?

AMR: Fui dar aulas no Liceu de Angra onde já estava o resto do Conservatório. O espaço era excelente, tinha espelhos, barras, estava todo equipado e até começamos a ter pianista (até então era sempre com música gravada). Francamente, nunca senti a ameaça das aulas serem interrompidas. Havia muita adesão e muito entusiasmo por parte das pessoas, portanto não senti essa dificuldade.

O Dr. Baptista de Lima foi um grande entusiasta e impulsionador e responsável pela criação do Conservatório aqui em Angra do Heroísmo e dava todas as facilidades (tínhamos muito apoio das pessoas que estavam no início do Conservatório). Tínhamos os livros de ponto, fazíamos sumários, portanto, da minha experiência do ensino regular sabia que se tinham de fazer essas coisas. Relativamente à parte curricular, essa estava muito por conta do professor.

♪ Entrevista à auxiliar Ação Educativa Manuela Jardim

1. Onde se situava o Conservatório de Angra do Heroísmo quando começou a trabalhar como funcionária?

Manuela Jardim (MJ): Comecei a trabalhar no Conservatório em 1993 e nessa altura situava-se na Rua do Galo. Comecei a trabalhar como tarefeira (durante 2 anos) e depois concorri e passei a Auxiliar de Ação Educativa. Já trabalho no Conservatório há 39 anos.

2. Como era o Conservatório antes da integração e depois da integração?

MJ: O Conservatório era numa casa na Rua do Galo que não tinha condições, era pequena e com um isolamento sonoro das salas péssimo (ouvia-se tudo). Quando o Conservatório se mudou para o Corpo Santo, onde estivemos durante 16 anos, já contávamos em vir para esta escola. Também não era um sítio próprio para uma escola, pois era uma casa que igualmente não tinha condições e pequena, tendo sido necessário dar aulas no Anexo, nomeadamente os professores de sopro e de cordas, até às nove horas da noite. O Conservatório chegava a funcionar até as dez da noite, e quem trabalhava até essas horas inicialmente era o senhor Miranda, depois quando se reformou fiquei no seu lugar.

Quando integramos a EBS Tomás de Borba já tínhamos um horário reduzido e saíamos um quarto para as oito da noite. Com o ano letivo seguinte é que passou a terminar sempre às sete e meia. Em termos de ambiente, no Corpo Santo sentíamos-nos como uma família. Aqui, como é uma escola integrada, temos mais alunos, mais funcionários e mais professores. A mudança para esta escola, para mim, foi como um balde de água fria, pois no Corpo Santo não havia recreios e alunos a passear nos corredores. Os alunos vinham simplesmente ter as aulas e se algum professor faltasse eram logo informados e regressavam a casa. O ambiente era diferente. Atualmente temos 35 professores.

Antigamente as audições era realizadas no final do ano, no Teatro Angrense, e eu achava melhor, porque todos os professores participavam e havia muito mais

entusiasmo. Agora cada professor organiza a sua audição de classe, juntando-se por vezes com um outro professor, gerando muitas audições por ano. Antes da pandemia as audições eram realizadas na sala de coro, mas agora estão a fazer mais no auditório por ser maior e porque permite cumprir melhor o afastamento das pessoas. Inicialmente, fez-me confusão quererem fazer as audições sempre na sala de coro em vez do auditório, pois se tinham um auditório tão jeitoso achava que era o que fazia sentido.

A respeito da integração, o ideal teria sido o Conservatório ser num edifício à parte dentro da mesma escola, porque os alunos quando saem das aulas querem passar no corredor do Conservatório o que incomoda o normal funcionamento das aulas.

Antes da integração acho que havia mais vontade dos alunos para estudar música, agora muitos estão mais por obrigação, especialmente os mais pequenos (de iniciação musical) porque já vêm cansados para as aulas (saem de casa às oito horas para terem aulas às oito e meia ou nove e só vão para casa perto das cinco-seis horas da tarde). Não digo todos, mas quando estão nas salas vejo que estão com vontade de deitar a cabeça. Nota-se que as idades precoces vêm mais obrigados.

♪ Entrevista ao professor José João Silva

1. Em que ano começou a lecionar no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

José João Silva (JJS): Comecei em 1992.

2. O que achou da criação da extensão do Conservatório na Praia da Vitória?

JJS: Achei bem porque na época já muitos alunos se deslocavam da Praia da Vitória para ter aulas em Angra do Heroísmo. Por conseguinte os professores começaram a deslocar-se um ou dois dias por semana para lecionar, enquanto outros passaram mesmo só a dar aulas na Praia. Em 2007, com a criação do ensino artístico, as escolas dividiram-se em duas: Escola EBS Tomás de Borba e Escola Básica 2, 3 Francisco Ornelas da Câmara.

3. Quando soube da perspetiva da integração do Conservatório numa Escola de ensino regular, como a Tomás de Borba, qual foi a sua opinião?

JJS: A minha opinião não foi muito boa porque sabia que o Conservatório ia perder um bocado a sua independência. É normal que a música numa escola, onde tem muitos alunos e muitas disciplinas do ensino regular, acabe por ser um pouco absorvida, mas penso que a ideia inicial era colocar a música no centro e as outras disciplinas serem secundárias (o que acabou por ser o contrário). Porém há aspetos positivos, caso das condições que a escola tem atualmente, pois, antigamente, funcionávamos numa casa antiga em que as condições acústicas não eram as melhores. Em termos de ambiente estávamos muito melhor, porque havia mais convívio entre os professores de música e alunos, agora tornam-se só mais umas disciplinas e por aí perdeu um bocadinho. Na praia funciona mais ou menos assim também, se bem que é uma escola mais pequena, com menos alunos, o que torna mais fácil gerir e de conseguirmos ter uma melhor ligação entre alunos e professores, por isso acho que a Praia ganha um bocadinho com isso.

4. Como foi lecionar no primeiro ano na EBSTB?

JJS: Sinceramente não me correu muito bem, por isso decidi ir para a Praia da Vitória. Quando o Conservatório integrou a EBS Tomás de Borba houve uma amálgama de burocracia em cima dos músicos que não estávamos habituados (desde reuniões a papéis sobre papéis, atas sobre atas, uma data de “tralha” que não era preciso) e despendíamos muitas energias nessas coisas. O mais importante que era a música e os alunos (eu pelo menos comecei a sentir isso e penso que os meus colegas também) acabaram por começar a ficar em segundo plano e perdeu-se muito com isso.

Como a escola era nova começou a surgir muita procura e os alunos, para terem acesso à mesma, tinham de se inscrever no ensino artístico, mesmo sem o quererem frequentar. Consequentemente, o facto de serem obrigados a inscreverem-se no ensino artístico levou a que o Conservatório deixasse de ser como era antes, em que à partida pelo menos 90% dos alunos iam porque queriam estudar música e aprender um instrumento musical. Neste caso já começavam a aparecer muitos alunos que não tinham qualquer interesse em seguir música ou estudar música e fez disparar imenso o número de matrículas nesse primeiro ano o que levou à necessidade de arranjar mais professores (até por esse lado foi bom). Mas a qualidade do ensino não melhorou durante essa época.

5. Qual a sua opinião atualmente relativamente à integração?

JJS: Depende muito não só da escola mas do meio onde estamos inseridos, dos professores, de uma série de coisas, não é fácil de um momento para o outro passarmos de um ensino supletivo para um ensino integrado.

Com o ensino integrado os alunos sentem que música é só mais uma disciplina, ou seja, acabam de ter uma aula, imaginemos de inglês ou de educação física, e logo de seguida têm aula de piano, a concentração não vai ser a melhor porque pensam que é só mais uma aula. Defendo que o aluno deva ter as aulas de música do ensino artístico separadas do outro ensino, porque assim sabe que acaba um ciclo (acabam o ensino regular e depois só têm música). Seria melhor assim, mas o integrado já está implementado.

A qualidade dos alunos no ensino artístico baixou um bocadinho. Nos anos 90 havia mais alunos adultos e essa mistura entre alunos adultos e alunos que estavam na idade escolar normal era benéfica, porque os alunos mais novos já viam nos seus colegas de turma mais velhos pessoas que já tocavam e que já faziam parte de algumas atividades culturais - era um incentivo. Atualmente, são todos da mesma idade, e com o ensino integrado aparecem cada vez mais alunos na mesma turma que não querem saber de música e que vão estragar um bocado os que ao princípio pensavam que gostavam. Depois essa influência entre uns e outros acaba por ser prejudicial ou benéfica... Neste caso acho que está a ser mais prejudicial pelo facto de estarem no mesmo nível etário, enquanto antes viam nos seus colegas adultos pessoas que já tinham tocado e que queriam aprender mais. Digo isto por experiência própria, pois também tive colegas adultos enquanto aluno mais novo.

6. Por consequência da integração, a extensão do Conservatório na Praia da Vitória deixou de ser extensão passando a estar independente do Conservatório Regional de Angra do Heroísmo. Qual a sua opinião sobre este assunto?

JJS: O estar dependente ou independente não faz grande diferença, pois continua a haver professores (poucos) que ainda se deslocam de Angra à Praia, porque não há professores de determinados instrumentos. O contacto entre escolas (professores) manteve-se e mantém-se, pois trabalhamos para o mesmo fim, mas quando o Conservatório integrou a nova escola achou-se por bem (e acho que até foi benéfico), dividir o ensino da música em duas escolas - uma que resolve o concelho da Praia da Vitória e outra que resolve o concelho de Angra do Heroísmo. Na Praia da Vitória já temos à roda de 140 alunos em média, o que já não seria possível logisticamente, com tantos alunos, os professores deslocarem-se constantemente à Praia da Vitória. Isto resultou em mais espaço e em mais mercado de trabalho - apareceram mais professores.

7. A extensão da Praia da Vitória funciona igualmente integrada numa escola de ensino regular. Qual o nome dado à extensão do Conservatório atualmente?

JSS: Deixou de ser Conservatório para passar a ser ensino artístico na área da música da EBI da Praia da Vitória.

8. Que contributos deu para o Conservatório Regional de Angra do Heroísmo?

JSS: Fui vice-presidente por duas vezes e esse cargo deu trabalho porque havia uma lacuna na parte burocrática, desde registos biográficos de alunos que não eram feitos na própria secretaria e que tivemos de acertar (lembro-me ainda da professora Anabela Albuquerque tratar disso mesmo no fim). Este foi um processo que levou uns anos para normalizar. Trabalhei com três pessoas diferentes e, na minha opinião, a Anabela Albuquerque e a Ana Paula Rodrigues foram as mais assertivas. A Ana Paula Rodrigues pela experiência que tinha de lecionar numa escola grande e que foi adaptando e muito bem as regras básicas ao ensino do Conservatório, e a Anabela Albuquerque pela experiência que trazia de Lisboa (já sabia como funcionava e veio adaptar as coisas aqui).

Quando vim de Lisboa implementei a classe de conjunto que não havia, e fazia-me confusão não haver. Foi um pouco difícil de implementar e de conseguir fazer perceber porque é que tinha de haver classe de conjunto instrumental ou vocal, mas conseguimos criar a orquestra juvenil que acabou por se tornar na orquestra juvenil da Terceira. Isto porque não foi possível fazer a orquestra do Conservatório com alunos do Conservatório no primeiro ano, mas no ano seguinte já foi. Penso que isto foi no primeiro ano de mandato do professor Gustaaf van Manen. Tivemos a oportunidade de realizar um intercâmbio com a orquestra da Madeira. Primeiro recebemos a orquestra do Conservatório da Madeira, como não tínhamos muitas possibilidades os pais e professores contribuía muito. Fomos buscar os alunos ao aeroporto e fomos deixá-los na pousada da juventude. Pedimos apoios à Câmara, mas acabamos por fazer tudo. Fizeram o concerto aqui connosco, a orquestra eram um pouco maior, e passados dois ou três meses fomos à Madeira. Quando chegamos tínhamos um grande autocarro à

nossa espera e fomos para um hotel que era enorme e com condições excelentes. Fomos ensaiar no Conservatório da Madeira (já era outro mundo) e foi uma experiência interessante, porque aí os alunos viam o trabalho que tínhamos de fazer ainda cá para chegar àquele nível, e isso foi no final dos anos 90. Eu e o Ostap criamos a orquestra. Também fomos integrando alguns sopros, mas atualmente são disciplinas separadas, tem a orquestra e sopros e a de cordas, não tem junto e acho que faz falta.

♪ **Entrevista ao professor José Sousa**

1. Em que ano começou a lecionar no CRAH?

José Sousa (JS): Em 1998.

2. Quando soube de uma possível integração do Conservatório numa escola de ensino regular qual foi a sua opinião?

JS: Isto já foi mais tarde, em 2006, quando voltei do curso. Disse logo que não ia dar certo. Na altura o Presidente disse-nos que o CRAH ia deixar de ter o nome de conservatório para passar a ser Escola Básica e Secundária Tomás de Borba. Íamos perder o nosso nome... o nome de uma escola tão antiga e de um conservatório considerado como o melhor dos Açores, que até os próprios colegas de Ponta Delgada diziam isso. Infelizmente fui a única pessoa que se pronunciou e que disse que ia dar muitos problemas (problemas de comparação) e no início foi horrível.

3. No primeiro ano da integração como foi a experiência?

JS: O primeiro ano (2008) foi o melhor de todos porque só veio o Conservatório para esta escola. Foi um deslumbre completo com as condições excelentes, com *Macintosh* em cada sala, mas com pianos “rafeiros”... Isto aconteceu por causa de uma situação bastante grave (que eu acho que é grave), ou seja, a nossa escola inicialmente era para ser só do 5º até ao 9º ano, mas como viram que a escola era muito grande e que era possível caber muito mais alunos, resolveram abrir também o pré-escolar e secundário. Por isso tiveram de modificar/adaptar/cortar as salas a meio enquanto já estávamos aqui. As salas de EVT eram enormes porque era uma escola de artes, não só de música mas também de artes.

No ano a seguir (2009) é que arrancou oficialmente a escola. Vieram os restantes professores desde o pré-escolar até ao 12º ano.

Inicialmente, não se sabia bem o que era o ensino integrado e a diferença entre o ensino articulado e chegámos à conclusão que a diferença é nula. A única diferença é

que os integrados são os alunos cá da escola que atravessam o pátio e vêm ter aulas conosco, enquanto os do ensino articulado vêm de outra escola.

No início do funcionamento pretenderam criar turmas de instrumento, ou seja, um professor de instrumento não ia ter entre 14 a 15 alunos como eu tenho, para passar a ter entre 80 a 100 alunos. Era inconcebível ter numa sala de instrumento cerca de 20 alunos, por exemplo, na minha sala cabem 4 alunos no máximo numa salinha preparada para uma aula individual, no máximo dos máximos temos aqui um quarteto.

O Conservatório antigo funcionava um bocadinho mal em termos de papelada, pois não havia muito controle a nível das planificações e avaliações (que eram feitas um pouco ao “olhómetro”). Isto ainda acontece na escola da Praia da Vitória. É melhor por um lado porque não têm tanta papelada, sendo a nossa avaliação mais objetiva e a deles demasiado subjetiva. Em termos de documentação melhorou, mas começou a ser um bocado mau porque começaram a querer que fizéssemos tudo o que o ensino regular fazia. O Conservatório estava habituado a trabalhar de uma forma muito livre durante esses anos todos e a implementação/adaptação a uma série de regras foi muito difícil para os professores (por exemplo, muitos deles não sabem fazer uma planificação).

4. Como funciona o Conservatório atualmente? Que melhorias houve advindas da integração e que preocupações há?

JS: Só houve uma melhoria que foi em termos de instalações. As instalações são muito boas, não nos podemos queixar disso. Tirando as instalações acho que piorou tudo. O funcionamento do Conservatório podia ser muito melhor do que é hoje, pois aquilo que era para ser uma escola artística deixou de o ser, passando a ser uma escola básica e secundária com um conservatório que é só mais uma adenda, ou seja, éramos para ser os principais mas já não o somos. Agora nós é que funcionamos à volta do ensino regular e não ao contrário.

Os horários dos professores pioraram bastante. Os horários deveriam ser feitos em função dos alunos integrados e do conservatório, mas não o são. Os horários no início eram um bocadinho melhores, mas dávamos aulas de instrumento às 8 da manhã, depois não tínhamos nada, dávamos outra aula às 11h e depois só voltávamos a dar mais duas ou três aulas nas últimas horas da tarde. Isto requeria passar o dia todo na

escola ou então ir a casa e voltar à escola para dar meia dúzia de aulas. Não conseguimos ter um horário tão encaixado como um colega do ensino regular, porém somos acusados de não fazer nada e de ter uma vida facilitada. Esta foi uma das coisas muito más, embora já se comece a ter outra visão, principalmente com este conselho executivo que infelizmente vai sair. Os horários só melhoraram porque a equipa que os faz foi adaptando mais ou menos os horários para não ficarem tão maus, mas mesmo assim é impossível porque o ensino regular impera e o ensino artístico passou para segundo plano, senão para terceiro ou mesmo para quarto.

Outra coisa má foi o começar a fazer-se comparações entre um ensino e outro, em que os professores do ensino regular diziam que deveríamos dar aulas a mais do que um aluno. Chegamos ao ponto de ter três alunos de iniciação ao instrumento dentro de cada sala de aula individual, mas depois começou a ver-se que era perigoso, por exemplo, para os violinos, como a sala era pequenina, os alunos podiam espetar o arco nos olhos uns dos outros. Começou a ser perigoso neste aspeto.

A ignorância começou a imperar sobre um ensino que já é tão antigo como o ensino regular. Só que a ignorância dos professores do ensino regular era tão grande que começaram a ter alguma inveja dos professores do ensino artístico. Esta inveja talvez já havia dentro do primeiro conselho executivo que veio para cá e começaram a “castigar-nos” com imensas reuniões e com imensa papelada, ou seja, toda a papelada que faziam no ensino regular queriam impor no conservatório, mas não se pode impor toda a papelada que eles fazem, no conservatório. Dou como exemplo a planificação aula a aula... é um absurdo que o façamos porque, para já o nosso mundo é um bocado abstrato, se o aluno não estudar nada não se pode avançar e temos de rever o que se deu na aula anterior. O conservatório passou a ser um departamento e não deveria ser, tanto que também queriam que fizéssemos reuniões de grupo quase todas as semanas. Isto levou a que deixássemos de ter a Comissão Pedagógica para o Ensino Artístico porque era um órgão que não tinha peso nenhum e que era só mais uma reunião irrelevante. Deixou-se de fazer a reunião da Comissão Pedagógica porque passou a haver um Conselho Pedagógico dentro da EBSTB da qual o conservatório faz parte como departamento. Antes de vir para a EBSTB, o CRAH era uma escola que tinha vários departamentos: Cordas, Sopros, Canto, Teclas, Formação Musical e Teóricas e

Dança. Depois de virmos para a EBSTB, estes departamentos passaram a ser grupos disciplinares.

A utilização das salas do Conservatório por parte do ensino regular é outra questão que tem vindo a piorar imenso. Isto veio a acontecer porque a escola começou a ter problemas de espaço. Primeiro veio a disciplina de Educação Musical, não temos nada contra, mas como a ignorância imperava e impera ainda nos conselhos diretivos da nossa escola (compostos por colegas do ensino regular), para eles a Educação Musical faz parte do ensino artístico e não faz (tanto que não vêm às nossas reuniões). Os alunos de Educação Musical não são alunos que vêm especificamente para aprender música - é um ensino geral em que são obrigados a ter aquela disciplina. Estes alunos têm vindo a provocar problemas e estragos nas salas de aula pertencentes ao conservatório, tendo piorado ainda mais com a inclusão de turmas DOV e OP. Não são os alunos do ensino artístico a estragar as salas porque normalmente são os mais bem comportados. O que tem vindo a acontecer é que estas salas acabam por ser preparadas para receber essas turmas e quando chega a hora, por exemplo, dos professores de Trompa, Trombone e de Guitarra darem as suas aulas não têm a sala preparada para esse efeito. O mais grave é colocarem turmas problemáticas em salas com Guitarras e Pianos caríssimos. Isto começou a acontecer porque na ala do conservatório não há horários que preencham as salas todas na parte da manhã. No conservatório antigo isto nunca aconteceu e deveríamos ter um espaço só nosso, só utilizado pelo conservatório!

Esta proximidade grande com o ensino regular faz com que o conservatório para os alunos passe a ser só mais uma coisa e não algo especial - que é o ser uma escola de música. Para os alunos que não são integrados ainda continua a ser algo especial. Nos últimos anos o conservatório cresceu e continua a crescer, temos mais 5 professores - éramos 30 e agora temos 35 - por isso a escola vai ter de pôr estas turmas noutros sítios porque o conservatório é só para as nossas aulas. A lista de espera costuma a ser bastante grande, costumamos ter 200 e tal, 300 novos alunos por ano a vir fazer provas para entrada, isto é, temos bastante procura, mas não temos professores para satisfazer a procura.

Relativamente à aquisição de Pianos houve inicialmente um problema gravíssimo. Quando nos mudamos para esta escola o que nos chamou a atenção foi a presença de *Macintosh* em todas as salas, algo dispensável para o nosso ensino. Em

2009 pediram aos professores de Piano para fazerem uma declaração de quais eram os melhores pianos para esta escola. Porém, essa declaração acabou por desaparecer, tanto que nem sabemos onde está. Nessa declaração, escrita pelos professores de piano, eram indicados os pianos que queríamos adquirir - no mínimo eram os da marca *Yamaha* porque tinham de ser pianos para aguentar um dia inteiro a tocar sem se estragarem tão facilmente. O Presidente do Conselho Executivo na altura não deu muita importância ao parecer dos professores de piano e acabaram por abrir concurso público. Como resultado vieram os piores pianos que podiam ter vindo - *Pearl River* (pianos chineses de qualidade medíocre). Estes pianos começaram a dar problemas desde início, têm um timbre feio e não aguentavam a afinação, passados três meses já estavam maus. Claro que a escola não tem dinheiro para estar sempre a afinar os pianos de três em três meses, por isso são afinados de seis em seis. Passados 10 anos, o afinador referiu que os pianos já estão todos estragados e que não é possível afinar porque as roscas são de má qualidade.

Os professores do ensino regular dizem que não fazemos nada e que temos uma vida muito facilitada, mas esquecem-se que fazemos muitas atividades no conservatório. Cada professor de instrumento faz, pelo menos, três audições por ano (num ano normal, não agora em covid), e por vezes somos convidados a tocar na biblioteca com os nossos alunos, ou vamos à universidade fazer alguma apresentação, ou a lares e esquecem-se disso! São tudo atividades/trabalhos/audições extras que normalmente se fazem numa tarde depois das aulas e que dão bastante trabalho. Quando a escola precisa de algo para se mostrar, não recorre ao ensino regular, mas sim ao ensino artístico.

Estou há 9 anos no Conselho Pedagógico. Este órgão dá o parecer sobre a atividade e a Assembleia de Escola é que aprova, ou não, se deve ser considerada uma atividade para a escola. Uma audição é um concerto público feito por alunos para toda a comunidade escolar, mesmo que venha uma pessoa que não faça parte da nossa comunidade escolar pode entrar no auditório e ver a audição, porque é público. Muitas vezes a Assembleia considera que uma mera audição de instrumento não é uma atividade para o projeto anual de atividades porque consideram que não é para toda a comunidade - mas é para todos! Começou-se a questionar se era ou não e o problema é termos pessoas ignorantes em relação a esta matéria na Assembleia, que acabam por

decidir coisas em relação ao conservatório, por isso é que o conservatório devia ser separado. Este foi assunto que durou 9 anos e que nunca chegou a um consenso. Eu próprio como Coordenador deixei de pôr no plano anual de atividades todas as minhas atividades porque começam a questionar e eu já não tenho paciência para essas questões. Por isso, acho que devíamos ter o nosso próprio plano e relatório anual de atividades.

No início desta escola, quando se começou a registar as atividades, o conservatório sozinho fazia mais do que o resto da escola toda junta, porque trabalhávamos para espetáculos ao vivo e fazíamos entre 100 a 200 e tal atividades. Começaram então a reduzir as nossas atividades, porque houve um bocadinho de inveja, ou seja, compararam uma audição a uma atividade de sala de aula, e como era um momento avaliativo para os alunos, disseram que não podia ser considerada uma atividade. O Conselho Diretivo que temos agora acabou por ter noção do nosso trabalho, do nosso espaço e da nossa importância dentro da escola, tanto que praticamente me delegaram serviços que não são da competência de um Coordenador, mas de um Diretor que não existe.

Outra questão problemática tem a ver com os cursos livres. Apareceu o curso livre por especialidade, em que o aluno só pode ter uma disciplina, e essa disciplina não é obrigatória a cumprir o currículo que está estipulado para os alunos do integrado, articulado e supletivo. O problema é que não dá direito a nada, nem dá uma equivalência ao que quer que seja e o pior é que pagam as aulas. Depois apareceu outro curso livre, por modalidade, que é melhor porque os alunos têm de ter duas disciplinas no mínimo, sendo obrigatório a disciplina de Formação Musical. Isto porque nos primeiros anos havia alunos que queriam ter instrumento e classe de conjunto, mas que não queriam ter Formação Musical, porque achavam que era chato. Claro que essa situação dava mais trabalho aos professores de instrumento que tinham também de ensinar a ler uma pauta.

Mais tarde mudaram o curso livre por modalidade e isto veio piorar as coisas. Por exemplo, um aluno que esteja no 8º ano e que queira pela primeira vez frequentar o ensino artístico, não o pode fazer, é obrigado ao curso livre por especialidade. Isto porque atualmente os cursos livres por modalidade só dão para adultos - alunos a partir dos 18 anos. Para além disso, os alunos do integrado ou do articulado só podem

ter um ano de desfasamento, ou seja, podem estar um ano à frente na escola e um ano atrás no conservatório, e se passar para os dois anos já têm de passar para o supletivo. O supletivo ainda dá dois anos de desfasamento, mas ao terceiro ano passam automaticamente para o curso livre por especialidade, nem para o curso livre por modalidade podem optar, o que é mau! Consequentemente, todos os alunos começam a frequentar o curso livre por especialidade, obrigando ao pagamento de propinas para terem aulas no conservatório. Para além disso, tornam-se alunos sem acesso à disciplina de Formação Musical o que está a ser um problema grave. O que a DRE devia fazer era reconsiderar e passar o curso livre por modalidade para todos os graus, ou então deixar de haver desfasamento como acontecia antigamente.

No entanto, a Direção atual foi tão boa, e começou a pactuar tão bem com o conservatório, que foi possível organizar o evento da OJ (Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música) em 2018, em Angra do Heroísmo, a primeira e única OJ organizado pelo CRAH. Tenho pena que tenha decorrido durante as férias da Páscoa, porque muitos alunos, encarregados de educação e professores, não puderam estar presentes para testemunhar tal evento.

♪ Entrevista ao professor Lázaro Silva

1. Conte-me um pouco sobre o percurso histórico da Viola Regional no Conservatório Regional de Angra do Heroísmo.

Lázaro Silva (LS): Bom, só lhe posso falar a partir da altura em que ingressei como professor de Viola da Terra no CRAH, juntamente com o meu amigo e colega de profissão, José Luís Lourenço. Na altura, o curso funcionava em regime de curso livre e não havia propriamente um número fixo de alunos, chegando-se a ter 25 alunos por aula, que aprendiam acordes em Violão (Guitarra Clássica). Na verdade a disciplina chamava-se Viola Regional (denominação que não acho adequada, visto que a Viola da Terceira é uma evolução mais recente de um tipo particular de Viola da Terra), mas os alunos aprendiam apenas a acompanhar a harmonia em acordes. Então chegou-se a um compromisso de enveredarmos por uma experiência “piloto” e dar início ao ensino de grupos mais pequenos de alunos de Violão para acompanhamento – dois alunos ou três – e ensino da Viola da Terra em aulas individuais, como acontece com todos os restantes instrumentos dos conservatórios. Enquanto o meu colega continuou nos mesmos moldes, eu fui encarregue de dar início a esta nova fase de ensino em regime de aula individual.

É óbvio que o número de alunos diminuiu drasticamente, principalmente devido ao facto de os alunos terem que passar a frequentar mais duas disciplinas obrigatórias: a Formação Musical e Classe de Conjunto, dando-se origem a uma espécie de “debandada” dos alunos. No entanto, surgiram, especificamente, mais alunos de Viola da Terra, já que o modelo anterior só lecionava praticamente Violão, nomeadamente acordes para acompanhamento dos temas/modas tradicionais.

Atualmente, com a existência de professores de Viola da Terra nos conservatórios e no ensino artístico das escolas da região, assim como de outros docentes de Viola da Terra com provas dadas e que lecionam nas juntas de freguesia e nas associações culturais, ou em escolas de música pelas freguesias, temos sentido uma maior mobilização e divulgação deste instrumento pelo arquipélago.

Tal como aconteceu com o fado, que se tornou património imaterial da humanidade pela UNESCO, também têm surgido outros “acarinhamentos” ao nível de fenómenos populares, como o caso da valorização das gastronomias regionais e costumes locais, assim como o caso dos instrumentos musicais populares portugueses e açorianos. E acho que a Viola da Terra, neste momento, está a passar por esse foco de atenção especial, devido aos grupos de música popular, às escolas de música e ao interesse do público pelas manifestações locais e regionais, que tem surgido como contrapeso da massificação da cultura global.

Penso que a Viola da Terra faz parte de um nicho que não tem corrido grandes perigos de extinção. Este instrumento, de uma forma mais presente ou mais distanciada, tem-se mantido viva no dia a dia destas ilhas. A Viola da Terra está muito “entranhada” na cultura popular açoriana e, por vezes, necessita destes encontros para mostrar o seu verdadeiro valor, já que são poucas as oportunidades que esta Viola tem de ser tocada como instrumento a solo.

E insisto em dizer “Viola da Terra”, porque sempre considerei que não faria sentido ser chamada de Viola Regional, termo recente aplicado à Viola da Terceira. A nossa Viola, também conhecida por Viola de “boca redonda”, Viola de “15 cordas”, Viola de “seis parcelas” (em oposição à Viola de S. Miguel, à Viola de “dois corações”, Viola de “12 cordas”, Viola de “cinco parcelas”) integra-se nas categorias das Violas de arame portuguesas e terá sido provavelmente a mais recente Viola da Terra a surgir em Portugal.

2. Em tempos houve alguma polémica relativamente à elaboração de um programa a nível nacional da Viola Regional por ser um instrumento regional. Chegou a ser criado esse programa? Foi elaborado um programa curricular da Viola Regional no Conservatório?

LS: Não, não foi criado, que eu saiba, um programa a nível nacional para a Viola da Terra da Terceira. De acordo com o Relatório e Parecer sobre o projeto de Resolução nº 127/X, sobre a homologação do Ensino Secundário da Viola da Terra nos Açores: «A homologação dos programas é de competência nacional e o facto de um dos professores proponentes, apesar da prática profissional que lhe é reconhecida

publicamente, não possuir a devida qualificação profissional, não facilita o processo de acreditação.» A questão coloca-se quer ao professor Rafael Carvalho, quer à minha pessoa, já que nenhum de nós possui habilitação académica na disciplina de Viola da Terra, simplesmente por que não existe ainda ninguém com esta formação! É a velha questão do ovo e da galinha, o que é que apareceu primeiro. Daí que eu perceba perfeitamente porque é que há a urgência da implementação de um curso de ensino secundário, neste caso, ao nível da ilha de S. Miguel, que segundo Rafael Carvalho, tem reportório suficiente para «implementar um plano de estudos de 12 anos com base naquilo que é a raiz e essência da nossa Viola». No caso da Ilha Terceira, na altura e hoje, ainda considero que o reportório instrumental da Viola da Terra terceirense não é suficientemente vasto para se implementar um curso de ensino ao nível do secundário.

No presente ano letivo, tivemos 5 alunos de Viola da Terra na EBSTB, e é provável que para o ano sejam 6 ou 7. Já em S. Miguel, onde a população é o dobro da Terceira, também o número de alunos ronda a média dos 16 por ano, sentindo-se já a necessidade de se contratar mais um professor do instrumento. Como referiu Rafael Carvalho, o docente da disciplina de Viola da Terra, em 2015: “Neste momento já há listas de espera para a disciplina de Viola da Terra no Conservatório de Ponta Delgada, e seria importante haver mais um professor na Escola. É a única forma de haver uma continuidade garantida”.

A Região Autónoma dos Açores foi inovadora em 2004 ao implementar o Curso Básico de Viola da Terra e, julgo que o trabalho que realizo ao nível do curso básico adequa-se ao reportório e às técnicas e talvez no futuro seja de repensar o alargamento ao secundário, mas neste momento não vejo como justificar tal complemento de ensino.

3. O que tem a dizer sobre o funcionamento do Conservatório dentro da Escola Tomás de Borba?

LS: Na verdade, tem sido quase sempre uma questão um tanto ou quanto polémica. Se, por um lado, o Conservatório (agora Ensino Artístico) beneficiou de umas instalações excelentes, e que houve enormes melhorias, nomeadamente nas condições das salas, por outro lado, em termos de funcionamento, julgo que o Ensino Artístico

(EA) integrado não é de todo aquilo que se esperava. Ainda se está por saber se são os alunos que pretendem mesmo aprender um instrumento por sua iniciativa ou se são os pais que, muitas vezes, não tendo onde deixar os filhos enquanto trabalham, impingem de alguma forma o ensino da música, de forma a resolverem os seus constrangimentos de horários. Além de que, para os professores, tem sido muitas vezes um ensino “satélite” do ensino regular, ficando os professores sujeitos às manchas horárias que o ensino regular permite. Houve muitos casos no início da integração do EA, e há ainda alguns casos de docentes, que têm três blocos diários de aulas na sua mancha horária, do género: aula às 08h10; aula às 12h30 e um novo bloco a começar às 16h10.

Outro aspeto menos bom é o facto de o EA não ter um Conselho Executivo com elementos da área da música, como acontecia no anterior CRAH. Existem mais dificuldades em se resolver problemas de âmbito pedagógico, de articulação de aulas, em adquirir instrumentos ou reparação destes, entre outras situações, e isto porque existe um maior “distanciamento” entre os docentes das outras áreas em relação às prioridades das disciplinas do EA.

Julgo que também havia uma maior ligação entre a comunidade escolar, visto que eram todos músicos/aprendizes de música, e havia um maior espírito de solidariedade. No entanto, admito que este espírito parece renascer na escola, mas notando-se mais entre os alunos de música.